

# A TRANSIÇÃO PARA O CASAMENTO

*Clarissa Corrêa Menezes*

Tese de doutoramento apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia do Desenvolvimento sob a orientação da  
Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento  
Fevereiro de 2006

## AGRADECIMENTOS

Ao fim do longo caminho que foi a construção desta tese de doutorado, gostaria de fazer, formalmente, alguns agradecimentos.

Inicialmente, agradeço à minha orientadora de mestrado e de doutorado, Rita de Cássia Sobreira Lopes, por sua genialidade e capacidade de me deixar crescer no meu ritmo. Suas supervisões foram, sem dúvida, além de boas conversas sobre a vida, as maiores lições que tive na academia.

Aos professores Terezinha Féres-Carneiro, César Augusto Piccinini, Paulo Kroeff e Olga Falceto, integrantes da banca examinadora de qualificação do projeto de tese, pelas contribuições importantes e pela inspiração necessária para dar seqüência e transformar o projeto de tese nesta tese.

Aos queridos Deonira e Jorge La Rosa, pelo acolhimento e pela confiança de me deixar entrar em seu Movimento Familiar Cristão e recrutar, nos grupos de preparação para noivos, todos os casais que participaram desta pesquisa.

Aos quatro casais participantes deste estudo, pela paciência, receptividade e principalmente pela confiança em contar um pouco de suas vidas para que esta tese de doutorado pudesse ser viável.

Às minhas colegas de doutorado, que foram em diversos momentos mais que colegas, mas amigas: Daniela Lewandowski, Daniela Schwengber, Giana Frizzo, Luciana Castoldi e Elisa Castro.

Às estudantes de graduação Luciana Ourique e Claudia Sampaio, pelo auxílio em outras tarefas importantes na caminhada do doutorado, como a construção de artigos científicos.

Um agradecimento especial à estudante de graduação Isabela Machado da Silva, pelo entusiasmo, pela participação constante e pelas importantes contribuições feitas para esta tese e para os artigos dela advindos.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em psicologia do Desenvolvimento, Margareth e Alziro, pela disponibilidade e competência em suas atividades.

Finalmente, à família!

Agradeço aos meus queridos e amados pais. A meu pai, pelo estímulo e pelo orgulho de sua “filha doutoranda” e à minha mãe, inspiração para a escolha da Psicologia como profissão, pelas imensuráveis e inteligentes contribuições, além da dedicação incondicional sempre.

Aos meus irmãos, grandes companheiros de vida e amigos!

Finalmente, agradeço ao Leandro, o amor da minha vida, pelo companheirismo, pela inspiração (passamos juntos por uma feliz “transição para o casamento” enquanto esta tese era construída) e pelas “aulas” de escrita. Agradeço, principalmente, ao nosso amor, sem o qual nada teria sentido!

Ao Leandro, meu marido, pelo amor, pelo companheirismo e pela inspiração; aos meus pais, Amaury e Tamar, por tudo que me ensinaram e pelo amor incondicional; e aos meus irmãos, Maurício e Débora, pela amizade sempre. A eles dedico esta tese.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>9</b>
<i>INTRODUÇÃO</i> .....	9
1.1. Apresentação.....	9
1.2 - A relação de casal.....	11
1.2.1 - Aspectos históricos.....	11
1.2.2 - A coabitação.....	17
1.2.3 - As pesquisas sobre casais.....	21
1.3 - A transição para o casamento – aspectos teóricos.....	28
1.3.1 - A individualidade e a conjugalidade no casamento.....	28
1.3.2 - A cerimônia, as motivações e as expectativas do casamento.....	31
1.3.3 – As famílias de origem e o casamento.....	35
1.4 - Estudos empíricos sobre a transição para o casamento.....	39
1.4.1. A individualidade e a conjugalidade no casamento.....	40
1.4.2. A cerimônia, as motivações e as expectativas do casamento.....	42
1.4.3. As famílias de origem e o casamento.....	52
1.4.4 Outros temas referentes à transição para o casamento.....	54
1.5 - Justificativa e objetivos do trabalho.....	58
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>62</b>
<i>MÉTODO</i> .....	62
2.1 - Participantes.....	62
2.2 - Delineamento e procedimentos.....	62
2.3 - Instrumentos.....	63
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>67</b>
<i>RESULTADOS</i> .....	67

3.1 – Casal 1 - Aline e Jonas.....	68
3.1.1 - Apresentação do caso .....	68
3.1.2 – Sentimentos e impressões do noivo .....	68
3.1.3 – Sentimentos e impressões da noiva .....	83
3.1.4 - Síntese geral do casal Aline e Jonas .....	94
3.2 – Casal 2 - Fabiana e Emerson.....	101
3.2.1 - Apresentação do caso .....	101
3.2.2 – Sentimentos e impressões do noivo .....	101
3.2.3 - Sentimentos e impressões da noiva .....	116
3.2.4 - Síntese geral do casal Fabiana e Emerson.....	130
3.3 - Casal 3 - Vânia e Lúcio .....	136
3.3.1 - Apresentação do caso .....	136
3.3.2 - Sentimentos e impressões do noivo.....	136
3.3.3 - Sentimentos e impressões da noiva .....	156
3.3.4. - Síntese geral do casal Vânia e Lúcio .....	178
3.4 – Casal 4 - Paula e César .....	184
3.4.1 - Apresentação do caso .....	184
3.4.2 - Sentimentos e impressões do noivo.....	185
3.4.3 - Sentimentos e impressões da noiva .....	200
3.4.4 - Síntese geral do casal Paula e César.....	222
<b>CAPÍTULO IV .....</b>	<b>230</b>
<i>DISCUSSÃO</i> .....	230
4.1. A individualidade e a conjugalidade na transição para o casamento....	230
4.2. A avaliação da própria relação de casal e a cerimônia de casamento...235	235
4.3. A relação com as famílias de origem na transição para o casamento...242	242
4.4. Considerações Finais .....	246
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>253</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>263</b>

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar como os casais coabitantes e os não coabitantes passam pela transição para o casamento, desde o semestre anterior, até o final do primeiro ano após o casamento. Participaram quatro casais adultos, residentes em Porto Alegre, com idades entre 25 e 32 anos, sendo que dois eram coabitantes e dois não coabitantes antes do casamento. Trata-se de uma pesquisa com delineamento de estudo de caso coletivo que abrangeu, para cada caso, quatro etapas: o último semestre antes do casamento e o primeiro, o sexto e o décimo segundo mês de casamento. As entrevistas com os participantes foram analisadas através de análise de conteúdo qualitativa, a qual gerou algumas categorias que foram agrupadas em três eixos temáticos: a individualidade e a conjugalidade, a avaliação da própria relação e da cerimônia de casamento; e a relação com a família de origem. Os resultados revelaram que há uma tendência à polarização e à estabilidade no que se refere à administração da individualidade e da conjugalidade e à relação com as famílias de origem. Para estes temas, não se constatou diferença entre os casais coabitantes e os não coabitantes. No que se referiu à avaliação da própria relação e à cerimônia de casamento, perceberam-se algumas diferenças entre os coabitantes e os não coabitantes: os casais coabitantes mencionaram que a coabitação auxiliou a preparação para o casamento e relacionaram o mesmo à aprovação social e familiar e à potencial transição para a parentalidade. Nos casais não coabitantes, houve uma modificação, em termos longitudinais, nos conceitos acerca de um bom e de um mau casamento, à medida que vivenciavam, pela primeira vez, o casamento. Os achados deste estudo corroboram o entendimento de que há um ciclo de vida da família e do casal, que se coadunam ao entendimento sistêmico de tendência à homeostase e à transformação, sendo importante identificar como cada casal se situa nesta etapa de transição do ciclo de vida. Discute-se ainda a coabitação como possível estágio da relação conjugal e do ciclo de vida dos casais.

## ABSTRACT

The present study aimed to analyze the way cohabitant and non cohabitant couples go through the transition to marriage, from the previous semester up to the end of the first year after the marriage. The participants were four adult couples, two cohabitants and two non-cohabitants, living in Porto Alegre, with ages between 25 and 32 years old. It consists of a collective-case study comprising four stages: the last semester before the marriage and the first, the sixth and the twelfth month of marriage. The interviews with the participants were analyzed through qualitative content analysis, which generated some thematic categories grouped together in three thematic axes: the individuality and the conjugality, the evaluation of the relationship and of the wedding ceremony; and the relationship with the family of origin. The results revealed that there was a trend towards polarization and stability in what refers to the administration of the individuality and of the conjugality and to the relationship with the families of origin. For these themes, no difference was observed between the cohabitant and the non cohabitant couples. As far as the evaluation of the relationship and of the wedding ceremony is concerned, some differences were found between cohabitants and non cohabitants: the cohabitant couples mentioned that the cohabitation helped them to prepare for the marriage and they associated marriage to social and family approval and to potential transition to parenthood. In the non cohabitant couples, there was a modification, longitudinally, in the concepts of a good one and of a bad marriage, as they were experiencing marriage for the first time. The findings of this study corroborate the understanding that there is a family and couple life cycle, with coherent features of the systemic understanding of a trend towards homeostasis and transformation, and that it is important to identify how each couple locates in this transition stage of the life cycle. The cohabitation as a possible stage of the marital relationship and of the couple life cycle is also discussed.



## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

#### 1.1. Apresentação

O presente estudo é o resultado do percurso realizado por mim em pesquisas e na prática clínica com psicoterapia familiar e de casal. Ao ingressar no curso de mestrado, me vi inserida em um estudo longitudinal, intitulado *Projeto Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação   Escola* (Piccinini, Tudge, Lopes & Sperb, 1998). Uma vez pertencendo a este projeto, tentei direcionar minha investiga o de mestrado para o tema da conjugalidade, o qual h  muito tempo despertava meu interesse. O *Projeto Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação   Escola* já estava em andamento e, desta forma, as entrevistas já haviam sido elaboradas e estavam sendo realizadas com os mais de cem casais que integram a amostra. Todos os casais tinham como critério de inclusão o fato de estar esperando seu primeiro filho.

Tentando unir o interesse pela rela o conjugal e os dados disponíveis no Projeto Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação   Escola, decidi pesquisar a rela o conjugal na transi o para a parentalidade, sob o enfoque da teoria familiar sist mica. Como conclusão central deste estudo de mestrado surgiu a idéia de que não   a parentalidade, em si, que diminui a qualidade da rela o conjugal, como apontam muitos pesquisadores da  rea. Na realidade, o que conclui foi que a qualidade da rela o conjugal estabelecida antes da transi o para a parentalidade mostrou-se determinante na forma como cada casal atravessou esta transi o (Menezes, 2001).

Terminada a etapa de execu o e defesa da disserta o de mestrado, segui investigando alguns temas relativos   rela o conjugal, como a importância que os rituais de casamento têm para que os indivíduos assumam os papéis de esposos e desenvolvam suas famílias no sentido de planejarem a transi o para a parentalidade (Lopes, Menezes, Piccinini & Santos, no prelo. Outro artigo, investigou as expectativas que os indivíduos têm de si próprios como pai e mãe e dos seus

cônjuges como pai e mãe, a posterior confirmação ou não destas expectativas e as repercussões disto na relação conjugal (Lopes, Menezes, Ourique e Sampaio, em fase de conclusão).

O interesse pelo tema do relacionamento conjugal perpassou todo meu percurso profissional, em minhas distintas investigações. Entretanto, uma questão central pareceu relevante e pouco pesquisada na atualidade. Questionei-me a respeito do início da relação conjugal, do que denominei de “transição para o casamento”. Algumas questões centrais passaram a ocupar meu interesse, tais como: de que forma os casais passam pela transição para o casamento? Há diferença na transição para o casamento de casais que coabitaram antes de casar e de casais que nunca coabitaram? Existem algumas características comuns e inerentes a esta fase da vida humana? Como cada novo cônjuge lida com as expectativas e as eventuais frustrações das mesmas no início do casamento? Como os novos casais lidam com as suas famílias de origem? Como os novos casais administram a individualidade e a conjugalidade?

Sabe-se que a transição para o casamento é uma das maiores mudanças por que o sistema familiar pode passar. É o momento em que os indivíduos, antes pertencentes aos seus núcleos familiares primários, unem-se para construir a própria família. Desta maneira, esta transição envolve inúmeros fatores internos e externos ao novo sistema familiar que se constrói e é um período relevante para a compreensão da origem e da forma como cada família se constitui. Acredito que o início da vida conjugal tem um papel importante na forma como cada casal vai desenvolver sua relação conjugal posteriormente. Vão sendo construídas, nesse período inicial, diferentes estratégias de negociação e um novo estilo de vida, que podem ser diferentes e, ao mesmo tempo, manter algumas semelhanças com as famílias de origem de cada cônjuge.

A partir do meu percurso acadêmico, da relevância do tema para a compreensão dos indivíduos, dos casais e das famílias e da escassez de trabalhos acerca do início do casamento, a proposta do presente estudo é compreender como a transição para o casamento é vivida por casais durante o primeiro ano de casamento. Esta pesquisa também representa, para mim, a possibilidade de coletar informações

no momento exato em que os indivíduos estão tendo suas vivências. Enquanto o *Projeto Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola* permitiu o registro do relato retrospectivo dos participantes acerca de suas vivências conjugais, a presente pesquisa permitirá a obtenção de informações atuais e prospectivas, o que, certamente, enriquecerá as discussões e as conclusões obtidas futuramente com vistas a uma melhor compreensão das etapas seguintes do ciclo de vida da família.

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação, reviso alguns aspectos referentes à relação de casal, tais como os aspectos históricos, a coabitação e as pesquisas com casais. Posteriormente, enfoco o tema deste estudo propriamente dito, a transição para o casamento, e alguns aspectos relacionados com a cerimônia do casamento, as motivações e as expectativas sobre o casamento, as famílias de origem e o casamento, a individualidade e a conjugalidade no casamento e os estudos empíricos sobre a transição para o casamento. Finalmente, apresentarei as justificativas e os objetivos deste trabalho.

## **1.2 - A relação de casal**

Neste capítulo, apresento uma revisão histórica sobre o casamento e seus significados e características ao longo do tempo, até a atualidade. Ao falar sobre o casamento no presente, o tema da coabitação faz-se relevante e, por isso, reviso também alguns aspectos sobre o tema da coabitação. Finalmente, retomo a revisão histórica realizada recentemente por Gottman e Notarius (2002) sobre as pesquisas sobre casais, assim como enfatizo alguns conceitos relevantes, como o de ciclo de vida do casal.

### **1.2.1 - Aspectos históricos**

É interessante iniciar este tópico diferenciando os conceitos de *casamento* e de *conjugalidade*, pois ambos se referem à relação de casal, mas contêm significados distintos. Segundo Ferreira (1995), a palavra *casamento* é definida como o ato solene de união entre duas pessoas, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e/ou civil. Já o termo conjugalidade, segundo Féres-Carneiro

(1998), refere-se a uma identidade conjugal, ou seja, um desejo, uma história e um projeto conjuntos, apenas existentes através de uma relação amorosa. Neste tópico, enfoco os aspectos históricos do casamento, uma vez que o presente trabalho tem como objetivo analisar a transição para o casamento nos dias atuais.

Os teóricos que se ocupam em estudar o relacionamento conjugal não perderam de vista as influências das condições sócio-históricas sobre o entendimento do conceito de casamento. Ao realizarem uma revisão da evolução do casamento, sob esta perspectiva, Zordan, Falcke e Wagner (2005) enfocaram as transformações ocorridas ao longo dos tempos nesta instituição. Segundo estas autoras, o casamento é um fenômeno social que está presente em todas as culturas e em todos os tempos.

Além disso, as diferentes formas de casamento observadas ao longo da história influenciam aquelas vivenciadas na atualidade, em um fenômeno que Zordan e cols. (2005) chamaram de *transgeracionalidade social*. Segundo este fenômeno, alguns valores, crenças e legados sociais são transmitidos às gerações que se seguem, mantendo-se ao longo da história. Desta forma, pode-se afirmar que a percepção de cada indivíduo sobre o casamento é também reflexo da sua realidade familiar e social.

De outra parte, há que se considerar ainda o importante papel desempenhado pelas religiões no que concerne ao modo como os indivíduos vivenciam o seu casamento. Afinal, as religiões estabelecem normas para a formação e a convivência dos casais.

Ainda de acordo com Zordan e cols. (2005), historicamente, o casamento costuma ser relacionado à geração de descendentes. No antigo Egito e na Mesopotâmia, o casamento, com fins de procriação, era considerado a maior vocação humana. Para os gregos, assim como para os romanos, o casamento também visava essencialmente à procriação. Entre os romanos, no entanto, de forma gradativa, a família começou a ser reconhecida e valorizada como unidade política e social.

Costa (2000), ao traçar a trajetória histórica do casamento, evidencia suas lentas, mas marcantes, mudanças ao longo do tempo. Segundo sua revisão, entre

os séculos XI e XIV, o casamento passou a ser considerado um sacramento da Igreja. Sob o controle da mesma, passou a existir o senso de liberdade e de igualdade no consentimento ao casamento, mas o espaço para o amor conjugal foi diminuído ainda mais, uma vez que este era relacionado com seu caráter sexual, proibido e desprezado pela Igreja. Além disso, o casamento passou a ser considerado indissolúvel.

Do século XV até o século XVIII, o culto religioso envolvido na formalização das uniões entre casais não era público, mas professado no interior das casas das famílias, não havendo regras comuns. Esta forma de casamento desconsiderava a vontade da noiva e assemelhava-se a um acordo econômico estabelecido entre o noivo e o pai da noiva (Costa, 2000).

Em relação ao período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, Costa (2000) refere que as características do casamento permaneceram semelhantes às daquelas do período anterior, com a predominância dos aspectos sociais e econômicos nas escolhas conjugais. O amor, na maior parte das vezes, era deixado em segundo plano.

Turkenicz (1995) também salienta que, ao longo de vários séculos, a união dos casais costumava ser um acontecimento que dizia respeito a toda a família e que era considerado um dos eventos mais importantes da vida familiar. Este autor refere-se a essas formas de matrimônio como “arranjados” e impostos, geralmente atendendo a interesses econômicos e sociais das famílias de origem dos cônjuges, como um “negócio”.

A partir do século XVIII, o casamento passou a ser considerado uma instituição de direito e uma relação interpessoal recompensadora. É quando se iniciam as tentativas de integrar o amor e o casamento, os quais, até então, eram aspectos separados da vida dos indivíduos. Gradativamente, o casamento por amor ou amizade passou a substituir o casamento por interesses econômicos. Surgiu também uma relativa igualdade entre os sexos no momento em que a mulher, assim como o homem, passou a poder escolher o seu companheiro (Zordan & cols., 2005).

Costa (2000) também afirma que foi no século XVIII que começou a florescer a idéia de casamento igualitário, baseado no afeto e na compatibilidade sexual. O conceito de casamento “por amor”, que teve início naquele período, foi sendo então consolidado até que, no século XX, o casamento pôde, finalmente, reunir a liberdade de escolha, a ternura, o amor, a amizade e o prazer sexual.

Em meu entendimento, é a partir desta aproximação dos conceitos de casamento e de amor que a conjugalidade passa a poder existir em um casamento. Estes termos passam a ser, e o são até o presente, confundidos e misturados. Esta junção do casamento com o sentimento amoroso é que vai proporcionar o conceito atual de casamento, que inclui uma identidade conjugal, uma união emocional entre dois indivíduos e não mais apenas uma união física e econômica.

No decorrer do século XX, concomitantemente a esta consolidação da conjugalidade, assistiu-se a uma crescente valorização da individualidade, a alterações legislativas que terminaram com a inferioridade jurídica da mulher em relação ao seu marido e, finalmente, à dissociação da sexualidade da gravidez, em virtude da generalização da contracepção feminina (Zordan & cols., 2005). Nessa mesma perspectiva, o ingresso da mulher no mercado de trabalho e a liberação do divórcio contribuíram para afastar o casamento do domínio da família, da religião e do Estado. Desta forma, Costa (2000) considera que o casamento assumiu, de forma mais real, uma condição de relacionamento amoroso com conotação sexual.

Como resultado disto, parece-nos que o casamento deixou de ser uma exigência e passou a ser uma opção. Neste sentido, Féres-Carneiro (2001) ressalta que o casamento contemporâneo se caracteriza por assumir um intenso significado na vida dos indivíduos, uma vez que passou a demandar um alto grau de intimidade e um considerável investimento afetivo.

Segundo Féres-Carneiro (1998), entretanto, no casamento contemporâneo, os ideais de amor romântico tendem a se fragmentar, em função da emancipação da mulher e da conseqüente autonomia feminina. A autora lembra que a conjugalidade na atualidade não possui mais as características de indissolubilidade e unicidade do amor romântico. Neste sentido, ela aponta que é imprescindível considerar o fato de que muitas mudanças sociais e econômicas

ocorreram nos últimos anos na sociedade ocidental, levando as mulheres a enfrentar o mercado de trabalho conjuntamente com os homens, permanecendo mais tempo fora de casa e tendo menos tempo para lidar com as questões domésticas.

Ainda assim, é interessante notar que as mulheres, mesmo as que se desenvolveram profissionalmente e que têm alto *status* em suas carreiras, acabam muitas vezes sendo responsabilizadas pela organização do lar e pelas tarefas domésticas (Féres-Carneiro, 1998). Certamente esse fato tem repercussões na construção do casamento e da conjugalidade.

A partir da revisão histórica do conceito de casamento, percebe-se que a sociedade influi na forma como os indivíduos se relacionam. Neste sentido, Lemaire (1990) refere que existe uma relação de múltipla influência no casal e as inúmeras instituições sociais que operam sobre ele. O casal influi na família, que influi na sociedade. Mas, inversamente, também a sociedade condiciona os padrões de relações internas dos casais, de maneira que estes acabam perpetuando, através de sua organização e conservação, a estrutura social. Como relatado anteriormente neste trabalho, as mudanças sociais, culturais e econômicas desempenham um papel relevante na estruturação das relações dos casais. A evolução das estruturas sociais e de suas organizações hierárquicas, por sua vez, tem efeitos sobre a distribuição dos papéis entre os casais. Lemaire acredita que, com o desenvolvimento das classes burguesas, as relações de poder e autoridade parecem tender a uma relativa igualdade entre homens e mulheres, o que tem repercussões nos padrões de interação conjugal estabelecidos entre os indivíduos na contemporaneidade.

Carter e McGoldrick (1995) apresentam dados estatísticos referentes à população americana que refletem algumas mudanças sócio-econômico-culturais. Segundo suas pesquisas, atualmente as mulheres têm casado mais tarde ou optado por não se casar, estão tendo menos filhos, tendo-os mais tarde ou escolhendo não tê-los. As autoras também constataram que o casamento representa algo bastante distinto para homens e mulheres atualmente. Segundo sua investigação, para as mulheres, o casamento representa um momento de aproximação com as famílias

de origem, enquanto os homens o entendem como um momento de maior distanciamento das mesmas. Além disso, os homens casados geralmente classificam sua comunicação conjugal, seu relacionamento com os pais e relacionamento sexual como bons, enquanto suas esposas costumam apontar estes aspectos como problemáticos. As autoras ainda mencionam sua surpresa com o fato de que as mulheres, antes de casar, sejam tão positivas com relação ao tema do casamento e os homens tão ambivalentes, uma vez que o casamento mostra-se mais vantajoso para os homens do que para as mulheres.

Willi (1995), trazendo dados relativamente distintos dos de Carter e McGoldrick (1995), menciona estatísticas epidemiológicas norte-americanas recentes que apontam que as pessoas casadas estão melhores, de qualquer ponto de vista, do que as não casadas. O autor se questiona sobre o fato de o casamento, mesmo sendo visto por muitos como incompatível com a imagem de ser humano emancipado, estar relacionado com um estado de melhor bem-estar psíquico e físico. Willi propõe que, ao se casarem, as pessoas estão criando um mundo em comum e esta criação transforma a imagem de realidade dos parceiros. Para ele, o casamento é diferente de todas as outras relações e ocorre a partir da intenção dos indivíduos de colocar em prática, de forma mútua e comprometida, os objetivos e os desejos elaborados durante seu desenvolvimento anterior.

Avaliando o tema das constituições familiares (e conjugais) no contexto brasileiro, Turkenicz (1995) apresenta dados que indicam que a década de 1980 caracterizou-se por uma tendência declinante das taxas de casamento legal. A constituição de 1988 veio facilitar o processo do divórcio, o que duplicou suas taxas na população brasileira na década de 1990. Desde 1980, constata-se a diminuição do número de casamentos civis, enquanto vem aumentando o número de separações e de uniões livres.

Também avaliando a realidade brasileira, Goldenberg (1991) apontou dados que caracterizam o casamento contemporâneo: valorização do vínculo amoroso, do companheirismo, do crescimento a dois, da intimidade e da divisão de tarefas e responsabilidades. Sobressaiu-se, ainda, a busca da coexistência da conjugalidade com a individualidade. Segundo Zordan e cols. (2005), as relações



conjugais contemporâneas se mantêm enquanto forem prazerosas e úteis para cada um dos cônjuges, sustentando o seu desenvolvimento pessoal.

Como resultado de todas estas transformações que afetaram o casamento, as configurações familiares também têm passado por mudanças consideráveis nas últimas décadas. Uma delas diz respeito ao aumento das relações de casais que não formalizam sua união, optando por morarem juntos. Este fenômeno tem sido denominado pela maior parte dos autores de “coabitação” (Brown, 2004).

### **1.2.2 - A coabitação**

Na realidade, a coabitação não constitui uma prática surgida nos dias de hoje, pois dados indicam que já nos séculos XVIII e XIX, ela foi um fenômeno vivido por 1/5 (um quinto) da população da Inglaterra e do País de Gales. Atualmente, nestes países, a coabitação é vista como um estágio do envolvimento dos casais.

Esta mudança nos padrões da formação das uniões pode ser entendida através de um processo de quatro estágios: (1) inicialmente, a coabitação era um hábito não usual praticado por uma minoria, (2) posteriormente, passou a ser um momento anterior ao casamento, (3) depois, a coabitação passou a ser socialmente aceita como uma alternativa ao casamento, e (4) atualmente, a coabitação é considerada, por vezes, indistinguível do casamento em termos de comprometimento e de envolvimento nas funções parentais <sup>1</sup>.

De acordo com estudo elaborado por Rangel (2003), a coabitação está redesenhando a vida familiar em todo o mundo. Entre os europeus, de 1970 a 1990, a percentagem de jovens adultos em uniões maritais sem formalização (coabitando) aumentou de 11% para 49% na França, de 57% para 78% na Suécia, de 48% para 75% na Dinamarca e de 11% para 55% na Grã-Bretanha. Nos Estados Unidos da América, apesar de a coabitação ser considerada um fenômeno recente, a proporção de jovens adultos em coabitação subiu de 2,5% na década de

---

<sup>1</sup> Estas informações foram obtidas através do site [www.oneplusone.org.uk](http://www.oneplusone.org.uk), que contém o texto “Who cohabits, when and why?” e foi consultado em agosto de 2005.

1970 para 7,5% na de 1990. Finalmente, nos países africanos e latino americanos, pelo menos 15% das mulheres com vínculo conjugal encontravam-se coabitando.

O Brasil não é uma exceção no processo de popularização da coabitação, pois, apesar de a média de mulheres envolvidas em relações conjugais permanecer estável desde 1960 até 1995, a proporção de coabitantes entre elas tem rapidamente crescido (de 21,4%, em 1970 para 32,6%, no ano 2000). Na visão de Rangel (2003), esta elevação reflete a redução do número de casamentos formais e a aceleração das taxas de coabitação, de divórcio e de separação, iniciadas nos anos 1980 e estaria relacionada a mudanças culturais verificadas no período em questão, tais como a emancipação das mulheres. Entretanto, este aumento das taxas de coabitação também pode ser interpretado como uma compensação do crescimento do número de divórcios e da diminuição do número de casamentos.

Conforme McGinnis (2003), na medida em que a coabitação tem se tornado uma forma de viver cada vez mais comum, ela começa a ser considerada como um estágio da relação conjugal (Cherlin, 1992; e Seltzer, 2000) e passa a merecer mais destaque na literatura sobre a relação conjugal. De fato, é cada vez maior o número de casais que escolhem coabitar, como uma etapa preliminar ou como uma alternativa ao casamento (Wu & Hart, 2002) e algumas evidências mostram que os próprios coabitantes consideram a sua relação como um estágio anterior ao casamento (Bumpass, Sweet & Cherlin, 1991). Outros autores consideram ainda que a coabitação tornou-se não apenas uma forma viável de constituição familiar (Wu e Hart, 2002), mas inclusive um evento normativo do ciclo de vida dos indivíduos (Smock, 2000; Brown, 2004).

Por estas razões, a natureza deste tipo de relacionamento, os seus significados e as suas implicações estão começando a ser analisados. Neste sentido, McGinnis (2003) relata que a literatura comparando coabitantes e solteiros é muito limitada. A maior parte dos estudos que compara coabitantes e não-coabitantes enfoca as diferenças entre casais coabitantes e casais casados formalmente.

Brown (2004) endossa esta constatação de que muitas pesquisas acerca da coabitação têm comparado a qualidade da relação conjugal de indivíduos

coabitantes e de indivíduos casados. De forma geral, estes estudos apontam que os coabitantes apresentam menos qualidade em seus relacionamentos, discordam mais frequentemente, percebem menos justiça em seus relacionamentos e mostram-se menos felizes com suas relações do que os casais casados. No entanto, a autora enfatiza que há dois tipos de grupos de casais coabitantes: aqueles que têm e aqueles que não têm planos de se casar, sendo interessante destacar que os coabitantes com intenção de se casar não diferem significativamente, em termos de qualidade da relação, dos casais efetivamente casados.

Outros estudos enfocaram especificamente o papel da coabitação no (in) sucesso e na (in) estabilidade conjugal (Brown, 2004). Os resultados indicaram que a coabitação contribui para a instabilidade, para uma qualidade pobre de relacionamento conjugal e, inclusive, para o divórcio. É importante ponderar, contudo, que o grande número de divórcio de pessoas que coabitam pode ser resultante do fato de elas já iniciarem as suas relações imaginando o divórcio como algo esperado e, por isso mesmo, decidem apenas coabitar.

Brown (2004) realizou uma investigação que abrangeu a dinâmica das uniões que começam com a coabitação. Ao invés de relacionar a coabitação com a estabilidade conjugal, ela avaliou a possibilidade de o casamento estar relacionado a uma melhoria na qualidade das relações de coabitação, como uma consequência das mesmas. Para tanto, esta autora comparou a qualidade conjugal de coabitantes que se casam com aqueles que não se casam e permanecem apenas coabitando. Como resultado de sua investigação, a autora concluiu que o casamento, em geral, está positivamente associado com a qualidade das relações amorosas. Mas a autora pontuou também que os casais que coabitam e têm planos de se casar possuem uma qualidade de sua relação muito similar à dos casais efetivamente casados. Diferentemente, os casais que coabitam sem planos de se casar têm índices menores de qualidade e de satisfação conjugal. Assim, não seria o casamento, em si, que aumentaria a qualidade da relação conjugal, uma vez que os benefícios que o casamento traz também são encontrados em casais que têm intenção de se casar.

Rangel (2003) vislumbra várias similaridades entre a coabitação e o casamento, em termos de arranjo familiar. McGinnis (2003) também considera a coabitação uma forma de relacionamento que se assemelha mais ao casamento do que ao namoro. Por este motivo, ela acredita que os casais coabitantes percebem menos mudanças positivas e negativas na transição para o casamento do que os casais que apenas namoraram ou noivaram antes de formalizar a sua união. Esta autora investigou os efeitos da coabitação no processo de tomada de decisão sobre o casamento, comparando indivíduos que coabitavam com indivíduos que não coabitavam. Propôs um modelo que considera que a coabitação afeta a percepção dos custos e dos benefícios do casamento e, assim, termina por influenciar as expectativas dos indivíduos sobre o casamento e a sua intenção de casar ou não.

McGinnis (2003) constatou que os coabitantes, se comparados aos não-coabitantes, apesar de expressarem visões menos positivas do casamento, acabam reduzindo significativamente, tanto a percepção dos custos, quanto dos benefícios do casamento. Além disso, ela percebeu que existe uma maior probabilidade de os coabitantes virem a ter intenção ou expectativa de casar com seus parceiros do que os não-coabitantes. Com base em tais elementos, a autora concluiu que a coabitação parece influenciar significativamente o contexto no qual as decisões sobre casar ou não casar são tomadas.

Finalmente, é interessante mencionar que diversos estudos já avaliaram os efeitos do casamento na saúde física e mental dos indivíduos, mas poucos incluíram os coabitantes em suas investigações. Wu e Hart (2002) fizeram esta análise e constataram que tanto o término de casamentos formais, quanto de relações de coabitação têm efeitos similares nos indivíduos, sendo ambos associados a uma diminuição nas condições de saúde física e mental dos mesmos. Além disso, os indivíduos que continuam em relações com pouca qualidade (tanto em casamentos quanto em coabitações) tendem a apresentar condições mais fracas de saúde.

Segundo estes mesmos autores, as pesquisas empíricas têm mostrado que os indivíduos casados possuem melhor saúde física e mental do que os não casados e um risco de mortalidade reduzido, sendo que o casamento parece trazer

maiores benefícios à saúde dos homens do que das mulheres. Apesar das serem poucas as pesquisas sobre o assunto, há evidências de que o nível de saúde referido pelos coabitantes ficaria numa posição intermediária em relação aos casados e aos solteiros. Desta forma, percebe-se que as pesquisas sobre o tema da coabitação ainda são incipientes. Na realidade, as pesquisas sobre casais, em geral, são ainda muito recentes se compararmos a outros campos estudados há muito tempo na área da Psicologia. No tópico seguinte, reviso historicamente as principais temáticas que têm sido enfocadas nos estudos sobre casais até a atualidade.

### **1.2.3 - As pesquisas sobre casais**

Recentemente, Gottman e Notarius (2002) realizaram uma abrangente revisão histórica a respeito dos principais avanços feitos no estudo de casais. Segundo sua pesquisa, quando os primeiros estudos sobre casais começaram a ser construídos, nas primeiras décadas deste século, os mesmos consistiam em auto-relatos realizados pelos próprios participantes. Foi apenas em meados dos anos 1950 que alguns estudiosos começaram a utilizar e desenvolver medidas padronizadas de aspectos como a satisfação conjugal durante o ciclo de vida familiar. É interessante mencionar que foi nos anos 1950 que houve o advento do entendimento sistêmico, e os estudos sobre casais passaram a utilizar-se deste enfoque teórico e não mais apenas basear-se nos aspectos individuais de personalidade. Foram estas mudanças teóricas que provocaram a necessidade do surgimento de novas metodologias de pesquisa, que permitissem focar o processo interacional como um todo. Métodos observacionais foram desenvolvidos e passaram a guiar novas pesquisas. Foi nesta época que Burgess (1953) realizou um dos primeiros estudos longitudinais sobre o casal e encontrou resultados que indicaram que a satisfação conjugal era maior no início do casamento e tendia a diminuir com o passar do tempo. Gottman e Notarius mencionam, em sua revisão histórica, que, com objetivos semelhantes, outros estudos transversais realizados na época apontaram que a satisfação conjugal se

deteriora desde o início do casamento, atingindo seu mínimo na meia-idade e voltando a aumentar quando os casais estão vivendo a saída de seus filhos adultos de casa, a fase intitulada posteriormente por Carter e McGoldrick (1995) de “ninho vazio”.

A partir do desenvolvimento da perspectiva sistêmica de entendimento das interações humanas, alguns temas passaram a ocupar a atenção dos pesquisadores que estudavam os casais. Um deles foi o afeto, que se tornou fundamental na compreensão da dinâmica dos relacionamentos amorosos. Outro tema que surgiu nos anos subsequentes à emergência do enfoque sistêmico foi o do poder nas relações afetivas.

Os anos 1980 foram marcados pelo interesse predominante na relação entre os aspectos individuais e os aspectos relacionais que influenciam a satisfação conjugal. Houve um aumento do uso de métodos mistos de coleta de dados, como entrevistas individuais, coletivas e escalas, de forma complementar. Alguns temas proeminentes acerca da conjugalidade passaram a ser as diferenças entre os gêneros feminino e masculino, as variações culturais e raciais e suas influências na conjugalidade e o papel da comunicação nas relações conjugais (Gottman & Notarius, 2002).

Recentemente, o conceito de ciclo de vida da família tem sido usado para descrever o percurso natural dos casais através do tempo. Neste sentido, nos anos 1990 alguns pesquisadores passaram a tentar definir os processos críticos que determinam as principais transições desenvolvimentais por que os casais costumam passar. A relação de casal também tem sido considerada em configurações familiares não tradicionais, tais como casais homossexuais, casais que coabitam sem oficializar sua relação e casais recasados ou divorciados.

Com relação às fases do ciclo de vida pelas quais os casais passam, Gottman e Notarius (2002) mencionam que há um conhecimento intuitivo de que os casais se relacionam diferentemente de acordo com a fase vivida pelas suas famílias. Este conhecimento intuitivo vem sendo, desde os anos noventa, empiricamente investigado. Os autores relatam que o processo de conhecimento das transições desenvolvimentais pelas quais passam as famílias e os casais está

apenas se iniciando. Nesse sentido, ressalto o fato de que há poucos estudos a respeito da transição para o casamento, tema específico do presente estudo.

O ciclo de vida do casal, da mesma forma que o da família, é apresentado por diferentes autores como possuindo distintas divisões. Pittman (1994), um dos autores que mais se ocupou deste tema, considera que o casal passa por um ciclo de desenvolvimento, da mesma maneira que o indivíduo e a família o fazem. O autor considera que o casal se desenvolve através de cinco etapas fundamentais, que geralmente seguem uma seqüência básica. A etapa inicial seria a do *enamoramamento*, a qual se caracteriza por uma forte atração entre dois indivíduos e pelo desejo mútuo e compartilhado de tornarem-se apenas um. Neste momento, não há espaço para as diferenças individuais e, freqüentemente, estabelece-se um estado de fusão em que o casal passa a criar um sentido único de percepção do mundo externo. Há a formação da identidade do casal, através da transição do *si mesmo* para o *nós*. A tarefa do casal nesse período é conectar os objetivos e expectativas internas com a realidade externa para que se forme um relacionamento real e possível de se desenvolver.

A segunda etapa apresentada por Pittman (1994) é intitulada *estabelecendo diferenças* e se refere ao momento em que os cônjuges começam a pensar de forma distinta e as diferenças individuais tornam-se visíveis. Neste estágio, os padrões interacionais e a capacidade de negociação têm um importante papel e, quando a última não existe, os cônjuges podem sentir-se ameaçados pelas diferenças e desejar retornar ao estado de fusão.

A terceira etapa é intitulada *relações de poder* e envolve a situação em que um dos cônjuges passa a desejar maior independência que o outro. Pode haver ansiedade, tensão e conflitos mais intensos neste momento. Se este estágio é bem resolvido, o casal passa para o quarto, o de *estabilidade*, em que cada um se volta para o mundo e para as realizações externas. Quando os parceiros chegam até este momento juntos e com um nível adequado de intimidade, têm mais tranqüilidade e maior possibilidade de realização pessoal, o que os conduz a uma maior cumplicidade.

Por fim, no estágio do *comprometimento* os cônjuges assumem a opção de permanecerem juntos sem o compromisso de suprir as idealizações do parceiro. Neste momento, os parceiros se conhecem tanto como indivíduos independentes quanto como um casal. O *eu* e o *nós* coexistem em harmonia e os indivíduos desenvolvem uma capacidade de negociação que permite a transformação sem que haja ameaça à relação.

Ao teorizar a respeito das etapas de transição e crise por que o casal passa no curso de seu desenvolvimento, Pittman (1994) também pontuou alguns pontos críticos enfrentados pelos mesmos. Nestes pontos, haveria crises, instabilidade e a possibilidade de surgirem diversos problemas e riscos para o relacionamento. Os pontos críticos mais perigosos por que o casal passa, segundo seu entendimento, são os seguintes: *o apaixonar-se, o pânico pré-nupcial, o fim do romance, o mundo adulto, a paternidade e a maternidade, a diminuição do sexo, o atingir o topo, o ninho vazio e os fatos da vida*. Cada um desses pontos pode ser tanto uma oportunidade de crescimento, quanto um momento de risco e insegurança para o casal.

Campbell (1994), a partir de seu trabalho como terapeuta de casais e de pesquisas com os mesmos, também concluiu que a vida dos casais pode ser dividida em cinco estágios. Cada um destes estágios possui distintos obstáculos e/ou ilusões a serem superados e algumas aprendizagens que ocorrem em consequência de sua vivência. Para a autora, a busca da completude, que ela chama de “jornada para a completude”, é um processo contínuo, o qual não tem um fim determinado. Alguns dos cinco estágios propostos por Campbell têm semelhanças com os apresentados por Pittman (1994). Segundo Campbell, os cinco estágios do ciclo de vida do casal são os seguintes: *romance; disputa de poder; estabilidade; comprometimento; e co-criação*.

O primeiro estágio, intitulado *romance*, se dá no momento em que o casal está inspirado pela visão de “como deveria ser”, pela promessa de que o outro tem algo que se vem procurando há muito tempo. Do mesmo modo que Pittman (1994), Campbell (1994) entende que neste estágio há uma ilusão de unidade e fantasias de um futuro harmonioso, quando os indivíduos negam qualquer



sentimento de diferenciação ou de separação. O obstáculo a ser ultrapassado neste estágio é a ilusão de romance. O estágio termina quando os cônjuges percebem que sua visão e seus sonhos não serão realizados tão facilmente quanto imaginaram.

O segundo estágio proposto por Campbell (1994) é chamado de *disputa de poder* e começa com o reconhecimento de que o outro não é quem se pensou que fosse ou de que não se é quem se pensou que fosse. A ilusão de unidade é substituída pela desilusão da desunião. O casal sente-se desiludido, irritado e é neste estágio que alguns casais se separam. Outros casais passam a disputar poder na tentativa de fazer com que o parceiro seja do jeito que se acha que deveria ser ou do jeito que este “prometeu” ser. Para outros casais, ainda, a disputa de poder passa a ser uma forma de agredir o parceiro em retaliação à desilusão causada. O obstáculo a ser ultrapassado é a ilusão de poder, a ilusão de que a ameaça, a força, a manipulação ou a dominação podem fornecer o que se quer. Este estágio termina quando os indivíduos reconhecem quem são e o que se tem e se desapegam das fantasias de harmonia sem disputa e de prazer sem dor. A “batalha dos sexos” , como enfatiza Campbell (1994), pode dominar este estágio. Se a relação sobrevive à disputa de poder, pode se desenvolver para um estágio mais aceitável, mais pacífico, chamado *estabilidade*.

O estágio intitulado *estabilidade* começa com a experiência de “perdão”. Os cônjuges aceitam um ao outro como pessoas individuais e aprendem com seus conflitos. Reconhecem que a relação de casal, sendo apenas uma parte de suas vidas, não vai alcançar todos os seus desejos. Os indivíduos podem focar mais sua atenção para fora da relação. O obstáculo a ser transposto é a ilusão de paz, o apego à estabilidade e o custo de novidades e mudanças.

O quarto estágio proposto por Campbell (1994) é o de *comprometimento*, em que os parceiros parecem desistir da tentativa de “remodelar” o outro e de ter suas vontades acatadas a qualquer custo. Os cônjuges são capazes de lidar com a tensão e os conflitos inerentes a amar a pessoa e odiar algo que ela faz. Eles podem se amar sem necessariamente gostar um do outro o tempo todo. Este estágio é marcado pela dissolução do entendimento excludente e pelo

desenvolvimento de soluções criativas para os conflitos. O pensamento é paradoxal e não dicotômico. A armadilha deste estágio é a ilusão de separação. Os casais que continuam sua evolução passam a entender a interconexão entre todos os seres humanos, uma interdependência que é paralela àquela experienciada pelo casal.

Por fim, o quinto estágio seria o de *co-criação*, quando o casal aplica ao mundo além da sua parceria tudo que aprendeu nos demais estágios. Os cônjuges são capazes de estender o sentimento de unidade humana experienciado no seu relacionamento e oferecer aos outros os frutos de sua criatividade mútua. Nesse momento, os casais freqüentemente se engajam em trabalhos conjuntos criativos com o objetivo de contribuir para o mundo. A armadilha deste estágio é a tendência que alguns casais têm de empregar tanta atenção no seu relacionamento com o mundo que pouca energia fica disponível para cuidar e alimentar a relação de casal em si (Campbell, 1994).

Também Whitaker (1990) apresentou seu entendimento de como o casal se desenvolve ao longo do tempo. Para ele, o começo do casamento é essencialmente um fenômeno de transferência das necessidades anteriores para a pessoa escolhida e se constitui em uma “lua-de-mel”. O autor considera que este período dura, aproximadamente, dez anos, quando o casal enfrenta, então, sua primeira crise. É quando se torna evidente, para ambos os cônjuges, que não podem reconstruir um ao outro, ou seja, é quando se dão conta de que o outro não vai ser o que se esperava que fosse. Neste momento, o casamento passa a ser mais “morto” e é quando muitos indivíduos buscam relacionamentos extraconjugais ou ajuda terapêutica. Segundo o autor, muitas vezes a busca de amantes ou a intenção de buscá-los provoca um aumento na temperatura da relação. Quando este impasse é superado, vem outro período, com duração de, aproximadamente, dez anos também, em que há instabilidade e crescimento. O casal chega, então, à “crise dos vinte”, que coincide com a saída dos filhos de casa. As opções que os casais têm, neste momento, são: viver juntos ou romper com o casamento. É esta crise que, quando superada, leva ao enfrentamento da velhice e da morte.

Burden, Fay, Guerin e Kautto (1987), de forma diferente dos autores citados anteriormente, não trabalham com a noção de ciclo de vida do casal. No entanto, apresentam o que chamam de “estágios de conflito conjugal”. Segundo seu entendimento, todos os casais podem ser classificados em quatro estágios de conflito conjugal. O estágio 1 corresponderia a casais com baixo nível de conflito, com um sistema familiar saudável e clima emocional preservado e estável. O número de transições vividas por estes casais é mínimo e o nível de ansiedade corresponde à habilidade do casal de contê-la. A comunicação destes casais é aberta e há mínima polarização de poder, reatividade e crítica. Os indivíduos que compõem estes casais são autofocados e projetam pouco suas dificuldades no parceiro, além de terem alta produtividade e alto bem-estar.

Os casais que seriam enquadrados no estágio 2, apresentado por Burden e cols (1987), são aqueles que estão experienciando conflitos conjugais significativos, os quais definem como um problema em sua vida. O clima emocional é mais frio, há turbulência e menos estabilidade. Os momentos de transição e estresse começam a ser mais presentes e a ansiedade está maior que a capacidade de contê-la. A comunicação permanece aberta e ainda há facilidade em fazer coisas conjuntamente. A crítica aumenta, mas a credibilidade continua alta. Os casais que estão neste estágio apresentam pouca polarização de poder e cada um dos indivíduos funciona de forma projetiva e é incapaz de restabelecer o autofoco.

No estágio 3, os casais enfrentam um número de fases de transição e estresse elevados. O clima emocional é marcado por mudanças repentinas e dramáticas e o nível de ansiedade e o estado emocional é maior. Também a intensidade da polarização aumenta. Os cônjuges apresentam uma habilidade desemparelhada de trocar informações, a crítica é alta e a credibilidade, baixa. A disputa de poder adquire um caráter de “vida ou morte”, o autofoco diminui e o processo de projeção aumenta. Por fim, os autores apresentam seu entendimento de que o estágio 4 é marcado pelos extremos em todos os critérios mencionado nos demais estágios.

Como se pode perceber, o conceito de desenvolvimento do casal vem sendo tratado por diferentes autores e sob distintos enfoques. Apesar disso, o que se percebe no entendimento de todos esses autores é uma tentativa de sistematizar os diversos momentos por que os casais costumam passar desde que se constituem como tais. Entretanto, é interessante mencionar novamente que pouco é estudado ou mencionado a respeito da transição para o casamento, especificamente, em casais coabitantes e em casais não-coabitantes, ou seja, da passagem do período de namoro ou noivado para o casamento oficializado formalmente. Como esse é o foco do presente estudo, apresentar-se-ão, a seguir, algumas considerações teóricas e metodológicas acerca do período específico da transição para o casamento.

### **1.3 - A transição para o casamento – aspectos teóricos**

Neste capítulo, apresento uma revisão dos três aspectos considerados relevantes, a partir da revisão teórica e empírica, na transição para o casamento. Estes temas são a individualidade e a conjugalidade no casamento; a cerimônia, as motivações e expectativas sobre o casamento; e as famílias de origem e o casamento. Finalmente, realizo uma revisão dos principais estudos empíricos publicados sobre a transição para o casamento, de acordo com cada um dos temas anteriormente abordados.

#### **1.3.1 - A individualidade e a conjugalidade no casamento**

Uma questão que tem sido considerada, quando se estuda casais, refere-se à administração das dimensões de conjugalidade e de individualidade na vida das pessoas que se casam.

Ao teorizar a respeito da individualidade e da conjugalidade, Féres-Carneiro (1998) conceitua estas duas dimensões da vida humana. A individualidade refere-se a tudo que diz respeito ao indivíduo, seus desejos, suas inserções e percepções de mundo e suas histórias e projetos de vida, ou seja, sua identidade. A conjugalidade, existente através de uma relação amorosa, seria um desejo conjunto,

uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, ou seja, uma identidade conjugal. A conjugalidade, segundo Féres-Carneiro e Magalhães (2000), seria uma estrutura composta a partir da individualidade dos membros de um casal e do interjogo dinâmico do par conjugal, ou seja, seria um eu conjugal, um sistema com funcionamento autônomo. No entendimento das autoras, ainda, uma das características centrais da conjugalidade é a oscilação entre momentos de fusão e de diferenciação entre os membros do casal.

Assim sendo, Féres-Carneiro (1998) considera que existe, na realidade, um difícil convívio destes dois aspectos da vida dos indivíduos na atualidade. A autora menciona que, atualmente, existe uma expectativa de que os casais sejam, ao mesmo tempo, duas individualidades e uma conjugalidade. Nessa coexistência entre individualidade e conjugalidade, “um e um devem ser três”. Os casais são confrontados, portanto, com duas forças contraditórias, uma priorizando a individualidade e a outra, a conjugalidade.

Para Féres-Carneiro (1998), o casamento contemporâneo é muito influenciado pelos valores individualistas, sendo que são mais valorizadas a autonomia e a satisfação individual de cada um do que os laços de dependência entre os membros do casal. Ao mesmo tempo, a autora menciona que os indivíduos se deparam com a necessidade de construir uma zona comum de interação quando há o projeto de construir uma conjugalidade. O casal da contemporaneidade é confrontado, segundo Féres-Carneiro, com um dilema: por um lado, há os ideais individualistas que estimulam a autonomia dos cônjuges e, por outro, existe a necessidade de vivenciar uma identidade conjugal. A autora enfatiza também a idéia de que valorizar os aspectos individuais significa, em algumas situações, fragilizar os espaços conjugais, enquanto fortalecer a conjugalidade demanda, em outras situações, diminuir o valor dado à individualidade.

Esse confronto e essa necessidade de equilíbrio entre as dimensões da conjugalidade e da individualidade parece-nos especialmente ativado quando dois indivíduos passam pelo processo de transição para o casamento. Acreditamos que, neste processo, alguns darão mais ênfase à individualidade, outros à conjugalidade e

outros, ainda, tentarão administrar, com um certo equilíbrio, essas duas dimensões da vida humana.

Bowen (1979) é um autor que também se deteve no estudo da individualidade e da convivência em conjunto. Segundo ele, a teoria familiar sistêmica postula que o funcionamento do sistema emocional reflete um interjogo entre duas forças de vida: a individualidade e a convivência em conjunto. Em seu entendimento, o desenvolvimento de disfunções físicas, emocionais e sociais tem uma relação significativa com o ajuste que os indivíduos fazem entre individualidade e convivência em conjunto. É do interjogo destas duas dimensões da vida humana que resultam relações emocionalmente significativas em estado de equilíbrio. Os relacionamentos estão em equilíbrio quando cada um dos indivíduos investe uma quantidade igual de energia vital na relação e também retém uma quantidade igual de energia para direcionar para a sua vida individual. O equilíbrio na relação não é estático, mas um estado de equilíbrio dinâmico.

Mesmo que todas as relações emocionalmente significativas existam em um estado de equilíbrio, as características desse equilíbrio não são as mesmas em todos os relacionamentos. Essa variabilidade é o resultado do fato de as pessoas depositarem diferentes proporções de energia vital nas relações. Desta forma, os relacionamentos existiriam em um *continuum*, no qual em um extremo há os que dedicam alta percentagem de sua energia vital à relação - relações de fusão - e, no outro, há os que dedicam uma baixa percentagem de sua energia vital à relação - relações de desligamento (Bowen, 1979).

A diferença entre os indivíduos com relação à proporção de energia vital que depositam nas relações de casal é descrita pelo conceito de *diferenciação do eu*, desenvolvido por Bowen (1979). Segundo este conceito, quanto menor o nível de diferenciação do eu, maior a percentagem de energia que liga os indivíduos aos seus relacionamentos. Inversamente, quanto maior o nível de diferenciação do eu, maior a energia que é retida pelos indivíduos e empregada no desenvolvimento de seu próprio funcionamento individual. Assim, uma pessoa com um melhor nível de diferenciação do eu tem mais capacidade de funcionamento autônomo. Esta capacidade não significa que a pessoa não tenha emoção ou sentimentos, mas que,

enquanto responde aos estímulos dos outros num nível emocional e subjetivo, tem também a capacidade de processar essas respostas em um nível objetivo. O processamento em altos níveis de funcionamento mental seria o que libertaria as pessoas de respostas automáticas e permitiria escolhas próprias. Portanto, uma pessoa bem diferenciada, no entendimento do autor, teria uma possibilidade de convivência em conjunto e seria responsiva aos sinais dos outros nessa convivência.

Também Falcke, Diehl e Wagner (2002) referem-se à necessidade de um certo equilíbrio entre a valorização do eu e do tu e a valorização do nós. O eu e o tu referem-se às características individuais e às vivências nas famílias de origem de cada um dos parceiros enquanto o nós é formado através da escolha amorosa e de uma identidade de casal. Entretanto, o equilíbrio entre a energia dedicada ao eu e a energia dedicada ao nós tende a se alterar de acordo com etapa do ciclo de vida em que está cada casal.

### **1.3.2 - A cerimônia, as motivações e as expectativas do casamento**

De modo geral, em nossa sociedade, a união de dois indivíduos como um casal tende a ser demarcada por um ritual de casamento, através de uma cerimônia de casamento civil e/ou religioso.

Ferreira (1995), neste sentido, define casamento como ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, que estejam capazes e habilitadas, através de uma legitimação religiosa e/ou civil. Zordan, Falcke e Wagner (2005) descrevem seu entendimento a respeito dos significados que estão implícitos nesta definição de casamento. Para as autoras, o conceito de casamento deixa expresso o caráter solene e ritualístico do mesmo, uma vez que costuma ser festejado a partir de normas, valores e costumes sociais. É, ainda, um conceito que contempla apenas as uniões heterossexuais e que pontua a importância de alguma legitimação social, indicando o quanto a aprovação da sociedade é importante quando se fala em casamento.

Ponzetti Jr. (2003), de forma semelhante, considera que a assunção dos papéis de marido e mulher tende a ser determinada a partir de uma cerimônia

social de casamento e claramente indica o início de um novo núcleo familiar e a emergência de uma nova geração. Para o autor, os casamentos tendem a ser demarcados por rituais e se constituem em uma transição social e emocional importante para o jovem casal, uma vez que, na maior parte das sociedades, representam a passagem para a adultez e a potencial transição para a parentalidade.

No entendimento de Azevedo (1987), o casamento é um passo do ciclo da vida do indivíduo que coincide ordinariamente com a idade adulta ou sua proximidade. É também denominado matrimônio e divide a existência humana em duas etapas, antes e depois, como o momento que fixa a meia idade, nem sempre cronológica, mas de fato social e também moral. As condutas e as correspondentes normas, a consciência desse estado, as obrigações e responsabilidades exigidas da mulher e do homem para com a família conjugal nuclear que inauguram são determinantes da etapa que então se origina. Segundo o autor, nenhum outro momento do crescimento e da realização humanos é tão cercado e ativado por ações rituais e cerimoniais significativas, solenes e envolventes, como ocorre com o casamento. Trata-se de um acontecimento marcante, que demarca uma mudança profunda na vida dos indivíduos e de suas famílias. O casamento representa uma mudança de *status* nos indivíduos e de sua posição em relação à sociedade. No casamento, o homem passa a ser esposo de uma mulher e deve comportar-se não mais como um indivíduo solteiro, mas como alguém casado e comprometido social e emocionalmente, o mesmo ocorrendo com a mulher. Esse comprometimento, demarcado por um ritual de casamento, é buscado por muitas pessoas quando resolvem partilhar sua vida com outrem.

Além de todas as significações ritualísticas e sociais que o casamento pode ter, este também possui significações individuais, as quais podem ser melhor compreendidas a partir da análise das motivações e das expectativas individuais acerca do casamento na atualidade. O casamento é cercado de diversas significações sociais e culturais. Além destas, há as significações que são peculiares a cada indivíduo, na sociedade em que está inserido. De modo geral, em nossa sociedade ocidental, o casamento tem sido visto de uma maneira



relativamente idealizada. Tem sido cercado por expectativas de obtenção, de forma máxima, de afeto, intimidade, amizade, prazer sexual e completude e desenvolvimento emocional.

O fato de o casamento representar uma construção conjunta e um comprometimento mútuo pode ser uma explicação para as crescentes expectativas depositadas nesta relação na atualidade. Apesar das repercussões que a busca de igualdade ente homens e mulheres tem na relação conjugal na atualidade, os indivíduos têm esperado cada vez mais dos seus pares e, conseqüentemente, tornam-se mais vulneráveis às inevitáveis frustrações. Todos os desejos e expectativas, que têm suas realizações cada vez mais dificultadas na vida social, encontram-se reavivados e priorizados na vida conjugal e familiar.

Para Lemaire (1990), o que motiva a busca de companheiros são os aspectos mais arcaicos da personalidade, os desejos mais reprimidos ou os mecanismos de defesa organizados contra estes desejos. O autor acredita que, na relação conjugal, busca-se viver o que não se pode viver fora, ou seja, os prazeres e desejos infantis. Os indivíduos buscam no casamento, muitas vezes, uma estrutura diferente das demais, uma *estrutura-refúgio* onde possam viver os desejos e as necessidades insatisfeitos.

O desejo de companhia e de pertinência é inerente ao ser humano, o qual sempre viveu em grupos. O “outro” é um ponto de referência indispensável para a conservação da percepção lógica e organizada de si mesmo. Para que seja possível a formação de uma dupla através da eleição de um cônjuge é necessário que haja alguma ressonância entre os indivíduos. A partir desta ressonância há inclusão; cada indivíduo passa a fazer parte do sistema do outro e ambos podem, então, interagir. O relacionamento entre homem e mulher tem a peculiaridade de proporcionar espaço e clima para a realização e a expressão máxima da intimidade (Anton, 2000).

Desta forma, em nossa cultura, há uma visão romântica do casamento. Este é considerado como meio de libertação e de felicidade total. O indivíduo idealiza que o outro será o responsável pela realização de seus desejos e pela compensação de suas carências. A escolha conjugal é motivada, segundo Anton (2000), pela

necessidade de satisfação de desejos e instintos, através da relação com objetos simbólicos. Esta eleição está baseada na percepção inconsciente de que o objeto é capaz de exercer o papel que lhe atribui o sujeito. O objetivo da eleição do companheiro no casamento é a obtenção de alívio para as feridas do passado, que podem estar ainda vivas e dolorosas.

Também Whitaker (1990) desenvolveu sua teoria de que toda união conjugal tem início com a crença ilusória, de cada um dos membros, de tornar-se um todo e ser satisfeito de forma completa em suas necessidades. Como conseqüência da percepção de que a realidade é distinta desta ilusão, deve haver o desenvolvimento do casal no sentido de que cada um possa ir além do “eu” e do “ele” ou “ela”, em direção à construção do “nós”. Quando há a busca pelo “nós”, há a possibilidade de êxito e de sucesso na relação conjugal.

Brown (2004), em sua pesquisa a respeito do papel do casamento em casais coabitantes, realizou uma revisão acerca das principais motivações que levam os casais coabitantes a formalizarem sua relação através do casamento. Em coabitantes, uma das motivações para o casamento é a expectativa de que este aumente sua segurança emocional e econômica, assim como sua felicidade em geral. Além disso, coabitantes esperam melhorar sua vida sexual e a qualidade de seu relacionamento conjugal com o casamento. Brown sintetiza outros fatores centrais que podem motivar coabitantes a formalizarem sua união através do casamento: (1) aumentar o comprometimento e a estabilidade da relação; (2) o desejo de estar casado e a percepção de que o casamento fornece um *status* de adulto perante a sociedade; (3) a pressão familiar para que se casem (ou porque seus pais gostariam que casassem ou porque os coabitantes planejam ter filhos e gostariam de legitimar o nascimento dos mesmos); e, finalmente, (4) as expectativas normativas relacionadas ao casamento, tais como definição clara de papéis de marido e mulher e os benefícios que esta definição provê.

Um outro aspecto interessante com relação às motivações e expectativas sobre o casamento é levantado por Féres-Carneiro (1997), que considera que as expectativas de homens e de mulheres sobre o casamento são diferentes. Em seu

entendimento, para os homens o casamento é mais relacionado à construção de uma família, enquanto para as mulheres, à vivência de uma relação amorosa.

No mundo moderno, há o entendimento de que as escolhas conjugais são feitas pelos próprios cônjuges, que contam hoje com liberdades não existentes anteriormente. Contemporaneamente, a escolha do cônjuge passou a ser mais subjetiva e individual. Diz-se, freqüentemente, que a escolha conjugal é uma eleição que diz respeito apenas à díade e não mais a uma imposição social ou familiar, ainda que algumas influências das famílias de origem sejam incontroláveis e inevitáveis (Costa, 2000).

Assim sendo, a escolha conjugal de cada indivíduo, suas motivações e expectativas acerca do casamento, também são relacionadas, por alguns autores, aos modelos parentais, às expectativas que surgem no indivíduo a partir de toda sua vivência na família de origem e aos padrões de interação estabelecidos nos sistemas originais de cada um. Parece haver um consenso, por parte dos autores sistêmicos que estudam a relação de casal, sobre a necessidade que os novos casais têm de se diferenciar claramente de cada família de origem, mas também de permanecer ciente dos aspectos de cada uma que devem ser preservados. Em função da importância da participação efetiva das famílias de origem e da participação mais indireta, através da influência nas motivações e nas expectativas construídas acerca do casamento, o tema das famílias de origem é desenvolvido no tópico seguinte deste trabalho.

### **1.3.3 – As famílias de origem e o casamento**

Inevitavelmente, é a programação da família de origem que descreve como os indivíduos aprendem padrões de interação, expectativas, atitudes, orientações e conceitos considerados funcionais ou não funcionais. Estas aprendizagens desempenham efeitos poderosos nos comportamentos e nas escolhas destes indivíduos em seus relacionamentos íntimos, bem como em outras áreas de suas vidas (Whitaker, 1990; Carter & McGoldrick, 1995).

Para Falcke, Wagner e Mosmann (2005), a família de origem tem um papel relevante e exerce influência direta ou indiretamente na construção dos casais. Elas mencionaram que alguns estudos têm comprovado que as experiências vivenciadas nas famílias de origem de cada indivíduo estão relacionadas ao ajustamento conjugal estabelecido pelos mesmos e à maturidade psicossocial que atingem na idade adulta (Falcke, 2003; Haws & Mallinckrodt, 1998; Bartle-Haring & Sabateli, 1998; Furman & Flanagan, 1997). Para Falcke e cols., o casamento é um processo que não é exclusivo do casal. Nele, estão implicadas as famílias de origem de cada um, como transmissoras de um sistema de crenças e mitos, que seriam a base para a formação do novo casal.

Partindo deste mesmo enfoque, Andolfi e Ângelo (1985) acreditam que a tentativa constante de se unir aos conteúdos ideais e o desgosto decorrente da sensação de perda dos mesmos permitem entender a importância que os aspectos históricos individuais assumem na eleição conjugal. Os valores e as funções que cada indivíduo traz de suas famílias são transmitidos, assim como as características que devem estar presentes no objeto (parceiro) escolhido. Estes autores também consideram que há um processo de identificação na eleição conjugal. Todo o indivíduo, ao tomar como modelo seus pais, constrói um esquema de “como se relacionar com” um parceiro.

Carter e McGoldrick (1995) também mencionam as famílias de origem dos indivíduos quando se referem à escolha conjugal. As autoras acreditam que a eleição de cada pessoa está relacionada aos modelos parentais, às expectativas que surgem a partir de toda sua vivência na família de origem e aos padrões de interação estabelecidos nos sistemas originais de cada um. Como Whitaker (1990), Carter e McGoldrick acreditam que, quanto mais as questões de fusão nas famílias ampliadas forem resolvidas e entendidas antes do desenvolvimento de novos relacionamentos, mais facilmente os indivíduos podem passar para uma fase de mútua interdependência e de verdadeira intimidade, estando mais livres da projeção das famílias de origem. Tal situação proporciona uma escolha e um relacionamento conjugal com maiores possibilidades de êxito.

Ao teorizar a respeito da escolha dos parceiros, Ângelo (1995) também mencionou os aspectos históricos da vida pessoal dos indivíduos, indicados através dos valores e de funções transmitidos pelo mito e pela história da família de origem e de suas formas de enfrentamento dos processos de união e de separação. O tipo de influência do mito familiar depende de sua força e riqueza. Está também relacionado ao grau de *diferenciação do eu* que cada indivíduo alcança com relação à sua família de origem (Bowen, 1979). O entendimento de Ângelo também é o de que quanto menos elementos conflitantes não-resolvidos houver na família de origem, tanto mais livre é a pessoa para escolher seu parceiro.

Ao investigarem o nível de separação-individuação das famílias de origem e o ajuste conjugal em casais recém-casados, Haws e Mallinckrodt (1998) realizaram uma pesquisa com 25 casais heterossexuais, com idades entre 19 e 30 anos, casados entre 6 e 13 meses, aos quais solicitaram que preenchessem escalas. Os resultados desta investigação indicaram que a dimensão da individuação dos maridos com relação aos seus pais tem uma grande influência sobre o modo com eles e suas esposas se ajustam ao casamento.

Ao referir-se ao início da vida conjugal, Whitaker (1990) considera que o casamento saudável deve ser uma mistura de duas culturas estrangeiras – a do marido e a da esposa - e o esforço para fundi-las em uma nova. Esta terceira forma de organização deve ser, ao mesmo tempo, similar e distinta de cada um dos “clãs contribuintes”.

As transmissões transgeracionais no casamento também se dão a partir da observação que os indivíduos fizeram do casamento de seus pais, que pode ser considerado um modelo de vínculo conjugal a ser repetido ou evitado, mas são sempre elementos formadores de sua referência sobre as relações amorosas. Segundo Falcke, Wagner e Mosmann (2005), quando os indivíduos tiveram modelos de vivências positivas em seus pais, tendem a buscar relacionamentos similares e, quando estes modelos foram negativos, tendem a procurar relações opostas. Para estas autoras, independente do caminho seguido, buscando

casamentos similares ou opostos ao de seus pais, os indivíduos têm como principal referência o modelo aprendido na relação conjugal de seus pais.

Recentemente, Falcke (2003) realizou uma pesquisa no Brasil, na cidade de Porto Alegre, em que investigou o quanto as experiências familiares estão relacionadas à qualidade dos relacionamentos conjugais estabelecidos por homens e mulheres. Para tanto, ela considerou uma amostra de 238 casais, que responderam a instrumentos medidores de recordações sobre experiências na família de origem e o nível de satisfação conjugal. Encontrou evidências indicando que, no que diz respeito às experiências na família de origem, os homens mostraram ter tido relacionamentos significativamente mais funcionais do que as mulheres. Além disso, os homens avaliaram as condições emocionais dos próprios pais como mais ajustadas psicologicamente do que as mulheres.

É interessante, ainda, o dado indicado por Falcke (2003) a respeito de que a visão que as mulheres têm do relacionamento conjugal de seus pais é diferente da visão dos homens sobre o mesmo tema. O relacionamento conjugal dos pais foi avaliado de forma mais negativa pelas mulheres do que pelos homens. Para a autora, tal diferença pode ser explicada ou pelo fato de as mulheres serem mais exigentes, ou por ficarem mais envolvidas com as dificuldades emocionais vivenciadas no ambiente familiar.

Outro dado importante apresentado por Falcke (2003) sobre as famílias de origem dos cônjuges é relativo às estruturas familiares dos mesmos e sua compatibilidade. Falcke constatou, em seu estudo, que homens e mulheres casados tendem a ser oriundos de famílias com vivências semelhantes. Assim, ela explica que homens com experiências agradáveis casaram-se com mulheres com experiências agradáveis também, enquanto homens com vivências desagradáveis uniram-se a mulheres com experiências desagradáveis. Neste mesmo sentido, Wolfinger (2003) também realizou um estudo comparando as estruturas familiares dos cônjuges. Utilizando uma amostra norte americana, seus dados revelaram resultados semelhantes aos de Falcke, uma vez que Wolfinger também constatou que as pessoas buscam parceiros com vivências semelhantes às suas, independente de estas terem sido positivas ou negativas.

Apesar de constatar a grande influência que as vivências nas famílias de origem têm na construção dos relacionamentos amorosos dos indivíduos, Falcke (2003) também pôde constatar, em seu estudo, que homens e mulheres são diferentes na forma como sofrem tal transmissão transgeracional em sua relação conjugal. A pesquisadora constatou que, para os homens, a importância das vivências na família de origem é maior do que para as mulheres, sendo que para estas os fatores relacionados ao contexto atual mostraram-se mais influentes na avaliação de sua satisfação conjugal. Este dado é coerente com os achados de outros pesquisadores da área sobre realidades diversas da brasileira. Haws e Mallincrodt (1998), por exemplo, pesquisaram jovens casais americanos e constataram que o relacionamento dos homens com seus pais, na infância, está mais associado ao seu relacionamento conjugal do que o das mulheres.

Assim sendo, as famílias de origem exercem influências importantes na vida dos indivíduos, tanto através das vivências que estes têm durante sua história de vida, como através dos modelos que os pais fornecem de como se relacionar e de como ser casal. Um outro tema que costuma também sofrer influência das famílias de origem e do quanto os indivíduos estão separados e individualizados das mesmas e o da capacidade que os indivíduos têm de administrar a individualidade e a conjugalidade no casamento.

#### **1.4 - Estudos empíricos sobre a transição para o casamento**

Nas pesquisas da área, o tema da transição para o casamento, especificamente, é encontrado como central em relativamente poucos estudos. Neste capítulo, reviso os principais estudos publicados sobre a transição para o casamento. Para fins de organização, divido os estudos em quatro temas principais, conforme a revisão teórica realizada anteriormente. Inicialmente, apresento os estudos que se referem ao tema da conjugalidade e da individualidade no casamento. Em seguida, à cerimônia, às motivações e expectativas sobre o casamento. Em um terceiro momento, apresento os estudos que se referem à transição para o casamento e às famílias de origem. Finalmente,

exponho alguns estudos que não se encaixam em nenhum destes temas, mas que têm sido realizados recentemente sobre a transição para o casamento.

#### **1.4.1. A individualidade e a conjugalidade no casamento**

O tema da conjugalidade e da individualidade no casamento tem sido bastante explorado, no Brasil, por Féres-Carneiro (1987, 1998, 2001) e por Magalhães (Féres-Carneiro & Magalhães, 2000). Estas autoras têm encontrado evidências indicando que há, atualmente, um difícil equilíbrio entre estas duas importantes instâncias da vida humana.

Em um estudo qualitativo realizado recentemente por Féres-Carneiro (2001), com 16 casais heterossexuais casados por um período de no mínimo três anos, evidenciou-se uma valorização, tanto por homens quanto por mulheres, da importância da manutenção das individualidades de cada um na qualidade da vida conjugal. Outra pesquisa, realizada anteriormente por Féres-Carneiro (1987), incluindo dois grupos de casais, um com casais casados pela primeira vez e um com casais recasados, evidenciou que a conjugalidade foi mais valorizada pelos casais que estavam casados pela primeira vez, enquanto a individualidade foi mais valorizada pelos casais recasados.

Não foi localizado nenhum estudo internacional sobre o tema do equilíbrio entre a conjugalidade e da individualidade, especificamente. Entretanto, a construção da conjugalidade e a importância de os indivíduos terem sua vida pessoal têm sido tangenciadas em alguns estudos.

No que se refere à construção da conjugalidade, Orbuch e cols. (1993) examinaram as histórias contadas por uma amostra representativa de 264 casais sobre o desenvolvimento de sua relação. As histórias dos relacionamentos dos casais foram codificadas nas seguintes três dimensões: o estilo da história, o processo de relato da história e o conteúdo da história. Os resultados desta investigação revelaram que as histórias contadas no primeiro ano de casamento acerca da relação seguem padrões que permitem interpretar o significado que os casais dão a tornar-se um casal. Além disso, os relatos feitos no primeiro ano de



casamento sobre a história dos relacionamentos mostraram-se preditores do bem-estar conjugal apresentado no terceiro ano de casamento destes casais.

Também enfocando as falas de casais recém-casados a respeito da história de seu relacionamento amoroso, Chadiha, Ortega, Sutherland e Veroff (1993) ocuparam-se em descrever três sistemas de codificação usados para analisar sistematicamente estas falas. Como parte de um programa de estudo a respeito dos anos iniciais de casamento, esses autores analisaram e codificaram as narrativas de 344 casais recém-casados sobre a história de seu relacionamento. O primeiro sistema de codificação proposto capturava o afeto contido nas histórias, o segundo acessava a interação marido-mulher ao contar a história e o terceiro identificava estilos e temas que caracterizassem a história em geral e as histórias específicas dentro da narrativa dos casais. Como resultado, os autores concluíram que muitas das codificações feitas nas narrativas dos casais foram relacionadas à qualidade da relação conjugal estabelecida através do tempo. Também discutiram o papel de seu esquema de codificação na compreensão da construção de sentido nas histórias contadas pelos casais.

Estudando os tipos de histórias que os casais recém-casados gostariam de contar sobre sua relação conjugal no futuro, Frye e Karney (2002) realizaram dois estudos comparando os relatos retrospectivos de satisfação conjugal durante os quatro anos iniciais do casamento com dados prospectivos acerca da satisfação conjugal durante o mesmo período. A amostra consistiu de 60 casais que foram convidados a preencher algumas escalas acerca de sua satisfação conjugal. Como resultados de seus estudos, Frye e Karney concluíram que os casais tenderam a mencionar a satisfação que havia diminuído em um passado distante, mas que fora compensada por melhoras recentes. Além disso, a confiança no futuro da relação pareceu estar associada às percepções de mudança na satisfação conjugal no passado. Assim, os autores concluíram que a habilidade de perceber melhorias, especialmente durante um passado recente, pode representar um tipo de esperança para os parceiros que estão vivendo relações pouco satisfatórias.

Finalmente, há algumas questões sociais que são estudadas quando se trata da transição para o casamento e que se referem à individualidade das pessoas.

Uma delas é a integração social. Enfatizando a necessidade de manutenção de uma rede social individual, alguns autores têm indicado que indivíduos com maior integração social são mais propensos a estabelecer casamentos de sucesso do que os indivíduos mais isolados socialmente (Grover, Russel, Schumm & Paff-Bergen, 1985). O apoio social auxiliaria os indivíduos a lidar com o estresse e a manter seu senso de individualidade durante a transição para o casamento (Surra, 1990; Holman & Li, 1997).

Também as demandas de divisão de tempo entre o trabalho (uma dimensão individual) e a família têm sido estudadas. Alguns autores pensam que esta divisão é o motivo que gera mais estresse na transição para o casamento (Olson, Ponzetti & Olson, 1989). Arond e Pauker (1987) constataram que 60% dos recém-casados entrevistados em sua pesquisa mencionaram que as atitudes referentes à divisão de atenção entre o trabalho e a família mudaram desde a entrada no casamento. A idade de adulto jovem é uma fase em que tanto os papéis profissionais, quanto os conjugais, são novos e, assim, demandam tempo e dedicação. Em alguns casos, as demandas destas duas funções criam estresse.

Um estudo realizado por Kearns e Leonard (2004), examinando as relações entre a rede de amigos de casais durante o início do casamento, indicou que, após o casamento, os amigos, tanto das esposas, quanto dos esposos, tendiam a se tornar crescentemente mais interdependentes. É interessante este dado, uma vez que a capacidade de manter redes de amigos individuais é um dos componentes importantes para a manutenção da individualidade nos casamentos. Os autores ainda mencionam que a necessidade de equilíbrio entre os relacionamentos individuais e os comuns ao casal se faz importante desde o início das relações. Mas, segundo eles, seria nos anos iniciais de casamento que os principais conflitos neste sentido são revelados e confrontados.

#### **1.4.2. A cerimônia, as motivações e as expectativas do casamento**

O significado que o casamento assume para alguns indivíduos tem sido pesquisado por alguns autores. Chadiha, Veroff e Leber (1998) realizaram uma

pesquisa com casais americanos exatamente sobre o significado do casamento para os mesmos, comparando casais compostos por indivíduos negros com outros compostos por brancos. Entrevistaram individualmente e conjuntamente 199 casais afro-americanos e 174 casais brancos. As entrevistas foram analisadas a partir de temas dominantes surgidos no primeiro ano de casamento. Os pesquisadores concluíram que os dois grupos de casais relataram muitos temas comuns, sendo que os mais mencionados foram relativos à família, à relação conjugal e à realização pessoal de cada cônjuge. Os autores não se surpreenderam com este achado, uma vez que consideram que esses são os temas mais presentes no ajustamento ao casamento na sociedade urbana moderna. Além disso, concluíram que tanto casais afro-americanos quanto casais brancos passam pelo período inicial do casamento referindo temas comuns, o que indica que o significado dado ao casamento é similar, assim como as experiências e os valores acerca do casamento e da vida familiar.

Procurando investigar sua hipótese de que, no casamento, as mulheres tenderiam a ter mais demandas e exigências do que os homens, em função de que o mesmo favoreceria mais aos homens, Karney e Vogel (2002) estudaram interações conjugais de 82 casais recém-casados. Para tanto, os autores utilizaram sessões de entrevistas em laboratório com cada cônjuge, separadamente, e sessões de discussões de temas polêmicos com cada casal, conjuntamente. Além disto, cada indivíduo foi solicitado a preencher um questionário em sua residência e a levá-lo, preenchido, no dia da sessão de entrevista. Os autores constataram que, realmente, as mulheres tendiam mais a fazer demandas e exigências, enquanto os homens tendiam a retrair-se, mostrando-se mais engajados em manter o *status quo*.

Por outro lado, Ganong, Coleman e Brown (1981) e Salts, Seimore, Lindholm e Smith (1994) apontaram que as mulheres dirigem atitudes mais positivas ao casamento e são mais igualitárias em suas expectativas de papéis conjugais do que os homens. É interessante, neste sentido, o que Carter e McGoldrick (1995) mencionam, a respeito da realidade norte americana, sobre o

fato de que, apesar de as mulheres tenderem a antecipar o casamento com entusiasmo, dados epidemiológicos têm revelado que o casamento não tem sido um estado muito vantajoso para elas. No Brasil, Féres-Carneiro (1995) e Falcke, Wagner e Mosmann (2005) também apontaram que o casamento costuma beneficiar mais aos homens do que às mulheres em diversos aspectos, apesar de ser mais desejado e esperado por estas.

Investigando os efeitos da coabitação no processo de tomada de decisão sobre o casamento, McGinnis (2003) comparou indivíduos que coabitavam com indivíduos que não coabitavam. Em seu entendimento, a coabitação afeta a percepção dos custos e dos benefícios do casamento e, assim, termina por influenciar as expectativas dos indivíduos sobre o casamento e a sua intenção de casar ou não.

O fenômeno da coabitação, já visto neste trabalho, tem feito a transição para o casamento se tornar uma passagem menos delimitada na vida dos casais do que no passado. Segundo Ganong e Coleman (1994), 25% dos homens e das mulheres que casam pela primeira vez, no continente norte americano, estão coabitando no momento do casamento e 40% dos casais que recasam coabitam antes de casar.

De acordo com Newcomb (1987), algumas conseqüências da coabitação sobre o casamento têm sido propostas e examinadas, tais como: medidas de qualidade conjugal significativamente menores (Booth & Johnson, 1988; Thomson & Colella, 1992); e risco de dissolução do casamento significativamente maior (Bennet, Blanc & Bloom, 1988; Teachman & Polonoko, 1990). Neste sentido, DeMaris e MacDonald (1993) chegam a indicar que quanto mais os casais vivem juntos antes do casamento, mais cedo se dará a dissolução de seus casamentos.

Entretanto, há algumas evidências de que a coabitação pode ajudar os casais a se prepararem para o casamento. A coabitação tem sido utilizada como uma possibilidade de testar a compatibilidade (Newcomb, 1987) e de permitir a negociação de funções da relação antes do casamento (DeMaris & Leslie, 1984).

A coabitação, assim como o noivado, prepararia o casal para as realidades do casamento e os ajudaria a pensar em termos de casal, tanto como de indivíduos.

Também procurando investigar o significado do casamento, Wu e Hart (2002) examinaram as conseqüências que o casamento e a coabitação têm na vida dos indivíduos, em termos de saúde mental e física. Através de um delineamento quantitativo, eles pesquisaram mais de quinze mil canadenses e concluíram que, embora haja algumas diferenças no processo de união, os coabitantes e os casados são muito similares em termos de saúde mental e física. Assim sendo, o casamento, em si, não provocaria muita alteração nestes aspectos, segundo os autores.

Investigando o efeito da transição para o casamento em casais coabitantes e concluindo que o mesmo tem pequenos efeitos na relação de casal, Staffoerd e cols. (2004) apontaram que é necessário considerar, neste processo, o papel relevante que a passagem do tempo desempenha na mudança da qualidade das relações. Para chegar a tais conclusões, os pesquisadores contaram com uma amostra de mais de dez mil participantes e um delineamento quantitativo, através de questionários auto-administráveis. Para Staffoerd e cols., o efeito da passagem do tempo deve ser considerado, ao invés de se assumir que a mudança de *status* (de coabitantes para casados) modifica a relação. Na realidade, seus dados evidenciaram que o casamento legal, em si, provocou poucos efeitos no curso de vida dos relacionamentos, não modificando aspectos como administração de conflitos, satisfação com a relação, estabilidade ou dependência.

Diferentemente de Wu e Hart (2002) e de Staffoerd, Kline e Rankin (2004), Brown (2003) examinou o papel do casamento em indivíduos que coabitavam e concluiu que o casamento, em geral, é associado positivamente com a qualidade das relações afetivas. A autora considerou uma amostra de 276 participantes, que preencheram escalas referentes à qualidade de sua relação conjugal e a dados demográficos. Assim, ela concluiu que os coabitantes que se casaram mencionaram mais felicidade e mais estabilidade em suas relações, menos discussões e conflitos se comparados aos coabitantes que não tinham planos de casar e permaneceram coabitando. O significado do casamento pôde

também ser demonstrado pela pesquisadora, a partir de suas constatações de que a qualidade da relação conjugal de casais casados não diferia muito da de casais coabitantes com planos de se casar, mas diferenciava-se muito da de casais coabitantes sem planos de se casar.

Com resultados coerentes com os de Brown (2003), Skinner, Bahr, Crane e Call (2002) examinaram o efeito do casamento em casais que coabitavam sem planos de casar, casais que casaram tendo coabitado anteriormente e casais que casaram sem nunca terem vivido juntos antes. Os autores realizaram um estudo considerando dois momentos, com um intervalo de cinco anos entre eles. Sua amostra consistiu em mais de dez mil participantes, que preenchiam escalas envolvendo os seguintes aspectos de sua relação: felicidade, comunicação, concordância e discordância no casal. Seus resultados apontam que os coabitantes de longa duração, sem intenção de se casarem, mencionaram menos felicidade com a relação que os outros dois tipos de casais. Além disso, os autores pontuaram que os casais que coabitaram antes de se casar mostraram-se muito similares aos que se casaram sem nunca terem morado juntos, em termos de níveis de comunicação e qualidade da relação.

As motivações e as expectativas que os indivíduos têm sobre o casamento também têm sido estudadas por alguns pesquisadores. Dentre os temas associados às motivações e expectativas sobre o casamento, um número considerável de autores têm investigado quais seriam as motivações para a escolha de um cônjuge. Recentemente, em um estudo transcultural, Morn e Sprecher (2003) encontraram que, de forma geral, os traços desejados em um parceiro envolveriam características como confiabilidade, honestidade, confiança, saúde, bom senso de humor e uma personalidade considerada atraente. As transformações ocorridas na sociedade, no entanto, em especial no que se refere ao papel da mulher, parecem ter trazido alterações quanto à valorização de certos traços. Neste sentido, Buss, Schackelford, Kirkpatrick e Larsen (2001) tratam justamente dessas mudanças ao apresentarem, no que se refere à escolha matrimonial, uma crescente valorização da aparência e de perspectivas financeiras, tanto por homens como por mulheres,

acompanhada por uma concomitante desvalorização de questões relacionadas a habilidades domésticas.

Como esses próprios estudos apontam, portanto, existem certas variáveis que devem ser consideradas na escolha de um parceiro, como as diferenças entre os gêneros e o tipo de relacionamento pretendido. A idéia, defendida em especial pela teoria sociobiológica, de que homens prezam mais características relacionadas à beleza e à jovialidade, ao passo que as mulheres dariam mais valor às perspectivas de segurança financeira e, conseqüentemente, ao status, encontra-se fortemente arraigada e tem sido corroborada por estudos que utilizam as mais diversas amostras e métodos (Sprecher, Sullivan & Hatfield, 1994; Pines, 1998; Regan, Levin, Sprecher, Christopher & Cate, 2001; Basi, 2002). Neste paradigma, dentre as características que seriam mais valorizadas pelas mulheres poderiam ser citados o afeto e a confiabilidade (Fletcher, Tither, O'Loughlin, Friesen & Overall, 2004) e a assertividade e a confiança (Burger & Cosby, 1999). Um fato interessante é que tem sido demonstrado, por alguns destes autores, que o valor atribuído pelas mulheres à aparência física, no momento de selecionar um parceiro, tem aumentado (Gil-Burmann, Pelaez & Sanchez, 2002; Buss & cols., 2001).

Através de uma extensa revisão sobre o tema da transição para o casamento, Morris e Carter (1999) apontam que as pesquisas com a população norte-americana têm mostrado que o que as pessoas consideram ser muito importante no casamento (amor, fidelidade sexual e a habilidade para conversar sobre sentimentos) tem sido similar nas duas ultimas décadas, apesar de estarem, freqüentemente, em contraste com a realidade do que é preciso para se construir um casamento satisfatório.

Examinando a transição para o casamento, Sassler e Goldscheider (2004) enfocaram a importância da estabilidade financeira masculina para a decisão de casar. Os autores apontaram sua visão de que esta importância tem diminuído ao longo dos anos, muito em função do crescente número de indivíduos que está optando por coabitar ao invés de casar e também em função do crescente número

de mulheres que estão conquistando o mercado de trabalho juntamente com os homens.

Apesar da idéia comum de que opostos se atraem, um número significativo de estudos afirma que, de forma geral, as pessoas buscam se casar com aqueles que são semelhantes a elas próprias. Essa similaridade se refere aos mais diversos aspectos tais como idade, raça, nível cultural, religião, preferências e até mesmo no que se refere a certas características físicas. Knox, Zusman e Nieves (1997) afirmam, a partir de seu estudo, que além de buscarem pessoas com níveis educacionais e sociais semelhantes, quando pensam em casamento, as mulheres também buscam similaridades em áreas tais como valores religiosos e desejo de ter filhos. De forma geral, portanto, seriam encontradas mais diferenças entre os sexos no que se refere a relacionamentos de longa duração, pois, enquanto os homens seguiriam valorizando mais a questão da aparência física do que as mulheres, estas buscariam homens com valores semelhantes aos seus.

No que se refere a semelhanças entre as personalidades dos membros de um casal como motivadoras da escolha conjugal, os achados têm se mostrado relativamente inconclusivos. Enquanto alguns autores afirmam que as pessoas buscam e unem-se àqueles que possuam características semelhantes às suas e que as possíveis discrepâncias entre as personalidades podem, em parte, ser explicadas pelo fato de que as pessoas nem sempre conseguem aquilo que buscam (Botwin, Buss & Shackelford, 1997), outros afirmam que diferentes variáveis devem ser levadas em consideração. Klohnen e Mendelson (1998), por exemplo, afirmam, a partir de estudo realizado com 36 casais que mantinham um relacionamento estável por no mínimo 2 anos, que as similaridades entre os parceiros, no que se refere às suas personalidades, não tendiam a ser maiores do que o que seria esperado pelo acaso. Isolando-se, no entanto, variáveis tais como a auto-estima, encontrou-se que casais que se demonstravam satisfeitos consigo mesmos tendiam a se parecer mais do que aqueles que demonstravam insatisfação quanto às suas características pessoais, o que forneceria suporte simultâneo para teorias baseadas na similaridade e na complementaridade. Outro dado encontrado neste mesmo estudo diz respeito à questão da idealização romântica: eles percebiam seus



parceiros como mais similares a seus próprios ideais de self do que eles realmente eram, levando-se em consideração suas próprias descrições.

Em seu estudo com mais de 160 casais casados pela primeira vez, Houts, Robins e Huston (1996), embora tenham encontrado similaridades tanto no que se refere a elementos sociais como em relação às preferências da díade, relatam um dado bastante interessante: ao passo que a semelhança de interesses e de preferências no desempenho de papéis era um item incluído pelos casais nas avaliações que faziam de seus relacionamentos, o mesmo não ocorria em relação às similaridades sociais, que eram ignoradas nesses relatos.

Recentemente, Cook e Jones (2002) estudaram o grau em que a similaridade de estilo de identidade entre os cônjuges contribuiria para a satisfação conjugal em casais recém-casados. Os investigadores consideraram uma amostra de 84 casais e as análises realizadas neste estudo indicaram que os homens relataram mais satisfação conjugal que as mulheres, os casais com estilos de identidade semelhantes relataram maiores níveis de satisfação conjugal do que os casais com estilos de identidade diferentes, e os dados apresentados pelas mulheres sobre satisfação conjugal foram mais influenciados que os dos homens pela similaridade de estilo de identidade.

Também de acordo com Botwin, Buss e Shackelford (1997), a personalidade de recém-casados exerceria um papel importante no processo de noivado ou casamento, já que os indivíduos selecionam parceiros com características de personalidade similares aos seus ideais (Kurdek & Smith, 1987; Lesnick-Oberstein & Cohen, 1984).

Os autores que enfocam a escolha de parceiros para o casamento também destacam expectativas e ideais neste processo de escolha. O tipo de relacionamento pretendido também afetaria a valorização de certas características ao se selecionar um parceiro. No que se refere aos padrões ideais esperados em um cônjuge, Fletcher e cols. (2004) encontraram um declínio da sua importância ao se comparar relacionamentos de longa e curta duração respectivamente. A exceção seria a aparência física, que possui um maior valor no caso de

relacionamentos mais casuais, dado que foi corroborado por outros estudos e que seria válido para ambos os sexos (Regan, 1998; Li, 2003).

Alguns dos pesquisadores que têm se dedicado a avaliar as motivações e expectativas que os indivíduos constroem sobre o casamento têm focado sua confirmação ou não e a relação disto com a qualidade do relacionamento conjugal. Com este intuito, Ruvolo e Veroff (1997) preocuparam-se em examinar a relação entre a discrepância real-ideal com relação ao esposo e o bem-estar conjugal de ambos os esposos. Os participantes de sua pesquisa foram 153 casais afro-americanos e 160 casais brancos americanos. Os cônjuges foram entrevistados individualmente durante o primeiro ano de casamento a respeito de seu relacionamento conjugal. Ruvolo e Veroff concluíram que as discrepâncias entre as pontuações do parceiro e os ideais acerca do mesmo foram negativamente correlacionadas ao bem-estar dos esposos no primeiro e no segundo anos de casamento.

Na mesma linha de Ruvolo e Veroff (1997), Kurdek (2003) estudou a ligação entre o sofrimento conjugal e as representações negativas que os indivíduos têm de si próprios e de seus cônjuges. Kurdek realizou dois estudos a fim de pesquisar este tema. Seu primeiro estudo consistiu em uma mostra de 538 casais, os quais foram pesquisados durante os primeiros quatro anos de casamento. O segundo estudo considerou 98 destes casais, que foram entrevistados no décimo ano de seus casamentos. Os achados de sua investigação indicaram que tanto para os homens quanto para as mulheres as representações de si e do cônjuge influenciaram a variação no sofrimento conjugal. Entre os cônjuges, as representações acerca do outro contribuíram mais para o sofrimento conjugal do que as representações acerca de si mesmo.

Morris e Carter (1999) apontam os achados de alguns estudos acerca da relevância que características positivas ou negativas de personalidade têm na estabilidade do casamento e em sua avaliação como satisfatório ou não. Nesta mesma linha, Capsi e Herbener (1990) sugerem que se casar com pessoas similares a si mesmo promoveria uma consistência na organização da própria personalidade. A similaridade é vista como permitindo padrões mais familiares de

comunicação, empatia e compreensão. Neste sentido, Holden (1991) indicou que as características de personalidade que eram exclusivamente complementares, isto é, opostas nos indivíduos, estariam relacionadas às demandas subsequentes por terapia de casal.

Kim, Martin e Martin (1989), também neste sentido, indicaram fatores de personalidade que diferenciam casamentos estáveis de instáveis. Para estes autores, casamentos estáveis seriam os compostos por casais similares em inteligência, radicalismo, confiança mútua, aceitação, entusiasmo e autenticidade.

Morris e Carter (1999) apontaram que a desconfirmação das expectativas sobre intimidade na relação foi apontada como preditora de insatisfação conjugal por Kelley e Burgoon (1991). De acordo com Gottman (1995) e Holman e Li (1997), o romance seria o ingrediente mais importante na relação de recém-casados e seria mantido vivo através de freqüentes interações, vivências conjuntas e trocas acerca de pensamentos e sentimentos. Assim, o comprometimento é considerado como essencial no processo de desenvolvimento de uma relação conjugal duradoura (Mace, 1989).

Com relação às atitudes, crenças, valores e expectativas, Morris e Carter (1999) salientam que alguns autores têm apontado o efeito estressor que algumas diferenças nas atitudes pessoais, nos valores e nas crenças têm no casamento, principalmente se os casais não dispõem de recursos para lidar com tais diferenças (Carter & McGoldrick, 1995).

Brown (2003), em seu estudo sobre a associação entre o casamento e a melhoria da qualidade da relação conjugal de coabitantes, examinou as principais motivações para o casamento em indivíduos que coabitavam. Segundo seu entendimento, os coabitantes que buscam se casar estão almejando melhorar a qualidade de sua relação de casal. Para a autora, além de esperarem que sua relação melhore, os coabitantes casam pelo sentimento de que há um comprometimento especial entre eles, que deveria ser confirmado através do casamento. Outra motivação para coabitantes casarem-se seria a visão de que o casamento é um status adulto esperado e desejável socialmente. Finalmente, a

autora destacou a importância das pressões familiares como motivadoras para a oficialização das uniões através do casamento.

Também enfocando os casais coabitantes e suas expectativas sobre o casamento, McGinnis (2003) investigou as repercussões da coabitação no processo de tomada de decisão sobre o casamento, comparando indivíduos que coabitavam com indivíduos que não coabitavam. Para esta autora, a coabitação afetaria a percepção dos custos e dos benefícios do casamento e, assim, termina por influenciar as expectativas dos indivíduos sobre o casamento e a sua intenção de casar ou não. McGinnis constatou que os coabitantes, se comparados aos não-coabitantes, apesar de expressarem visões menos positivas do casamento, acabam reduzindo significativamente tanto a percepção dos custos, quanto dos benefícios do casamento. A autora também encontrou dados que indicaram que há uma maior probabilidade de casais coabitantes terem intenção ou expectativa de casar com seus parceiros do que os casais não-coabitantes. Assim sendo, a autora concluiu que a coabitação influencia significativamente o contexto no qual as decisões sobre casar ou não casar são tomadas.

#### **1.4.3. As famílias de origem e o casamento**

Quando se fala nas expectativas e nas motivações sobre o casamento, um tema que é focado refere-se às famílias de origem e suas influências na construção destas expectativas. Neste sentido, Sager (1986) explicou que tais expectativas são enraizadas nos nossos padrões familiares através da vivência ou não do amor, da proximidade e da nutrição com os cuidadores originais. Carter e McGoldrick (1995) acreditam que os mitos e as atitudes sobre família e casamento são passados de geração para geração. Há também as atitudes e crenças relacionadas ao gênero, que criam padrões de comportamento conjugais que podem conter uma variedade de elementos tradicionais ou não tradicionais.

Investigando o grau de influência que os modelos parentais teriam na escolha conjugal, Gehar (1997) pesquisou as similaridades em características de personalidade apresentadas entre parceiros e pais. O autor confirmou sua hipótese

para metade das características analisadas. Os próprios sujeitos, no entanto, percebiam seus parceiros como similares a seus pais do sexo oposto no que se referia a todos os fatores analisados, assim como apontaram congruência entre a personalidade de seus pais e a idéia que faziam de seus pares ideais.

Com relação às questões familiares, outro tema tem sido abordado pelos autores que estudam a transição para o casamento: a existência de novas fronteiras, a diferenciação, a triangulação e a fusão. Estes autores consideram que o estabelecimento das fronteiras dos novos casais, tanto entre o casal e suas famílias, quanto entre os membros do casal em si, seria uma tarefa crítica durante a transição para o casamento. Os recém-casados deveriam dar uma maior prioridade à relação com o cônjuge e se individualizar e diferenciar de alguns vínculos próximos que possam ter estabelecido com pais e parentes em geral (Bowen, 1978; Bray, 1995; Mace, 1989). Assim, os autores da área acreditam que o casal deveria formar uma unidade diádica diferenciada, definir um novo sistema e aceitar as implicações do realinhamento familiar. Também enfatizando a necessidade de diferenciação das famílias de origem, Homen e Li (1997) consideram como importantes, em sua avaliação sobre a prontidão para o casamento, aspectos tais como a diferenciação emocional do casal de seus pais, seu preparo para a exclusividade sexual, e seu desejo de assumir responsabilidade em uma relação.

De acordo com Carter e McGoldrick (1995), a fusão é um desafio adicional que um casal deve enfrentar na transição para o casamento. A constelação familiar de cada um dos cônjuges é considerada uma outra influência familiar importante na transição para o casamento. Alguns teóricos têm proposto que casais em que os indivíduos tenham posições complementares nas suas famílias de origem com relação aos irmãos desfrutam de uma maior estabilidade conjugal por experienciarem poucas disputas de poder e serem mais confortáveis e familiarizados com as interações dinâmicas (Adler, 1978; Toman, 1976).

Também o papel da aprovação dos pais e dos pares em relação ao cônjuge escolhido tem sido investigado. De acordo com Aldous (1996), Cate e Lloyd (1992) e Holman, Larson e Harmer (1994), o apoio ou a benção dos pais ao

casamento foi considerado importante e de valor para os indivíduos pesquisados, mesmo depois de estes terem deixado a casa dos pais e estarem vivendo por si sós, na construção de sua própria identidade

Outro aspecto pesquisado relativo às famílias de origem refere-se às vivências infantis experienciadas nas mesmas e sua influência na vivência do casamento. Holman e Li (1997) apontaram evidências de que os indivíduos com experiências infantis positivas com os pais tendiam mais a ter casamentos com qualidade positiva. A influência dos irmãos tem sido relativamente desconhecida, embora pareça ser importante, pois é com os irmãos que os indivíduos aprendem noções de intimidade, sexualidade e comprometimento. Segundo as reflexões de Holman e Li, os irmãos acabam sempre fornecendo ou aprovação ou desaprovação nos momentos de transição de vida, inclusive no de transição para o casamento.

A influência das famílias de origem foi mencionada por Brown (2003), quando ela estudou as principais motivações para o casamento em casais coabitantes. A pressão familiar e a intenção de melhorar as relações com os próprios pais são apontados como dois dos motivos centrais que levariam casais coabitantes a passarem pela transição para o casamento.

#### **1.4.4 Outros temas referentes à transição para o casamento**

Um dos temas que tem sido estudado quando se trata da transição para o casamento refere-se aos padrões de comunicação estabelecidos pelos casais. Neste sentido, alguns pesquisadores apontam que uma comunicação relativamente aberta e efetiva é essencial para o crescimento e o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, para o sucesso no casamento e para o processo de continuidade e satisfação do mesmo (Robinson & Blanton, 1993). Segundo Gottman (1995), a comunicação pode ser construtiva ou destrutiva para os casais e sua influência é especialmente sentida nos anos iniciais do casamento.

O gênero também tem um papel importante na comunicação dos casais, pois há diferenças entre homens e mulheres na comunicação verbal e não-verbal.

Homens e mulheres foram socializados para perceber o mundo de forma diferente e uma boa comunicação do casal é um desafio em qualquer casal. Cohan e Bradbury (1997) examinaram as contribuições que os comportamentos de resolução de conflito e os eventos da vida têm na mudança de sintomas depressivos e no ajustamento conjugal de recém-casados durante os 18 primeiros meses de casamento. Os pesquisadores consideraram em sua amostra 60 casais recém-casados, os quais foram solicitados a preencher algumas escalas de qualidade conjugal, a resolver um problema através de uma discussão de 15 minutos e a completar alguns questionários sobre sua relação conjugal. Concluíram que o comportamento de resolução de conflitos dos esposos moderou, mas não mediou, a relação entre eventos da vida e ajuste conjugal.

Aspectos como sentimentos de raiva, conflitos, tomada de decisão e poder têm sido estudados por alguns autores que enfocam a transição para o casamento. Gottman (1995), por exemplo, indicou que a raiva no casamento e os conflitos eram forças endêmicas e um desafio a ser enfrentado mais do que evitado, como geralmente ocorre nos anos iniciais de casamento. Pesquisas sobre a comunicação conjugal têm mostrado que casais que são infelizes têm falhas em administrar produtivamente conflitos e em iniciar atividades de reparação na comunicação. As habilidades de resolução de conflitos e as habilidades comunicacionais são necessárias para que os casais possam lidar com o estresse envolvido na transição para o casamento (Mace, 1989; Olson & cols., 1989).

Raiva e conflito são os combustíveis para muitas disputas de poder. Segundo Gottman (1995), um casal recém casado que é mais igualitário em sua relação resolverá mais facilmente seus conflitos através da negociação ou compromisso e bases de poder compartilhadas. Antigamente, a questão de como o poder se distribuía no casamento era mais claramente prescrita pela sociedade. Atualmente, o contrato estabelecido pelos casais é mais complicado, em função do re-exame dos papéis tradicionais de gênero, o que faz com que não haja linhas claras de que domínios são destinados às mulheres e quais são destinados aos homens nos casamentos. Por exemplo, a divisão referente aos trabalhos domésticos pode ser muito determinada pelo balanço de poder e pelos padrões de

tomada de decisão. Dados mostram que os homens têm desempenhado ligeiramente mais trabalhos domésticos e as mulheres estão fazendo ligeiramente menos que no passado. Entretanto, de forma geral, as mulheres ainda estão assumindo as responsabilidades pela maioria das atividades domésticas, realizando 80% dos trabalhos destinados tradicionalmente às mulheres (cozinhar e limpar, por exemplo), assim como os trabalhos considerados dos homens (arrumar o jardim, cortar grama, por exemplo). De acordo com Olson e cols. (1989) isso levaria a um decréscimo do nível relatado de satisfação com o casamento através do tempo.

Huston e Vangelisti (1991) pesquisaram o interjogo de três tipos de comportamento socioemocional – o afeto, o interesse sexual e a negatividade – e a satisfação conjugal. Entrevistaram 106 casais recém-casados durante os dois primeiros anos de casamento. Os resultados desta pesquisa indicaram que o afeto e a negatividade foram associados com a satisfação conjugal, enquanto o interesse sexual não o foi de forma significativa. Além disso, os autores salientaram que a negatividade mostrou-se inversamente relacionada com a satisfação conjugal.

O afeto físico e verbal foi pontuado por Bell, Daly e Gonzalez (1987) como importante na relação conjugal. Atualmente, a maioria dos casais que se casam tem relações sexuais antes do casamento. Arond e Pauker (1987) realizaram um estudo em que encontraram que a maioria dos casais mencionou ter relações sexuais saudáveis antes do casamento, mas 25% deles mencionaram que as disfunções sexuais eram uma questão durante o primeiro ano de casamento. Enfocando a sexualidade nos dois anos iniciais de casamento, McCarthy (1998) realizou uma revisão teórica e apontou o papel crucial que o desenvolvimento de um estilo conjugal sexual confortável e funcional tem nos dois primeiros anos de casamento. Segundo ele, os conflitos sexuais são a maior causa de discórdia e dissolução conjugal.

Alguns autores enfocaram a importância que os primeiros anos de casamento têm no desenvolvimento posterior da relação (Caughlin, Houts, Huston & Smith, 2001; Gottman & Levenson, 1999; Carrère & Gottman, 1999; e Kurdek, 2002). Neste sentido, Caughlin e cols. (2001) demonstraram, em sua pesquisa, que



o início do casamento e as mudanças na união conjugal durante os dois primeiros anos permitem prever o estado da relação de casal 13 anos depois. Esses autores consideraram uma grande amostra de casais recém-casados da Pensilvânia. Cada casal foi entrevistado no segundo mês de casamento e no primeiro e segundo anos de casamento, através de entrevistas conjuntas e individuais. A quarta fase do estudo foi conduzida 13 anos depois da primeira e seguiu os mesmos moldes de entrevista.

Com intenção semelhante, Gottman e Levenson (1999) tentaram descrever os fatores que são preditores da deterioração da interação afetiva conjugal num período de quatro anos. Para tanto, os autores analisaram e codificaram as interações de 200 casais através de entrevistas semi-estruturadas e compararam quatro modelos preditores de interações disfuncionais nos casais depois de passado algum tempo de relacionamento, concluindo que tais modelos foram realmente eficazes em sua proposta.

De forma distinta, Carrère e Gottman (1999) testaram a hipótese de que a forma como uma discussão de casais recém-casados inicia – seus primeiros minutos – é preditora de divórcio nos mesmos. Para tanto, consideraram uma amostra de 124 casais que preencheram inventários e escalas referentes à sua relação conjugal. Os pesquisadores concluíram que realmente é possível prever o estado das relações conjugais seis anos mais tarde, usando-se apenas três minutos da comunicação dos casais.

Também acreditando na relevância dos anos iniciais do casamento, Kurdek (2002) tentou prever a ocorrência de separação física dos casais durante os primeiros oito anos de casamento. Para tanto, o autor considerou os níveis iniciais de qualidade da relação conjugal e as taxas de mudança das diferenças individuais durante os quatro primeiros anos de casamento. A amostra consistiu em 522 casais, os quais foram entrevistados anualmente e solicitados a preencher algumas escalas. Os resultados indicaram que tanto o nível inicial de qualidade da relação conjugal, quanto as mudanças durante os quatro primeiros anos de casamento precisam ser considerados para a compreensão dos resultados acerca da relação conjugal estabelecida oito anos depois do casamento.

Alguns outros autores também tangenciaram o tema da transição para o casamento, relacionando esta fase à efetividade de grupos de aconselhamento pré-conjugal. Eggman, Eggman, Moxley, Schumm e Stucky (1986) realizaram um estudo com dez casais pertencentes a um programa para recém-casados sobre sua percepção acerca da efetividade do aconselhamento pré-conjugal no preparo para a realidade da vida de casado. Em seu estudo, estes autores concluíram que a efetividade do aconselhamento pré-conjugal percebida pelos casais está relacionada à duração do aconselhamento e ao grau de voluntariado no momento de entrar no programa. A efetividade percebida não se mostrou consistentemente relacionada à duração da relação de casal.

Também relacionado ao tema de programas de aconselhamento conjugal, o estudo desenvolvido por Hawley e Olson (1995) investigou três programas de “enriquecimento conjugal”, a fim de determinar sua efetividade com casais recém-casados. Estes autores dividiram 71 casais em três grupos e deixaram 28 casais em um grupo controle. Os resultados mostraram-se confusos quando os grupos de tratamento eram combinados e comparados ao grupo controle. Enquanto alguns testes mostraram diferenças significativas em variáveis importantes entre os grupos, outras análises demonstraram não haver mudança. Comparações entre os três programas não mostraram diferenças significativas. Entretanto, os casais que participavam dos grupos terapêuticos mostraram altos níveis de satisfação com sua participação nos programas e quase todos mencionaram que recomendariam o programa a outros recém-casados.

### **1.5 - Justificativa e objetivos do trabalho**

A transição para o casamento e suas peculiaridades como fase inicial do desenvolvimento do casal têm sido relativamente pouco consideradas pelos teóricos que se ocupam em estudar os casais. Acredita-se que o período que compreende os meses anteriores e o primeiro ano de relacionamento conjugal é bastante relevante e especial. Neste período, o casal depara-se com uma mudança real de *status* social, as expectativas e as motivações anteriores são postas em prática (ou não), aparece a necessidade de reorganizar os relacionamentos com as

famílias de origem de cada um dos novos cônjuges e também há o início da convivência diária a dois e da necessidade de administração da conjugalidade com a individualidade.

Como já foi mencionado, em nossa cultura, o início de um novo núcleo familiar e a construção da conjugalidade costumam ser demarcados por uma cerimônia de casamento civil e/ou religioso. É a partir desta celebração que os indivíduos vão assumir os papéis e as funções de marido e mulher perante a sociedade. Segundo Azevedo (1987), o casamento é o momento da vida humana mais caracterizado por ações rituais e cerimoniais significativas, solenes e envolventes. É um acontecimento que vai demarcar uma mudança profunda na vida dos indivíduos e de suas famílias.

Neste sentido, destaca-se um tema importante quando se pensa na transição para o casamento: a coabitação. A coabitação é um fenômeno relativamente recente que vem fazendo, cada vez mais, parte da vida das pessoas. Na realidade, há os casais que apenas coabitam, sem intenção de se casar, há os que coabitam com intenção e planos de se casar e há, ainda, os que se casam sem ter coabitado antes. A coabitação é um fenômeno mundial e atual que não pode deixar de ser mencionado quando se fala em casamento e, em especial, na transição para o casamento.

Como atualmente as mulheres e os homens têm sido exigidos, de forma diferente do passado, com relação à sua contribuição para a vida familiar, as expectativas depositadas no casamento têm um papel importante, tanto no momento da escolha do futuro cônjuge, quanto no do estabelecimento da relação conjugal propriamente dita. As expectativas estão sempre presentes quando se fala em relação de casal e, por isso, sua posterior confirmação ou não é bastante relevante na forma como cada cônjuge se sente e avalia sua relação. Alguns estudos apontam que dividir expectativas é importante para a manutenção do progresso dos relacionamentos íntimos e que a concordância entre os membros do casal a respeito dos papéis dentro do casamento está relacionada com a satisfação conjugal (Cowan & Hetherington, 1991). É no momento inicial da transição para o casamento que

muitas expectativas vão ser postas à prova, o que pode provocar satisfação ou estresse, dependendo se são confirmadas ou não.

Um aspecto que é bastante mencionado quando se trata da escolha do cônjuge e das expectativas acerca do casamento é a influência que as famílias de origem têm nesta eleição, mesmo que os indivíduos não tenham consciência da mesma. No momento da construção do casamento e da conjugalidade, muitas destas influências e expectativas, construídas a partir das vivências nas famílias de origem, vão ser vivenciadas na prática.

Além disso, o novo casal depara-se, no início do casamento, com a necessidade de estabelecer fronteiras definidas para suas famílias de origem. São comuns as tentativas de intromissão e de participação na vida do novo casal e é, muitas vezes, difícil abrir mão da convivência constante com as famílias de origem. Acredita-se que este tema está presente quando dois indivíduos resolvem construir seu núcleo familiar e a disputa das famílias para decidir qual terá mais influência sobre este novo núcleo pode ser um motivo de estresse para o novo casal.

Da mesma forma que o novo sistema formado pelo casal deve se diferenciar dos sistemas familiares originais, o equilíbrio entre as dimensões da conjugalidade e da individualidade também deve ser um tema bastante presente no período da transição para o casamento. Cada um dos novos cônjuges vem de um núcleo familiar distinto e, assim, teve uma programação familiar diferente acerca do quanto de energia deve ser investida em aspectos individuais e em aspectos conjugais. Essas quantidades de energia despendidas pelos cônjuges podem não estar em equilíbrio e gerar alguns conflitos e ressentimentos. Acredita-se que a temática da individualidade e da conjugalidade não faz parte do projeto de muitos dos noivos e torna-se, no momento da transição para o casamento, uma questão emergente. Ao se depararem com seu novo *status* social, muitos indivíduos podem ver-se atrapalhados com relação ao que é seu como indivíduo e ao que é da sua conjugalidade.

A relevância da relação de casal na forma como cada família se desenvolve já fora apontada por mim, em minha investigação acerca da relação conjugal na transição para a parentalidade. As minhas conclusões, advindas de um

estudo que originou uma dissertação de mestrado e foi realizado a partir de um delineamento misto qualitativo e quantitativo, apontam para o papel preponderante da qualidade da relação conjugal estabelecida por cada casal na forma como passam pela transição para a parentalidade, a qual é demarcada pelo nascimento do primogênito (Menezes, 2001).

A partir do entendimento de que toda família segue um ciclo de vida e, desta maneira, é originada através da união de dois indivíduos como um casal, pode-se considerar que a transição para o casamento tem um papel importante na forma como cada casal e, conseqüentemente, cada família vai se desenvolver posteriormente.

Em função da relevância deste tema, do pequeno volume de trabalhos acerca do mesmo, uma vez que é um tema de interesse recente, e com a intenção de dar continuidade aos apontamentos realizados por mim em minha investigação acerca da relação conjugal na transição para a parentalidade, o presente estudo tem o objetivo de analisar como os casais coabitantes e os casais não coabitantes passam pela transição para o casamento. Para tanto, considera-se o período que compreende o semestre anterior até o primeiro ano após o casamento. Para alcançar tal objetivo, definiram-se alguns objetivos derivados, que são analisar:

1. eventuais diferenças na transição para o casamento de casais que coabitavam e de casais que não coabitavam antes do casamento.
2. como os indivíduos que passam pela transição para o casamento administram os aspectos da individualidade e da conjugalidade.
3. a avaliação da relação de casal, a cerimônia, as motivações e as expectativas sobre o casamento nesta transição.
4. como os casais que passam pela transição para o casamento lidam com suas famílias de origem e suas influências.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### 2.1 - Participantes

Participaram deste estudo quatro casais formados por homens e mulheres com idades entre 25 e 32 anos, que não tinham filhos e que estavam prestes a realizar o seu primeiro casamento num período de, aproximadamente, seis meses da data do recrutamento. Destes quatro casais, dois nunca haviam morado juntos antes do casamento e dois já haviam coabitado antes do casamento por um período de, no mínimo, um ano e meio. Os casais foram selecionados em grupos de preparação para noivos.

#### 2.2 - Delineamento e procedimentos

Trata-se de um estudo longitudinal, abrangendo as seguintes quatro etapas da transição para o casamento: o último semestre antes do casamento e o primeiro, o sexto e o décimo-segundo mês de casamento. Foi realizado um estudo de caso coletivo (Stake, 1994), com o objetivo de explorar as principais temáticas previamente definidas neste estudo com relação à vivência de casal coabitantes e não-coabitantes na transição para o casamento.

Os procedimentos realizados foram comuns a todos os casos considerados. Cada casal foi contatado através de cursos para casais, realizados como exigência para o casamento na religião católica, ou através de indicação. Todos foram convidados a participar da pesquisa e, ao aceitarem, preencheram a **Ficha de Dados Demográficos de cada um dos Futuros Cônjuges**. Durante o último semestre antes da cerimônia do casamento, cada casal foi convidado a assinar o **Consentimento Livre e Esclarecido**. Neste mesmo momento, cada um dos indivíduos, separadamente, foi entrevistado a partir da **Entrevista Individual com cada Futuro Cônjuge no Último Semestre antes do Casamento**.

Após um mês da data do casamento, foi realizado contato novamente com os casais, a fim de realizar a segunda etapa da pesquisa, que consiste em uma

entrevista individual com cada um dos cônjuges a partir da **Entrevista com cada Cônjuge no Primeiro Mês de Casamento**. O mesmo procedimento foi realizado no sexto e no décimo-segundo mês de casamento com cada díade. Nestes momentos, as estruturas das entrevistas foram semelhantes às das entrevistas do primeiro mês de casamento, mas adaptadas ao período correspondente.

### 2.3 - Instrumentos

Os instrumentos utilizados na primeira fase do estudo foram os seguintes:

- **Consentimento Livre e Esclarecido** (ver Anexo A).
- **Ficha de Dados Demográficos de cada um dos Futuros Cônjuges** (ver Anexo B) - nesta ficha se obtém informações, tais como: o nome completo, a data de nascimento, a escolaridade, a religião, com quem mora, se trabalham fora ou não, qual a profissão, data provável do casamento, tipo de cerimônia de casamento e endereço e telefone para contato atual e após o casamento.
- **Entrevista individual com cada futuro cônjuge no último semestre antes do casamento** (ver Anexo C) - nesta entrevista são abordados alguns temas referentes à relação do casal, tais como:
  - a história da relação (como conheceu o(a) futuro(a) esposo(a)? O que atraiu nele(a)? Como descreve a história da relação de casal? Quais as atividades que faziam juntos como um casal antes dos preparativos para o casamento? Quais as atividades que faziam separados antes dos preparativos para o casamento?);
  - a relação no presente (Como vê a relação do casal atualmente? A relação do casal está satisfazendo as expectativas atualmente? Quais os pontos fortes da relação? Quais os pontos fracos da relação? Quais as atividades que fazem juntos como um casal? Quais as atividades que vocês fazem separados? Sobre quais temas costumam ter conflitos?);
  - o casamento (Como foi a decisão de casar? O que levou a escolher esta pessoa para casar? Por que casar agora? Como administram os preparativos para o casamento? E os custos? Quem ajuda? Como cada uma das famílias

reagiu à notícia do casamento? Os preparativos estão provocando alguma mudança na relação? Quais? Como é um bom casamento? Como é um mau casamento? Como eram os teus pais como casal? Eles são um modelo de casal? Tem algum casal como modelo? Como se relacionam?)

- o futuro (Como vê a relação no futuro? Como pretende administrar as finanças depois do casamento? Como pretende administrar a organização da casa depois do casamento? Que tarefas gostaria que cada um assumisse? Quais as atividades que pretendem fazer juntos como um casal? Quais as atividades que pretendem fazer separados? Como imagina que é a vida de casado? O que imagina que vai mudar na relação depois do casamento?)

Na segunda fase da pesquisa, utilizou-se:

- **Entrevista com cada Cônjuge no Primeiro Mês de Casamento** (ver Anexo D) - nesta entrevista são abordados alguns temas referentes à relação do casal no primeiro mês de casamento, tais como:

- a relação no presente (Como vê a relação de casal atualmente? Mudou algo na relação de casal depois do casamento? A relação de casal está satisfazendo as expectativas atualmente? Como está a vida sexual? Mudou alguma coisa? Quais os pontos fortes da relação? Quais os pontos fracos da relação de vocês? Sobre quais temas costumam ter conflitos? Quais as atividades que fazem juntos como um casal? Quais as atividades que fazem separados? Como estão administrando as finanças? Como estão administrando a organização da casa depois do casamento? Que tarefas cada um assume? Como está a relação com a família de origem? Como está a relação com a família de origem do(a) esposo(a)? Como está a relação do casal com as duas famílias de origem?)
- o casamento (Como foi a cerimônia de casamento? Foi como esperava? Tiveram “Lua de Mel”? Como foi? Foi como esperavas? Como foi a saída da casa dos pais (se houve)? Como foi a mudança para a nova moradia do



casal (se houve)? Como é o funcionamento de um bom casamento? Como é o funcionamento de um mau casamento)?

- o futuro (Como vê a relação de casal no futuro? Quais os projetos para o futuro? Pretendem ter filhos? Se sim, quando? Quais as atividades que pretendem fazer juntos como um casal? Quais as atividades que pretendem fazer separados? O que imagina que vai mudar na relação de casal na próxima entrevista)?

Na terceira fase da pesquisa, utilizou-se:

- **Entrevista com cada Cônjuge no Sexto Mês de Casamento** (ver Anexo E) - nesta entrevista são abordados alguns temas referentes à relação do casal no sexto mês de casamento, tais como:

- a relação no presente (Como vê a relação de casal atualmente? Mudou algo na relação de casal desde a última entrevista? A relação de casal está satisfazendo as expectativas atualmente? Como está a vida sexual? Mudou alguma coisa? Quais os pontos fortes da relação? Quais os pontos fracos da relação de vocês? Sobre quais temas costumam ter conflitos? Quais as atividades que fazem juntos como um casal? Quais as atividades que fazem separados? Como estão administrando as finanças? Como estão administrando a organização da casa depois do casamento? Que tarefas cada um assume? Como está a relação com a família de origem? Como está a relação com a família de origem do(a) esposo(a)? Como está a relação do casal com as duas famílias de origem?)
- o casamento (Como é o funcionamento de um bom casamento? Como é o funcionamento de um mau casamento?)
- o futuro (Como vê a relação de casal no futuro? Quais os projetos para o futuro? Pretendem ter filhos? Se sim, quando? Quais as atividades que pretendem fazer juntos como um casal? Quais as atividades que pretendem fazer separados? O que imagina que vai mudar na relação de casal na próxima entrevista)?

Na quarta fase da pesquisa, utilizou-se:

- **Entrevista com cada Cônjuge no Décimo Segundo Mês de Casamento** (ver Anexo F) - nesta entrevista são abordados alguns temas referentes à relação do casal no décimo segundo mês de casamento, tais como:

- a relação no presente (Como vê a relação de casal atualmente? Mudou algo na relação de casal desde a última entrevista? A relação de casal está satisfazendo as expectativas atualmente? Como está a vida sexual? Mudou alguma coisa? Quais os pontos fortes da relação? Quais os pontos fracos da relação de vocês? Sobre quais temas costumam ter conflitos? Quais as atividades que fazem juntos como um casal? Quais as atividades que fazem separados? Como estão administrando as finanças? Como estão administrando a organização da casa depois do casamento? Que tarefas cada um assume? Como está a relação com a família de origem? Como está a relação com a família de origem do(a) esposo(a)? Como está a relação do casal com as duas famílias de origem?)
- o casamento (Como é o funcionamento de um bom casamento? Como é o funcionamento de um mau casamento)?
- O futuro (Como vê a relação de casal no futuro? Quais os projetos para o futuro? Pretendem ter filhos? Se sim, quando? Quais as atividades que pretendem fazer juntos como um casal? Quais as atividades que pretendem fazer separados? O que imagina que vai mudar na relação de casal no futuro?).

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

Os dados coletados nas quatro etapas consideradas neste estudo foram analisados a partir da análise qualitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Para tanto, partimos de algumas categorias temáticas, construídas em função da revisão teórica e empírica sobre o período da transição para o casamento, categorias estas que nortearam a construção dos roteiros das entrevistas semi-estruturadas realizadas.

As categorias temáticas previamente consideradas, para fins de análise de dados, com relação às entrevistas individuais realizadas com cada um dos cônjuges foram as seguintes:

- a história da relação (como se conheceram, o que atraiu no outro, como resolveram iniciar a relação de casal, como decidiram se casar, como estão administrando os preparativos para o casamento, como cada família está participando...);

- a relação no presente (como cada cônjuge avalia sua relação de casal no momento de cada entrevista, a confirmação ou não de suas expectativas, os pontos fortes e os pontos fracos da relação, os motivos de conflito, conceitos de um bom casamento e de um mau casamento, modelos de casal,...);

- o futuro (expectativas e planos acerca da relação, da administração das tarefas domésticas e financeiras, de atividades a serem feitas juntos e separados, ...).

É importante explicitar que cada caso é apresentado separadamente. Para cada caso, há uma apresentação geral, com os dados demográficos do casal. Em seguida, são apresentadas as entrevistas realizadas com o noivo do caso em questão, ao longo dos quatro períodos considerados no trabalho, a partir das categorias temáticas propostas anteriormente. Da mesma forma se procede com as entrevistas com a noiva, que são descritas, longitudinalmente, partindo das mesmas categorias temáticas. Por fim, para cada caso é apresentada uma síntese geral do casal, em que são abordados os aspectos mais relevantes do caso, longitudinalmente, a partir dos seguintes eixos norteadores:

- *a individualidade e a conjugalidade*
- *a avaliação sobre a própria relação de casal*
- *o casamento*
- *a relação com as famílias de origem*

### **3.1 – Casal 1 - Aline e Jonas**

#### **3.1.1 - Apresentação do caso**

No momento da primeira entrevista, Aline tinha 26 anos de idade. Sua religião é a católica e ainda morava com a mãe, o irmão e a avó materna no momento anterior ao casamento. Seu pai falecera quando Aline tinha 17 anos. Além de realizar o doutorado, Aline lecionava em uma faculdade de Porto Alegre como professora do curso de sua área há 4 anos e estava fazendo doutorado na mesma área. Jonas, na primeira entrevista, tinha 32 anos de idade e havia completado o curso superior. Sua religião é a católica e estava morando, temporariamente, com os pais, enquanto organizavam o apartamento para morarem juntos. Ele já havia morado sozinho por quatro anos antes de retornar à casa dos pais em função da venda de seu apartamento e da compra de outro que precisava de algumas obras. Jonas trabalhava desde 1990 como gerente de banco. Sua união com Aline seria formalizada através de casamento civil e religioso.

#### **3.1.2 – Sentimentos e impressões do noivo**

##### *3.1.2.1 - A história da relação*

Segundo a descrição dele na entrevista realizada antes do casamento, o primeiro encontro do casal ocorrera há quatro anos, na festa de uma amiga comum. Quando questionado sobre o que o atraiu em relação a ela neste momento inicial, Jonas referiu “*o jeito sério*” e “*a maturidade*” de Aline. Ele relatou que namoraram em seguida, uma vez que “*o perfil dela é de namoro*”. Falou a esse respeito: “*Até porque foi meio..., não uma exigência, mas o perfil dela é mais*

*assim, mais de namoro mesmo, então foi bem rápido, não teve aquela ficção, assim...”. Foram quatro anos de relacionamento e não houve noivado. Quando questionado a respeito de que atividades costumavam fazer juntos, Jonas mencionou o auxílio mútuo em termos profissionais, com estímulos de um ao outro, e algumas viagens pelo país a lazer. Separados, Jonas mencionou que não costumavam realizar nenhuma atividade de lazer “porque nosso tempo de lazer é muito pequeno, então a gente normalmente tá junto assim”.*

A decisão de casarem, segundo Jonas, foi *“bem complicada, porque teve uma época do nosso relacionamento, sei lá, uns 2 anos atrás, que eu queria casar, eu achava que era legal, tava tri influenciado e a Aline nunca quis casar, não gostava da idéia, achava que não era uma coisa legal assim”*. Ele mencionou que, depois deste período, foi Aline quem retomou a idéia de casar, mas ele, neste momento, havia *“perdido o gás, por mim, passou aquela época...”*. De qualquer forma, concordaram em casar e Jonas descreveu que o momento anterior ao casamento estava *“sendo legal”*, mas que se sentia *“meio apreensivo agora com relação ao casamento”*, pois acreditava que ambos percebiam o casamento *“como um ponto de melhorar”* em termos do tempo dedicado à relação e da afetividade mútua e que Aline, em especial, estava depositando muita expectativa no casamento. Apesar de mencionar esta expectativa de ambos, Jonas posicionou-se da seguinte forma com relação ao casamento: *“Eu acho que o casamento é decorrência de ter tempo, decorrência de ser afetivo”*.

Quando indagado acerca dos motivos que o levaram a escolher Aline para casar, Jonas relatou que o motivo principal é que se gostavam, mas que *“isso aí é o básico”*. Também citou algumas *“decisões práticas envolvidas”*, segundo ele, na escolha da futura esposa, tais como as semelhanças na forma de lidarem com as famílias e nos gostos (*“a gente curte as mesmas coisas”*) e o fato de se relacionarem bem um com a família do outro e a capacidade que percebe em Aline de *“ter um futuro legal”*. Ele, em seguida, acrescentou: *“E parece meio frio, assim, o que eu tô falando, mas é que eu vejo que uma coisa é estar apaixonado por alguém, outra coisa é decidir casar, que é bem mais complexo, e*

*até assim profissionalmente, a gente tem muita vontade de trabalhar, sabe, de se dar força assim legal”.*

Sobre os preparativos para o casamento, Jonas mencionou que *“quem tá tocando somos eu e ela (...) quem tá tocando e quem tá pagando é a gente”*. Ele relatou ainda que o fato de serem apenas os dois cuidando dos preparativos para o casamento *“tem sido bastante pesado”*. Ele justificou a não participação das famílias nos preparativos da seguinte forma: *“porque a minha família não tem grana e a família dela, ela é meio distante assim, meio fora da casinha, não se atentam nas coisas. A minha família se atenta muito, mas não tem dinheiro, então, na verdade, a gente tá totalmente sozinho”*. Explicando o distanciamento da família de Ana, Jonas os descreve como sendo *“tristes, porque o pai dela morreu”* e em seguida conta que o pai de Aline faleceu quando ela tinha 17 anos e que, desde então, sua família *“se fechou demais com esse negócio de festa”*. Jonas considerou que os preparativos estavam provocando muitas mudanças em sua relação de casal, citando *“muito mais briga, muito mais discussões por banalidades assim, tipo a cor, o modelo da flor (...) porque são decisões muito caras, muito dinheiro e envolve uma coisa muito importante que é o casamento, que a gente quer que seja perfeito, lindo, maravilhoso e que mexe com os dois jeitos: ela muito lenta e eu muito rápido”*.

As reações das famílias de origem de cada um foram positivas e, segundo ele, ambas *“adoraram”* a notícia de que planejavam casar-se.

### *3.1.2.2 - A relação no presente*

#### *Antes do casamento:*

Quando questionado sobre sua relação no momento da primeira entrevista, Jonas caracterizou a mesma como *“bem estressada”* em função dos preparativos do casamento e da arrumação do apartamento novo do casal, além das diferenças entre os estilos de ser dele e dela, que estavam *“muito amplificadas”*. Jonas se descreveu como *“muito assertivo”* e a Aline como *“muito analista, perde um tempão”*. As diferenças entre eles estavam causando *“muitas brigas”*. Entretanto,

mencionou também que esta fase estava sendo “*legal*”, uma vez que estavam descobrindo “*alguns mecanismos pra lidar com essas diferenças*”.

Jonas relatou nesta entrevista ainda que a relação de casal não estava satisfazendo suas expectativas, mas que sabia que era apenas neste momento anterior ao casamento. Ele inclusive destacou: “*se a minha vida fosse assim, com certeza, não gostaria, tipo, nem ela, com certeza, não gostaria*”.

Os pontos fortes destacados por Jonas na sua relação de casal foram: “*muita determinação de ficar junto*”, “*uma sintonia de formas de atuação no mundo exterior, assim, o jeito como a gente lida com o trabalho, com a família..*”. e “*um interesse um no outro assim, tipo, que o outro cresça e que, sabe, nenhum é dominante, um tá interessado que o outro vá bem, sabe, e é um interesse sincero (...) sem muita dominação*”.

Um dos pontos fracos mencionados foi a “*frieza*” com que ambos lidam com o relacionamento. Jonas relatou que não são românticos e que “*não tem muita afetividade assim, fica muito, muito..., talvez um pouco frio*”. Ele acrescentou, ainda: “*eu sinto falta de menos racionalidade*”. Outro ponto fraco da relação identificado por Jonas é “*o ciúmes excessivo*” por parte de Aline, o que ele considerou que “*sempre foi um ponto fraco da relação*”. Além destes, Jonas mencionou o jeito “*estouradinho*” de ambos serem, o que faz com que “*se perca um pouco assim o poder de diálogo*” e o fato de ambos quererem sempre que sua vontade e opinião prevaleçam, não cedendo ao outro.

O que mais estava gerando conflitos neste período, anterior ao casamento, eram o que Jonas chamou de “*as decisões práticas*”, ou seja, “*as decisões sobre coisas banais assim, coisas práticas do tipo ah, que cor vai ser o piso*”. Ele acrescentou que não costumavam brigar “*por grandes problemas*”, tais como “*família, dinheiro, ciúmes*”. Além das decisões práticas, Jonas mencionou “*a falta de tempo*” como um motivo de conflito entre eles, uma vez que um cobra do outro o excesso de atividades profissionais e a conseqüente falta de tempo para a relação.

Sobre as atividades que faziam juntos neste período, Jonas relatou “*só faço coisa do casamento, é muito chato, né?*”. Separados, Jonas mencionou que

estavam “*trabalhando muito, muito, muito, muito*”. Ele também comentou que, no pouco tempo que tinha livre, estava procurando se aproximar dos amigos, porque “*andava muito distante*”.

Quando questionado sobre como descreveria um bom casamento, Jonas relatou: “*Bah, muito carinho, muita atenção, muita vontade de superar coisas. Acho que tem que encarar todos os dias como se fosse, todos os dias, um casamento novo. Todo dia, acordar de manhã e ‘bom, hoje eu tenho a obrigação de fazer a pessoa estar a fim de mim (...) Não que um casamento que não tenha isso não dure, né, dura, mas eu acho que perde um pouco assim, porque, pra mim assim, um casamento só vale a pena se for entre duas pessoas que se gostam muito, porque, se não, não tem validade. A gente não tem carência financeira pra estar juntos um ajudando o outro, não tem nenhum problema, então, se não se gostam, cada um vai para um lado*”. Sua descrição de um mau casamento foi a seguinte: “*É o contrário disso. O casamento rotineiro, onde existe..., um atura o outro. Quando um atura o outro, aí a coisa é complicada. Ou quando impede que o outro seja quem ele quer ser, sabe. Ah, se o cara, um dia, quer comprar, sei lá, um carrinho de controle remoto, deixa o cara comprar, sabe, no momento em que o cara não se sente livre pra fazer o que tá a fim...*”.

Sobre sua visão de seus pais, como casal, ele disse: “*Acho que os meus pais têm um problema, acho que até foi uma fase assim, muito de dominação da minha mãe assim (...) Então acho que isso aí que eles se toleraram um determinado momento*”.

Quando questionado sobre a existência de algum modelo de casal, Jonas mencionou “*um amigo*”, o qual ele descreve como sendo “*um cara que, todos os dias tá apaixonado pela esposa, que fala, depois fala da filha, das duas filhas. Um cara muito legal assim, muito equilibrado*”.

#### No 1º mês de casamento:

Na entrevista realizada no primeiro mês depois do casamento, Jonas avaliou sua relação de casal como estando “*boa e dentro do que a gente esperava*”. Mencionou, ainda, “*o processo de ajuste de coisas práticas*”, tais



como horários e ritmos de cada um, aspectos que ele considerou não atrapalharem a relação. De forma geral, considerou que a mesma estava “*até mais tranqüila do que era antes*”, comparando com o período anterior ao casamento.

Quando indagado sobre os pontos fortes de sua relação, Jonas falou: “*bah, são muitos*” e identificou como principal “*a afinidade grande*” nos objetivos de vida, nos interesses e nos gostos, o que, segundo ele, “*facilita para gente se dar bem em várias coisas*” e faz com que ambos se divirtam estando juntos. Jonas também mencionou como ponto forte “*um certo entendimento com as famílias*” e a facilidade de administrarem “*as coisas que tão na nossa volta*”. Finalmente, enfatizou que achava que “*os dois têm uma noção muito clara de que um gosta do outro, assim, não temos muitas dúvidas com relação a isso, então a gente não se desgasta com isso*”.

Os pontos fracos da relação mencionados por Jonas foram os estilos de ser, que ele caracterizou como “*meio cabeça-dura os dois e intolerantes com algumas coisas*”. Além disso, referiu que ambos acabam colocando “*muitas coisas antes do relacionamento*”, tais como o trabalho, a família e o apartamento. Os conflitos ocorrem em função das “*diferenças de ritmo*” entre eles e do fato de priorizarem o trabalho e não a relação.

Sobre a vida sexual neste momento, Jonas fala que “*é muito igual ao que era antes assim* e que ainda não conseguiram *curtir bem, assim, sexualmente o casamento*”, pois “*parece que tem outras coisas que tão ocupando muito espaço*”. Apesar disso, ele mencionou que não têm se estressado com esse tema, que “*não tá ruim, mas também não tá diferente*”.

As atividades que fazem juntos como casal são convidar os amigos, dos quais haviam se afastado, para conhecer o apartamento. Separados, costumam “*trabalhar muito, pois o resto a gente faz tudo mais ou menos junto*”.

A administração das finanças neste momento continuava “*muito parecida com o que era antes*”, sendo que os dois participavam e dividiam as despesas “*parelhinho*”. A organização da casa também estava sendo dividida entre os dois de forma “*parelha*”.

A relação com a família dele foi descrita como “*boa, tá tranqüilo, tá igual ao que era antes*”. Jonas falou que sentia falta de estar mais com eles, mas que a falta de tempo para a família não se devia ao casamento, mas sim ao seu retorno ao trabalho.

A relação com a família dela ficou, segundo ele, “*mais tranqüila*”, pois achava que “*eles também estavam antes naquela ansiedade, se casa, se não casa*”.

Os dois, como casal, estão se relacionando bem com as duas famílias, pois procuram, sempre que possível, fazer as visitas familiares juntos, “*porque daí a gente já curte nós dois juntos e eu sinto que eu acho que eles ficam contentes também os dois lados, né?*”.

No primeiro mês de casamento, ele descreveu como um bom casamento o seguinte: “*eu acho que tem algumas coisas que são básicas pra funcionar. Primeiro, um tem que respeitar um com o outro. Os dois eu acho que têm que ter, não que tem que ser iguais, mas têm que ser compatíveis na prática. Não adianta só viver de romantismo assim, sabe, acho que tem que ter algumas coisas (...)* *Acho que os dois têm que se gostar, esse é o básico. Tem que saber, assim, “nesse dia ela tá de mau-humor, mas eu sei que eu gosto dela no longo prazo, então eu não vou terminar o relacionamento por causa disso”, sabe, saber tentar entender essas coisas. E saber também que as coisas, às vezes, dão errado...*”.

O funcionamento de um mau casamento é descrito como: “*o mau casamento acontece quando há uma submissão de um dos dois, tipo, um se apaga, porque o outro... Tipo assim, um vê que o outro tem uma personalidade muito forte e pensa ‘não, pra não me incomodar, eu vou ficar na minha’, assim, sabe. Então isso que eu acho que acaba, porque essa pessoa vai acabar cobrando lá na frente, né, então é melhor nivelar na entrada do que ficar se anulando, se anulando e...*”.

#### No 6º mês de casamento:

Nesta entrevista Jonas mencionou sobre sua relação de casal que “*algumas coisas se consolidaram no casamento, a gente tá mais maduro em algumas*

*coisas, outras a gente tá se estressando ainda em função dessa coisa de montar apartamento*". Ele considerou que *"não mudou muito"* e que estavam tentando *"encaixar os espaços"* dos dois, ou seja, tentando respeitar-se mutuamente. Jonas referiu ainda que *"esperava que (a relação) já estivesse melhor, mais tranqüilo"* e que *"imaginava que estariam curtindo mais do que se adaptando"*, o que ele disse que *"frustra um pouco"*.

Os pontos fortes da relação são o aumento de intimidade, pois tinham *"muitas reservas um do outro e hoje a gente tem uma abertura muito grande, assim, de falar sobre tudo"*. Além disso, Jonas considerou como um ponto forte a preocupação mútua de um com o outro e a sintonia de ambos. Mas salientou que esta preocupação limitava-se à *"parte prática"*, pontuando que *"falta aquele romantismo"* na relação. Outro ponto positivo citado é que ambos têm a certeza *"de que esse é o caminho"* e de que ficarão juntos, mesmo com *"um monte de problemas"*.

Como ponto fraco da relação, Jonas mencionou o fato de terem deixado *"um pouco de lado essa parte mais romântica, que é de preservar a magia da coisa e de estarem muito focados no prático"*. O afastamento do casal se deu, segundo ele, em função dos preparativos para o casamento. Entretanto, logo depois do casamento, haviam dado *"uma recuperada boa"* e isso foi novamente decaindo *"em função de tudo que a gente tem que fazer"*.

O tema que mais causa conflito para o casal é *"a necessidade de recuperar o romantismo"*, pois um cobra do outro e não conseguem ter sintonia.

Neste momento, as atividades que costumavam fazer juntos eram *"em família, porque tá acontecendo muita coisa familiar, até o final do ano é propício pra isso"*, além de parte de sua família estar se mudando para outro lugar. Outra atividade conjunta era comprar objetos para o apartamento e *"curtir a casa"*.

As atividades separadas se referem mais ao trabalho de cada um, o que *"tem nos consumido quase todo o tempo"*, além das atividades separadas com as famílias.

A vida sexual nesta fase do casamento foi descrita como *"muito parecida com o que tava antes"*. Jonas salientou, entretanto, que *"esse é um ponto que eu*

*acho que a gente esperava mais (...) eu esperava que, nesse momento, a coisa tivesse melhor, assim, até em função dessa coisa que eu esperava que tivesse mais consolidado, né, então tá abaixo do esperado assim, meio esquisito”.*

A questão das finanças aos seis meses de casamento foi descrita como “*difícil*”, pois estão “*meio surpresos, a gente gasta muito, muito, dinheiro*”. Ele ainda contou que costumam dividir as despesas “*meio a meio, dentro do possível, porque um, às vezes, ganha mais que o outro, então aí um tem que responder um pouco mais que o outro* e que isso não gera muito estresse e *tem dado certo*”.

A organização da casa também continuava “*a mesma coisa*” e continuavam repartindo as atividades. Entretanto, nesta entrevista ele mencionou que estavam “*se estressando um pouco*”, porque têm “*características diferentes, assim, com a casa, eu sou todo organizadinho na parte visual assim, a Aline já é toda organizada na parte de lavar roupa, de não sei o quê, então eu cobro dela que as roupas tão espalhadas pela casa pra esperar a mulher que passa e ela me cobra que eu deixo as coisas bagunçadas*”.

Sobre a sua relação com sua família, Jonas considerava que “*tá muito bom, tranqüilo, bem tranqüilo*” e que não mudou em função do casamento.

A relação com a família de Aline também foi descrita como “*bem tranqüila*”.

A relação de ambos, como casal, com as duas famílias de origem também foi considerada “*tranqüila*” e sem alterações em função do casamento.

Aos seis meses de casamento, Jonas descreveu um bom casamento da seguinte forma: “*tem que ter muita obstinação, assim, saber que é mais difícil do que a gente imagina a parte prática assim e principalmente pra quem já morou sozinho muito tempo assim, é uma mudança muito radical, então a pessoa tem que estar obstinada e segura de que essa é a escolha certa, porque, senão, a coisa começa a ficar meio bamba. Eu fico imaginando, assim, se eu não tivesse essa certeza, eu teria largado de mão, porque é muito diferente, né, então eu acho que um casamento pra dar certo tem que ter muito, assim, não ter uma esperança falsa de que tudo vai ser maravilhoso, né, ser muito realista e tal, e acho que tem que ter muito..., tem que tentar recuperar o romantismo assim (...) e outra coisa é*

*que eu acho que tem que pensar muito na parte prática assim, o casamento pra dar certo..., a parte prática ela mina muito o relacionamento, sabe, então é bom fazer quando está com uma posição financeira já bem consolidada e tal”.*

Um mau casamento foi descrito da seguinte maneira: *“um mau casamento eu acho que é, mais ou menos, o contrário disso tudo, né. Eu acho que é a pessoa não ter perseverança”.*

No 12º mês de casamento:

Aos doze meses de casamento, Jonas avaliou sua relação de casal como: *“tá indo bem, tá bem sólida, bem tranqüila”.* Ele mencionou que, durante o passar deste primeiro ano, vivenciaram *“todos os probleminhas”* e agora sua relação estava mais *“tranqüila”*, pois, segundo ele: *“eu vejo que a gente... Eu acho que a gente discute menos. Assim, eu acho que tá mais..., a gente tá curtindo mais assim. Tá menos neurótico assim, porque antes tava muito agitado, agora acho que tá mais tranqüilo”.* Desta forma, ele referiu que a relação estava satisfazendo as suas expectativas, apesar de mencionar alguns *“pontos para melhorar”*, como a falta de tempo para estarem juntos: *“Ah, eu acho que o que tem que melhorar é que a gente tem que ter mais tempo pra gente, assim, mas isso é meio sintomático. Acho que não tem muito a ver com o relacionamento. Acho que é mais com o momento que a gente tá na nossa vida profissional e coisa, né, então, às vezes, a gente não tem muito tempo de curtir algumas coisas, o que é ruim, né. Mas acho que a gente tá bem centrado, assim, tá no caminho mais ou menos certo, eu acho”.*

O ponto *“mais forte”* da relação, destacado por ele, foi a certeza de que ficarão juntos: *“a certeza de seguir em frente, assim, né, porque a gente se consolidou muito rápido como casal, assim, né. A gente vê os problemas, sabe que eles tão aí, sabe que a gente não fecha em algumas coisas, mas não se cogita mais ‘ah, isso não dá, então a gente tem que separar’, sabe?”.* Ele ainda acrescentou: *“Eu acho que o ponto forte da gente é não esperar muito romantismo”*, o que, em seu entendimento, os torna mais realistas e preparados para enfrentar as dificuldades do cotidiano (*“hoje tem tal problema, hoje a gente*

*tem que um acordar cedo e o outro acordar tarde, sabe, essas coisas que parecem uma idiotice, mas que vai minando, né, e a gente se convenceu de que ‘não, não é por essas coisas pequenas que a gente vai enfraquecer’. E aí a gente, no início até quando a gente brigava, a gente dizia ‘é, vamos separar e vamos não sei o quê’, né, e hoje não”).*

O ponto fraco da relação seria o fato de que *“os dois tem personalidade muito forte e daí, às vezes, gera muita cobrança no casal, assim, né, um esperando muita coisa do outro e tal. E, às vezes, isso cansa um pouco. É eu exigindo que ela tenha um determinado comportamento, ela exigindo que eu tenha também e aí a gente acaba se desgastando, né (...) os dois são muito críticos”*. Além disso, mencionou como ponto fraco o fato de ambos priorizarem outros aspectos de suas vidas à relação de casal (*“o outro ponto fraco que eu acho que a gente prioriza muito pouco o casal. A nossa prioridade é o trabalho, então a gente se vê tri-pouco”*).

Os conflitos do casal eram relacionados às cobranças mútuas (*“um cobra do outro em momentos diferentes. Quando eu to cobrando, ela não tá a fim de ser cobrada e quando..., né. Então eu acho que o grande conflito é a cobrança”*). Jonas também mencionou as tarefas domésticas como outro motivo de conflitos: *“E outro grande conflito são coisas pequenas do lar, assim, quem lava roupa, isso, às vezes, gera um pouco de conflito, mas tirando isso...”*. Por fim, ele contou que há *“uma competiçõzinha”* entre eles, que disputam quem trabalha mais: *“o trabalho também, um querendo provar que trabalha mais que o outro, sabe, uma competiçõzinha, assim, que é uma coisa completamente idiota, mas que acontece”*.

A vida sexual do casal estava *“normal”*. Jonas comentou que percebeu uma mudança durante o primeiro ano de casamento: *“Acho que tá bem. No início, era mais ou menos, mas agora acho que tá tranquilo...”*.

As atividades que costumavam fazer juntos, como casal, eram *“receber amigos”* e *“visitar as famílias juntos”*. Separados, costumavam fazer esportes, estudar e trabalhar.

Sobre a administração das finanças, Jonas contou: *“desde o início, a gente faz tudo, cada um com o seu (dinheiro) e as despesas do lar, assim, a gente reparte (...) o que é em comum é mais ou menos rachado entre os dois”*. A administração do dinheiro não estava gerando brigas no casal.

A organização da casa foi considerada por Jonas *“um problema”*, pois contam com uma pessoa para limpar a casa uma vez por semana. Como ele não gosta de fazer nada das tarefas de casa, ele preferia contratar uma pessoa com mais frequência. Mas Aline não concorda e *“isso gera um pouco de conflito também”*.

A sua relação com a família de origem estava *“tudo bem, tudo jóia, muito bem mesmo”* e não havia se modificado. A relação de Jonas com a família da Aline também foi considerada boa: *“cem por cento também. Isso aí a gente tem sorte (...) todo mundo se dá muito bem”*. Os dois, como casal, relacionavam-se *“muito bem”* com as famílias: *“tanto a família dela gosta muito de mim e de nós lá, né, e a minha família também gosta muito que a gente vá lá, gosta da Aline e tal. Então nisso aí não tem estresse”* e costumavam visitar as famílias uma vez por semana.

Aos doze meses de casamento, Jonas descreveu um bom casamento como: *“eu acho que é o que sempre achei, que tem que ter autonomia dos dois, liberdade, né, respeito. Bah, o que a gente tá vendo, assim, é que o que mais importa é respeito e companheirismo, determinação, porque, bah, é difícil. Parece uma coisa fácil, mas é muito difícil. Então eu acho que determinação é a palavra básica pra um casal funcionar. Ter a certeza de que é aquela pessoa que tu gosta mesmo, que aí tu vai vencer as coisinhas pequenas. E respeitar a liberdade nessas coisas pequenas, tipo, dinheiro, tipo, essas coisas (...) Agora tem coisa que eu acho que a gente poderia ser melhor, por exemplo, eu acho que um casal ideal tem que criar uma regra de dedicar tempo um pro outro, porque, senão, também, né, fica meio vazio a coisa, né, então eu acho que isso aí o casal tem que cuidar”*.

Um mau casamento, por outro lado, foi descrito como: *“um mau casamento é tu esperar sempre o cara com o cavalo branco e, sabe, romantismo*

*cem por cento não funciona, então esse e depois misturar as coisas, misturar a vida pessoal, a vida de um, de outro, com o casamento. Acho que dá um embrulho, né, tipo, mistura dinheiro, de repente, já mistura trabalho, já se mete na vida da família do outro aí não é legal. Então eu acho que tem coisas que não são misturáveis, assim, que cada um segue a sua vida. E outra coisa que tem um mau casamento é um casamento instável, em que a pessoa não possa confiar, não possa acreditar ‘ó, hoje a gente brigou, mas amanhã a gente vai estar bem’, né, tipo, ‘ah, hoje a gente brigou, amanhã nem sei, o cara foi embora’, aí eu acho que não funciona”.*

### 3.1.2.3 - O futuro

#### Antes do casamento:

Quando indagado sobre suas expectativas para o futuro da relação, Jonas disse: *“Espero que tudo seja muito legal, maravilhoso e tal”*. Entretanto, em seguida acrescentou: *“mas não acredito que, na prática, vá mudar muita coisa”*. Ele antecipou uma certa *“frustração inicial”* depois do casamento, uma vez que tinha *“uma certa apreensão”* com o excesso de expectativas que Aline estava depositando no casamento. Apesar de tal apreensão, Jonas falou que esperava que sua relação fosse *“muito consistente e tranqüila”*, diferente do momento presente, em que considerava ter *“muitos altos e baixos em função dessa loucurada toda”*. Também referiu a expectativas de que pudessem *“curtir mais, que tivessem mais calma pra curtir as coisas”* no futuro. Sobre como imaginava a vida de casado, Jonas relatou que achava que esta seria *“boa, acho que é um desafio por dia, mas acho que é legal, acho que é boa”*.

Sobre a organização financeira, Jonas mencionou que achava que não mudaria muito em relação ao que já estavam vivendo, sendo que ele descreve que têm *“muita tranqüilidade com relação a dinheiro”* e dividem as despesas de acordo com a possibilidade de cada um no momento. Jonas inclusive destacou esta abertura com relação às finanças como *“um diferencial do meu relacionamento com a Aline”*.



A organização da casa Jonas imaginava que seria igualitária, pois dividiriam as tarefas após o casamento, o que ele descreveu como “*pegar juntos*”.

Sua expectativa para depois do casamento era realizarem juntos as “*atividades diárias, rotineiras, tipo lavar e passar, acho que a gente tem que fazer juntos (...) escolher as coisas, porque a casa é dos dois*” e também mencionou os planos de “*curtir e aproveitar a casa*” juntos. Sobre quais atividades ele pretendia que cada um fizesse separado, Jonas mencionou “*ter os amigos separados*”, uma vez que considerava que “*senão a gente começa a ficar com a cabeça muito misturada, as coisas*”. Também citou o trabalho como uma atividade a ser realizada separadamente e o dinheiro, para que cada um continue estimulado a crescer individualmente

No 1º mês de casamento:

As expectativas de Jonas sobre o futuro de sua relação se referem a uma “*tendência de evolução grande*”, pois ele esperava que a relação se tornasse “*cada vez mais tranqüila, mais sedimentada assim, bem preparada, então acho que vai ser legal*”. Jonas também relatou que achava que estariam “*mais felizes*” no futuro do que estavam no presente, “*porque as coisas vão estar mais organizadas e a gente vai ter afinado algumas coisas de horário e acho que vai estar mais legal do que tá hoje*”.

Os projetos para o futuro mencionados por ele eram “*investir bastante no trabalho*” e “*ter filho*”, dentro de um período de quatro ou cinco anos, pois “*a união é nova, a gente quer curtir o casamento, aproveitar antes*”.

Sobre as atividades que pretendem fazer juntos como um casal, Jonas mencionou “*continuar adquirindo coisas juntos, continuar cultivando amizades juntos, viajar bastante*” e realizar atividades físicas juntos. As atividades que ele citou como pretendendo realizar separadamente foram “*algumas coisas das partes físicas a gente quer fazer separado e investir em estudo*”.

No 6º mês de casamento:

As expectativas de Jonas sobre a relação no futuro eram otimistas nesta entrevista. Ele falou: “*sempre acho que a tendência é melhorar, né, cada dia que a gente consolida mais, acho que a coisa vai melhorar e tal*”. Os projetos para o futuro eram “*terminar a casa e viajar no ano que vem*”. No lado profissional, ele mencionou o plano de fazer “*um upgrade na carreira*”, o que vai tornar o apoio mútuo essencial. Pretende ter filhos, mas programam para depois de quatro anos, pois querem “*curtir um pouco o casamento*”. Sobre o que imaginava que mudaria na relação com 1 ano de casamento, Jonas relatou imaginar que estariam “*com uma cabeça bem melhor, assim, pensando menos no casamento e mais curtindo o casamento*”.

No que se refere a atividades que pretende que façam juntos, Jonas citou “*retomar as amizades em comum e trazer as pessoas mais pra dentro da nossa casa*”. Separados, pretendia que retomassem o “*network profissional e fazer exercícios*”.

#### No 12º mês de casamento:

Nos doze meses de casamento, Jonas contou que esperava, para o futuro, que o casal tivesse “*mais tempo pra curtir, pra curtir mesmo, assim, pra namorar e tal e é só isso*”. Seus projetos incluíam uma viagem, a troca de seu emprego e, depois, ter filhos, em um período de quatro anos aproximadamente. Ele também planejou que ambos tivessem “*mais calma*” um com o outro e que se concentrassem mais “*nas coisas mais importantes*”.

Sobre as atividades que esperava que fizessem juntos no futuro, ele falou: “*eu acho que a gente tem que receber mais as pessoas aqui em casa juntos (...) sempre vêm os meus amigos ou os amigos da Aline e eu acho que a gente tem que começar a construir uma coisa do casal assim*”. Mas Jonas acrescentou: “*fora isso, eu acho que a gente nunca vai fazer muitas coisas juntos, né, porque esporte eu gosto de uma coisa, ela gosta de outra, então... Os hobbies são diferentes. Eu acho que não tem muita coisa que a gente vá fazer junto*”. Além de esporte, esperava que estudassem separadamente.

### 3.1.3 – Sentimentos e impressões da noiva

#### 3.1.3.1 - A história da relação

Segundo o relato de Aline, ela e Jonas se conheceram por terem uma amiga em comum. Quando indagada a respeito de o que atraiu em Jonas ela respondeu: *“Me atraiu... É porque a gente foi numa festa, né, eu fui com essa minha amiga, ele tava lá. E ele tinha uma namorada e ele fez uma declaração pra namorada e eu achei lindo, eu e as minhas amigas. Eu achei super lindo. Eu achei ele querido, atencioso, carinhoso, amoroso, todas essas coisas de príncipe encantado”*.

Ao descrever a história de sua relação com Jonas, Aline mencionou que a mesma *“sempre foi muito baseada em objetivo de vida”*, uma vez que ambos têm os mesmos objetivos, os mesmos gostos (*“a gente sempre teve a mesma..., essa vontade de comprar um apartamento, sabe, sempre foi muito de viajar, de ficar junto, né, de construir uma família, alguma coisa junto, isso que levou adiante”*).

Sobre as atividades que costumavam realizar juntos, antes desta etapa de preparativos para o casamento, Aline mencionou: *“A gente viajava, o que hoje não acontece... mas a gente viajava sempre por aí, principalmente assim pra Gramado, a gente adorava, adora, né, só que agora, com os preparativos, tá impossível”*. Além disso Aline mencionou o hábito de assistirem filmes juntos e jantarem na casa onde Jonas morava sozinho. Separados, costumavam trabalhar ou descansar, o que, segundo ela, ocorria até o momento em que se deu a entrevista.

A decisão de casar, segundo ela, se deu em função de ele já morar sozinho e ela querer ter as suas coisas, pois não conseguia passar o fim de semana na casa de Jonas com uma mala. Segundo Aline: *“queria ter o nosso canto, o meu canto junto com o dele e daí assim, a gente já tava há 4 anos, quase 4 anos, namorando”*. Assim, o tempo de relacionamento também foi um fator motivador para a decisão de casarem.

Os preparativos para o casamento estavam sendo divididos entre Aline e Jonas, “*a gente tá dividindo*”. Além disso, ela mencionou que contariam com uma ajuda de sua mãe, mas que os custos estão sendo arcados pelos dois. Os preparativos estavam provocando muitas mudanças na relação do casal neste momento, sendo que Aline as descreveu como sendo “*pra melhor e pra pior*”.

### 3.1.3.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

No momento anterior ao casamento, Aline descreveu sua relação como “*bem conturbada, bem mesmo, briga direto, todos os dias, em função do casamento, é discussão de decoração, filme, quem vai fazer foto, hoje é assim*”. Entretanto, ela acrescentou: “*mas, ao mesmo tempo, a gente tá super feliz, né, a gente fica imaginando depois do casamento e a lua de mel, sabe. A gente tem essa coisa do estresse do casamento, mas também estamos pensando no depois*”. Em função do estresse provocado pelos preparativos para o casamento, Aline relatou que a relação do casal não estava satisfazendo suas expectativas neste momento: “*porque eu tenho muita expectativa pra depois com base no que era antes, né, mas é que hoje a gente tá numa situação muito diferenciada, que inclusive tenho conversado com várias amigas sobre isso, porque é uma coisa que assusta, né, e todo mundo diz que é assim. Então, assim, eu tô curtindo do jeito que dá*”.

Os pontos fortes mencionados em sua relação de casal foram: “*Nós somos muito parecidos, os dois elétricos assim, bem elétricos e a gente dá muito valor pra família, né, eu acho que isso também pesa bastante*”.

Quando indagada sobre os pontos fracos de sua relação Aline falou: “*Por sermos elétricos, nós discutimos bastante assim, a gente não consegue ficar muito tempo num lugar, a gente..., sabe, então, às vezes, se um quer ficar, a gente se irrita com muita facilidade, né, é isso. É, essas coisas normais, ele reclama que eu durmo demais e eu reclamo que ele acorda cedo, essas coisa*”..

O tema que mais estava gerando conflitos no momento desta entrevista era “*sobre o casamento... é aquela coisa, ‘decoração, tu já decidiu?’*”, “*não, mas eu*

*quero que tu vá junto’, ‘eu não posso, porque eu tenho que trabalhar’ e assim vai...”.*

Neste momento, as atividades que o casal estava fazendo juntos eram *“entregar convite de casamento e decidindo as coisas do casamento”*. Separados, Aline apenas mencionou que trabalhavam e que *“o resto é em função do casamento”*.

Quando indagada, antes do casamento, sobre como descreveria um bom casamento, Aline falou: *“Eu acho que, em primeiro lugar, respeito, né, entre os dois e acho que dividir tarefas já é um sinal de respeito. Eu acho que amor, essas coisas, é óbvio, porque tu escolheu ficar com aquela pessoa, porque tu gosta, né, mas eu acho que dividir as tarefas, acho que isso... Quando uma parte assume tudo, acho que fica complicado, acho que leva problemas depois, né”*.

O funcionamento de um mau casamento foi descrito por Aline da seguinte forma: *“Eu acho que, quando existe essa coisa de só um faz tudo, né, tipo só um vai lavar roupa, vai passar roupa, vai arrumar a casa ou só um paga conta, eu particularmente não concordo. Que mais? Falta de respeito, traição, óbvio, né, que daí não é casamento e é isso”*.

Quando indagada sobre como eram seus pais como casal, Aline contou: *“É, meu pai é falecido há 10 anos, mas eu tenho muito forte isso assim do casamento deles, acho que era modelo, modelo mesmo (...) Eles se gostavam, se adoravam, embora minha mãe fosse dona de casa, né, mas eles se davam muito bem, muito bem”*. Os pais foram ainda considerados por Aline como um modelo de casal.

#### No 1º mês de casamento:

Na entrevista realizada no primeiro mês depois da cerimônia do casamento, Aline avaliou sua relação de casal como *“melhor do que a última vez que a gente conversou, porque tava meio conturbado”*. Ela, porem, falou que *“ainda tá conturbado, mas as coisas tão se ajustando... Vai melhorar, acredito”*. Ela relatou também que percebera mudanças na relação depois do casamento e que se sentia *“numa fase de adaptação... eu sinto que a gente tá se adaptando”*.

Mencionou: *“Acho que tem muita coisa boa por vir e tem muitas coisas chatinhas que a gente tá ajustando agora”*.

Segundo sua avaliação, neste momento a relação de casal não estava satisfazendo suas expectativas, mas sentia-se otimista com relação ao futuro: *“Acho que vai melhorar...”*.

Como ponto forte da sua relação ela mencionou as semelhanças entre ambos, dizendo: *“A gente é muito parecido, assim, de gosto, de pensamento, de objetivos de vida”*. O ponto fraco referido foram as diferenças entre eles em relação à forma de organizarem a rotina: *“Ponto fraco são diferenças organizacionais... Eu não sou muito organizada, assim, no meu tempo e o Jonas me cobra essas coisas. Isso a gente tem de diferente. As diferenças eu acho que acabam sendo nossos pontos fracos”*.

Os temas que estavam gerando conflitos neste momento se referiam justamente a essas diferenças de ritmos entre os dois. Aline relatou: *“atualmente é a história de dormir: eu quero ler antes de dormir e ele não. E ele não pode... Se eu quero ficar lendo, né, o meu abajur fica aceso, não pode, ele tem que estar tudo escuro e eu não posso ler... Vira briga, briga, briga mesmo”*.

A vida sexual do casal, segundo ela, estava *“horrível”*, pois *“a gente chega podre de cansado, chega e tem coisas da casa pra fazer... e é muito trabalho, muita coisa em casa pra fazer e a gente não tem vontade nenhuma, mas é dos dois...”*. O fato de a sua vida sexual ser insatisfatória não havia mudado em função do casamento, pois *“antes do casamento, tava a mesma coisa”*.

Aline relatou que não estavam fazendo *“nada”* juntos, apenas *“limpar a casa juntos, é a única coisa que a gente faz juntos”*. Mas ela lembrou que costumam convidar amigos para visitar sua casa com frequência. Separados, mencionou que continuavam *“trabalhando”*.

A administração das finanças consistia em dividirem as contas *“...por exemplo, a prestação do apartamento cai direto na minha conta, então eu pago isso e o Jonas paga o condomínio, o telefone e a luz todo o resto assim”*.

A organização da casa estava sendo dividida da mesma forma: *“todo mundo arruma tudo”*.

A relação de Aline com a família de Jonas estava “*bem, tá tranqüila, mais tranqüila*”. Ela explicou que os pais do Jonas costumavam ajudar muito na organização da casa e que, em seu entendimento, “*eles vinham aqui, esperava alguma coisa chegar pra nós, eles ajudavam muito e até demais na minha opinião. Teve uma época que eu me estressei com isso, porque era demais assim... mas agora tá tranqüilo*”.

A relação com a sua família de origem estava “*bem, tá bem*”. Aline inclusive comentou: “*Acho que melhor até... agora é só coisa boa, porque eu não vejo eles, não tô todo dia... a minha mãe tá um amor comigo*”.

A relação do casal com as famílias de origem de ambos estava “*super bem*” e tinham o hábito de freqüentar as casas das duas famílias, procurando sempre agradar a ambas.

No primeiro mês de casamento, Aline descreveu um bom casamento como: “*tem que ter muita paciência, né, porque, como todo mundo fala, né, tem que aturar os defeitos, né, saber lidar, ter isso. Acho que tem que abrir mão é o que eu tô aprendendo a fazer também, abrir mão. E outras coisas que eu acho que eu não tenho que abrir mão eu não vou abrir mão, sabe, esse jogo, esse equilíbrio. Eu acho que, assim, é companheirismo, respeito, sexo (risos) todas essas outras coisas*”.

Um mau casamento foi descrito como: “*Bom, eu acho que traição nem pensar, né, assim, acho terrível. Desrespeito. Eu acho que desrespeito é uma palavra que abrange tudo, né, entra o respeito com o outro, entra a questão da traição, entra a questão do cuidado com o outro, né, de se preocupar, de agradar e tudo o mais*”.

#### No 6º mês de casamento:

Aos seis meses de casamento, Aline avaliou a relação de casal como *em “fase de adaptação, mas tá melhorando*”. Ela mencionou o fato de estarem respeitando mais os limites de cada um e de estarem ambos cedendo em alguns aspectos. Também referiu sua impressão de que estavam “*se dando melhor, porque os primeiros meses foram bem complicados*” e “*se conhecendo mais,*

*assim, como casal, né, em termos de dividir o espaço... Eu acho que isso tá bem melhor”.*

Neste momento, o casamento estava satisfazendo as suas expectativas e ela justificou da seguinte forma: *“até porque eu vejo que vem melhorando, pelo menos é o sentimento que eu tenho, pode ser que não esteja (risos), mas eu vejo que tá melhorando e que acho que vai melhorar, né. Acho que tá bom assim, não é que tá ruim, mas as coisas, né, demoram um tempo pra se adequar e tá indo, tá indo bem, tá indo bem”.*

Os pontos fortes de sua relação mencionados foram *“o companheirismo”* e as semelhanças de objetivos de vida.

Os pontos fracos citados foram a vida sexual e *“as diferenças... essas diferenças elas podem ser ou não pontos fracos, né, dependendo de como a gente lida com isso”.*

Os conflitos do casal se davam em função dos *“problemas da casa, tarefas domésticas, é o principal... Geralmente as brigas são por causa disso, ‘ah, tu não me ajudou a fazer isso, tu não me ajudou a fazer aquilo’, mas isso tá melhorando”.*

A vida sexual do casal estava *“difícil... Essa é a parte mais complicada”.* Aline considerou que estavam tentando retomar a vida sexual, que não estavam ignorando o problema. Ela justificou a dificuldade sexual em função do excesso de trabalho e do conseqüente cansaço e mencionou *“a maior culpa é a minha”,* pois ela é quem menos quer ter relações sexuais.

As atividades que estavam realizando juntos eram assistir filmes, passear, viajar para a praia, para a serra e saído pra jantar com os amigos *“uma vez aqui, outra ali, até porque a gente tá em contenção de despesas, então não é tão freqüente, mas é uma coisa que a gente faz, assim, que a gente gosta de fazer”.* Aline também referiu: *“A gente faz bastante coisa junto. Quando a gente tá em casa, a gente tenta ficar junto”.*

Separados, costumavam trabalhar, *“trabalho em primeiro lugar”,* e *“quando eu posso, conversar com as amigas”.*



A administração das finanças, segundo ela, “*não tem muito estresse, a gente divide, eu pago uma coisa, ele paga outra... a gente conversa sobre isso pra que não fique sobrecarregado pra um ou pra outro. Isso é tranquilo, tudo dividido*”.

Já a organização da casa estava gerando algum estresse neste momento, uma vez que Aline citou: “*A gente estabeleceu, né, entre aspas, algumas tarefas, que ele colocaria o lixo na rua. Aí, fica três dias o lixo ali, começa a feder, tá, então a gente discute, aquela coisa*”. Outro exemplo de alguma dificuldade na organização da casa foi dado a partir da seguinte fala de Aline: “*E o Jonas cozinha, ele adora cozinhar e isso ele ajuda um monte, ele, com o maior prazer, vai pra cozinha e faz, ele adora, daí eu lavo a louça. Às vezes, não lavo, essas coisas. A gente fica tentando passar um pro outro as tarefas*”.

Sobre sua relação com a família de origem de Jonas, Aline respondeu que “*tá bem*” e que esta “*não é tão freqüente, né, assim como a minha, né, mas tá super bem. Sempre foi bem*”. Com a sua família de origem, ela também considerou que “*tá bem, sempre foi bem, normal, acho que até melhor, né, porque a gente, quando se vê, são poucas as vezes*”.

O casal estava se relacionando “*super bem*” com as duas famílias e procurava visitar com freqüência similar ambas, “*porque, senão, dá problema*”.

No sexto mês de casamento, Aline descreveu um bom casamento: “*Eu vou falar o que eu sempre falei: pra mim, eu acho que é companheirismo, respeito, né, e é isso. Acho que companheirismo resolve bastante coisa, né. O lado emocional, o sexual também e saber lidar, né, com a pessoa que está ao seu lado*”.

Um mau casamento foi considerado aquele em que “*as tarefas, tanto domésticas quanto financeiras, ficam só pra um. Eu tenho essa idéia de casamento, né, eu não admitiria que ficasse ou só pra mim ou só pra ele. Eu acho que casamento – até algumas pessoas ficam meio chocadas -, mas é um contrato, né, a gente tem que saber repartir, tem que saber lidar, senão, acaba minando, eu acredito nisso. E acho que falta de respeito, eu não admitiria falta de respeito. E traição, óbvio!*”.

No 12º mês de casamento:

Aos doze meses de casamento, Aline contou que a relação de casal estava “*melhorando*”. Ela descreveu “um crescimento, assim, um amadurecimento, essa é a palavra”. Esse amadurecimento se referia ao fato de ambos estarem “*se entendendo melhor nas coisas da casa, assim, tá mais organizado*”. Neste momento, a relação de casal não estava satisfazendo suas expectativas e ela disse: “*Eu acho que tem muita... Eu espero melhorar. Isso tanto da minha parte, eu sei que um pouco é culpa minha, pelo envolvimento profissional. E chego cansada, to sempre cansada, to sempre estudando. Isso é uma coisa que ele cobra bastante, né, que eu não me organizo pra deixar tempo pra gente (...) hoje o trabalho tem atrapalhado muito o nosso relacionamento como casal, assim. A gente tem tido pouco tempo pra curtir a casa, curtir a gente*”.

Os pontos fortes da relação de casal mencionados por Aline foram o fato de ambos se conhecerem “*super bem*” e o fato de serem “*muito parecido em muitos aspectos, assim, em termos de amizade, de pensamento, assim, de estilo de vida, embora, claro, cada um tenha suas diferenças, mas..., e de planos pro futuro, que a gente pensa*”. Ela também mencionou o fato de ambos se ajudarem mutuamente (“*um ajudando bastante o outro nesse sentido. Eu acho que isso, esse companheirismo, esse olhar pra mesma direção, é uma coisa que eu acho que é muito importante num casal e que a gente tem. Eu acho que é o que nos fortalece bastante*”).

O ponto fraco da relação é a sexualidade do casal: “*Eu acho que o sexo tá sendo um ponto muito negativo, que é o principal hoje, no meu ponto de vista, que é uma coisa que tá me preocupando (...) acho que não deveria ser assim*”.

Os temas que mais estavam gerando conflito referiam-se à organização da casa. Ela deu um exemplo de briga que ocorrera momentos antes da entrevista: “*Agora mesmo, a gente tava brigando, porque eu disse ‘ah tu nunca me ajuda, porque eu quero trocar o meu computador’ e daí ele ‘pra quê?’, ah, uma coisa que eu to notando, que eu acho, na minha opinião, que o Jonas é um pouco machista, assim, sabe, ‘por que ela vai ter um computador melhor que o meu?’*”. Outro exemplo dado por Aline: “*Ou então, eu fui no super agora, daí fica aquela*

*coisa, né, 'quem é que vai fazer a janta?', 'Tu foi no super, tu não comprou nada do que eu queria', sabe essas coisinhas de casa, assim? Bem patéticas, mas é (risos)''.*

A vida sexual do casal foi descrita por Aline como “*horrível*” e “*o pior ponto*” da relação. Ela mencionou também que não esperava que a vida sexual estivesse tão ruim e que sua queixa refere-se mais à baixa frequência do que à qualidade da vida sexual: “*(está ruim) não em termos de qualidade, mas em termos de frequência, sabe, tá bem complicado*”.

Neste momento, as atividades que costumavam fazer juntos, como casal, são receber os amigos em sua casa, ver televisão e visitar os pais de ambos. Separados, ele trabalha e faz esporte com amigos e ela apenas trabalha e, eventualmente, sai com amigas.

A administração das finanças estava sendo “*bem tranqüila*” para o casal e estava gerando poucos conflitos (“*A gente até, às vezes, discute alguma coisa, mas é tranqüilo*”). Ela contou: “*A gente divide, meio que divide tudo. Eu sou responsável pela prestação do apartamento e algumas coisas, tipo, 'ah, vou ao super', algumas coisinhas assim e ele por condomínio, água, luz, telefone, a faxineira e o rancho maior, assim*”.

Sobre a organização da casa, Aline contou que está “*mais relaxada*”, pois “*tava muito neurótica*”. Eles contam com uma faxineira que, semanalmente, arruma a casa. Ela considerou que ambos participavam das demais atividades de organização da casa, apesar de haver algumas “*brigas*” eventualmente quando ele não faz sua parte (“*ah, tu não recolheu o lixo, etc*”).

A relação de Aline com a família do Jonas estava “*bem*” e “*tranqüila*”. A relação dela com a própria família também estava “*bem*” e ela disse que esta “*sempre foi tranqüila*”. O casal costuma freqüentar as casas das duas famílias.

No primeiro ano de casamento, sobre o funcionamento de um bom casamento, Aline falou: “*Eu acho que companheirismo. Respeito, em primeiro lugar, e companheirismo. Tu poder confiar e saber que aquela pessoa tá ali te dando o maior apoio em qualquer situação, né, eu acho que eu vejo isso um casamento perfeito, né. É isso*”.

Sobre um mau casamento, ela disse: *“quando acontece desconfiança, porque eu não me imagino casada com uma pessoa que eu não consigo confiar, que não me respeita, né, como pessoa e basicamente isso, acho. E não me sentir gostada, né, porque daí não tem por quê”*.

### 3.1.3.3 - O futuro

#### Antes do casamento:

Quando perguntada sobre suas expectativas para o futuro da relação, Aline mencionou: *“Ah, eu por ter decidido casar, é que eu confio assim, que eu aposto no Jonas... Eu acho que a gente vai dar certo”*. Ela também falou das adaptações em função de morarem juntos: *“como eu nunca tive essa experiência, né, tem toda aquela coisa de um vai ter que ceder, eu acho que ele vai ficar mais tranqüilo, eu também. Eu acho que o fato de chegar em casa, fazer uma janta, comer juntos, dormir juntos, isso vai mudar, né, a gente vai acabar se dando melhor ainda”*.

Aline tinha expectativas otimistas sobre a vida de casada pois referiu que espera *“que seja boa”*. Sobre as mudanças que imagina que vão ocorrer na relação depois do casamento, ela falou: *“eu acho que a gente vai se tornar mais cúmplices, né, em função até de se conhecer melhor, de morar junto”*. Além disso, ela esperava que ambos se ajudassem a melhorar a vida um do outro e disse: *“acho que ele vai me ajudar muito, porque eu tenho alguns problemas de ficar até tarde no computador trabalhando, estudando, viajando na Internet e ele ‘ah, vai dormir cedo’, isso, por um lado, é muito bom pra mim, né, porque vai me ajudar também a melhorar minha qualidade de vida. E eu acho que ele é sedentário, que ele deveria fazer uma atividade física, eu acho que eu vou poder atuar mais nesse sentido assim de ajudar a melhorar”*.

Suas expectativas sobre a organização financeira eram de que continuassem *“dividindo tudo, é o nosso lema”*. Também a organização da casa Aline pretendia que fosse dividida entre eles e ela citou como exemplos: *“dividir lavar a louça, cada um lava a sua roupa...”*.

As atividades que ela pretendia que fizessem juntos depois do casamento eram “*retomar o que a gente fazia: viajar, passear, ver filme, todas essas coisas que a gente... E cozinhar bastante, fazer muita janta*”. Ela também pretendia “*receber os amigos*” na casa nova. As atividades que pretendia que fizessem separados eram “*trabalhar e retomar a atividade física*”.

#### No 1º mês de casamento:

No primeiro mês de casamento, Aline mencionou sua expectativa otimista de que “*dê tudo certo...hoje, a gente tem algumas briguinhas... então acho que isso, entrando isso nos eixos, que é uma coisa chatinha do dia-a-dia, o resto é tranquilo*”. Além disso, esperava que retomassem as atividades de lazer que tinham antes do casamento. Esperava que estivessem “*mais light*” no futuro e que retomassem a vida sexual, que, segundo ela, estava “*devagar*”.

Sobre os projetos para o futuro, ela relatou é a intenção de “*ajeitar o resto da casa*”. Quando indagada sobre o plano de ter filhos ou não, ela disse que pretendiam ter filhos, mas em um período de quatro anos aproximadamente.

Pretendia que no futuro estivessem “*passeando bastante, viajando e curtindo mais a casa*” juntos. Separados, mencionou o projeto de continuarem trabalhando.

#### No 6º mês de casamento

Aos seis meses de casamento, Aline mencionou a expectativas de que sua relação “*continue melhorando, né, que a gente continue se afinando mais, né, e resolva os problemas que possam estar acontecendo*”. Ela mostrou-se otimista e falou que achava que a relação melhoraria até mesmo em função de que “*do início pra agora, as coisas estão se encaixando, eu acho que tudo vai, a coisa vai, vai fluir*”.

Os projetos mencionados por Aline foram: “*a nossa casa... a gente tá construindo aos poucos, né, adquiriu coisas, tudo planejado*”, “*as férias, né, que a gente tá com uma grande expectativa das férias, porque estamos super cansados*” e “*filhos só daqui a uns 4 anos*”.

Sobre as atividades que pretendia que fizessem juntos, ela falou *“continuar o que a gente faz agora, curtindo mais ainda essa nossa casa, né, e também viajar... ver bastante filme em casa, chamar os amigos pra jantar, a gente gosta da fazer isso, eu espero que seja assim”*.

Separados, pretendia fazer uma atividade física e trabalhar e estudar em função do fim de seu doutorado

#### No 12º mês de casamento:

Aos doze meses de casamento, Aline contou que esperava que sua relação, no futuro, fosse se “ajustar” (*“eu não sou uma pessoa de príncipe encantado, de conto de fadas, nunca fui. Sempre fui muito realista. E eu acho que é isso aí: eu acho que tem que aparar algumas coisas, melhorar outras, né, ajustar, eu acho que é isso que falta”*). Ela comentou que Jonas era *“mais romântico, ele é mais apaixonado”*. Ela esperava também que o amor aumentasse: *“Eu sempre disse isso pro Jonas, que hoje a gente se gosta de uma maneira, mas esse gostar tem que ser muito maior daqui a 50 anos, né, porque tu vai te unindo cada vez mais. É isso que eu espero”*.

Os projetos do casal para o futuro eram: terminar de mobiliar o apartamento, viajar, trocar de apartamento. Quando indagada a respeito do plano de terem filhos ou não, Aline falou: *“Tenho. O Jonas fica bem indeciso. Eu quero ter. Daqui uns quatro anos, eu imagino”*.

As atividades que Aline pretendia fazer junto com Jonas no futuro eram: *“viajar bastante”, “curtir bastante a casa”, “convidar os amigos, ir à casa de amigos”, e “passear”*. Separados, acredita que continuarão fazendo esportes e fazer atividades de lazer com amigos.

### **3.1.4 - Síntese geral do casal Aline e Jonas**

#### *A individualidade e a conjugalidade*

O tempo dedicado à conjugalidade e à individualidade não pareceu variar muito desde a entrevista anterior ao casamento até a realizada aos seis meses de

casamento, sendo que, pela fala dele, fica claro que desde o início o espaço para a conjugalidade foi reduzido e o da individualidade preservado. Houve, entretanto, uma relativa diferença na descrição feita sobre o início do namoro, quando costumavam fazer “*tudo juntos*”, comparada à descrição feita sobre o período anterior e o primeiro ano de casamento, quando Jonas referiu que praticavam atividades separadamente e tinham desejo de preservar, no futuro, estes espaços individuais de cada um. Diferentemente, a partir das entrevistas feitas com Aline, parece que o tempo dedicado à individualidade e à conjugalidade se alterou durante todos os períodos considerados na presente pesquisa. A visão de Aline sobre estas instâncias de sua vida parece contrária a de Jonas. Ele descreveu que, desde o início, cada um teve mais tempo dedicado à individualidade do que à conjugalidade. Ela, entretanto, mencionou como sendo atividades do casal algumas que ele não considerou como tal, como, por exemplo, os preparativos para o casamento e a arrumação do apartamento, assistir a filmes e convidar amigos para visitá-los. Parece que Aline tem um entendimento diferente de Jonas sobre o que fazem juntos em termos de lazer e o que é obrigação. Ainda assim, o que se percebe, a partir das entrevistas tanto com Aline, quanto com Jonas, é que o espaço para sua conjugalidade mostrou-se mais restrito desde o início da relação, enquanto a individualidade foi preservada com cuidado por ambos.

#### *Avaliação sobre a própria relação de casal*

As avaliações da própria relação feitas por Jonas tiveram um percurso interessante. No período anterior ao casamento, ele mostrou-se insatisfeito com sua relação de casal, o que atribuiu ao excesso de atividades relacionadas aos preparativos para o casamento e à arrumação do apartamento onde morariam depois do casamento. Jonas mencionou neste momento a “*falta de romantismo*” do casal como um ponto fraco de sua relação e as semelhanças na forma de encarar a vida como ponto forte da mesma.

De modo diferente, no primeiro mês após o casamento, Jonas considerou que a relação estava satisfazendo suas expectativas e que estavam vivendo “*um período de ajuste e adaptação*”. Os pontos fortes da relação mencionados foram,

novamente, as semelhanças entre eles. Novamente, também, mencionou a falta de tempo para a relação como ponto fraco. Nos seis meses de casamento, Jonas estava ambivalente sobre sua relação de casal, mostrando-se, ainda, insatisfeito com a mesma, mas pontuando algumas melhoras, tais como aumento de intimidade e certeza de que ele e Aline querem ficar juntos. Novamente, a falta de romantismo foi apontada como um ponto fraco da relação, o que também aconteceu aos doze meses de casamento.

É interessante, entretanto, que aos doze meses de casamento, Jonas mostrou-se mais satisfeito com sua relação e inclusive mencionou como um dos pontos fortes o fato de ambos não terem muitas expectativas de romantismo sobre a mesma, o que pareceu incoerente com seu discurso anterior, em que pontuava a “*falta de romantismo*” como um dos pontos fracos da relação.

A avaliação de Aline da própria relação, no período anterior ao casamento, era de que a mesma estava “*conturbada*” e não estava correspondendo às suas expectativas, o que seguiu sendo sua avaliação no primeiro mês de casamento. É interessante que Aline tinha muitas expectativas positivas sobre a relação após o casamento, o que pode ter contribuído para a sua frustração no primeiro mês de casamento. A avaliação de Aline sobre sua relação se modificou no sexto mês de casamento, quando ela passou a descrever-se como satisfeita com a relação, apesar de saber que havia ainda “*algumas questões*” para serem ajustadas entre ela e Jonas. Portanto, no sexto e também no décimo segundo meses de casamento, ela passou a perceber o casamento como satisfazendo suas expectativas e melhorando gradualmente (aos doze meses de casamento, ela disse: “... *até porque eu vejo que vem melhorando...*”).

Outra questão interessante nas entrevistas de Aline é a supervalorização das semelhanças entre ela e Jonas como o ponto forte da relação. Essa consideração aparece desde o período anterior ao casamento e é também mencionada por Jonas em suas entrevistas. Para este casal, parece que as semelhanças entre ambos são importantes e fortalecem a relação. Aline chega a mencionar as diferenças entre ambos como um dos pontos fracos da relação. Mas é interessante que Jonas, apesar de salientar as semelhanças entre ele e Aline



como características boas de sua relação, ressalta também que as semelhanças de temperamentos entre os dois (“*os dois são estouradinhos*”) são um dos pontos geradores de conflito e considerados, portanto, como ponto fraco da relação.

Comparando as entrevistas de Aline e de Jonas, percebe-se que as avaliações de ambos de sua própria relação só coincidiram no momento anterior ao casamento (quando ambos estavam insatisfeitos com a relação) e no primeiro ano de casamento (quando ambos estavam satisfeitos com a relação). Nos momentos intermediários considerados nesta pesquisa, houve uma discordância entre as avaliações que fizeram de sua relação. No primeiro mês de casamento, Jonas mostrou-se satisfeito com a relação e Aline, insatisfeita, enquanto no sexto mês ele mostrou-se ambivalente e ela satisfeita com a sua relação de casal.

Outro aspecto interessante das entrevistas realizadas com Jonas é sua visão de um bom e de um mau casamento, que se alterna em função de cada etapa do casamento que está vivendo. Antes de casar, Jonas tinha uma visão “romanceada” de um bom casamento (“*muito carinho, muita atenção, muita vontade de superar coisas, acho que tem que encarar todos os dias como se fosse, todos os dias, um casamento novo*”) e uma visão de que um mau casamento seria aquele “*muito rotineiro*”. Já no primeiro mês de casamento, descreveu um bom casamento de forma distinta da anterior, salientando o respeito de um pelo outro e a necessidade de compatibilidade, nos aspectos práticos, entre eles (“*não adianta só viver de romantismo, assim...*”) e mencionou como característica central de um mau casamento a submissão de um ao outro. Aos seis meses de casamento, ele descreveu um bom casamento como sendo aquele em que o casal tem muita “*obstinação*” e ciência de que “*é mais difícil do que a gente imagina...*”. Ele enfatizou a necessidade de o casal ser realista, mas mencionou novamente a necessidade de “*recuperar o romantismo*”. Já aos doze meses de casamento, Jonas novamente ressaltou a necessidade de haver tempo para romance (“*um casal ideal tem que criar uma regra de dedicar tempo um pro outro...*”), embora tenha apontado que um dos pontos fortes de sua relação era justamente a “*falta de romantismo*”. A ambivalência de Jonas com relação a um bom casamento ser racional ou romântico fica clara durante o desenrolar das suas entrevistas. Pode-se

pensar que suas dúvidas acerca do que realmente deve ser enfatizado em um casamento estão relacionadas e sendo influenciadas constantemente por suas vivências em seu próprio casamento. É interessante que esta ambivalência entre a racionalidade e o romantismo também aparece quando Jonas descreveu suas principais motivações para escolher Aline como esposa. Ele relatou que o motivo principal era que se gostavam, mas enfatizou, em seguida, “*decisões práticas envolvidas*” no processo de escolha (ele inclusive falou: “*E parece meio frio, assim o que eu to falando, mas é que eu vejo que uma coisa é se apaixonar por alguém, outra coisa é decidir casar, que é bem mais complexo...*”).

Também a visão de Aline sobre um bom e um mau casamento se modificou com o passar do tempo. No período anterior ao casamento, ela salientou como característica de um bom casamento aspectos como divisão igualitária de tarefas e respeito, o que não foi mais mencionado após o casamento. No primeiro mês, um bom casamento foi considerado aquele no qual os membros têm “*paciência*” e sabem ceder quando necessário. Esta percepção sobre um bom casamento parece ter sido alterada pela própria vivência de Aline em seu casamento, que antes era apenas uma expectativa abstrata. Outras características são mencionadas no sexto e no décimo segundo meses de casamento como fazendo parte de um bom casamento, tais como companheirismo e “*o lado emocional e sexual*”. Interessante que é justamente esta parte afetiva que tanto Aline, quanto Jonas percebem como falhando no seu relacionamento (desde o início da relação, mas só é vista como ponto fraco depois do casamento). A construção de um ideal de casamento mostrou-se relacionada à vivência do mesmo e se modificou com passar do tempo para ambos os cônjuges.

### *O casamento*

Chama a atenção, nas entrevistas com Jonas, o seu receio, antes do casamento, de que ambos percebessem o casamento como um “*divisor de águas*” ou um “*ponto de melhorar*”, como ele mesmo disse. Na realidade, ele não percebeu muitas mudanças em sua relação em função do casamento em si. Jonas mostrou-se muito otimista em suas expectativas para o futuro, em todas as etapas

consideradas neste estudo, sempre acreditando que o passar do tempo e a convivência os fariam ajustar-se mais e tenderiam a tornar sua relação mais harmoniosa. Antes do casamento, suas expectativas oscilaram, sendo às vezes muito otimistas (“*espero que seja muito legal, maravilhoso*”) e, em outras vezes, muito realistas (“*mas não acredito que, na prática, vá mudar muita coisa*”). Já nas entrevistas durante o primeiro ano de casamento, o que prevaleceu foi o seu otimismo, pois Jonas apontou apenas expectativas de melhora para o futuro da relação.

Nas entrevistas de Aline, chama a atenção o fato de que, diferente de Jonas, ela percebeu mudanças em sua relação de casal em função do casamento e da “*fase de adaptação*” em que se encontravam. Outra questão interessante é que Jonas pareceu bastante sintonizado com Aline quando relatou seu medo de que a noiva estivesse com expectativas muito otimistas para o período posterior ao casamento. Aline realmente estava otimista em quase todas as entrevistas no que se referia às expectativas para o futuro da relação e, principalmente, na entrevista anterior ao casamento, como apontara Jonas. Tais expectativas de melhora podem estar relacionadas ao fato de que Aline mostrou-se insatisfeita com aspectos importantes da relação de casal, tais como a sexualidade e a divisão de tarefas domésticas, nos diferentes momentos considerados na pesquisa e pode ter construído expectativas otimistas como uma forma de aliviar as frustrações vivenciadas no presente.

Desta forma, enquanto Jonas não considerou haver mudanças em sua relação de casal em função do casamento, Aline o fez. Ele mencionou a existência de ajustes e adaptações práticas, mas não os relacionou a uma piora ou melhora na qualidade da relação de casal em si. Aline, diferentemente, pareceu afetar-se mais por estas questões e, por isso, pode ter percebido o casamento como mudando sua relação.

Outro aspecto que chama a atenção nas entrevistas de Aline refere-se ao principal motivo que a levou a se interessar por Jonas: o romantismo dele com a namorada anterior. E é justamente a falta deste romantismo que é apontada, por ambos, como um dos principais problemas da relação. Jonas, por sua vez, relatou

como principais motivações para a escolha de Aline seu “*jeito sério*”, sua “*maturidade*” e as semelhanças entre eles em “*decisões praticas envolvidas*”, critérios que parecem condizer mais com o estilo pragmático e objetivo deste casal, mas contradizer, ao mesmo tempo, a demanda constante de ambos por algum romantismo na relação.

#### *A relação com as famílias de origem*

De modo geral, Jonas mostrou-se satisfeito com a participação das famílias de origem de ambos no processo de transição para o casamento. Mas ele também mencionou, na entrevista anterior ao casamento, que o casal estava sobrecarregado com os preparativos para o casamento e por não poder contar com a ajuda de nenhuma das duas famílias, mesmo que por motivos diferentes. A família de origem tem um papel de destaque na vida de Jonas, uma vez que ele chegou a mencionar a semelhança entre ele e Aline na forma de conviver com as famílias como uma das motivações para sua escolha como esposa. Sua convivência com ambas as famílias também demonstra o destaque dado às mesmas, pois, durante todos os períodos considerados, Jonas mencionou que costumavam visitar com frequência as duas famílias.

As percepções de Aline sobre as famílias de origem são, no geral, positivas. Entretanto, é interessante que ela mencionou algum incômodo com o excesso de participação da família de Jonas nos primeiros meses de casamento. Como, para ambos, as famílias de origem são muito importantes e participativas, Aline comentou em seguida que seu incômodo já havia passado e que estava tudo “*tranquilo*”. Talvez a percepção de Aline sobre a participação da família de Jonas tenha se modificado no sexto mês de casamento justamente porque ela percebeu que a mesma havia diminuído (“*a família de Jonas não é tão freqüente como a minha*”). Outro aspecto interessante é que, para Jonas, em nenhum momento houve alguma restrição à convivência com ambas as famílias e eles, inclusive, mostraram-se muito próximos e visitando com frequência as duas.

Com relação aos próprios pais como casais, eles têm opiniões diversas. Ele não considera seus pais como um modelo de casal, enquanto ela o faz. Neste

sentido, é interessante mencionar que Aline apenas tem a referência de seus pais como casal até seus 17 anos, quando houve o falecimento do pai, o que pode ter contribuído para uma relativa idealização da sua relação com todos, inclusive de casal. De qualquer forma, as famílias de origem parecem ser um referencial importante tanto para Jonas, quanto para Aline, sendo que para ele representam um modelo negativo e para ela, um modelo positivo de casal.

## **3.2 – Casal 2 - Fabiana e Emerson**

### **3.2.1 - Apresentação do caso**

No momento da primeira entrevista, Fabiana tinha 26 anos de idade e havia interrompido seus estudos superiores em função de uma recente cirurgia no quadril, que a impedia de locomover-se com agilidade. Sua religião é a católica e morava sozinha em Porto Alegre há dois anos, pois a família, composta por seu pai, sua mãe e um irmão mais novo, residia em uma cidade do interior do estado. Fabiana trabalhava como técnica de enfermagem também há dois anos. No momento da primeira entrevista, Emerson tinha 30 anos de idade e estava completando o nível superior na área de direito. Sua religião é a católica e ainda morava com os pais no momento anterior ao casamento, sendo o único filho do casal. Além de estudar, Emerson trabalhava como técnico de informática há sete anos e lecionava com professor de ensino médio no estado. Sua união com Fabiana seria formalizada através de casamento civil e religioso.

### **3.2.2 – Sentimentos e impressões do noivo**

#### *3.2.2.1 - A história da relação*

Eles se conheceram no transporte para a faculdade, onde tinham uma turma de colegas que conversava durante o trajeto. Havia uma amiga de Fabiana que gostava dele, o que, de acordo com suas palavras, despertou o interesse dela (*“nessa história de a amiga dela estar interessada, acabou despertando interessa nela”*). Segundo ele, ambos estavam namorando outras pessoas anteriormente e,

por coincidência, terminaram seus relacionamentos na mesma época. Este fato, associado à “ajuda” que ela prestava à amiga interessada nele, fez com que eles acabassem se interessando um pelo outro, como ele disse “*e acabou eu me interessando por ela e ela se interessando por mim*”.

Quando indagado sobre o que o atraiu em Fabiana, Emerson disse: “*O jeito dela (...) nós sempre estava em turma ali junto e aí o jeito dela começou a me chamar atenção, né*”. Eles começaram a namorar a partir de iniciativa dele (“*E aí, procurei ela na casa dela uma vez, fui numa segunda, pra conhecer mais dela, né, pra ver. E aí tudo fechou*”). O relacionamento transcorreu rapidamente, segundo sua fala: “*Então isso aí que foi a trajetória, né, e aí a gente começou a namorar e a coisa começou a ser rápida, tanto que nós estamos fazendo hoje, dia 13, um ano de namoro e já estamos com o casamento marcado, nós vamos casar no dia 1º do ano, então a coisa assim foi uma coisa rápida entre nós, porque se engrenou bem, fechou*”.

Emerson contou que, durante o período em que namoraram, costumavam fazer juntos “*muito poucas atividades, digamos assim, a gente saiu umas duas vezes, né, a gente via televisão junto, né*”. Ele explicou que a baixa frequência de suas saídas juntos se devia tanto ao fato de Fabiana ter sido submetida a cirurgias sérias na perna durante o período em questão (“*não teve tanto, porque ela teve essa cirurgia e ela teve essa cirurgia, antes disso, ela teve problemas pra caminhar, então dificultava pra sair*”), quanto ao fato de ele estar sobrecarregado profissionalmente.

Sobre as atividades que realizavam separados, Emerson comentou: “*(eu) andava de bicicleta, um monte, jogava futebol, né, fazia minhas caminhadas, adoro caminhar, e vivia grudado em cima dos livros. É mais tempo em cima dos livros*” e não mencionou as atividades de Fabiana.

A decisão de se casarem, segundo ele, “*foi dela*”. Ele contou que conversaram e ela tocou no assunto “*ela perguntou o que eu achava, o que eu achava daquilo tudo, de um casamento, essas coisas, e eu comentei que era o meu sonho e aí falei, disse o que era a minha idéia, que eu gostaria de botar em prática, né, como tudo que eu procuro falar eu procuro botar na prática, né procuro, ter os pés no*

*chão pra fazer e, nesse ponto, ela falou, ela me convidando pra casar, ela que pediu pra mim*". Ele disse, ainda, que concordou com a sugestão de Fabiana de se casarem *"E aí eu disse que, bah, de repente podia ser um pouco rápido, um pouco cedo, mas achei que não, de repente, a gente podia. Até, porque já tô com 30 anos, né, também não dá pra ficar enrolando muito, né, nada que enrole muito, até porque meu pai casou, ele tinha 40 anos, né, mas nós nos ajeitamos, tá tudo fechando, mas toda essa história partiu dela"*. Emerson também citou como motivador para a decisão de se casarem o fato de Fabiana ser como ele gostaria que fosse uma esposa: *"Até a mãe comenta que todas as minhas ex-namoradas eu dizia '10 anos pra casar, daqui a 10 anos', minha mãe perguntava e, de repente, com ela disse, virou 10 meses, né, que tu acha que é muito rápido, mas daí, porque, assim, tudo aquilo que eu sempre quis, que eu queria numa mulher, o jeito que tinha que ser"*. Além disso, escolheu Fabiana para ser sua esposa porque ela é compreensiva e respeita sua necessidade de ter tempo para realizar atividades individuais, o que as outras namoradas que teve não faziam (*"E ela sabe que eu preciso e ela entende, então ela aceita esse tempo que eu preciso, que outras não aceitavam, queriam que eu estivesse à disposição, mas, pô, eu preciso estudar, preciso tocar a minha vida. E isso fez uma coisa que cada vez me atrai mais nela, que ela entende que eu preciso desses tempos, que eu preciso, que eu tenho certas manias"*). Ele mencionou também as semelhanças entre eles como um fator motivador para a escolha: *"Aquela história de que os opostos se atraem, pra mim, é só na física... Fora isso, acho que não tem que ser oposto, acho que tem que ser igual, tem que ter os mesmos gostos, as mesmas vontades pra poder fazer as coisas juntos"*.

No momento da entrevista, Emerson contou que, como seu casamento seria celebrado na cidade natal de Fabiana, onde moram seus pais, a mãe dela estava participando bastante dos preparativos para o casamento. A maior parte dos custos do casamento estava sendo arcada pelo casal *"a gente só repassou algumas (verbas)"*, que também estava contando com algumas ajudas dos pais (*"Aí nossos pais, cada um vai ajudar um pouquinho e a gente, né"*). Segundo sua avaliação,

os preparativos não estavam causando nenhuma alteração na relação de Fabiana e Emerson, *“Até porque a gente não tá tão ocupado em cima disso”*.

Sobre as reações das famílias de origem de ambos à notícia do casamento, ele comentou *“Boa, todos gostaram. A reação foi boa de ambos os lados, por todos os lados”*.

### 3.2.2.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

Segundo sua avaliação na entrevista anterior ao casamento, a relação do casal estava *“Boa, tranqüila. Eu acho que a coisa tá muito bem”*. Além disso, ele enfatizou o fato de que ambos gostam de estar juntos *“a gente quer estar junto, um perto do outro”*. Desta forma, Emerson referiu que a relação do casal estava satisfazendo as suas expectativas *“bastante”*.

Os pontos fortes da relação mencionados por ele foram: *“o tesão, né, tesão não é a palavra exata pra dizer, é aquela vontade de um estar perto do outro, de a gente gostar de estar junto, de a gente se sentir bem junto”* e *“o companheirismo é um ponto forte”*.

Quando indagado sobre os pontos fracos de sua relação, Emerson respondeu: *“Hoje, no momento, acho que nenhum”* e em seguida citou a dificuldade física de Fabiana como um ponto fraco porque *“a gente fica muito monótono por não poder fazer outras coisas... Por mim, eu ia estar na rua, passeando com ela, viajando, fazendo, vendo algum lugar diferente, mas ela não pode, ela precisa estar de repouso”*.

Sobre quais os temas que mais entravam em conflitos, ele mencionou que não sabia, porque *“até agora, não teve nenhum”*.

As atividades que costumavam realizar juntos eram almoçar, quando podiam, e jantar. Procuravam ficar juntos durante as refeições. Além disso, procuravam estar juntos nas atividades rotineiras de cada um (*“Quando ela tá no computador, às vezes, eu tô sempre junto. Posso não estar fazendo nada, mas eu tô do lado junto vendo ela jogar, né, ela tá jogando no computador, eu tô ali junto. Às vezes,*



*eu pego a bicicleta ergométrica que tem e ela, enquanto ela tá no computador jogando, eu tô pedalando na bicicleta, fazendo meus exercícios, mas eu tô junto ali com a bicicleta do lado dela na frente do computador pra, mesmo que estamos em duas atividades totalmente diferentes, a gente tá junto, tá perto um do outro, né, porque a gente pode conversar, pode falar”).*

Separados, Emerson mencionou que costumava ler e que Fabiana ocupava-se da organização de seu apartamento

Antes do casamento, quando indagado sobre como descreveria um bom casamento, Emerson disse: *“Através dessa troca, desse aprendizado e através de tu poder entender, saber que tu não tá mais sozinho, que tu não é prioridade pra tudo, né, e que, a partir de agora, tu tem mais uma pessoa e que ambos têm direitos e muitos deveres, entendeu, e, nesse ponto, e é a parte mais difícil, tu saber entender isso aí, eu acho que isso é o mais complicado, tanto que hoje há muitas separações, porque as pessoas se juntam e cada um quer viver o seu”*.

Um mau casamento foi descrito como: *“É cada um querer ser o seu, viver o seu e não se preocupar com o outro, tá preocupado é por si e acabar perdendo aquele respeito, aquele ponto de tu saber, pô, tu tem compromisso com alguém, tem que estar junto. Claro, há liberdade, ela tem o dia que vai no chá dela e eu vou no futebol com meus amigos, tudo bem, mas isso não pode virar uma constante de toda hora eu estar lá no futebol e, pô, deixar ela sozinha em casa (...) Nós, assim, ela não é minha empregada, é minha esposa. Ao mesmo tempo que ela vai limpar alguma coisa na casa, eu também tenho que ajudar, não só sujar pra ela limpar”*.

Sobre seus pais como casal, ele disse que não eram um modelo e acrescentou: *“tão acostumados um com o outro, vivem na deles assim, cada um na sua e não me servem como modelo. Eu acho que tem que ter mais amor, carinho, mais afeto entre eles, não é aquela coisa assim ‘eu aqui, tu ali’, eu acho que tem que ser os dois, não um só. Não me servem como exemplo, até serve como exemplo assim de como fazer o contrário, né, é um bom espelhamento pra esse ponto”*.

Sobre a existência de algum modelo de casal Emerson falou que não acreditava que existisse um modelo único: *“eu não acredito que existe assim um modelo. Eu acho que todos são modelos: uns do que é certo e uns do que é errado. Eu acho que a gente tem que aprender com a experiência de cada um, com um pouco de cada um (...) Então eu não tiro um casal como exemplo, até porque não existe casal perfeito, mas a gente ir pegando um pouco de cada um pra tentar chegar a esse perfeito”*.

No 1º mês de casamento:

No primeiro mês após o casamento, Emerson contou que a relação de casal estava *“boa”* e mencionou como conseqüências positivas de seu casamento as mudanças por que as famílias de origem dos dois passaram (*“constatamos mudanças nas famílias, com relação aos meus pais e com relação aos pais dela. Os pais dela, a mãe dela ia sozinha pro aniversário, o pai nunca ia, agora tá indo junto. Meus pais não eram muito de sair de casa, agora saíram e fizeram programa final de semana”*). Além disso, ele mencionou que a relação de casal estava sendo *“tranqüila”* e que não acreditava que as coisas piorariam no futuro como diziam alguns conhecidos seus. Ele descreve sua relação: *“Eu vejo que a coisa começou com um clima bom, onde um tá ajudando o outro, onde um faz parceria pro outro”*. Ele percebia mudanças na relação após o casamento pois *“mudou no sentido de a gente se sentir mais próximo (...) Outro dia, ela disse ‘Ah, porque tu não vai jantar enquanto eu fico aqui?’ e eu ‘Vai comigo pra cozinha, faz uma coisa na cozinha’. Ela levantou, foi e até brincou comigo ‘Pô, mas tu não consegue mais jantar sozinho (...) agora, porque casou, tu não quer mais jantar sozinho”*.

Neste momento a relação estava satisfazendo as expectativas de Emerson, que inclusive mencionou: *“se eu soubesse que ia ser assim, que a coisa ia engrenar desse jeito, que tanto eu quanto ela ia ter essa desenvoltura e essa vontade, eu tinha casado antes (...) Tá satisfazendo 100%”*.

Os pontos fortes mencionados foram: *“a parceria que a gente tem tanto dentro da cama quanto fora dela, né, nós somos parceiros”*; *“o fato de a gente*

*querer estar sempre junto um do outro, um estar perto do outro”; “um colaborar com o outro”; “a amizade que a gente tem” e “o carinho um pelo outro”.*

Emerson não citou nenhum ponto fraco da relação e disse *“eu não vejo, assim, uma coisa que esteja ruim”* e lembrou que um ponto fraco poderia ser o fato de Fabiana ter que viajar com muita frequência à trabalho (*“a gente sente falta de poder estar perto, de poder deitar de noite e olhar pro lado e, cadê, não encontro ninguém, só o travesseiro vazio”*).

O casal, segundo ele, *“nunca brigou”* e, desta forma, ele não soube mencionar os motivos de conflito entre eles.

Sobre a vida sexual do casal, ele considerou que *“melhorou”* e que *“tá cada vez melhor. Até eu tô me impressionando comigo”*. Ele explicou a melhora em função de estarem mais à vontade com a própria sexualidade após o casamento (*“a gente, pela educação que teve, tá, tudo bem, acontecia antes, mas sempre aquela coisa, a educação nossa não foi feita pra ser assim, mas acontecia (sexo). Agora não. Agora tá... Agora não tem aquele bloqueio, digamos, aquela coisa de ‘ah, tu não deveria fazer’. Agora, não. Tu deve fazer, tu faz”*).

As atividades que costumavam fazer juntos como casal eram *“ver televisão”*; *“jantar juntos”* e, quando estão em casa, procuram estar juntos e fazem algumas atividades de organização da casa juntos. Separados, ele mencionou que costumava ler e que ela não gostava de ler.

Estavam *“apertando os cintos”*, segundo seu entendimento, em relação às finanças. Ele contou: *“a gente procura viver dentro das possibilidades (...)ela paga o apartamento e eu pago água, luz, condomínio, telefone o diabo a quatro”*). A organização da casa estava sendo feita por eles dois e por uma faxineira que, quinzenalmente, os ajuda com a limpeza *“grossa”*.

A relação com a família de origem dele estava *“boa”* e ele contou: *“Falo com os meus pais quase todos os dias, assim, pelo telefone. Bate saudade. Bate saudade deles também (...) E, ao mesmo tempo, eu vejo, assim, que eu orgulho eles, porque, pô, o filho cresceu, o filho tá fazendo isso, meu filho tá desenvolvendo... Então isso é muito bom”*.

A relação com a família de origem da Fabiana também foi caracterizada como “*muito boa*” e Emerson contou que os sogros eram muito legais, destacando que “*o pai dela é um amor de pessoa, é uma maravilha, adoro ele*”.

Sobre a relação de ambos, como casal, com as famílias, Emerson contou que a família da Fabiana tem “*o problema da distância*” e que a sogra é quem costuma visitá-los com mais frequência pois está com problemas de saúde e vem a Porto Alegre para fazer exames e consultas periodicamente. A relação do casal com a família de Emerson estava sendo “*muito mais freqüente, eles são mais próximos*” e o casal costumava se encontrar com alguns casais de primos dele para sair, além de efetuar visitas aos pais dele.

Sobre como descreveria um bom casamento, Emerson falou: “*O funcionamento de um bom casamento seria nesse ponto de cada um saber que tem a hora de estar junto, a hora pra estar separado, e que cada um tem sua vida e seu particular ainda e sempre vai ter. Não tem como tu viver pra pessoa, tu tem também que resolver a tua vida. E tem que ter uma parceria, um apoio grande entra cada um deles, onde cada um cede um pouquinho e procuram ser compreensivos, entender o lado da pessoa, como a pessoa também tem que entender esse lado e poder trabalhar junto*”.

Um mau casamento para Emerson, no primeiro mês de seu casamento, era: “*Um mau casamento é falta de interesse, são as brigas, são tu querer casar e continuar vivendo tua vida individual sem pensar naqueles momentos que tu tá com a outra pessoa, tu ser egoísta, tu querer tudo pra ti e não querer dividir, tu achar que ‘pô, se eu trabalhar, trabalhar e botar dinheiro, botar comida em casa, vai estar tudo bem’. Não, não é bem assim, né. A pessoa também acaba tendo seus sentimentos. E eu vejo um motivo de, muitas vezes, as traições vêm por causa disso, porque a pessoa não sente um interesse da outra pessoa!*”.

No 6º mês de casamento:

No sexto mês de casamento, Emerson avaliou sua relação como “*muito boa, né, tá tranqüilo, assim*”. Ele acrescentou: “*Digamos assim, cada dia que passa, cada mês que tem passado, a gente tá curtindo juntos, estamos*

*aproveitando juntos (...) A gente tá sendo parceiro pra tudo” e “a gente acaba trocando idéias e montando e crescendo junto e isso, acho que estes últimos meses da nossa relação têm sido bons por causa disso” e salientou as semelhanças entre eles como positivas (“tá cada vez melhor, porque, cada vez, a gente tá galgando passos, galgando juntos, sem brigas, sem discussão, sem um querer uma coisa e o outro querer outra”). Desta forma, ele considerou que a relação estava satisfazendo suas expectativas.*

Como pontos fortes da relação, ele mencionou as semelhanças entre eles (*“esse fato de a gente gostar, mais ou menos, das mesmas coisas, então os dois olham juntos e caminham juntos, isso é um ponto muito forte, isso é um ponto, assim, que eu acho que é o principal, pelos dois olharem sempre na mesma direção”*) e também o fato de terem uma integração em vários aspectos, inclusive o sexual (*“a gente se dá bem tanto dentro quanto fora da cama”*) e a vontade de estarem sempre juntos (*“a gente quer estar junto, que estar perto, quer fazer as coisas juntos, quer montar tudo juntos, então é um outro ponto forte”*).

O ponto fraco que Emerson mencionou não estava vinculado à sua relação de casal, mas às diferenças de ritmo entre ambos: *“eu sou muito rueiro e ela é mais caseira. Então, às vezes, a vontade que eu tenho é de sair pra cá e pra lá e ela quer ficar em casa, mas isso aí a gente consegue ajeitar. A gente sempre consegue...”*.

Emerson considerou que não havia motivos de conflitos no casal, pois nunca haviam brigado (*“nunca briguei com ela, nunca discuti”*).

A vida sexual do casal *“melhorou”* segundo seu entendimento, pois *“nós dois (estamos) um mais tarado pelo outro! Tá muito boa”*.

O casal costumava assistir televisão, ir ao teatro, viajar e realizar atividades de organização da casa juntos. Ele mencionou apenas o trabalho e a leitura como atividades realizadas separadamente.

As finanças estavam sendo *“bem”* administradas segundo seu entendimento. Eles costumam dividir as contas, apesar de cada um ter seu dinheiro separado (*“ela paga uma coisa, na outra, eu pago (...) Não existe uma regra fixa, não existe um padrão. Conforme a situação, a gente vai indo”*). A

organização da casa também é dividida entre eles, que também contam com o auxílio de uma faxineira quinzenalmente.

A relação de Emerson com sua família de origem foi considerada “*boa, tranqüila...*”. Ele contou também que costuma visitar a família semanalmente e que fala freqüentemente por telefone com os pais. Emerson mencionou que os pais de Fabiana costumam fazer todas as suas vontades quando eles os visitam (“*eu vou lá na casa do meu sogro, meu sogro vai lá na feira, sabe que eu gosto muito de frutas, ele compra as maiores e as melhores pra mim. Cerveja, tipo assim, eu terminei, ele já vai lá e abre outra da mais gelada da marca que eu gosto. Eu sou tratado melhor do que os filhos (...) sou tratado que nem um bebezinho. tranqüilo... Sou mimado até não poder mais*”).

A relação dos dois, como casal, com as famílias de origem estava “*boa, tranqüila*”. Eles costumam visitar mais a família dele, que mora na mesma cidade, mas eventualmente recebem a visita da mãe de Fabiana ou visitam os pais dela no interior.

Nos seis meses de casamento, Emerson descreveu um bom casamento da seguinte forma: “*Esse negócio, a parceria, tipo de serem parceiros um do outro, de gostar de estarem juntos. Esse fato de, em casa, cada um tem suas tarefas, cada um vai ajudando o outro (...) Procurar estar sempre olhando juntos no mesmo caminho, sempre apoiando. Claro, pode ter divergências, não é obrigado a estar sempre os dois olhando na mesma direção, né, mas procurar, pra poderem trilhar juntos, poder seguir o caminho, aquela coisa (...) Tu procurar estar sempre junto. Além do que, pô, aquele chamego, aquele carinho, sempre é bem vindo. Pô, aquela coisa, que nem a Fabiana sempre comenta, né, eu sou também..., eu não comento, mas eu aprendi muito tempo isso, assim, a porta de casa é a porta onde termina, onde vai os teus problemas. Eles têm que ir até a porta de casa (...) É um problema da rua. Eu não posso envolver a casa, então deixo eles sempre na porta. E, dentro de casa, então, procurar ter toda essa harmonia, todo esse clima, toda essa convivência de estarem juntos, de participar, de ser carinhoso, de serem amigos, né*”.

Ao descrever um mau casamento, ele mencionou: *“Essa falta de parceria, essa falta de união, essa falta (...) Pô, cada um num canto da casa, pra quê? Vão sentar juntos(...) (um mau casamento) é tu querer ignorar, tu querer não ser mais amigo, tu não querer estar perto, tu não querer participar, achar que só tem que fazer carinho quando tá na cama e não quando tu tá fora. Tu achar que ela é tua empregada. Ela não é tua empregada. Ela é tua esposa”*.

No 12º mês de casamento:

Na entrevista de doze meses de casamento, Emerson descreve que ele e Fabiana são *“muito igual, então tudo torna mais fácil, tudo torna mais simples”*. Segundo ele. *“tudo combina”* e concordam bastante em diversos aspectos (*“porque a gente concorda, a gente tem, mais ou menos, a mesma opinião, então fica mais fácil pros dois decidirem no mesmo caminho e não ficar duvidando”*). Além disso, ele falou que *“o convívio tem sido bom”* e que a relação *“até melhorou”*, pois sempre que podem fazem atividades juntos. Citou como uma das dificuldades entre eles a diferença de ritmos: *“o que é ainda um pouco difícil é que ela é muito caseira e eu sou muito rueiro”*. Apesar disto, menciona também que são muito preocupados um com o outro e que a relação está satisfazendo *“bastante”* as suas expectativas.

Os pontos fortes da relação referidos por Emerson foram as semelhanças (*“o fato da gente ter bastantes coisas em comum, então torna isso mais fácil”*) e a capacidade de fazerem atividades juntos (*“esse fato de a gente poder acabar tendo muita coisa em comum junto torna mais fácil, porque um decide, o outro acaba gostando e os dois fazem por vontade”*). Inicialmente, ele não soube dizer quais seriam os pontos fracos da relação, mas depois lembrou o fato de Fabiana ser *“ciumenta exagerada”*, o que não vira briga.

O casal, segundo ele, não tem conflitos, mas *“o que a gente faz hoje são debates, mas são debates com aquele ponto, assim, ó, ela faz o papel como se fosse uma promotora de justiça e eu o advogado de defesa, então a gente fica nesse contraponto, que fica debatendo, que também acaba sendo útil pra minha futura profissão, né, já que eu faço faculdade de Direito. Eu já tô até treinando,*

*porque eu tenho que tentar provar uma coisa e ela quer provar outra, mas são apenas nesses momentos pra tentar chegar numa posição, que, muitas vezes também, a gente acaba não chegando*". Mas ele contou que os "debates" não se transformam em discussão, pois "*nunca teve nada mais sério*".

A sexualidade estava sendo "*boa, tranqüila*". Ele falou: "*a gente se curte, a gente se aproveita. É aquele momento que tá só nós dois, então a gente tá ali. É um momento mágico nosso. A gente aproveita bastante. A gente não tem preocupação*".

As atividades que faziam juntos, como casal, neste momento eram: ver televisão, atividades da casa, ("*a louça, ela lava, eu seco*"), "*tomar chimarrão junto*", fazer "*passaios*". Separados, ele citou: "*Separados, às vezes, ela tá aqui vendo novela e eu estou trabalhando no computador, eu estou mexendo em alguma coisa no computador, ou, quando eu estou estudando, aí eu fico mais reservado, né?*".

Quando perguntado sobre como estava sendo a administração das finanças, ele falou: "*é simples: a gente divide*". Sobre a organização da casa, ele lembrou que contam com uma faxineira quinzenalmente e que tanto ele quanto Fabiana assumem as demais atividades.

Sobre a relação com sua família de origem, ele comentou que os pais estavam começando a se acostumar a fazer visitas a eles. Falou que seu pai tenta aproveitar ao máximo as ocasiões em que estão juntos e que a mãe também, mas "*a mãe não gosta de demonstrar sentimentos*".

Sua relação com a família de Fabiana foi descrita como boa e ele mencionou: "*meus sogros são uns pais pra mim, são uns amores, eles me mimam*".

O casal costuma visitar os pais de Emerson com frequência "*porque são aqui e é perto, então a gente faz muita visita*". Já os pais dela não são visitados com tanta assiduidade, "*até porque são longe, fica caro pra ter que ir só um sábado e um domingo*".

Aos doze meses de casamento, Emerson descreveu um bom casamento como: "*começar primeiro pelo amor um pelo outro, o fato do companheirismo,*



*da parceria um pelo outro (...) sabendo dosar um pouco seus gostos, suas opiniões, negociando, e o outro também, pra que não haja briga. E, pra onde um vai, o outro também tem que estar ajudando, tem que estar junto, não ser totalmente oposto”.*

Um mau casamento, por outro lado, foi descrito da seguinte forma: *“Um mau casamento passa, assim, pelo ponto do egoísmo. Tu pensa só em ti. Não pensa nas outras pessoas. Tu não quer dar apoio. Tu ainda que viver como se estivesse solteiro, entendeu? Ou tu trata a própria outra pessoa como se fosse uma empregada. Isso não tem, né. Não é assim que a coisa funciona. Ou tu quer fazer tudo que é teu e não quer dar bola pro outro”.*

### 3.2.2.3 - O futuro

#### Antes do casamento:

Quando questionado sobre suas expectativas acerca da relação de casal no futuro, Emerson mostrou-se otimista (“*Vejo boas*”) e atribuiu isso ao fato de terem gostos semelhantes (“*Vejo bastantes coisas boas pelo fato de a gente gostar, digamos, das mesmas coisas*”). Ele descreveu sua expectativa de que a vida de casado fosse *“uma constante troca, um constante aprendizado, porque tu acaba te aprendendo e te conhecendo até melhor (...) tu tem com uma outra pessoa junto do teu lado, não que tu deva satisfação, mas que tu tem que te preocupar e a pessoa também é preocupada contigo e essa preocupação torna que tu tem que passar uma satisfação pra ela, né”*. Ele também acreditava que o casamento traria muitas mudanças na relação deles, tais como se verem com mais frequência (*“Hoje, a gente se vê final de semana, estamos juntos, mas a gente vai passar a viver juntos, passar a morar juntos, então vai mudar muita coisa com relação ao fato de nós dois estar se vendo (...) Vamos, todo dia, dormir junto levantar, vamos sair, vamos voltar pra casa, quer dizer, esse contato mútuo vai acabar ocasionando uma mudança”*).

As suas expectativas com relação a organização financeira após o casamento eram de que ambos fossem ser *“tri mão fechada”* e de que

priorizariam as despesas fixas para sustentar sua casa (*“primeiro tem que ver as despesas de casa, nossos gastos, nossos controles e, a partir daí, se sobrar verba, se tiver condições, então tá, posso gastar numa besteira minha, um curso meu, alguma coisa, né, então tem que ter um controle”*).

*Sobre como esperava organizar a casa depois do casamento ele se descreveu como “muito chato”* pois gostava das coisas muito organizadas e que Fabiana não era diferente a si. Acreditava, porém, que a falta de tempo seria uma dificuldade para manterem a casa organizada.

Sobre as atividades que pretendia que fizessem juntos depois do casamento, ele falou *“passear, sair, viajar, ver algum filme, sentar, conversar entre nós, trocar idéias, né, entre outras atividades”*. As atividades que fariam separados seriam seus “estudos” e os programas dela com amigas (*“Quando ela vai pro chá, vai com as amigas, alguma coisa, não precisa ir junto, até nem quero ir junto mesmo”*).

#### No 1º mês de casamento:

No primeiro mês de casamento, Emerson disse que imaginavam, dentro de um período de três anos *“mais ou menos”* ter filhos. Além disso, tinha expectativas otimistas sobre sua relação pois *“a coisa começou bem e eu vejo nos dois sempre a vontade de continuar bem, então a coisa tende a ir muito bem”*. Sobre as mudanças que esperava que acontecessem até a próxima entrevista, ele mencionou que *“o que vai mudar é que vai ser muito mais experiência junto, a gente vai ter mais experiência, a gente vai ter aproveitado muito mais”*. As atividades que pretendia fazer junto com Fabiana no futuro eram relativas a lazer e diziam respeito a viagens e passeios. Separadamente, mencionou que pretendia que trabalhassem.

#### No 6º mês de casamento:

Quando indagado sobre suas expectativas para o futuro, Emerson mencionou os seus projetos profissionais, com relação aos quais Fabiana lhe dava muito apoio. Além disso, menciona que pretende *“curtir”* a relação de casal e o

casamento por um período de “*mais uns três anos*” antes de terem filhos. Emerson também mencionou que gostaria de ajudar Fabiana a escolher uma carreira e citou o plano de comprarem uma casa. Sobre a relação, ele falou: “*se continuar nesse ritmo, nesse jeito, que é o que a gente tá se esforçando pra que continue, vai ser cada vez melhor, porque estão os dois na mesma direção, nós dois sendo parceiros, nós dois unidos. Nós dois buscando cada vez mais uma integração entre nós dois. Isso é o que importa: nós dois estarmos cada vez mais juntos*”.

Emerson pretendia realizar “*todas*” as atividades juntamente com Fabiana, “*pra ficar trocando carinhos, pra ficar conversando, ficar trocando as idéias*”. Separados, Emerson pretendia que trabalhassem, estudassem, assistissem a programas de televisão que apenas um gosta e fizessem atividades sociais com os colegas de trabalho.

No 12º mês de casamento:

Aos doze meses de casamento, Emerson comentou que acreditava, sobre a relação de casal, que “*a tendência é estar cada vez melhor (...) eu vejo só a tendência a cada vez mais melhorar, por isso que a gente tá construindo o nosso companheirismo, a nossa amizade, o nosso amor, então a tendência é melhorar, porque a gente procura construir isso*”. Falou que pretendiam ter filhos em um ano e meio, aproximadamente.

Sobre as atividades que Emerson pretendia que fizessem juntos no futuro, ele disse: “*continuar o que a gente faz, ou seja, curtindo nós dois juntos naquele momento só nós entre quatro paredes, curtindo aquele momento que a gente está aqui juntos na frente de uma televisão, né (...)cada um fazendo uma atividade diferente, mas juntos*”. Ele também citou: “*continuar fazendo nossas viagens, nossos passeios, circular por aí até pra ver gente nova, ares novos, tudo mais, lugares bonitos, né. E essa coisa, esse companheirismo de continuar um apoiando o outro pros dois crescerem sempre juntos*”. Separados, ele mencionou o trabalho e alguma atividade ligada a intenção de fazer uma surpresa ao outro. Também falou: “*de repente, algumas coisas, tipo, assim, essa semana, eu vou ter uma*

*sexta-feira que eu vou encontrar uns amigos num bar que é pra comer um pedaço de costela e tomar uma cervejinha, pra falar besteira, pra falar de futebol, então eu vou fazer separado dela. Não tem porquê ela ir lá pra ouvir isso aí”.*

### **3.2.3 - Sentimentos e impressões da noiva**

#### *3.2.3.1 - A história da relação*

Segundo o relato de Fabiana, ela e Emerson conheceram-se “no transporte da faculdade”, pois costumavam usar “a mesma van”. Ela contou que “ele tinha namorada” quando se conheceram e uma colega sua “era apaixonada por ele, aí (ela) vivia procurando ele”. Fabiana também tinha namorado nesta época. A amiga de Fabiana que gostava de Emerson “enchia o saco nos intervalos pra correr, pra saber onde ele tava e eu tinha que ir no bar com ela procurando ele, eu tinha que ir na cancha de esportes, na biblioteca, tinha que ir tudo com ela pra procurar ele”. Houve um dia, porém, em que estavam com um grupo de amigos e ele deu a mão para ela e pagou uma bebida apenas para ela. Algum tempo depois, Emerson telefonou para Fabiana e perguntou se poderia passar em sua casa para vê-la. Ela contou: “conversamos, acho que assim 5 minutos, aí quando a gente, quando eu fui dar tchau pra ele, aconteceu que a gente deu o primeiro beijo”. Ele ligou para Fabiana no dia seguinte perguntando se podia passar em sua casa novamente. Segundo ela: “aí, a gente acabou, depois, a gente ficou de novo juntos e, no sábado, eu tinha aula de manhã e ele também tinha aula. Eu disse pra ele ‘tá, então vamos fazer assim, ó, eu moro perto da tua casa, eu te pego e a gente vai pra aula”. Nesta época, ambos estavam terminando seus relacionamentos e segundo ela “a coincidência foi muito grande”. A amiga de Fabiana ainda gostava de Emerson e estava decidida e se declarar para ele. Fabiana enviou uma mensagem telefônica para Emerson em que dizia “A Marisa (amiga que gostava de Emerson) me disse que vai te agarrar hoje à noite, tu não deixa.”. Ele, no dia seguinte, mandou uma resposta para Fabiana em que dizia: “Não aconteceu nada, mas eu também não entendi”. Segundo ela, começaram a namorar nesta época: “foi rápido assim, foi do dia do lanche pra cá, até hoje”.

Quando indagada a respeito do que chamou mais atenção em Emerson, Fabiana falou: *“Ah, não sei te dizer, porque a coisa foi tão rápida, não sei mesmo, porque, se tu me perguntar como que ele era na van, se ele brincava, se ele não brincava, eu não me lembro de nada”*. Ela contou que não prestava atenção nele, porque tinha namorado. Sobre o primeiro dia em que ficaram juntos, ela contou: *“Não levou nem 5 minutos ali, porque eu descí, eu tava atrasada pra ir para o trabalho e aí ele foi me dar tchau, acabou a gente dando um beijo. Também não me lembro que roupa ele tava, o que tinha na volta, eu não me lembro de nada”*.

No período de namoro, as atividades que costumavam fazer juntos eram: *“A gente saía todos os domingos pra..., porque eu não sou aqui de Porto Alegre, eu era de Passo Fundo, então ele me levava pra conhecer um monte de lugares: aqueles morros, aquelas vistas, aquelas coisas...”*. Como ela teve que se submeter a uma cirurgia na perna, não podiam fazer programas muito agitados, mas procuravam *“passear em shopping, ir ao teatro...”* e *“se é fim de semana assim, encontro de família que a gente faz de grupos de casais”*. Separados, não costumavam fazer nada, pois trabalhavam muito.

A decisão de casar foi tomada quando estavam completando quase um mês de namoro: *“Nós távamos com..., não tinha um mês de namoro, ele perguntou se eu queria casar com ele. Aí, eu disse assim ‘casar? Tá, tudo bem, mas quando é que tu quer casar comigo?’*. Segundo Fabiana, Emerson respondeu que gostaria de casar dentro de um ano. Começaram a pensar em uma data e, desde então, planejaram que casariam no dia 25 de julho do ano seguinte.

Quando indagada sobre o que a levou a escolher o Emerson pra casar, Fabiana respondeu: *“Não sei, acho que foi amor à primeira vista. Não, à primeira não, mas à longa vista, porque eu via um monte, mas... um dia deu, porque eu acho que foi aquele dia que eu notei que ele existia ali, né, porque antes era só mais um corpo dentro do carro”*.

Como o casamento seria celebrado em Passo Fundo (cidade natal de Fabiana e onde seus pais residiam até então), a mãe de Fabiana estava participando dos preparativos. Apesar disso, o casal estava tentando, dentro do possível, participar.

Os custos do casamento estão sendo pagos pelo casal. Neste momento, Fabiana considerava que os preparativos não estavam provocando mudanças em sua relação com Emerson.

Fabiana acreditava que para ambas as famílias de origem havia sido “surpresa” a notícia do casamento. Ela disse: “*a maior surpresa acho que partiu do lado dos pais dele, porque ainda ele sempre mexia, quando ele arrumava uma namorada, ‘ah, daqui uns 10 anos, eu caso’ e nós tava com um mês de namoro e ‘ah, vamos casar o ano que vem’. A mãe dele disse ‘Ah, mas como 10 anos passa rápido’*”. Ela achava que os sogros haviam gostado da decisão e aprovado o casamento. A família de Fabiana também aprovava o casamento e ela, inclusive, acrescentou: “*Meu pai é apaixonado por ele, gosta dele, faz tudo por ele, independente de ver..., viu ele acho que umas três ou quatro vezes só e liga pra cá, fala com ele*”.

### 3.2.3.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

Fabiana, ao avaliar sua relação de casal, disse o seguinte: “*Eu acho que, pelo menos pra mim, que vivia sozinha, né, é bem interessante e eu não consigo ficar um fim de semana já longe (...) eu espero ele pra fazer as coisas comigo (...) eu fiquei muito dependente, fiquei muito dependente dele*”. Ela considerava que a relação estava satisfazendo suas expectativas, mas mencionou: “*eu acho que até eu tô muito dependente dele, chega até a dar medo, sabe, eu já falei isso pra ele (...) a coisa aconteceu tudo muito rápido, né, então tu sempre fica com aquela coisa ‘será que eu não tô sonhando?’, ‘será que eu vou acordar, vou cair da cama, vou ver, não tem nada disso?’*”. Ela avaliou a relação em seguida: “*Eu acho bom demais e eu tô me tornando muito dependente dele, então eu acho, assim, que eu tenho medo, eu já falei pra ele, eu tenho medo de estar sonhando, acordar, cair da cama e, quando eu ver, acabou*”.

Neste momento, anterior ao casamento, Fabiana falou sobre os pontos fortes da relação do casal: “*ponto forte, acho que tudo é forte, não sei te dar um ponto,*

*assim, uma coisa, porque, aquele tempo que a gente está, tudo a gente tá..., vive, aquele momento é intenso pra nós como se fosse o único, sabe*". Fabiana também mencionou que gostava do fato de Emerson a estimular a sair de casa, pois ela se considerava "muito caseira". Além disso, Emerson conseguia distraí-la e diverti-la: *"por mais pra baixo que tu esteja, ele acaba fazendo tu rir e acaba... Ele é bem extrovertido, né, eu já não sou tanto assim. Ele sempre tem um programa, uma idéia"*.

Quando indagada a respeito de quais seriam os pontos fracos da relação, ela disse que não sabia que havia algum. Depois de pensar por um momento, citou a falta de tempo para estarem juntos como um ponto fraco.

Fabiana disse também que não havia conflito entre eles, pois disse *"nunca discutimos, nunca fizemos nada, nunca brigamos"*.

Nesta fase de sua relação, procuravam fazer juntos *"a maioria das coisas"*. Separados, *"só trabalhar e acho que mais nada, porque a gente tá sempre junto..."*.

Antes do casamento, quando indagada a respeito de como seria um bom casamento, Fabiana falou: *"Eu acho que de um bom casamento é aquela coisa, assim: um saber respeitar o espaço do outro e saber respeitar os momentos, né, porque hoje tu tá com uma dificuldade e o outro não quer saber daquilo ali, quer viver a vida dele ou quer que tu faça alguma coisa, então eu acho que, assim, ó, tentar saber separar problemas pessoais de particular, eu sempre gostei disso aí"*.

Por outro lado, um mau casamento segundo Fabiana seria: *"um mau casamento é aquela coisa assim, ó, tu saber que a pessoa também, como tudo, tem limites, né, e tentar invadir aqueles limites, tentar ultrapassar aqueles limites, falta de respeito, acho a questão..., falta de consideração ou questão de obrigação, 'porque tu casou comigo, tu tem o dever de fazer tal coisa'. Eu acho que já foi o tempo que a figura mulher era obrigada a..., tava à disposição 24 horas do marido pra fazer tudo, entendeu, só que eu acho que, hoje em dia, a figura mulher bate, assim, pra competir com qualquer homem que tem por aí, tem todas as responsabilidades que muitos homens também têm, então eu acho que,*

*pelo fato de ser mulher, eu não tenho obrigação de chegar em casa e estar tudo prontinho, bonitinho e cheirosinho à livre disposição dele pra fazer isso ‘ah, já vou’, eu acho que não é isso (...) Pra mim, isso aí é um mau casamento, que ainda tem a figura da mulher como uma empregada de casa, como uma escrava, entendeu”.*

Sobre seus pais como casal, ela mencionou: *“A trancos e barrancos, tão há 37 anos casados, eu acho, não, 37..., 30 e poucos anos... eles não são um modelo de casal pra mim, porque meu pai sempre trabalhou e minha mãe sempre cuidou da casa, né, então isso é uma coisa que eu não queria pra mim, pelo fato de ele chegar e estar tudo prontinho, tudo arrumadinho, tudo bonitinho”.*

Seu modelo de casal são seus padrinhos: *“Eu não posso te dizer que seja 100% modelo, que eu queria conviver eternamente como..., mas os meus padrinhos eles se dão super bem (...) Só que também é aquela coisa, meu padrinho é extremamente dependente da minha madrinha. Se ela disser, acho que, ‘se atira’, ele vai e se atira. Ela também é dependente dele, não vai a nenhum lado que ele não possa ir (...) e onde eles estão juntos, eles curtem aquele momento também como se fosse o único pra eles, né, tentam fazer tudo o que podem juntos e eles largam qualquer coisa que tiver que fazer agora pra sair os dois, pra aproveitar os dois. A casa vai cair, que caia a casa, mas eu só tenho agora pra estar com ela, então eu vou sair com ela”.*

#### No 1º mês de casamento:

Quando participou da entrevista de um mês de casamento, Fabiana disse que sua relação de casal havia mudado *“bastante, porque nós não tínhamos muito contato, era só fim de semana que eu via ele”.* Ela acrescentou: *“Agora, tem aquela apreensão de chegar em casa e esperar o outro, então isso, até agora, tá sendo gostoso”.* Ela caracteriza esta fase do casamento como *“tá sendo legal, mas é bem diferente”.* A relação estava satisfazendo as suas expectativas, pois ela disse: *“é bem o que eu esperava, imaginava mesmo”.* Ela também descreveu a relação de casal da seguinte forma: *“a gente é super companheiro, super compreensivo e a gente tenta aproveitar o máximo que pode juntos”.*



Os pontos fortes da relação de casal mencionados por ela foram: *“Eu acho que é sentimento mesmo, assim, que um sente pelo outro, assim, né. A falta, um sente muita falta do outro quando... A gente já se acostumou, eu acho, os dois, que, se eu vou comer alguma coisa e ele não tá ali, eu já sinto diferença pra comer”*. Ela disse também que não havia pontos fracos, *“só a falta de tempo que a gente tem pra estar junto, mas, quando nós estamos juntos, eu acho que não tem nada de ponto fraco”*. Até este período, não haviam tido ainda nenhum conflito.

Sobre a vida sexual do casal, ela disse: *“Ai, eu acho que mudou também (...) não sei te dizer como mudou, porque, como nós só nos víamos fim de semana, então a gente aproveitava o fim de semana o máximo. O fim de semana, pra nós, era muito bom. Então, agora, eu acho que a gente consegue dividir aquele fim de semana durante a semana inteira, mas não é rotina, não é a mesma coisa. Cada dia é diferente. Então cada dia tem sido melhor, sabe”*.

As atividades que estavam realizando juntos eram passeios com os primos e a família de Emerson e viagens (*“o máximo que a gente pode a gente aproveita”*). Separados, ela apenas mencionou que *“só o trabalho e a faculdade, porque o resto é tudo junto (...) a gente tenta fazer tudo junto”*.

Com relação à administração e à organização da casa, ela contou que estavam dividindo tudo (*“ele me ajuda bastante. Se eu vou fazer alguma coisa, ele faz outra... Se eu vou fazer comida, ele tá junto, tá perto. Se eu vou lavar louça, ele seca. Ela vai, arruma um lado, eu arrumo o outro. E a gente tenta fazer assim o máximo de coisas”*).

A sua relação com a família de origem de Emerson estava *“cada vez mais grude, sabe (...) eu acho que cada vez eles me adotam mais ainda como filha.”*. Com sua própria família ela disse que *“não aumentou a minha ligação com a família, né. Continua a mesma coisa que solteira, só que já é mais aquelas coisas, ah, querem saber do Emerson, como é que tá o Emerson, como é que tá a vida, assim (...) então o contato que a gente tem, ou por telefone ou por alguma coisa, é mais freqüente, que eu digo, e já tem mais assuntos, né, e querem saber o que que a gente vai fazer, o que tá programando”*.

Sobre a relação dela e de Emerson, como casal, com as famílias, ela disse: *“a gente notou que a família dele, não sei se foi pelo fato de ele ter casado, mudou muito. Eles ficaram mais agarrados, assim, com a gente, não dependentes, mas ficaram, tipo, vão fazer isso, nos comunicam, ligam pra saber como é que tá”*. Ela comentou ainda: *“A gente inventa de fazer um programa, eles vão juntos”*.

No primeiro mês de casamento, um bom casamento para Fabiana seria: *“um bom casamento é a questão de saber cuidar o espaço de cada um. Independente de eu tentar dividir o máximo de coisas com ele eu tenho a minha vida interna particular interna junto com os meus problemas e ele tem os dele. É tentar respeitar esse espaço de cada um, né, então isso a gente tenta fazer ao máximo. E compartilhar, tentar compartilhar não só os bons momentos também a gente tá com dificuldades e ‘ah, eu não quero saber de nada’, mas tentar ajudar o outro o máximo possível”*.

Um mau casamento, por outro lado seria: *“um mau casamento, pra mim, em primeiro lugar, é a falta de respeito, né. Eu acho que onde não existe respeito não existe nada, né. Eu acho que tem que ter respeito, limite, então é aquela coisa, assim ó, não é que eu preciso saber o que que tu tá fazendo na rua, o que que tu deixou de fazer, não, só que eu acho também que tu não vai pegar, botar uma bolsinha embaixo do braço e sair ‘volto a semana que vem’, então eu acho que, assim, não é questão de controle. Eu acho que é questão de pô, acontece alguma coisa, eu também preciso falar contigo, não sei onde tu anda, não me respeita em relação a isso, faz o que quer, a hora que quer e como quer. Então eu acho que, pra mim, o mau casamento é esse: em primeiro lugar, ter falta de respeito”*.

No 6º mês de casamento:

Aos seis meses de casamento, Fabiana diz que *“não mudou nada, é só a questão do tempo mesmo, porque tudo continua a mesma coisa”*. Ela mencionou que o que havia mudado era *“a convivência, de a gente começar a conviver junto e um ter limites, né, aquela coisa respeitar os limites do outro, só que aí no*

*momento, depois de um mês, assim, a gente já tava adaptado com essa questão de mudança (...) depois que teve aquele período de adaptação, não mudou praticamente nada”. Segundo ela, ainda: “um continua mais dependente do outro” e ele estava mais dependente dela do que ela dele (“às vezes, eu mexo com ele que, às vezes, ele vai me chamar, ele acaba me chamando de mãe, né, ao invés de me chamar de amor, ele me chama de mãe (...) ele fica naquela coisa da dependência do ‘posso’, do ‘não posso’, ‘será que faço”). Sobre o fato de ele estar mais dependente dela, Fabiana se posicionou da seguinte forma: “às vezes, eu acho que ele me sente um pouco mãe dele, né, pelo fato de estar acostumado há muito tempo (...) isso não me incomoda em nada (...) eu acho que eu também me tornei mais dependente dele, né”. Neste momento, a relação estava satisfazendo as expectativas de Fabiana, que inclusive comentou ter medo de que as coisas mudassem, pois estavam sendo muito satisfatórias (“às vezes, eu comento com ele que eu tenho medo, assim, que eu não sei se eu... Parece que eu tô voando, que eu vou acordar e a coisa não é nada daquilo, entendeu? (...) Eu tenho medo de um dia acordar e ver que isso não é nada do que tá acontecendo”).*

Os pontos fortes da relação mencionados por ela foram: “o companheirismo”, “a sinceridade” e “o respeito”. Ela disse que não havia pontos fracos na relação e que nunca haviam discutido ou brigado por nenhum assunto, pois concordam em muitos aspectos (“os dois são colorados, os dois são anti-PT, os dois são..., entendeu? Então a gente não discute isso”).

A vida sexual, segundo Fabiana, estava “mais intensa” e ambos costumavam procurar um ao outro para ter relações sexuais (“um procura o outro. É difícil... Como é que eu vou dizer assim? São quase dois loucos, sabe, porque é difícil um querer e o outro não, sabe, é muito difícil”). Ela citou que aumentou o sentimento de cumplicidade e intimidade (“aumenta cada vez mais a vontade de estar junto, de relação sexual (...) às vezes, dá aquelas coisas, assim, aqueles pensamentos bestas, né, e eu digo assim pra ele ‘ah, sabe o que eu queria estar fazendo agora?’. E ele mexe comigo ‘ah, eu também’. Então a gente vive falando nisso, entendeu?”).

Neste momento, costumavam fazer juntos as seguintes atividades: “*ir ao teatro*”, “*sair de noite, de carro, pra dar uma volta*” ou “*encontro com primos, com amigos, né, com mais casais, todo mundo*”. Entretanto, os programas que faziam apenas os dois, como casal, eram “*mais passear, dar uma volta, vir até os pais dele, ir pra Pelotas nos meus pais essas coisas assim*”. Separados, apenas trabalhavam.

As finanças estavam sendo administradas de forma igualitária (“*A gente divide, né. Eu pago o apartamento, aí ele paga água luz, condomínio, telefone e essas coisas assim. Rancho, a gente vai, hoje eu compro; aí, semana que vem, a gente vai de novo, ele compra. Essas coisas assim. A gente divide tudo*”). Da mesma forma, tinham o hábito de dividir e fazer juntos as tarefas de casa “*em equipe*”, além de contarem com auxílio de uma faxineira quinzenalmente.

Sobre sua relação com a família de origem de Emerson, Fabiana falou que “*depois que a gente casou, aí ficou aquela coisa, assim, mais de... Eu acho que tu acaba entrando mais na família, participando mais das coisas todas. E tu vai... Como é que se diz? Acho que tu já faz parte daquele pedacinho, porque eles também já se preocupam mais contigo*”. Com sua família, a relação estava “*praticamente a mesma, né, porque eu já tinha saído de casa antes e depois até minha mãe que comentava ‘ai, agora fica esquisito ir na tua casa, porque tu tem teu marido’, mas não mudou nada. Ela vem, fica uma semana aí*”.

Sobre a relação dos dois, como casal, com as famílias ela contou que depois que casaram costumavam visitar sempre juntos as mesmas.

Nos seis meses de casamento, um bom casamento foi descrito por Fabiana como: “*Eu acho que seria, assim, compreensão. Primeiro lugar, acho que o respeito dos limites de cada um, né, e aquela coisa, ninguém tá bem todos os dias, né (...)* Então eu acho que, assim, seria o respeito, né, dos limites de cada um, a compreensão e aquela coisa de compartilhar os momentos. A gente não pensa muito em ‘*ah, eu quero fazer isso. Eu quero ir num grupo de amigos*’. Eu tenho os meus amigos de serviço, mas ele participa. Então tem que ser aquela coisa participativa, né, porque tu te propôs a conviver alguém, então tem que botar esse alguém no meio da sociedade contigo, tem que participar, conviver o máximo

*possível com ele, né. É o que eu acho que é um bom casamento é o que a gente tenta fazer”.*

Um mau casamento segundo Fabiana seria: *“onde rola mentira, sabe. Eu digo pra ele ‘tu não me mente nem me omite, né, porque não é questão porque tu omitiu que tu não mentiu, acaba mentindo também’. Então eu digo pra ele ‘aonde a gente começar com mentira ou muita discórdia, muita coisa... Tu sabe que eu não gosto daquilo, tu vai lá e faz’. É questão de implicância. Eu acho que isso aí vai afundando cada vez mais uma relação. Então eu considero um mau casamento nesse sentido aí. Tu não tenta compreender o outro e sim tu faz só coisas pra ‘eu sei que ela não gosta disso, eu vou lá e faço’, né, porque tem muita coisa que é assim, pessoas muito implicantes”.*

*No 12º mês de casamento:*

Ao avaliar a relação no primeiro ano de casamento, Fabiana disse que não havia mudado muito (*“Eu acho que, em relação à última entrevista, assim, pra nós, o que mudou foi só a questão de tempo, né, que passamos mais tempo juntos, porque atividades continuam a mesma coisa”*). Ela comentou que a diferença maior estava sendo a falta de tempo para estarem juntos, uma vez que seus horários não estavam coincidindo (*“a gente não se vê muito, mas, se não fosse em função do tempo, nós tava sempre aproveitando todos os momentos juntos”*). Ela descreveu esta fase do casamento como *“sendo bem legal”*. Suas expectativas estavam sendo satisfeitas e ela inclusive mencionou: *“eu até achei que seria um pouco pior, um pouco mais difícil, né, porque, como eu comentei na primeira entrevista com a Clarissa, que seria o fato de ele ser filho único, muito dependente, mas não. Ele é super colaborativo. A gente divide tudo bem legal”*.

Os pontos fortes da relação mencionados por Fabiana foram: *“carinho, afeto e sinceridade”*. Ela disse ser difícil pensar em um ponto fraco da relação e não citou nenhum. Também relatou que nunca têm conflitos (*“nós nunca discutimos”*).

Sobre a sexualidade, ela diz: *“Ele é muito, como é que eu vou dizer, extremamente romântico, né, e é muito... Como é que eu vou dar uma palavra pra*

*ti? Criativo, né. Então, por ele, a gente teria relação sexual praticamente todas as noites, né, só que tudo em função da cansaça... Eu tô cansada (...) o que a gente sente é que cada vez é melhor”.*

Em função de os horários não estarem compatíveis nesta fase, as atividades que faziam juntos se limitava ao final de semana (“*o que a gente faz mais junto mesmo é só passear fim de semana, porque é difícil a gente conseguir uma atividade*”). Ela mencionou que, apesar da falta de tempo, procuravam fazer tudo juntos (“*a gente procura fazer tudo juntos, desde ir na feira, ir na farmácia, acho que até levar o lixo. Estamos sempre juntos*”). As atividades que faziam separados eram seu trabalho e o estudo de Emerson.

As finanças são divididas de acordo com a possibilidade (“*a gente divide o máximo que pode, né*”). Como ele saía do emprego para poder estudar, estão contando com alguma renda oriunda do acordo com seu empregador e do salário desemprego que ele vem recebendo. O mês seguinte à entrevista seria o primeiro mês em que ela assumiria todas as despesas da casa sozinha, o que, segundo sua visão, o deixava “*meio chateado*”.

Em seu entendimento, a organização da casa estava sendo feita apenas por ela (“*ah, é só comigo*”), pois “*ele não dá bola, assim, né*”. Apesar disso, ela descreveu alguma divisão de tarefas quando disse: “*A gente sempre faz assim, ó, se eu tô na cozinha fazendo alguma coisa, eu lavo a louça e ele vai e seca. Ele vai, bota a mesa, tira a mesa, eu vou lavando louça. Essas coisas (...) e a cama, se eu sair primeiro, ele arruma depois ou vice-versa. Mas a gente sempre tenta dividir as coisas*”.

Sobre a sua relação com a família dele, ela disse: “*o pai dele, assim, ele é praticamente um pai pra mim. A mãe dele também*”. Entretanto, Fabiana contou que a sogra mostra-se mais disponível para fazer atividades com um sobrinho (que é como um neto) do que com eles, o que chateia Emerson. Como ele não fala nada para a mãe, Fabiana queixou-se para a sogra (“*eu disse ‘pro seu filho, a senhora não pode isso, não pode aquilo, não pode almoçar no dia das mães, não quer isso, não pode aquilo e, pro seu sobrinho, se ele disser ‘vem aqui agora’, tu sai correndo e vai*”). Segundo Fabiana, a sogra não gostou do que ela disse e ficou

um tempo sem falar com ela (“*Ela ficou, assim, meio..., não falava muito comigo, né, não conversava muito comigo, mas igual eu ia lá, ela vinha aqui*”). Apesar de a sogra ter se chateado consigo, Fabiana avaliou a situação da seguinte forma: “*eu acho que isso serviu pra ela pensar, porque hoje ela tá simplesmente, ainda mexo com ele ‘acho que tua mãe quer me reconquistar’, porque ela tá simplesmente voltando a me bajular de novo, entendeu, tentando me agradar em tudo, né. E ela mudou muito com ele, muito mesmo. Liga mais pra saber como é que ele tá, convida ele pra ir pra lá*”.

A relação com sua família de origem estava “*bem, até porque meus pais não são daqui, então a gente vive... É contato telefônico*”.

Sobre a relação dos dois, como casal, com as famílias ela disse: “*pra eles (seus pais), eu acho que é mais um filho, né, então acho que eles não conseguem ver o relacionamento de casal ainda na gente... Eles sabem que eu tenho um companheiro*”. Sobre a família dele, ela falou que os contatos são mais frequentes, pois sua família ampliada (primos, tios) mora em Porto Alegre e tem o hábito de promover encontros com frequência.

Aos doze meses de casamento, ela descreveu um bom casamento como: “*Eu acho que, pra ter um bom casamento, o relacionamento tem que ser 100% confiança e respeito, né, então eu acho que isso é uma coisa que a gente tem ambos um pelo outro. Pela individualidade de cada um, né, porque, como a gente é um ser humano, então tu acaba sendo influenciada pelos problemas do dia-a-dia, problemas do serviço, sempre... É muito difícil tu conseguir dividir 100%, né, emprego emprego, relacionamento relacionamento, então tu acaba sempre levando alguma coisa pra dentro da outra e influencia bastante. Então eu acho que é assim, ó, é saber dividir o máximo, né, essas duas funções diferentes, não deixar uma afetar dentro da outra. Quando perceber que isso tá acontecendo, tentar, relacionamento ou tanto no trabalho, melhorar a situação. E é principalmente respeito mesmo*”.

Um mau casamento seria: “*agressividade, né, falta de respeito e... é, a falta de respeito acho que resume tudo, porque aí tu já não respeita a*

*individualidade, tu já não respeita sentimento, tu já não respeita condições, então acho que seria a única coisa”.*

#### 3.2.3.4 - O futuro

##### Antes do casamento:

No momento anterior ao casamento, Fabiana esperava que a relação no futuro fosse *“no mínimo, como hoje, sabe, que melhore cada dia mais”*. Sobre como imaginava a vida de casado, ela disse que não sabia como seria, uma vez que morava sozinha e, às vezes, não agüentava si própria. Ela acreditava que a vida de casada seria: *“difícil... no início, vai ser difícil mesmo, porque hoje eu conheço a tua mania, mas eu não convivo com a tua mania, só que, a partir de amanhã, além de eu conhecer, eu vou ter que conviver com ela, então eu acho que tem aquele período de adaptação”*. Sua expectativa era de que atravessariam por um período de adaptação *“até tu te adaptar com as manias da pessoa”*.

Sobre como pretendiam administrar as finanças depois do casamento, ela disse que esperava que continuassem como eram, porque mesmo não morando juntos, já dividiam algumas despesas (*“assim, ó, eu pago o apartamento, entendeu, hoje ele já me ajuda com todas essas despesas, água, luz, condomínio”*). Ela ainda explicou que cada um costuma pagar as despesas de acordo com sua disponibilidade: *“se eu tenho dinheiro ali, eu vou e compro, se ele tem, ele vai e compra”*.

Sobre a organização da casa Fabiana também tem expectativas de que dividam as tarefas: *“aí ele vai, ele me ajuda, ele diz assim ‘ah, enquanto eu vou fazer o almoço, tu bota a roupa na corda pra mim, faz tal coisa, ele faz (...) ele pega junto comigo”*.

As atividades que Fabiana pretendia fazer junto com Emerson eram: *“conseguir curtir meu marido (...) eu pretendo conseguir um tempo mais pra ficar com ele, ou seja pra ele estudar, só pra olhar pra ele dormir, mas pra ter um tempo mais pra ele”*. Separados, ela pretendia fazer *“nada”*, pois diz: *“não*



*consigo, eu não faço..., eu já não fazia nada sozinha antes, né, então agora muito menos”.*

*No 1º mês de casamento:*

No primeiro mês de casamento, Fabiana tinha expectativas de que a relação no futuro *“nunca fique menos do que a gente... Tanto sentimental, questão de amizade, companheirismo, respeito, nunca diminua o que tá, entendeu? Então que aumente cada vez mais”*. Quando indagada a respeito da pretensão de ter filhos, ela respondeu que ele quer muitos filhos, mas ela quer poucos e que pretendiam ter o primeiro em um período de, no mínimo, três anos.

Ela imaginava que a relação não se modificaria no futuro.

As atividades que ela pretendia que eles fizessem juntos, como casal, eram *“entrar pra um grupo de dança”, “poder andar, pelo menos, de bicicleta junto”*. Separados, ela mencionou: *“Ah, da minha parte, eu acho que nada. Eu não consigo fazer nada sozinha (...) a não ser trabalhar e ele ir pra aula...”*.

*No 6º mês de casamento:*

Aos seis meses de casamento, Fabiana esperava que a relação no futuro continuasse como estava, mas que pudessem *“aproveitar mais, né, que já acabe essa função de faculdade, tudo isso”*. Ela falou na vontade de ter filhos (*“Eu quero muito ter filhos, entendeu, só que hoje não, mas a gente conversa muito sobre, como se a gente tivesse hoje já a criança, mas não tem a criança e espero não ter por uns dois anos ainda”*). Sobre a relação de casal, ela imaginava que esta não mudaria muito no futuro e disse: *“Eu acho que vai estar parecido, porque independente de eu estar conhecendo mais as manias dele ou, no caso, como é que eu vou te dizer, defeitos ou alguma coisa, assim, particular dele e ele minha, isso não interferiu em nada na relação a dois ali, no caso, marido e mulher. Ficou apenas eu sabendo mais que, ah, ele não gosta disso, mas o fato de ele não gostar daquilo ali não atrapalhou a nossa relação. Então não mudou praticamente nada, só o tempo”*.

Sobre quais as atividades que pretendia que fizessem juntos no futuro, ela mencionou o desejo de continuar como estava *“a gente faz tudo junto (...) que continue assim”*. Sobre as atividades que pretendia que fizessem separados, ela falou: *“só cada um ter o seu espaço ali, quietinho, já tá bom”*.

No 12º mês de casamento:

Aos doze meses de casamento, Fabiana mencionou os planos de Emerson passar em algum concurso e de terem filhos. Sobre o futuro da relação ela falou: *“Eu não posso dizer que eu quero que melhore, porque, de repente, se melhorar, estraga, né, então eu acho que, assim, ó, se ela (a relação) continuar como está hoje, que é o que eu espero, que, no mínimo, esteja como está hoje, pra mim, já vai ser fantástico, né”*.

Sobre as atividades que pretendia que fizessem juntos, ela referiu: *“a gente tem que fazer junto é um curso de dança, de qualquer maneira”, “viajar bastante”*. Separados, o que pretendia que fizessem no futuro seriam as atividades relativas aos filhos (*“Eu acho que a única coisa separado seria, se a gente tiver um filho, ele levar pro jogo de futebol e eu levar a menina pro balé...”*). Ela acrescentou: *“A gente tenta fazer tudo junto. Então dizer alguma coisa que a gente vai programar pra fazer separado é difícil”*.

### **3.2.4 - Síntese geral do casal Fabiana e Emerson**

#### *A individualidade e a conjugalidade*

Sobre as atividades que realizava individualmente, Emerson mencionou algumas atividades de lazer, como andar de bicicleta, antes do casamento e apenas citou a leitura e o trabalho como atividades que realizava separadamente de Fabiana após seu casamento. Ele destacou, no primeiro mês após o casamento e nos doze meses após o mesmo, a capacidade de cada indivíduo de um casal ter um espaço individual, apontando a necessidade de haver uma preservação da individualidade. Mas, em outros momentos, deixou claro o quanto valorizava a manutenção da conjugalidade à individualidade, quando, por exemplo, descreveu

a capacidade de compartilhar tarefas como sendo uma característica de um bom casamento tanto no período anterior ao casamento, como no sexto e no décimo segundo meses de casamento. Outro exemplo da valorização de Emerson da conjugalidade se refere aos pontos fortes destacados em sua relação de casal, que são a vontade de estar sempre juntos, mencionado em todos os momentos considerados nesta pesquisa e a valorização das semelhanças entre ele e Fabiana, o que também mostra sua ênfase na conjugalidade.

Fabiana, da mesma forma, mencionou, tanto antes do casamento, quanto nos períodos posteriores a este, que ela e Emerson costumavam fazer tudo que podiam juntos. É interessante que ela não consegue mencionar atividades individuais, especialmente em suas expectativas, tanto dela quanto de Emerson, a não ser o trabalho de ambos e o estudo de Emerson. Fora estas atividades, Fabiana constantemente mencionou que procuravam *“fazer tudo juntos”*. Ela, inclusive, referiu a falta de tempo para estarem juntos como um dos pontos fracos de sua relação antes do casamento e no primeiro mês após o mesmo.

Apesar de darem tanta ênfase à conjugalidade em suas vidas, é interessante que ambos destacam a necessidade de separação entre aspectos da individualidade e da conjugalidade, salientando que não devem misturar estas duas instâncias de suas vidas (por exemplo, ele diz: *“cada um tem que saber que tem a hora de estar junto, a hora de estar separados, e que cada um tem sua vida e seu particular”* e ela menciona: *“um bom casamento é a questão de saber cuidar o espaço de cada um. Independente de eu tentar dividir o máximo de coisas com ele eu tenho a minha vida interna particular junto com os meus problemas e ele tem os dele”*).

Assim, os temas da individualidade e da conjugalidade são bastante destacados por este casal. Ambos parecem dar muita ênfase, na prática e em seu discurso, à construção e à manutenção de sua conjugalidade. Ambos destacam constantemente aspectos como a vontade de estarem sempre juntos e a capacidade de fazerem atividades conjuntamente como importantes. Ao mesmo tempo, tanto Emerson quanto Fabiana, parecem ter receio de que a conjugalidade se sobressaia à individualidade. Embora, em diversos momentos eles citem a necessidade de

haver uma separação entre estas duas áreas de suas vidas, percebe-se na prática que este casal dá mais ênfase à conjugalidade do que à individualidade.

*Avaliação sobre a própria relação de casal*

Neste caso, chama a atenção o fato de Emerson ter, ao longo de todas as etapas consideradas neste estudo, uma visão muito positiva da sua relação de casal. Ele, inclusive, não conseguia mencionar, nas duas primeiras entrevistas, qualquer ponto fraco de sua relação, a não ser aqueles que dificultavam a convivência entre ele e Fabiana, tais como a dificuldade física ou o excesso de trabalho dela. Aos seis meses de casamento, entretanto, Emerson identificou como ponto fraco da relação as diferenças de ritmo entre eles, mas salientou que estas não geravam conflito algum. Aos doze meses de casamento, uma característica de Fabiana foi mencionada como um ponto fraco da relação: seu ciúme, o qual, da mesma forma, não gerava conflitos no casal. O fato de Emerson não identificar qualquer motivo gerador de conflito no casal também chamou-nos a atenção.

Coerente com esta visão de seu casamento, Emerson mostrou-se satisfeito com sua relação de casal e destacou diversos pontos fortes da mesma, ao longo de todas as entrevistas. Uma das características mais mencionadas por Emerson como ponto forte de sua relação foram as semelhanças entre ele e Fabiana e a vontade mútua de estarem sempre juntos. É interessante ressaltar que foi justamente uma diferença entre ambos que foi considerada um dos pontos fracos da relação (diferença de ritmos).

Do ponto de vista de Fabiana, a relação também estava correspondendo às expectativas e sendo avaliada como positiva, em todos os momentos da pesquisa. É interessante na fala de Fabiana, entretanto, seu receio de que a relação piorasse, pois “*estava bom demais*”. Com relação aos pontos fortes destacados por Fabiana, foram mencionadas as diferenças de ritmo de ambos (complementares) e a “dependência” entre os dois. Assim como Emerson fez nas duas primeiras entrevistas, Fabiana não identificou pontos fracos na relação e apenas mencionou a falta de tempo para estarem juntos em todas as entrevistas.

Chama a atenção o fato de que, apesar de os dois estarem satisfeitos com sua relação, apontam aspectos diferentes como pontos fortes da mesma. Para ele,

as similaridades são valorizadas enquanto, para ela, a complementaridade é destacada com um dos pontos fortes da relação. Assim, as diferenças de ritmos entre eles (Emerson é mais ativo e gosta mais de sair e Fabiana é mais passiva e gosta mais de ficar em casa) foram apontadas por ele como sendo um dos pontos fracos da relação e, por ela, como um dos pontos fortes.

A visão de Emerson sobre um bom e um mau casamento modificou-se após o casamento. Antes de casar, ele destacou como elementos de um bom casamento a constante troca de aprendizado entre o casal e o comprometimento com a vida conjugal. No primeiro mês de casamento, foram mencionados a necessidade “*de cada um saber que tem a hora de estar junto e a hora de estar separado*” e características como a parceria, o apoio mútuo e a capacidade de ceder quando necessário. Tanto aos seis, quanto aos doze meses, Emerson continuou destacando a parceria e o amor como elementos de um bom casamento, mencionando também as semelhanças de objetivos e a necessidade de separar problemas pessoais e conjugais. Assim, apesar da modificação inicial em seu conceito de um bom casamento, ele manteve o mesmo relativamente estável ao longo dos períodos considerados, enfatizando sempre mais as questões relativas à conjugalidade, mas mencionando também a individualidade.

Fabiana, de forma semelhante a Emerson, destacou, já no momento anterior ao casamento, a necessidade de separar os espaços pessoais e conjugais para que haja um bom casamento. Esse entendimento seguiu sendo mencionado no primeiro, no sexto e no décimo segundo meses de casamento. Entretanto, no primeiro mês, ela acrescentou, como elemento importante, a capacidade de compartilhar momentos juntos, o que também foi destacado por ela aos seis meses de casamento. Assim como Emerson, ela mencionou a importância de se preservar a individualidade mas enfatizou a conjugalidade ao descrever um bom casamento.

Percebe-se, portanto, que Emerson modificou sua visão de um bom casamento em função da vivência do próprio casamento, o que não ocorreu com Fabiana. Apesar da modificação inicial no conceito de Emerson sobre um bom casamento, este se manteve relativamente estável ao longo dos demais períodos

considerados da transição para o casamento, o que ocorreu com Fabiana desde o momento anterior ao casamento.

### *O casamento*

Para Emerson, a cerimônia de casamento provocou mudanças na relação de casal, que se tornou mais próxima, íntima e dependente. A sexualidade do casal foi considerada por Emerson como tendo mudado também, pois se sentiram mais “à vontade” com a mesma. Com relação às famílias de origem, Emerson considerou que houve uma mudança no sentido de estarem mais participativas e de os pais terem se tornado mais independentes.

Também para Fabiana, a cerimônia de casamento teve repercussões na relação de casal. Ela destacou, neste sentido, o aumento da convivência, a vontade de estarem sempre juntos e a melhora da vida sexual do casal. Fabiana, da mesma forma que Emerson, percebeu uma mudança na relação com a família de origem deste (mais participativos), mas não notou o mesmo em sua família (pois já morava longe havia mais tempo).

As expectativas tanto de Emerson, quanto de Fabiana, com relação ao futuro, foram sempre bastante otimistas. Ambos esperavam, em todos os momentos, que, “no mínimo”, a relação continuasse como estava. Embora ambos tenham se mostrado otimistas, chamou a atenção o fato de que Fabiana descreveu expectativas realistas, prevendo inclusive algumas dificuldades iniciais de adaptação. Talvez, por terem construído expectativas realistas, puderam confirmá-las ao longo da transição para o casamento e não tinham se frustrado.

Outro fator interessante neste caso foram as motivações para as escolhas mútuas do casal. Ele mencionou características dela (“o jeito dela”) como motivadoras para seu namoro e características suas (idade avançada) e dela (“ela era tudo que eu sempre quis”) como motivadoras do casamento. Fabiana, por sua vez, interessou-se por Emerson repentinamente, a partir do momento em que esse demonstrou interesse por ela.

### *A relação com as famílias de origem*

Emerson avaliou as participações das famílias de origem de ambos como positiva em todos os momentos. Fabiana também o fez, mas mencionou alguma dificuldade de relacionamento com a sogra aos doze meses de casamento, em função de perceber que esta não estava dando atenção suficiente para Emerson e cobrar isto da mesma. Tal desentendimento, porém, não durou muito tempo, pois logo Fabiana e a sogra retomaram o bom relacionamento. Ambos sentiram-se pertencendo às famílias um do outro após o casamento e costumavam visitar com frequência os pais.

Outra questão interessante referente às famílias de origem se refere à visão de cada um a respeito de seus pais como casal. Para Emerson, seus pais, como casal, seriam um modelo “*de como fazer o contrario*”. Ele mencionou que os pais são muito distantes como casal e que cada um vive muito individualmente, sendo que não têm muitas atividades em comum. Essa descrição dos pais como não sendo um modelo por serem muito individualizados é coerente com seu discurso e sua prática, em que a conjugalidade é destacada constantemente como importante.

Fabiana, da mesma forma que Emerson, falou que seus pais não eram um modelo a ser seguido como casal e salientou o fato de o pai trabalhar e a mãe ser dona-de-casa como um dos motivos. É justamente esta característica de uma mulher “*que tava à disposição 24 horas do marido*” que é destacada por Fabiana como fazendo parte de um mau casamento. Assim, percebe-se a influencia, mesmo que indireta, da vivência de Fabiana em sua família de origem na construção de seus conceitos de bom e de mau casamentos. É interessante também que Fabiana destacou seus padrinhos como um casal modelo para si e mencionou o fato de ambos serem muito dependentes um do outro e de quererem estar sempre juntos como suas principais qualidades. São justamente estas características que ela descreveu como sendo alguns dos pontos fortes de sua relação com Emerson.

### **3.3 - Casal 3 - Vânia e Lúcio**

#### **3.3.1 - Apresentação do caso**

No momento da primeira entrevista, Vânia tinha 26 anos de idade e havia recentemente interrompido o curso de administração. Sua religião é o espiritismo e morava com Lúcio há dois anos. Vânia era a filha única da mãe e do pai, os quais se separaram quando ela completara um ano de idade, a partir do que, Vânia passou a morar apenas com a mãe. No momento da primeira entrevista, ela contou que sua mãe falecera há cerca de três anos e, depois disso, ela morou com uma prima e, como esta experiência não deu certo e estava se relacionando com Lúcio há um ano, convidou-o a morar consigo. Vânia trabalhava como auxiliar administrativa havia dois anos. No momento da primeira entrevista, Lúcio tinha 25 anos de idade e estava cursando o nível superior na área de engenharia. Sua religião é a católica e morava com Vânia há dois anos, desde que esta o convidara para tal. Antes de morar com Vânia, Lúcio vivia com os pais, que são casados até o presente e seu irmão mais velho havia saído de casa para casar-se há cinco anos. Ele trabalhava há seis anos como analista de suporte. Sua união com Vânia seria formalizada através de casamento civil e religioso.

#### **3.3.2 - Sentimentos e impressões do noivo**

##### *3.3.2.1 - A história da relação*

Ao contar a história de sua relação, Lúcio mencionou que ambos trabalhavam na mesma empresa, mas em setores diferentes, quando se conheceram. Na época, Vânia estava noiva e Lúcio tinha uma namorada e eles eram apenas amigos. Segundo Lúcio, o que o atraiu em Vânia nessa época foi justamente essa amizade: *“o jeito dela assim. Não sei, porque ela era muito minha amiga assim, a gente tinha uma sintonia bem legal (...) Ela era, assim, era aquele tipo de pessoa que fala o que pensa, sabe, não esconde nada de ti assim. Uma pessoa alegre, bah”*.



Depois de algum tempo, Lúcio terminou o namoro anterior e Vânia rompeu o seu noivado, por coincidência. Foi quando, segundo ele: *“a gente começou a se conhecer, assim, começou a se aproximar a amizade, né, começou a sair do ambiente de trabalho”*. Na época em que começaram a ter uma relação *“fora do trabalho”*, Lúcio *“não queria namorar, não queria”*. Já Vânia, segundo ele, *“queria, porque, pelo que eu noto, assim, ela é uma pessoa que se sente muito sozinha, ela não consegue ficar sozinha, então ela queria namorar, ela queria ficar sempre com alguém assim. E eu não queria, porque eu já tinha uma experiência assim, não tinha gostado, sete anos, né, e não tinha gostado muito, assim, de ficar com aquela coisa, então isso aí eu não queria mais, só que ela queria”*. Ele comentou ainda que o namoro ocorreu *“por uma insistência dela”*. Eles apenas *“ficavam”*, mas não era namoro e segundo ele: *“aí, foi até por insistência dela, aí um dia lá, depois de um milhão de vezes tentando me convencer, ela me convenceu, a gente começou a namorar. A gente começou a namorar, se não me engano, em abril de 2002 eu acho, não me lembro agora. E aí foi assim”*.

Começaram a namorar, oficialmente, havia dois anos do período da primeira entrevista. Foi quando conheceram as famílias um do outro e a mãe de Vânia faleceu, subitamente, e Vânia acabou tendo que morar sozinha, pois moravam apenas ela e a mãe (*“quando a mãe dela morreu, né, que ela morava sozinha com a mãe dela quando a mãe dela morreu, foi quando ela veio morar aqui daí e aí ficou pior ainda, né, porque ela se sentia mais sozinha, então, pra ela, ela precisaria de fato ter alguém, né, porque abalou bastante ela isso daí, então ela precisaria ter alguém junto com ela”*).

No período inicial em que morou sozinha, Vânia convidou uma prima para morar junto, mas, segundo Lúcio, *“as duas não se entenderam, aí, como ela tem essa coisa que ela não gosta de ficar sozinha, aí eu vim pra cá com ela (...) porque, quando a prima dela morava aqui, eu já vinha pra cá, ficava um dia, ficava um fim de semana, algum fim de semana, a gente ficava aqui. Tinha o namorado da prima dela que ficava também. E, quando elas brigaram, que a*

*prima dela saiu daqui. Aí sim que ela ficou mais sozinha, aí que eu vim pra cá pra ficar com ela*". Foi desta forma que Vânia e Lúcio passaram a morar juntos.

Na época em que começaram a namorar, Lúcio comentou que costumavam fazer juntos *"festa, assim, não muito porque ela até gosta, eu sou uma pessoa mais caseira (...) casais amigos nossos, assim, às vezes, vêm jantar aqui. A família dela muito, muito, porque a família dela é muito festeira, então, todo fim de semana, tem alguma coisa que a gente tava junto assim e continua hoje"*. Separados, *"não tinha muita coisa que a gente fazia sem o outro"*.

A decisão de casarem, mesmo morando juntos há um ano e meio, segundo Lúcio, *"veio por estar morando junto, né, porque, ahn, como é que eu vou te explicar, tipo, tinha situações assim que... Na verdade, nosso estado era meio indefinido, sabe, porque, apesar de eu estar morando aqui, fica xarope, tu não sabe se tu tá casado, se tu tá junto, se é companheiro, se é não sei o que que é"*. Além disso, ele acrescentou: *"E ela sempre teve o sonho de casar, apesar de não ser muito meu assim, normalmente nunca é do homem, né, então ela sempre teve o sonho de casar e aí ela chegou e disse 'quem sabe a gente casa, né'. E foi, tudo bem, né, na verdade, a gente já tá casado, né, praticamente casado, né, a única diferença é que vai botar agora tudo legal, né, tudo no papel"*.

Quando questionado sobre o que o levou a escolher e a querer casar com Vânia Lúcio disse: *"Quando a gente tava namorando, até, quando a gente tá namorando, assim, até, digamos que é mais difícil, porque sempre tem aquela problema, assim, 'e depois que começar a conviver no mesmo teto, o que que vai acontecer?'. Então uma das coisas que levou, na verdade, foi, digamos, o test drive que a gente fez antes de casar, né, que foi eu ter vindo morar aqui, a gente ter convivido esse tempo junto antes de casar e ter visto que a gente dava certo assim"*. Ele ainda acrescentou falando das semelhanças entre eles: *"A gente tem mais ou menos as mesmas idéias, mais ou menos os mesmos objetivos, sabe, então acho que isso daí foi uma das coisas que nos levou, né"*.

Lúcio acreditava também que o casamento formal seria uma conseqüência da evolução de sua relação (*"como a gente já tava praticamente casado, é uma coisa que veio evoluindo assim, não é, digamos assim, a gente tá namorando,*

*depois a gente vai noivar direto e casar, né. Ela veio evoluindo, assim, porque eu vim morar aqui, a gente começou a conviver junto no mesmo teto, a gente começou a compartilhar, não sei se compartilhar é a palavra certa, mas coisas que a gente não vivia quando estava separado, né, então, tipo, problemas, conseguir resolver problemas juntos”) e do fato de Vânia ser alguém com quem Lúcio sempre pode “contar” e de ela sempre poder contar com ele. Eles, no entanto, estavam pensando em casar apenas “no civil”, mas “aí ela foi conversar com a minha mãe lá e a minha mãe já convenceu ela de que tinha que casar na igreja, essas coisas assim”.*

Os preparativos para o casamento estavam sendo providenciados por Vânia (“*a princípio, ela (Vânia) tá vendo a maioria das coisas (...) eu me meto muito pouco nisso*”). Os custos com o casamento estavam sendo pagos por alguns convidados como presentes, uma vez que já tinham uma casa mobiliada (“*... como a gente praticamente tem tudo em casa (...) o que que acontece? Como deve ter uns 50 convidados, imagino eu, 50 convites e não tem presente, o que que acontece? Ela até teve uma idéia interessante. A gente pegou, assim, por exemplo, os padrinhos, as pessoas mais próximas assim, familiares, ‘ao invés de dar presente, a gente ajuda no casamento então’.* Então, na verdade, a gente não gastou quase nada eu acho pra casar”). A mãe de Lúcio estava ajudado na organização dos preparativos para o casamento, juntamente com Vânia.

Segundo ele, a sua mãe “*sempre quis que eu casasse bonitinho assim, sabe, que saísse de casa depois de casado, essas coisas assim, porque foi assim com meu irmão. Meu irmão saiu de casa depois de casado bonitinho. E ela nunca engoliu muito essa coisa de ter saído de casa pra morar junto sem casar, né, então, pra ela, ela adorou, né. Na verdade, já tá endireitando as coisas, né, então ela adorou*”. A avó de Vânia, que “*também é muito católica, essas coisas assim, pessoas antigas, sabe, tem aquela linha de raciocínio assim, então, bah, foi também um alívio, né, porque não tava... Esse negócio de morar junto, assim, não tava sendo, na família dela assim, na minha também, por parte da minha mãe, meu pai não se mete muito, mas por parte da minha mãe, não tava sendo muito*

*bem visto, sabe, então caiu como uma luva, né?”*. Ele acreditava, ainda, que os seus pais tinham aprovado a escolha de Vânia para casar.

### 3.3.2.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

Lúcio, quando questionado a respeito de sua relação de casal, no período anterior ao casamento, comentou que esta estava *“melhor do que era antes”* e salientou algumas características de sua relação de casal, tais como diálogo e facilidade de resolver discordâncias (*“qualquer problema que tenha, a gente sempre senta e resolve, sabe. Não tem esse negócio de brigar, assim, ficar brigado, sabe”*). Ele ainda disse que percebia que estavam *“sempre de bem”*. Como ambos já moravam juntos há algum tempo quando realizaram a entrevista anterior ao casamento, Lúcio descreveu que o que havia feito sua relação *“melhorar”* era o *“convívio, né, a gente tá aprendendo a conviver agora, isso daí tá melhor. Aprendendo a respeitar os limites um do outro também, porque é diferente, quando a gente tá separado (...) até porque a gente já tá junto antes, né, então, de repente, coisas que aconteciam depois de casado tá acontecendo agora. Saber respeitar os limites um do outro assim. Amizade que cresce, né, estar ali todo dia se vendo junto, compartilhando as mesmas coisas, os mesmos problemas também, né, que ajudam um casal a crescer. Isso aí”*. Neste momento, a relação de casal estava satisfazendo as suas expectativas *“sem dúvida”*.

Lúcio descreveu os pontos fortes de sua relação: *“essa coisa de tu compartilhar, assim, tipo, compartilhar problemas, sabe, é muito bom tu poder sentar, assim, e expor livremente os problemas que tão acontecendo contigo pra outra pessoa”*. Além disso, mencionou a *“amizade”* e o *“diálogo”*.

Quando indagado sobre os pontos fracos da relação, ele falou: *“eu acho que um ponto fraco que tem na Vânia é que ela é muito, não digo na relação, assim, acho que é uma coisa que desgasta a relação, é que ela é muito, ela acha que ela tá sempre com a razão, sabe, mesmo a gente vendo que ela não tá, ela acha que sempre tá, então (...) então eu preciso ceder pra evitar que a gente*

*brigue assim, então até, às vezes, acontecem coisas assim, tipo, situações, né, onde ela tenta se impor, que até eu comento – nem sei se ela sabe, eu já contei pra ela - que eu comento com a mãe ou com o pai, assim, que eu digo que eu, como é que é, ela acha que manda, sabe, ela pensa que manda e acha que eu obedeço, sabe, mas não é assim, porque, na verdade, eu cedo pra ela, pra gente não entrar em atrito assim, então isso daí é uma coisa que não é muito..., seria um ponto fraco que eu vejo, né, mas a gente não tem muito, tirando isso daí, não tem muito”.*

Sobre os temas que mais geravam conflitos, Lúcio falou: “*não tem muito...*”, mas em seguida lembrou de um e acrescentou: “*Uma coisa que ultimamente a gente anda brigando muito é porque, até nem sei se tem a ver, mas, por exemplo, problema de contas assim, sabe. A gente tem as nossas contas do mês, que, na verdade, já tá tudo uma coisa só, só que eu não sei se eu tenho mais facilidade de calcular do que ela, então eu faço tudo de uma forma, ela nunca entende, sabe, e isso daí, faz coisa de uns três meses pra cá, acontecendo direto, sabe, então isso daí a gente sempre briga, porque eu faço umas contas de um jeito, ela nunca entende e aí a gente sempre briga. Mas não tem muita coisa assim que...problemas, assim, sempre os mesmos que façam a gente brigar assim*”. Lúcio disse ainda: “*É muito difícil a gente brigar. A gente sempre se dá muito bem, então não tem... Na verdade, eu nem sei se a gente pode considerar uma briga assim. Digamos que seja um diálogo um pouquinho mais elevado, não chega a ser briga...*”.

Sobre as atividades que faziam juntos neste período, ele relatou: “*a maioria das coisas que a gente faz, por exemplo, fim de semana, a gente faz junto (...)* Fim de semana, às vezes, a gente vai, normalmente, visitar meu pai, minha mãe, visitar a família dela, as tias dela, as primas dela, que ela se dá muito bem. Às vezes, amigos vêm pra cá. Coisas assim”. Sobre as atividades que faziam separados, ele falou: “*dia de semana, a gente não faz nada (juntos), porque eu chego em casa muito tarde, né, saio cedo e chego tarde. Ela até faz academia, essas coisas dela assim. Então, dia de semana, junto, a gente não faz nada*”.

Neste momento, Lúcio descreveu que um bom casamento seria o seu no primeiro dia após a cerimônia de casamento, pois uma característica considerada por ele fundamental em uma boa relação seria o “diálogo”, característico de sua própria relação. Quando descreve um mau casamento, Lúcio falou que imaginava que fosse aquele em que há *“falta de diálogo (...) O maior problema, né, porque no momento que tu não..., faltaria diálogo no relacionamento, faltaria o resto tudo, né. Tu começa a conviver menos, tu começa a gostar menos, então começa a afundar também, essas coisas começam a afundar, aí chega um dia lá que tu encontra alguém fora do teu casamento, aí... as coisas se estragam, então chega uma hora que tu enche o saco, tu não tem aquilo que tu esperava antes de casar, aí também estraga”*.

Quando descreveu seus pais como casal, Lúcio contou que até dois anos atrás eles eram um modelo de casal para si. Ele explicou o que ocorreu há dois anos: *“Ah, eles..., até toco muito nesses negócios de diálogo assim até por causa dessa experiência, porque, de um tempo pra cá (...) eu podia ver que faltava muito diálogo entre eles, sabe. Coisas que aconteciam que eles não conversavam, ficavam guardando pra si assim. Então meu pai andou tendo uns pulões numas cercas aí, e aí, uns dois anos atrás, [a mãe] descobriu que ele tinha uma filha fora [do casamento], né, então por isso que, de uns dois anos pra cá, não é mais, sabe”*. Lúcio ainda contou que, antes deste período ruim de seus pais como casal, eram um casal modelo, pois *“eles eram pessoas, assim, que tu via que se amavam, se gostavam, que ficavam sempre juntos, que resolviam problemas juntos, coisas assim, sabe, trabalhavam, corriam atrás juntos, entende”*. Segundo seu entendimento, o fato de cada um passar a ter atividades separadas atrapalhou a relação (*“De uns cinco anos pra cá, tu começava a ver, assim, que as coisas que eles faziam antes, não faziam mais, ele começava a fazer coisas sozinho, assim, às vezes, eles saíam juntos também pra conversar com amigos, ele começou a ir sozinho, ela já começou a sair com as amigas dela sozinha, começaram a separar as coisas, sabe, não começaram mais a viver como casal, começaram a viver cada um por si. Eu imagino que, a partir daí, começou a morrer, então o que que acontece: começaram a..., ela não falava coisas pra ele, ele não falava coisas pra*

*ela, então imagino seja por isso ele procurou outras alternativas, né, digamos assim”).*

Sobre a existência de algum casal modelo para si, Lúcio falou no irmão, que *“tá casado faz uns quatro, cinco anos, já tem uma filhinha, se dá super bem com a esposa”*.

*No 1º mês de casamento:*

No primeiro mês de casamento, Lúcio avaliou sua relação como não mudando muito *“porque a gente já tava junto”*. Ele falou: *“à princípio, ao meu ver assim, não mudou muita coisa em relação ao que a gente tava antes. Na verdade, o casamento assim..., porque a gente antes já tava casado praticamente, agora foi só uma consolidação, mas coisas assim que mudaram...”*. Ele, entretanto, mencionou algumas diferenças com relação ao momento anterior ao casamento, em que apenas coabitavam, tais como maior *“senso de responsabilidade”* e relação de afeto do casal (*“quanto a nós dois, assim, em termos de afeto, essas coisas assim, eu acho que muda (...) Ela pega os álbuns pra ver aí, cheios de coisa, isso daí é bem legal. A gente sente, assim, que a gente se aproximou mais”*). A relação estava satisfazendo suas expectativas neste período *“com certeza”*.

Os pontos fortes da relação de casal apontados por Lúcio foram *“os mesmos que já eram assim: amizade a gente tem muito, muita amizade, muito diálogo, que são coisas, assim, que, indiferente de se estar casado ou não, legalmente ou não, são coisas que a gente não pode deixar morrer, então acho que isso aí são... O principal é isso daí: a amizade que a gente tem, que é muito grande, acima de qualquer coisa, e diálogo que a gente tem bastante também”*.

Quando indagado a respeito de quais seriam os pontos fracos de sua relação ele disse: *“Não tem. Não tem nada, assim, que abale alguma coisa, que seja motivo pra desestruturar alguma coisa. Não vejo ponto fraco, negativo assim”*. Sobre as características que ele não gostava muito, ele mencionou *“só algumas coisas na Vânia como pessoa assim (...) bate de frente comigo, sabe, e aí*

*eu tenho que recuar pra evitar atrito maior, assim, esse tipo de coisa. Mas, na relação em si, não tem problemas assim”.*

Sobre os motivos principais de conflitos, ele salientou o jeito preocupado de Vânia com os problemas por antecedência, diferente do seu jeito de ser (“... porque a Vânia tem uma característica de se preocupar de véspera, então, as coisas nem aconteceram, ela já tá preocupada com aquilo que vai acontecer e eu não sou assim, sou bem diferente, sabe. Eu fico esperando acontecer, se acontecer, entendeu, aí eu arrumo uma solução, só que ela já fica tentando arrumar antes e ela fica me atucanando com isso daí, porque eu não sou assim, então isso daí é uma coisa que a gente bate de frente bastante”).

A vida sexual do casal não havia mudado, segundo o entendimento de Lúcio, neste momento de um mês após o casamento e ele acrescentou: “até, né, porque a gente já vivia casado, então, a princípio, não tem muita diferença assim do que era antes”.

Sobre as atividades que costumavam fazer juntos neste momento, ele falou: “... a única coisa que a gente consegue fazer junto mesmo é fim de semana, porque, durante a semana, eu enxergo a Vânia sete e meia quando eu largo ela no serviço, depois só vou olhar ela de novo onze e meia da noite quando eu volto da rua. Então as únicas coisas que a gente tem tempo pra fazer junto, assim, é fim de semana. Fora dormir, né. Mas só fim de semana assim (...) piscina a gente vai, casa de amigo a gente vai, tem uns casais de amigos nossos que vêm aqui em casa. Na mãe, a gente vai, porque ela gosta muito da mãe, então a gente tá sempre lá. As tias dela também. Churrasco com a família dela é quase todo fim de semana”.

Separados, ele mencionou que não fazia nada: “O único tempo que eu tenho pra mim também é o fim de semana, que é quando eu to com ela. Sozinho eu não faço”. Sobre as atividades de Vânia separada ele mencionou sua atividade esportiva.

A administração das finanças estava sendo feita por Vânia, mesmo os dois juntando seus salários para pagarem as contas (“Ahn, isso daí é um problema também, porque, assim, ó, finanças, a princípio, é ela que administra, então... E



*ela só vem falar comigo alguma coisa quando ela não tem saída mais, sabe, porque a princípio não tem, né, tem os nossos salários, tem as contas, tem que fazer um fechar com o outro, então isso daí ela faz, quando acontece alguma coisa, algum problema assim, é que ela vem”).* Lúcio mencionou que percebe a ansiedade de Vânia em pagar as contas imediatamente como uma forma de ser muito diferente da sua (“... e eu não sou assim, ah, espera chegar lá, ver o que vai fazer, né, tem um baita de um tempo no meio do caminho”). O fato de ser Vânia quem administra as finanças do casal não estava sendo novidade, pois desde que decidiram morar juntos estavam fazendo desta forma.

Da mesma forma, é Vânia quem administra a organização da casa (“... limpeza, coisas que precisa comprar pra casa, essas coisas assim, isso aí, tipo lista de mercado, isso daí ela que faz também, ela que sabe o que tem em casa ou não”). Lúcio justifica sua não participação nestas atividades em função do seu excesso de atividades, pois trabalha durante o dia e estuda à noite (“... até porque eu também não paro, né, eu só para fim de semana em casa. Aí ela vem do serviço, ela sabe o que tá faltando”). Já a parte de limpeza da casa tem estava sendo dividida, segundo o relato de Lúcio: “*E limpeza de casa, assim, fim de semana, sábado e domingo, sempre isso daí a gente faz junto*”. Lúcio ainda explicou que procuram dividir as tarefas de limpeza da casa (“*porque tinha que dividir as coisas de um jeito, né, senão, ela vai lá e vai ter que fazer tudo sozinha, então tem coisas, assim, que ela assumiu que, por exemplo, banheiro ela que faz, porque, se eu limpar, depois ela vai brigar, porque não é do jeito que ela quer, então tem essas coisas assim. Então, tipo, passar cera no chão, ela já falou que eu consigo passar melhor do que ela, porque ela empapa o chão, não sei o quê, então são coisas, assim, que eu faço, não tem. As únicas coisas eu ela assumiu pra ela são as coisas que ela sabe que eu não ia conseguir fazer direito*”).

A relação com a sua família “*não mudou muito*”, segundo ele, neste período de um mês de casamento. Da mesma forma, ele relatou que a relação com a família de origem de Vânia “*não mudou nada*”. Mas, em seguida, acrescentou: “*Eu vi que aproximou mais assim, porque a família dela é muito..., principalmente a vó dela, as tias dela até nem tanto, mas principalmente a vó dela*

*é muito católica assim, então tinha que ter aquela união assim, sabe, e aí parece que ou pelo menos eu vi que mudou bastante assim depois que a gente casou (...) O tio dela também, que o tio dela é como um pai pra ela, o irmão do pai dela é mais pai do que o próprio pai, né, então também a gente começou a se dar super bem, principalmente no casamento assim, né, quando a gente tava organizando lá as coisas, né, que ele vinha junto assim”.*

Os dois, como casal, costumavam visitar as duas famílias de origem, pois estas não tinham o hábito de visitá-los em função de não terem locomoção.

No primeiro mês de casamento, Lúcio descreveu um bom casamento da seguinte forma: *“Eu acho que é o que a gente tá vivendo agora assim, não consigo imaginar, tipo, um bom casamento com o casal fazendo coisas diferentes do que a gente faz. Acho, assim, ó, acima de tudo, que nem eu já te falei, diálogo e amizade tem que ter sempre, sempre, sempre, principalmente diálogo assim, tem que ter sempre (...) E saber dividir as coisas, assim, como eu já tinha falado, não largar tudo em cima de um ou tudo em cima de outro”.* Um mau casamento, para Lúcio, seria *“a falta desse tipo de coisa, né, falta de confiança, essas coisas assim”.*

#### No 6º mês de casamento:

No sexto mês de casamento, Lúcio descreveu a relação de casal como estando *“ótima”* e não havia sofrido muita alteração comparada ao momento anterior ao casamento, em função de já coabitarem antes (*“Mas em relação, assim, a como era, tudo, assim, não tem muita diferença, assim, a princípio a gente tá mantendo aquilo que a gente fazia a princípio é isso daí, não tem muita diferença em relação ao que tava antes. Fora amizade, essas coisas, que vai crescendo todo dia e tal, mas, a princípio, não, em relação ao que era antes, assim, não teve nenhuma mudança assim drástica”*). Ele justificou a pouca modificação em sua relação através do fato de já morarem juntos.

Aos seis meses de casamento, a relação estava satisfazendo *“com certeza”* as expectativas de Lúcio. Além disso, ele destacou como pontos fortes da relação de casal a amizade e o diálogo do casal. Quando indagado sobre os pontos fracos da

relação, Lúcio mencionou que não percebia pontos fracos *“justamente por causa disso daí, que a gente tem bastante diálogo assim, então a gente normalmente não fica guardando as coisas um pro outro, assim, sabe, então o que tem pra falar fala, resolve ali, pronto, acabou, sabe, não tem...”*. Em seguida, ele mencionou: *“a Vânia agora parou de trabalhar, então ela ta muito em casa, sabe, mas eu não vejo isso como um ponto fraco, então o que acontece? Ela sente aquela..., fica muito sozinha e coisa, sabe, e eu to sempre correndo, sabe. Eu saio de casa às sete da manhã e chego em casa às onze horas da noite correndo, assim, chego em casa, ainda tenho coisa pra fazer, sabe, não paro nem em casa, então... E ela fica assim ‘ah, tu não fica comigo’, essas coisas assim, pra mim, e eu acabo me sentindo mal, sabe, de não ter tempo pra ela, né. Mas eu não sei se isso seria um ponto fraco, de repente, até poderia considerar, né, mas, a princípio, não tem, a gente sempre se dá super bem, nada que seja considerado eu acho”*.

O único tema que Lúcio referiu que gerava conflitos entre eles é que ambos tem estilos diferentes de encarar as dividas: *“a gente normalmente bate de frente é porque ela é muito certinha, principalmente coisa de finanças assim, esses troços, ela é muito..., ela quer tudo certinho, sabe. E eu não sou muito assim, sabe, tenho pra pagar, tenho; não tem, não tem; não tem, daqui a pouco, 10 dias, vai ter, entendeu. E ela é muito certinha e aí ela fica brava, porque eu não sou assim, sabe, e aí a gente começa a bater de frente nessas coisas”*.

Sobre a vida sexual do casal, Lúcio contou que estava *“meio conturbada”*, em função de um problema de saúde de Vânia que a impediu de usar pílula anticoncepcional e de ela não gostar de usar preservativo (*“porque a Vânia teve um probleminha, em janeiro, ela teve uma isquemia, né, então ela... Até o doutor acha que foi problema do anticoncepcional, que vai engrossando o sangue e aí forma um... e aí ela não ta mais tomando pílula (...) e aí a gente ta usando preservativo agora, sabe, e ela não gosta muito, então fica aquela coisa, assim, meio xarope”*).

Sobre as atividades que costumavam fazer juntos Lúcio falou: *“dia de semana, muito difícil, né, não tem, sem condições assim, porque eu tenho aula e tudo, então não tem, mas é sempre que dá, assim, fim de semana, a gente vai no*

*pai [dele], né, nas tias dela, que tão sempre fazendo festa, churrasco, essas coisas. Cinema a gente vai, quando dá, assim, de vez em quando”.* Sobre as atividades que faziam separados, ele falou: *“Bom, ela tá..., como ela saiu do emprego, né, ela não tá fazendo nada que eu saiba assim. Ela tem o grupo espírita que ela vai, né, a mãe dela era espírita, então agora ela tá indo também (...) E eu separado, eu sou um... Não tenho tempo pra nada, né, então... Só fim de semana, né, mas aí fim de semana a gente tá junto, né, e o único tempo que eu tenho pra fazer separado seria no dia de semana, assim, só que não tem como, não tem como”.*

A administrando as finanças continuava sendo feita por Vânia e Lúcio ainda comentou que não participa, a não ser quando há alguma dificuldade maior: *“não dou palpite. Ela só vem em mim quando tá apavorada, assim, sabe, quando não sabe mais o que fazer, aí ela vem (...) É tudo ela que faz, sabe, não me envolvo muito com isso. Pego o meu salário, deposito na conta dela direto até e ela que sai pagando, pagando as contas”.*

Da mesma forma, a organização da casa estava sendo feita, em sua maioria, por Vânia (*“ela tá fazendo bem mais coisa, porque ela tá em casa, assim, sabe, então até eu admito, assim, ó, que, como ela tá em casa, ela pode fazer as coisas, sabe, porque, aí, às vezes, eu chego em casa cansado, entendeu, e ela pede pra eu fazer uma coisa, eu geralmente não faço, porque, como ela tá direto em casa dia de semana, eu imagino que já era pra estar tudo pronto, sabe, não preciso fazer (...) Só quando tem, assim, tipo um faxinão, assim, que ela não faz, sabe, aí a gente faz junto, mas aí é bem raro, uma vez por mês, assim, uma vez a cada dois meses”*).

A relação com a sua família estava *“bem, tranqüila”*. Ele ainda comentou que esta não havia mudado em função do casamento. A relação com a família de Vânia estava também *“a mesma coisa”* e estavam se relacionando muito bem, mesmo Lúcio não tendo muito tempo para vê-los. Juntos, como casal, apenas costumavam visitar as famílias durante os finais de semana e, ainda assim, visitavam mais a família dele do que a dela: *“Mas a gente só consegue ir, assim, fim de semana, porque, na maioria das vezes, a maioria dos fins de semana, a*

*gente vai lá pra mãe, sabe, até porque ela prefere ir pra lá, não sei por que. Nunca vi gostar tanto de uma sogra que nem ela”.*

Neste momento, Lúcio descreveu um bom casamento: *“a princípio, eu imagino que o principal de tudo é a amizade, tem que fazer da tua esposa, do teu marido, um amigo, primeiro de tudo, né. E, segundo, sentar e conversar assim”.* Para ele, um mau casamento *“seria o contrário disso daí, falta de confiança, assim, essas coisas também, falta de diálogo”.*

No 12º mês de casamento:

O primeiro ano de casamento, Lúcio avaliou a sua relação de casal como parecida com quando começaram, pois acreditava que não havia mudado em nada (*“[a relação está] como começou. Acho que não mudou nada, assim. Tipo, começou super legal, assim. Antes de casar, já era. Depois de casar, também. E agora também, né”*).

Entretanto, ele mencionou alguns acontecimentos, que ele considerou *“não referentes ao casamento”*, como a perda de emprego de Vânia (*“... as provas da vida, assim, que, tipo, a gente aprende a conviver com coisas que não existiam antes”*). Em função do desemprego de Vânia, Lúcio considerou que ela havia mudado em alguns aspectos e que não estava mais tão ansiosa com as contas e compromissos financeiros como era anteriormente (*“A Vânia mudou bastante em relação a certas coisas que era antigamente (...) Tipo, tinha coisas, assim, que ela não aceitava, né, não sabia aceitar e, tipo, entrava em desespero, sentava e começava a chorar, sabe, e agora ela tá mudando, assim. Sabe assimilar melhor as coisas. Entre a gente, isso é legal, porque, tipo, eu tenho uma mentalidade que era completamente o oposto da dela em certas coisas, né (...) Principalmente, assim, ó, eu acho que a gente já tinha falado nas outras em relação quanto às contas, que a principal coisa no casal é manter a casa, manter teu carro, manter tudo, né. E, tipo, ela era, bah, super, era muito preocupada, assim, com as coisas. Hoje ela já tá bem mais light, assim”*). Lúcio ainda mencionou que esta modificação na forma de Vânia encarar as dívidas do casal havia sido positiva em seu entendimento, pois *“não gostava muito dessas coisas*

*dela, assim, porque, tipo, não adianta se desesperar, sabe, e ela se desesperava e não é a solução, eu acho (...) e agora, hoje, ela tá bem melhor, assim”.*

Neste momento, a relação de casal estava satisfazendo as expectativas de Lúcio “com certeza”.

Os pontos fortes da sua relação mencionados por ele foram “*os mesmas de sempre, assim, amizade, diálogo. Essas coisas que a gente sempre investe, assim, então acho que isso daí é o principal*”. Sobre os pontos fracos, por sua vez, ele falou que um deles era justamente a forma ansiosa de Vânia encarar as dívidas, o que já havia se modificado bastante (“*Eu acho que um dos pontos fracos que tinha era essa coisa que nem eu tinha comentado antes da Vânia. Tipo, ela mudou bastante já em relação a isso*”). Sobre os pontos fracos do presente, ele falou: “*Mas eu não vejo, assim, talvez... Não sei, em relação a um ponto fraco, assim, falta de tempo pra gente estar junto, alguma coisa assim, porque, durante a semana, é muita correria, então eu acho que hoje, a princípio, seria isso daí*”.

Os temas que estavam gerando mais conflitos entre eles referiam-se às finanças e ele mencionou: “*Acho que o financeiro... Não digo conflito, assim, porque a gente não... É muito difícil a gente se conflitar, então, tipo, antes de começar brigando, a gente sempre senta e conversa. Mas eu acho que hoje o principal é isso daí (...) É mais as despesas, que eu acho que, sei lá, no casal, é o principal, assim, que tem, porque, tipo, a gente vem de famílias onde não precisava fazer nada, entendeu. Tipo, ela trabalhava, tudo, dava o dinheiro pra mãe dela, mas a mãe dela trabalhava também e tinha tudo, sabe, não precisava se preocupar com coisas que a gente se preocupa hoje, correr atrás. Antes era tudo festa, assim. Agora tem que correr atrás*”.

A sexualidade do casal, segundo a avaliação de Lúcio, não havia se modificado. Mas ele fala que a frequência das relações sexuais se modificou, “até por causa da correria também”.

As atividades que eles faziam juntos se restringiam aos finais de semana (“*Só fim de semana, assim. Ah, a gente mais fica em casa, assim, sai com amigos e coisa. As festas das tias dela a gente vai bastante, que junta todo mundo na tia dela. Junta a minha tia com a dela (...) dia de semana, a gente não tem tempo. Aí,*

*dia de semana, de noite, que é o tempo que a gente tem junto, a gente fica em casa. E aí, fim de semana, normalmente a gente tá em algum lugar. Dificilmente a gente pára em casa”).*

Sobre o que faziam separados, ele disse: *“Eu, separado, não faço nada, só estudar, né, de noite. Fim de semana, assim, eu to sempre com ela. E, sábado, agora, que ela tá indo no Chico (centro espírita), né. Ela vai no Chico sozinha, eu não vou, aí eu fico em casa ou vou lá pra mãe, às vezes, se tem alguma coisa pra fazer lá”*.

A administração das finanças estava sendo *“mais complicada”*, em função do período em que Vânia ficou sem emprego e apenas Lúcio tinha salário. Mas, mesmo sendo Lúcio quem recebia o salário, continuou a ser Vânia quem o administrava (*“Dificilmente eu me envolvo (...) em relação a pagar e coisa, tudo é ela. Pego meu cheque lá, deposito na conta dela e...”*).

A organização da casa também estava sendo realizada por Vânia (*“Limpeza, assim, durante a semana, ela sempre limpa. Todo dia, todo dia, ela varre a casa. Até nem sei porque varrer todo dias, deve ser coisa de mulher (...) Aí, fim de semana, quando tem, assim, o mais pesado, aí tem coisas que a gente faz junto, assim. Mas ela faz a maioria das coisas”*).

Sobre a relação com sua família, ele contou que *“ta normal, tá legal, assim, não tem...”* e mencionou que seu contato é maior com os pais, pois o irmão mora no interior do estado (*“Meu irmão não tá aí, né. Dificilmente eu vejo ele”*). Lúcio ainda contou que os seus pais haviam passado por uma crise conjugal quando se questionaram a respeito de separar-se ou não. Ele falou: *“E a mãe e o pai tão, tipo, naquela separa ou não separa e tem que ficar fazendo um meio de campo, assim, mas a nossa relação, a minha relação com eles, assim, normal, como sempre teve, né”*. Ele costumava visitar os pais todos os dias, *“porque é caminho da PUC, né, aí eu passo lá antes pra tomar café”*.

A relação com a família de Vânia foi considerada *“tri boa, não mudou nada, assim, super boa”*. Os dois, como casal, costumavam freqüentar bastante as famílias de origem.

No primeiro ano de seu casamento, Lúcio descreveu um bom casamento da seguinte forma: *“é a relação, o diálogo, assim, sentar e conversar. Não vejo uma forma melhor de poder administrar o casamento, assim, do que, principalmente, o diálogo. Sentar e conversar antes de sair brigando. Ver por que as coisas tão acontecendo daquela forma. Bah, isso é uma coisa que deu super certo pra nós”*.

Um mau casamento, foi caracterizado assim: *“Ah, eu acho que o oposto disso, né. A falta de tudo isso, assim. Na minha opinião, né, que nem eu já tinha dito, né, acho que cada casal deve ter sua forma de chegar na..., como é que eu vou dizer, a sua idéia de bom casamento. Eu acho que o mau casamento seria o oposto disso aí. Tipo, falta de amor, assim, que, bah, tem um monte. A amizade também, o diálogo, acho que são as principais coisas e a falta disso acho que é o que afunda”*.

#### 3.3.2.4 - O futuro

##### Antes do casamento:

No momento anterior ao seu casamento, Lúcio falou sobre as expectativas que tinha sobre sua relação de casal: *“a gente sabe que dificilmente do jeito que tá fica no futuro, né, porque é aquilo, a gente começa a se conhecer mais ou ter, vão começar a se agregar outras qualidades, filhos, essas coisas. Eu espero que continue como tá agora, porque eu acho que tá muito legal assim. E daí depois vem filhos, essas coisas assim, sabe”*. Sobre como descreveria a vida de casado, ele mencionou: *“Se a gente não morasse junto, eu descreveria [a vida de casado] como ela é agora, porque, na verdade, a gente tá vivendo vida de casado, então é compartilhar os problemas, procurar junto as soluções, ahn, aumentar a tua amizade, sabe, é mais fácil no momento que tá morando junto, tu aumenta o teu diálogo, tu convive mais tempo junto, né, aumenta a amizade, então... Todas as responsabilidades que tu não tinha na casa dos teus pais, porque eles faziam tudo, tu começa a trazer pra ti agora, assim, essas coisas”*.



Lúcio não imaginava que mudaria alguma coisa em sua relação em função do casamento *“porque, como é que eu vou explicar, do meu ponto de vista, no dela até nem sei, mas, no meu ponto de vista, na verdade, assim, o casamento se faz porque tu tá compartilhando as mesmas coisas com a tua esposa, com o teu esposo. Na verdade, o casamento, pra nós, vai ser uma passagem só, vai ter a festa na igreja, vão ter as fotos, vão ter as filmagens, vão ter as assinaturas ali, o nome dela novo que ela queria. Acho que vai ser aquilo que a gente tem, não sei se vai mudar muita coisa”*.

As suas expectativas sobre organização financeira eram de que continuasse *“como tá sendo feito agora”*, ou seja, juntam os salários dos dois e pagam as despesas da casa, sendo que ela é quem administrava o dinheiro e pagava as contas do casal. Sobre a organização da casa, Lúcio relatou que era feita por ambos, mas mais por Vânia.

As suas expectativas eram de que as atividades que faziam juntos e separados depois do casamento seriam as mesmas que já faziam no presente.

No 1º mês de casamento:

No primeiro mês após o casamento, Lúcio contou que suas expectativas para o futuro da relação eram que esta não se modificasse muito (*“sinceramente, eu não espero que mude assim. Com certeza, filhos vão vir assim, alguma coisa vai mudar, mas em relação à gente, assim, bah, tá super legal. Não queria que mudasse, assim, muita coisa, até porque eu não sei se consigo enxergar coisas melhores do que tá agora, sabe, do que a gente tem”*). Os projetos que tinha para o futuro eram ter filhos, depois que ele se formasse na faculdade, o que faltava um ano para acontecer, e mudar-se para uma casa (*“não agüento morar em apartamento, sempre morei em casa”*).

Neste momento Lúcio não conseguia imaginar nada que mudaria em sua relação no futuro (*“Eu não imagino que mude, assim, porque a gente já tá junto, junto, junto assim, há um ano e tanto, eu acho, e não mudou muita coisa, assim, a gente sempre vem levando, parece que é sempre um casal novo”*).

Suas expectativas, neste período, sobre as atividades que fariam juntos no futuro eram “receber visitas” quando tivessem sua casa. Separados, ele mencionou atividades físicas.

No 6º mês de casamento:

Nos seis meses de casamento, Lúcio contou que esperava que, no futuro, a relação de casal continuasse “como tá hoje”. Mas ele acrescentou que “*de repente, mudar uma coisinha ou outra, estar mais participativo assim, sabe, até porque, com falta de tempo, eu não consigo estar tanto com ela como eu gostaria de estar, mas acho que, sei lá, daqui um ano, um ano e meio, aí já pretendo dar uma sossegada assim, então... Mas, em relação a nós, assim, eu imagino como seja hoje*”. Os projetos mencionados por ele foram: ele se formar na faculdade e trocar de emprego, trocarem o apartamento por uma casa e Vânia retomar sua faculdade. Lúcio apenas mencionou filhos quando perguntado, e disse: “*Pois é, agora teve esse pequeno problema aí [referindo-se aos problemas de saúde de Vânia], porque a médica proibiu ela de ter filho, pelo menos, durante um ano, um ano e pouco. Disse que não pode ter, né, porque, ela disse, assim, ó, pelo problema que ela teve, as chances de voltar, durante o primeiro ano, são bem maiores, então a médica deixou ela de monitoramento, assim, durante esse período e ela não pode ter filhos... Mas, a princípio, a gente não ia ter mesmo, porque ia ser só depois de se formar. Mas, a princípio, a nossa idéia é ter, mas depois de eu formado já*”.

Sobre o que imaginava que mudaria na relação de casal no futuro, Lúcio falou: “*sinceramente, em relação ao casal, assim, eu não quero que mude, porque eu não consigo imaginar, assim, alguma coisa melhor. De repente, filho, alguma coisa assim, sabe, mas daqui, por exemplo, seis meses, mais seis meses, a gente não vai poder ter (...) não pretendo que esteja muito diferente assim, sabe, não sei o que que melhoraria daqui a seis meses que, na minha opinião, eu acho que tá, como a gente vive, super legal*”.

As atividades que esperava que fizessem juntos no futuro eram “*as mesmas coisas que a gente faz hoje, entende, só que sempre tem aquilo, ah, de*

*repente, tu tem dinheiro, tu vai fazer coisas diferentes, né. Por exemplo, assim, de repente, jantar mais fora que ela gosta, que a gente vai, mas não vai tanto. Cinema que a gente vai, mas, de repente, não vai tanto, que nem ela gosta bastante, sei lá, duas vezes por semana, essas coisas assim. Praia, que ela gosta, que eu pretendo, depois que trocar esse apartamento por uma casa, ter uma casa na praia também, essas coisas assim. Poder pegar ela, filhos e coisa e ir pra praia todo fim de semana. Essas coisas, assim, que eu sei que ela gosta. Então eu imagino que, eu espero, pelo menos, que seja assim, né”. Sobre as atividades que pretendia que fizessem separados no futuro, ele falou que não sabia quais seriam e apenas mencionou a volta aos estudos de Vânia como uma atividade que ela faria separada dele.*

*No 12º mês de casamento:*

No primeiro ano de casamento, Lúcio mencionou suas expectativas de que a relação continuasse como estava (*“Eu espero que seja como tá hoje, assim, em relação a nós, né, eu e ela, que não mude, assim, que eu acho que tá, bah, super... Acho que, desde que a gente começou, a gente teve sempre a mesma linha de raciocínio, assim, falando friamente, a mesma linha de raciocínio e eu, na minha opinião, pretendo manter assim”).* Ele mencionou os projetos que o casal tinha, tais como *“se ajustar, né, se estabilizar de novo [financeiramente] até o próximo baque (risos)”* e *“filhos, né, acho que agora tá nos planos”*.

Ele imaginava que no futuro estariam mais amadurecidos (*“É mais ou menos, assim, ó, tipo, nesse um ano, a gente já amadureceu um monte, né, pelas coisas que aconteceram, então, por exemplo, na verdade, a vida vai amadurecendo a gente, né, então não sei o que que vai mudar em relação a gente, assim. Com certeza, a gente vai ficar mais maduro, né. A gente vai estar com uma outra cabeça, assim, e tudo”).*

Também sobre o futuro, ele falou que esperava que ele e Vânia continuassem fazendo juntos o que faziam no presente (*“imagino que vá ficar essas que tão hoje, assim. Talvez outras coisas, tipo, viagem. A gente gosta de viajar um monte, mas também não tem tempo, né. É difícil de estar saindo toda*

hora, assim. E eu acho que, a princípio, vai... Não vejo muita coisa mudando, assim, em relação a isso daí. Talvez só mais viagem, assim, que a gente gosta um monte de viajar e, às vezes, não tem tempo ou não tem dinheiro pra ir, alguma coisa assim, né”). E, separados, ele falou que não sabia o que pretendia que fizessem. Apenas mencionou a atividade religiosa de Vânia como algo que ela continuaria fazendo individualmente, mas não conseguiu descrever nenhuma atividade para si individualmente (“Não sei. Separado, assim, não sei. Ela gosta de ir lá no Chico, né. Não sei até quando ela vai. Ela já evoluiu um monte lá, né. Tem várias categorias lá, ela já tá indo e tá avançando. E, provavelmente, isso ela vai continuar fazendo. Agora eu, separado dela, não tenho muita coisa, assim, sabe”).

### **3.3.3 - Sentimentos e impressões da noiva**

#### *3.3.3.1 - A história da relação*

Vânia contou que ela e Lúcio se conheceram no trabalho, onde eram colegas. Tornaram-se amigos e costumavam conversar bastante. Ela contou que o considerava “*uma pessoa muito inteligente assim (...) ele é muito prático também, sabe, então, assim, determinadas coisas, eu gostava de conversar com ele, porque, eu tinha algum problema, eu conversava com ele, ele me mostrava um caminho que eu nem sequer tinha visto, sabe, então eu admirava, admiro, né, admirava e admiro isso muito nele, sabe*”. Nesta época, Vânia estava noiva de um rapaz há sete anos e Lúcio tinha uma namorada havia quatro anos. Conversavam sobre os relacionamentos dos dois (“*A gente conversava muito sobre os nossos relacionamentos, né. E aí eu tava já numa época difícil, tava há muito tempo noiva já e não tava mais agüentando a situação, com crise, aquela coisa toda, sete anos noiva, né*”). Ambos estavam insatisfeitos com seus relacionamentos e desabafavam um com o outro.

Quando ambos terminaram suas relações, começaram a sair juntos. Segundo ela: “*a gente foi saindo, a gente foi saindo, escondido, né, depois do serviço, e a gente acabou ficando junto, né. Aquela coisa, mulher quando tá*

*carente, né, encontra uma pessoa legal, uma pessoa que dê atenção, aquela coisa toda...”. Passados alguns meses, a mãe de Vânia faleceu repentinamente (“minha mãe não tinha doença, minha mãe morreu de aneurisma cerebral de repente assim ó”). Vânia contou que após o falecimento de sua mãe, Lúcio passou a procurá-la com mais frequência e a se aproximar mais. Ela contou: “então ele se aproximou mais, a gente começou a sair mais”. Nesta fase, Vânia foi morar com a avó materna e ela e Lúcio começaram a se encontrar com frequência. Vânia contou que Lúcio não queria namorar sério e ela queria (“só que ele dizia que ele não queria de novo se prender num relacionamento, sempre foi sincero comigo, sabe, que ele queria dar um tempo, que ele queria ficar solteiro, que a gente podia fiar junto, mas não, assim, um compromisso de namoro, tal, e eu já não, eu já queria um namoro, porque eu já tinha, eu já gostava dele, sabe. Eu já gostava dele, eu já queria ficar com ele, eu já queria estar sempre com ele e eu acredito que ele também inconscientemente, só que ele queria evitar. Aí, só que a gente começou a se relacionar tanto, todos os finais de semana, a gente ia no cinema, ele procurava me distrair...”). Segundo seu ponto de vista, eles estavam namorando “a gente tava namorando, só a gente não sabia, entendeu?”. Ela, então, teve a iniciativa de conversar com ele e propôs que oficializassem o namoro (“Foi aí que, um dia, eu cheguei pra ele e disse assim: “olha, a gente tem que oficializar isso, porque, pra mim, a gente tá namorando, quer tu queira quer tu não queira, né, e aí ele ficou pensando, pensou, e aí, depois de muita luta, a gente, ele resolveu que realmente era um compromisso, que a gente tava namorando e aí me apresentou pra mãe dele, pro pai dele, aquela coisa toda, básica, né. Ele começou a freqüentar a casa da minha vó, da minha tia...”). Assim, depois de alguma insistência de Vânia, eles começaram a namorar e apresentaram-se as respectivas famílias.*

Neste período, Vânia recebeu algum dinheiro do seguro de vida de sua mãe e resolveu comprar um apartamento (“eu tive que comprar um apartamento, porque a minha mãe deixou um seguro de vida e aí... Na verdade, é que o nosso relacionamento tá muito ligado com a morte da minha mãe, assim, também, sabe, porque tudo aconteceu, eu comprei esse apartamento porque ela veio a falecer. Até então, eu morava com ela e ia ter que namorar lá na casa dela, entendeu?”).

Lúcio a acompanhou na escolha do imóvel e a ajudou a montar o mesmo. Ela considerava que Lúcio, neste momento, foi *“super prestativo, sabe, aquele amigo, companheiro. Participou de tudo, todos os detalhes, todos, desde escolher sofá até instalar lâmpada, sabe”*.

Como Vânia não gosta de ficar sozinha, convidou uma prima para morar consigo. Moraram juntas por cerca de um ano e meio, mas segundo ela *“não deu certo”*. Vânia e Lúcio estavam namorando, mas ele ficava em seu apartamento apenas nos finais de semana, pois ainda morava com os pais. Quando a prima de Vânia resolveu sair do apartamento, em função da sua *“incompatibilidade de gênios”*, Vânia disse para Lúcio: *“eu não quero ficar sozinha, eu tenho pavor, assim, eu não gosto, bah, eu caio em depressão profunda se eu tiver que ficar sozinha (...) tu não quer vir?”*. Ela, então sugeriu que Lúcio fosse morar consigo e que experimentassem e ele concordou com sua proposta. A partir do que Vânia contou, Lúcio aceitou seu convite pois não queria mais ficar longe dela.

No momento da primeira entrevista estavam morando juntos havia dois anos e meio. Sobre a decisão de casarem-se, Vânia falou: *“a gente tá vivendo até hoje, a gente tomou essa decisão de casar em junho, né, porque foi uma coisa que a gente tava sentindo necessidade, né, até mesmo pela sociedade né, porque tu é muito cobrada, assim, e tal e eu fui criada dessa maneira, entende, eu quero casar na igreja, eu quero ter o nome dele, quero que meus filhos tenham o nome dele e o meu, entendeu, então eu sou muito conservadora nesse lado assim, então a gente decidiu casar. A mãe dele ficou feliz, a família toda, a minha também, enfim...”*. Além disso, ela mencionou: *“porque a vontade [de casar] tava ali, a vontade, sabe, de ambas as partes, só que faltava a estrutura, né, pra se fazer uma cerimônia religiosa, civil, porque tudo tu paga, tudo tem detalhe (...) então era isso que nos travava mais nos últimos tempos, né, mas aí a gente conversou, puxou um zero daqui, põe o outro pra cima e tal e aí a gente viu que dava”*.

Quando questionada sobre o que a atraiu em Lúcio, ela falou: *“eu nunca achei ele, assim, uma beldade de beleza, até porque eu realmente não vou por beleza estética (...) o que me atraiu nele realmente foi a... Ele é uma pessoa muito sensível. O sensível que eu falo não é a sensibilidade, assim, ‘ah, tu me magoou’,*

*qualquer coisa, não é esse sensível, as pessoas pensam isso de sensibilidade, não, ele é uma pessoa sensível, porque eu posso não falar as coisas pra ele que eu tô sentindo e ele sabe o que eu tô sentido (...) quando eu levanto, se eu não tô a fim de falar, ele não fala, ele dá um tempo, espera o meu tempo (...) A inteligência. O carinho. Ele é muito carinhoso, ele é extremamente carinhoso, delicado, sabe, e eu gosto disso”.*

Durante a época anterior aos preparativos para o casamento, Vânia contou que costumavam fazer juntos atividades relacionadas às famílias: *“A gente gosta, tu vai rir, mas a gente gosta muito de estar junto das nossas famílias, assim. A gente não é um casal... A gente até sai, quando tem algum aniversário de amigo e tal, muito amigo, assim, vai, janta fora ou vai dançar (...) então a gente tá sempre entre a minha família e, quando não tá, a gente tá com a família dele, porque eu adoro a minha sogra, eu sou alucinada pela minha sogra”.* Sobre as atividades que costumavam fazer separados, Vânia comentou: *“eu, a minha academia, né, minha natação, que eu faço sozinha, né, sem ele (...) ele, agora não me vem nada na cabeça. É que ele estuda muito, assim, sabe, então ele tá sempre lá na biblioteca na PUC pesquisando ou então vai na casa de fulano ou beltrano. As atividades dele da faculdade é ele sozinho”.*

Sobre os preparativos para o casamento, Vânia comentou que estava recebendo “muita ajuda” das famílias e contou que a maior parte dos convidados lhes daria como presente partes da festa, pois já tinham a casa montada (*“Eu não me considero uma noiva comum. Eu me considero uma noiva incomum, porque eu já tenho uma casa montada, eu já tenho tudo na minha casa, então pra que que eu vou estar pedindo mais eletrodoméstico, mais coisa...”*). Os preparativos, segundo ela, estavam provocando mudanças na relação do casal: *“porque, na verdade, assim, ó, o homem ele já tem aquela natureza dele, assim, né, de ‘ah, casamento... deixa com a mulher que a mulher se vira’ e isso me chateia, porque eu já disse várias vezes pra ele ‘eu não vou casar sozinha, eu vou casar contigo. O casamento não é só meu, o casamento é nosso’ (...) ele é meio travado assim, sabe, e eu já tenho mais atitude, sabe, iniciativa. Então, assim, a gente briga, porque exatamente, assim, eu tento puxar ele assim ‘ah, o que tu acha, sei lá, tal*

*cor de rosa pra igreja?’ e ele ‘Ah, escolhe o que tu quiser, pra mim, qualquer uma tá bom’ (...) o que me irrita muito, que a gente ta discutindo bastante é, no caso, ele deixar tudo muito na minha mão”.*

### 3.3.3.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

No momento anterior ao casamento, Vânia descreveu sua relação como “*tudo bom*”. Ela contou que costumam conversar bastante e descreveu: “*eu acho que o nosso relacionamento, ele tá construído muito em cima do diálogo e da flexibilidade, sabe. Tirando, assim, carinho, amor, porque isso aí é básico num relacionamento, então eu acho que flexibilidade, respeito e diálogo*”. Neste momento, a relação de casal estava satisfazendo suas expectativas “*plenamente*”.

Sobre os pontos fortes da relação, Vânia mencionou que “*sempre um, sabe, dá o braço a torcer*” e citou o “*diálogo*”, a “*flexibilidade*” e o “*respeito*”. Um dos pontos fracos da relação mencionados por Vânia é a característica de Lúcio, que ela descreveu como “*mais travado*” (“*Ele é tão cuidadoso que ele, antes de ele dar um passo pra frente, ele pára, dá dois passos pra trás e isso me irrita, sabe, porque eu, se eu tiver que meter os peitos, eu meto, sabe. Ele não, ele já é mais...*”). Ela, em seguida, mencionou: “*a gente é um pouco inseguro assim, sabe, justamente porque os nossos pais, não digo..., eu a minha mãe e ele os pais dele, é tudo muito forte assim, sabe, então a gente era os filhinhos, ele é o mais novo e eu sou a filha única, então aquela...*”. Esse ponto fraco estava sendo justamente o motivo principal de conflitos no casal.

Neste período, ela contou que costumavam fazer juntos e separados as mesmas coisas que faziam desde que decidiram morar juntos: visitar as famílias de ambos e, eventualmente, sair para jantar ou ir ao cinema. Separados, ela fazia atividade física e ele, estudava à noite.

No período anterior ao casamento, Vânia descreveu um bom casamento como sendo aquele em que ambos sabem que o outro é “*aquela pessoa*” e também mencionou: “*o diálogo ajuda, a flexibilidade, respeito, amor, carinho,*



*sexo, tudo, só que, assim, ó, tu tem que saber que aquela pessoa ali realmente te deu aquele estalo e é aquela pessoa, entendeu. Se tu não tiver essa certeza, tu nem..., sabe. Eu pelo menos penso assim*". Um mau casamento, por outro lado, seria aquele em que *"nenhum dos dois acreditam em nada, em Deus, não sei, alguma coisa assim. Eu acho que a religião é uma coisa muito importante (...) então, assim, se um dos dois não está em sincronia com isso, eu acho que aí começam os problemas, porque daí começa aquele desleixo, aquela falta de compromisso, sabe, tu te vira, tu faz por ti, eu faço por mim, eu não acredito no que tu acredita (...) A falta de fé, pra mim, ela desencadeia várias coisas, assim, falta de respeito, falta de cuidar, falta do carinho, sabe, daquela coisa de querer preservar aquela pessoa"*.

Quando questionada a respeito da relação de seus pais como casal, Vânia contou que eles haviam se casado, mas se separaram quando ela tinha um ano de idade. Ela comentou que sua mãe era *"muito romântica (...) ela fazia poema e colocava embaixo do prato dele (...) ela se cuidava muito: sempre unha pintada, sempre lingerie bonita, né (...)* O meu pai é uma pessoa gente finíssima, uma pessoa ótima de coração, mas uma pessoa que não tem responsabilidade". Ela descreveu ainda que a falta de responsabilidade do pai foi o problema do casamento deles. Apesar disso, Vânia considerou que o casamento de seus pais teve aspectos bons (*"o que teve de bom no casamento deles é porque tudo foi muito sincero, assim, sabe, desde o início (...) ele sempre respeitou muito ela, ela sempre teve muito respeito, embora discussões tal, mas sempre teve muito respeito e foi em cima desse respeito que ela me criou"*). Vânia, inclusive, referiu que os pais eram um modelo de casal para si: *"Eu acho que se as pessoas se separam, paciência, né. A gente tenta não se separar, conversar, aquela coisa toda, tentar acertar o passo, mas, se não tem remédio, que se separe, entendeu, porque eu acho que ninguém nasceu pra ser infeliz (...) Então eles não deixaram de ser um modelo, porque eles se amavam. Eu sei que eles se amavam. Ela dizia de pé junto que não, só que a gente não é bobo, assim, né (...) ele era alucinado por ela e ela por ele (...) então, assim, eu me miro [nos pais como modelo de*

*casal], assim, só que, claro, a gente procurar tirar a coisa boa, né, pra ter como exemplo, né, o resto espero que não aconteça comigo, né”.*

*No 1º mês de casamento:*

No primeiro mês de casamento, Vânia descreveu sua relação como “ótima” e contou que estava torcendo para que esta não mudasse depois do casamento, pois já moravam, juntos e tinham uma relação “ótima” (“a gente é meio, assim, fora do padrão eu e ele, porque a gente morava junto há dois anos. E aí a decisão foi tomada de casar a partir da experiência desses dois anos de vivência junto, né, então, assim, a gente casou e eu continuei chuleando pra que nada mudasse, nada mudasse, porque do jeito que tava antes tava ótimo, entendeu?”). Ela descreveu ainda: “a gente continua se amando, assim, loucamente, assim, sabe, se respeitando, amigos, amigos demais, assim, super cúmplices assim, companheiro, sabe”. Entretanto, ela mencionou algumas mudanças positivas após o casamento: “E eu não sei, eu me sinto mais importante. Vou te dizer assim, eu me sinto uma pessoa mais... Não que uma aliança ou um papel, assim, me faça mais importante, mas a situação em si, tá entendendo? É toda uma carga, assim, de valor (...) então eu me senti super importante, porque a gente foi escolhido, assim, perante Deus pra estar se unindo, entendeu? Pra estar formando uma nova família. Então, assim, eu acredito, assim, eu me sinto super importante por causa disso, por causa disso, né. De ter o nome dele, me sinto importante também, sabe, agora eu sou uma senhora casada, então acho, assim, to achando o máximo, to achando o máximo, sabe? (...) então eu to achando ótimo isso daí. Pra mim, tá ótima essa vida de casada”. Desta forma, ela comentou também que a relação de casal estava satisfazendo suas expectativas.

O ponto forte apontado por Vânia em sua relação foi o “diálogo” e ela disse: “atualmente e sempre foi o diálogo”. O ponto fraco apontado por ela foi a diferença entre eles na forma de ser (“eu acho que a gente é muito diferente, sabe, justamente como eu te disse, ele é muito retraído e eu sou muito expansiva, eu tenho essa noção assim, sou muito expansiva, então, às vezes, eu acabo invadindo

*o espaço dele, entende, e eu nem noto. Eu acho que isso é um ponto fraco e acho que ponto fraco pra mim, não só pra relação, mas pra mim também (...) Eu to tentando melhorar isso”).*

Um dos temas que estavam gerando conflitos entre eles se referia justamente ao fato de eles serem diferentes e de Vânia invadir o espaço de Lúcio de vez em quando (“*Eu acho que o conflito é exatamente em cima desse ponto fraco, porque, na verdade, assim, ó, às vezes, eu invado, assim, o espaço dele, a gente acaba brigando, sabe*”).

A sexualidade do casal estava “*tranqüila*” e ela descreveu: “*é tudo muito tranqüilo, é tudo muito calmo e já não é mais tanto a parte sexual. Claro, ela conta muito, mas, assim, já é mais o amor, assim, sentimento, assim, sabe, então é uma coisa mais tranqüila, é uma coisa mais..., é algo com uma paz maior, entendeu? E sem compromisso, ta entendendo? A gente, pelo menos, não tem obrigação (...) sem cobrança*”. Vânia comentou ainda que sentiu alguma mudança na sexualidade em função do casamento: “*é ridículo, assim, mas eu, é como eu te disse, me sinto mais segura, sabe, me sinto mais segura assim. É que a gente, que é mulher, tem umas caraminholas, assim, na cabeça, né, de homem, assim, ‘ah, não dá pra ser muito atirada’, sabe, ‘ah, não dá pra abrir muito o jogo’, sabe, e, assim, depois que tu casa, não tem muito isso, assim, sabe, porque, na verdade, se a pessoa não quisesse ficar contigo, não gostasse da tua transa, não gostasse de ti, não gostasse, sabe, dos momentos, não teria casado*).

As atividades que estavam fazendo juntos eram apenas “*em casa, assim, ficando junto (...) a gente gosta muito de ver filme, muito, muito, muito, muito... A gente ta indo na piscina, sabe, o clube, essas coisas assim pra espairer, sabe (...) eu gosto muito de ficar entre a família da gente assim. Ele gosta muito da minha família. Eu gosto muito da família dele. Então a gente ta sempre, assim, enfiado assim. Quando a gente não ta em casa, a gente ta na casa da minha sogra ou ta na casa da minha avó. Essas são as atividades que a gente faz junto*”. Separados, além do trabalho, ela fazia atividade física e ele costumava estudar.

Neste momento, Vânia contou que ela era quem administrava as finanças o casal (“*Ele pega, ele recebe o salário dele, ele vem e ‘ó, toma aqui’, bah, eu digo*

*'ta, tu não quer ficar?'*, *'não, se precisar, eu te peço'*, *sabe. Ele é bem desligadão, assim, sabe. E aí quem administra mesmo as contas da casa sou eu (...)* Tudo a gente junta. A gente junta dinheiro e junta as despesas, né. Tudo é uma coisa só e aí a gente distribui. A gente não, eu distribuo da melhor maneira possível, né”).

A organização da casa estava sendo feita pelos dois, embora ela tivesse que solicitar a participação dele em alguns momentos (*“Mas ele me ajuda muito. Claro que dentro dos limites dele e eu tenho que pedir, porque, senão, ele não faz. O máximo que ele faz, quando eu não to em casa e ele chega antes, é arrumar a cama e lavar a louça, isso é o máximo dele”*). Além disso, Vânia descreveu-se como muito detalhista e a ele, como desligado (*“como eu te disse que eu sou muito chata, eu prefiro eu fazer, porque eu sei que ta bem feito, entendeu?”*).

A sua relação com a família de Lúcio estava *“ótima”* e ela ainda mencionou: *“eu simplesmente tenho loucuras pela minha sogra, sabe, e pelo meu sogro. Eu adoro, eu sou vidrada, adoro, acho eles o must, sabe? (...) a gente, nossa, a gente se adora. Eu me sinto completamente da família. Já me sentia antes de casar, da maneira que eles me tratavam e me tratam até hoje, sabe”*.

A relação de Vânia com a sua família de origem foi descrita por ela como *“ótima”*. Mas ela mencionou também que sua família sente muito a sua falta, pois eram muito unidos (*“é realmente ciúmes e a falta, a minha falta que eles sentem”*) e que gostam muito de Lúcio.

A relação dos dois, como casal, com as família de origem, estava sendo negociada em função das festividades de final de ano e da vontade de cada um de passar as festas com suas famílias (*“então a gente ta meio que conversando. Isso aí a gente vai tentar entrar num consenso, vamos tentar unir as famílias, essa vai ser, como é que eu posso dizer, a proposta pras famílias entendeu, porque, claro, ele também quer ficar com a família dele, né, óbvio, justo, não posso nem exigir nada, entendeu? Então a solução que a gente achou é tentar trazer a família dele pra festa da minha, entendeu”*).

Neste momento, Vânia descreveu um bom casamento como aquele *“baseado em muita conversa, muito respeito, muito companheirismo, assim, sabe, e em amor, né, porque, se tu não tiver amor, se tu não gostar, sabe, se tu não tiver*

*aquele sentimento, assim, sabe, aí tu pode ter todas aquelas qualidades que eu te falei, mas, sem amor, tu acaba tendo uma amizade”. Ela ainda acrescentou “a paciência, sabe, porque é muito difícil tu conviver com uma outra pessoa, muito difícil. É difícil, porque é uma pessoa estranha, ta morando junto, é outra mania, é outro jeito de viver, é tudo diferente, tu não conhece a criatura, sabe, assim, de morar, sabe, tu não conhece, então é baseado nisso assim”. Um mau casamento foi descrito por ela como aquele em que “as pessoas não se gostam mais, não gostam mais de uma pessoa, tu não quer ficar do lado daquela pessoa, tu não atura nem a voz nem o cheiro daquela pessoa, ta, daí tu já começa por aí. Se tu não ama, se tu não gosta, nada, não vinga o negócio. E aí já vem o desrespeito, já vem a falta de consideração, tu já não quer mais ouvir aquela pessoa, não te interessa o ponto de vista dela, tu quer mais é que ela se exploda, entendeu, então aí fica aquela droga mesmo de casamento”.*

No 6º mês de casamento:

Aos seis meses de casamento, Vânia descreveu sua relação como estando em constante aprendizado e contou que havia sofrido um AVC (acidente vascular cerebral): *“apesar de a gente ter feito aquele test drive no início, de antes ter vindo morar junto pra depois casar, a gente continua aprendendo, né, porque, assim, surgiram várias situações novas, como, por exemplo, assim, eu, em janeiro, eu tive um AVC, fui parar no hospital, fiquei internada quase dez dias (...) ali eu vi realmente que eu tinha acertado mesmo, né, porque ele ficou o tempo todo comigo, ele segurou as pontas da casa, ele segurou, porque era início de mês, tinha que pagar conta, ele segurou as pontas pagando todas as contas, ele cuidou da casa. Claro, cuidou como ele pôde, né, na medida do possível, porque ele saía de casa às oito horas da manhã pra ir ficar comigo e só voltava às dez horas da noite pra casa (...) depois que passou tudo isso, ele até me confessou que ele vinha pra casa e ficava com medo, só que ele nunca deixou transparecer medo pra mim”.*

Depois que Vânia se recuperou, voltou para casa, mas precisou ficar sob cuidados médicos por mais algum tempo. Ela contou que a sexualidade do casal

foi afetada: “a gente já teve algum problema na relação sexual, porque, como eu to tomando esse remédio, porque, a grosso modo, o meu sangue tava muito grosso (...) Então eu tenho que tomar esse anti-coagulante agora, então, qualquer coisa, qualquer apertãozinho que tu me faz assim, ó, eu já fico roxa, porque é sinal que o remédio ta funcionando, então eu fico com hematoma. Então ele, nessa parte, ele tava ma achando muito frágil, entende, e ele tava com medo de me tocar e me machucar. Ele tava com medo. Eu também tava com medo, né, que eu não sabia. Aquilo era tudo muito novo pra mim. Então a gente meio que teve problemas. Problema não digo, mas a gente meio que ficou um pouco afastado em termos sexuais, assim, sabe. Foi mais um aprendizado. Então a gente parou, a gente conversou, eu chorei um monte e tal, porque, pô, eu sou mulher, né, recém-casada, eu sou nova, eu tinha vontade, eu queria esquecer aquilo que tinha acontecido comigo, sabe, então, quanto mais coisas boas que tivesse pra mim, melhor, então..., mas aí a gente teve esse problema. A gente conversou, eu disse pra ele que não era pra ele se preocupar, que ele não ia me machucar, de forma nenhuma. Ele nunca me machuca, né, nunca. Nem em brincadeira ele me machuca, sabe. Então aí a gente conversou e a gente conseguiu também superar isso aí, porque foram vários probleminhas, assim, que a gente teve que superar aos poucos”.

Além da doença de Vânia, o casal passou por mais um fator estressante neste período, que foi o desemprego dela: “E aí, atualmente, eu estou desempregada, que é outro problema, né. Pra mim, é um grande problema. Primeiro, porque eu sou super ativa. Segundo, porque, hoje em dia, não dá pra tu te dar ao luxo de ficar desempregada, né, é complicado, ainda mais tendo todos os compromissos que a gente tem, né”. Ela contou ainda que, apesar de estar desempregada, era ela quem continuava administrando as finanças da casa (“Continuo, dentro da medida do possível, né, porque, sei lá, ele já tem tanta coisa pra fazer. Ele ta trabalhando, ta estudando e agora ele ta na reta final, assim, né. Ano que vem, os dois semestres é os derradeiros, assim. Então eu compreendo isso aí dele e, como eu to em casa, eu continuo coordenando, né”).

Outra atividade que estava sendo assumida, agora ainda mais, por Vânia era referente à arrumação da casa.

Em função dos acontecimentos inesperados e estressantes na vida do casal, Vânia percebeu que a relação havia mudado “*muito*” e acrescentou: “*Eu vejo [a relação] muito mais séria assim. Séria no sentido, assim, de muito mais responsável, né, porque a gente tem assumido muita coisa junto, muita coisa importante, né. Tipo esse negócio que aconteceu de problema de saúde (...) eu vejo a nossa relação bem mais madura, assim, porque, até então, quando tu casa, tudo é flor. Não que hoje não seja, é, só que a gente é muito mais, assim, a gente pensa mais, sabe, pensa duas vezes antes de fazer alguma coisa, então...*”. Vânia também falou que a relação neste momento estava satisfazendo suas expectativas “*cem por cento*”.

O principal ponto forte da sua relação de casal foi “*o diálogo*”. Quando indagada a respeito dos pontos fracos, ela falou: “*Olha, ultimamente, eu tenho feito um exercício, assim, muito devido a todos esses problemas, assim, eu tenho feito um exercício e ele tem dado resultado, porque eu fico pensando só nas coisas boas, né. Qualquer coisa, tanto no relacionamento quanto na situação financeira, então agora tu me fazer pensar em ponto fraco... Eu acho que o ponto fraco é que a gente é muito ambicioso, assim, sabe, a gente pensa muito lá na frente. Eu não sei até quanto isso é bom, não sei, né, eu ainda não parei pra pensar nisso ainda. Porque a gente quer tudo muito rápido, sabe. Não sei se isso é coisa de quem é recém-casado, não sei, né, vou descobrir isso ainda*”.

Sobre os principais motivos de conflitos, Vânia mencionou: “*é engraçado, é bom e é ruim, porque os nossos temperamentos... Claro, a gente combina em uma série de coisas senão não estaria junto, mas os nossos temperamentos são muito diferentes (...) eu sou muito agitada, sabe, não gosto de parar e ele não, ele é muito calmo*”.

As atividades que costumavam fazer juntos neste momento eram: “*Brincar com o gato. Ah, a gente lava o carro dele final de semana (...) A gente costuma sempre ir na casa da minha família, na casa da família dele. Separados, ela costumava ficar em casa e ele, trabalhar*”.

Sobre a sua relação com a família de Lúcio, Vânia falou: “*Ah, eu amo, nossa. Amo minha sogra, meu sogro, como se fossem os meus pais, sabe*”. Sobre a sua família, Vânia relatou: “*a minha família é muito presente, assim, na nossa vida. Eles ajudam muito a gente. Agora, com problema financeiro, sabe, ‘Não, vem pra cá. Vamos fazer uma janta. Fica aqui. Não te preocupa com isso*”. Ela avaliou a sua relação e de Lúcio com as duas famílias como muito positiva e descreveu: “*toda a minha família, tanto a minha família quanto a dele, são anjos, assim, na nossa vida, sabe*”.

Neste momento, Vânia descreveu um bom casamento da seguinte forma: “*eu acho que um bom relacionamento ele se faz em cima de muito amor, muito amor, muito respeito (...)* Então, assim, é amor, é respeito, tu tem que ter aquela junção de alma, assim, sabe, coisa de alma mesmo, eu acho, porque, se não tiver isso... *E o diálogo é básico, né. Sem diálogo tu não vai a lugar nenhum, tu não sai do chão, não sai*”.

Um mau casamento, por outro lado, foi descrito como aquele em que “*as pessoas, elas não se cuidam, elas não se respeitam mesmo, sabe. Quanto tu te desleixa, tanto de ti quanto da outra pessoa, aí é realmente porque tu não sente nada, tu não quer nada com nada (...)* Tudo bem, eu acho que todo mundo tem que ter sua vida individual, tem, eu acho que todo mundo tem que ter essa tal de individualidade, é importante, mas eu acho, assim, até que ponto isso é importante? Até que ponto, isso é normal? Entendeu? *Que isso é muito delicado, porque, assim, a maioria das pessoas não sabe até onde isso vai, até onde isso é normal, entendeu? Eu acho, sabe, porque, se tu começa a te tornar tão individual, que tu acaba esquecendo do teu companheiro, da tua companheira, entendeu? Então eu acho que maioria das pessoas que tem problema no casamento eu acho que eles tão vendo muito mais o individual do que o nós entendeu?*”.

#### No 12º mês de casamento:

No primeiro ano de casamento, Vânia avaliou sua relação de casal como estando em um período “*bem peculiar*” e contou “*a gente tá passando, assim, por um momento bem peculiar, assim, sabe, do casamento, porque eu perdi o*



*emprego no início do ano, a gente se desequilibrou totalmente, sabe, que, assim, né, é complicado*". Ela, em seguida, avaliou o desempenho do casal com relação ao período difícil: *"Então, assim, bah, graças a Deus, a gente se saiu super bem, porque a gente é meio negativo e positivo, assim, sabe, aí, quando eu tô mal, ele tá bem, quando ele tá mal, eu tô bem e aí a gente se ajeita, sabe"*.

Vânia conseguiu, inclusive, perceber um crescimento e um fortalecimento da relação de casal em função das dificuldades pelas quais passaram (*"Foi difícil (...) E eu, como ele já tinha comentado das outras vezes, bah, eu era tri estressada com conta (...) e ele me ensinou, sabe, a não..., porque não adianta tu ficar, né, se matando e te estressando, porque tu não vai pagar tuas contas desse jeito, né. Então, aí, eu melhorei bastante, assim. O nosso relacionamento melhorou bastante, assim, porque, na verdade, era ótimo antes, só que a gente não tinha passado por nenhum problemão, sabe, de verdade, 'ah, agora, é a hora do vamos ver', sabe, e essa hora chegou e esse ano foi bem assim pra gente, então relacionamento ele tá bem mais forte. E cada vez mais a gente se respeita, sabe, então a gente... Eu, assim, sinceramente, o nosso relacionamento ele só cresceu, sabe, graças a Deus, ele só cresceu com essa baita dificuldade, sabe, daí entra a minha doença que eu tive, daí entram várias coisas. Então, assim, bah, não posso me queixar. pra mim, na minha opinião, nosso relacionamento, hoje, tá ótimo (...) Eu melhorei bastante, assim, sabe, eu dei uma sacudida legal com essa dificuldade, assim, e a gente cresceu, assim, com doença, em relação a dinheiro. Tudo a gente cresceu bastante sabe. Eu principalmente. Ele sempre foi maduro e ta")*).

Neste momento a relação estava satisfazendo as expectativas de Vânia *"com certeza, bah, Deus o livre, até mais, até superando"*.

Sobre os pontos fortes da relação, ela falou: *"Eu continuo te dizendo que é o diálogo. Eu acho que eu já disse isso em todas as entrevistas que vocês me perguntaram isso. Eu sempre disse a mesma coisa. Pra mim, é o diálogo"*. Sobre os pontos fracos, ela disse: *"Eu, assim, eu vou te ser bem sincera que eu to melhorando, assim, mas eu continuo muito afobada, sabe (...) Ah, eu quero que as coisas aconteçam pra ontem, assim, sabe? (...) A gente, às vezes, meio que tem os*

*nossos choques, assim, tipo, bate de frente alguma coisa que eu acho e ele não concorda e aí eu tento..., sabe?(...) Eu sou muito teimosa, sabe, eu tenho essa consciência, então eu acho que é isso, assim, a teimosia e a afobação. Eu acho que é isso”.*

Os temas que mais costumavam gerar conflitos se referiam às finanças (“*eu acho que [ o que mais gera conflitos] é o financeiro. Hoje, o que tá em evidência aqui em casa é esse problema financeiro, assim, sabe, porque, de resto, não vem nada na cabeça*”). Ela ainda mencionou os afazeres domésticos (“*às vezes, eu brigo com ele, porque, pó, eu chego cansada, eu trabalho também o dia inteiro, ele também trabalha, eu chego cansada, eu ainda tenho que fazer comida, aquela coisa toda, entendeu (...)* Então, pô, às vezes, eu canso, aí ele chega em casa, ele senta, come, tudo bem, janta. Pô, aí não lava nem a louça, pelo menos, que é um prato e dois talheres. Aí eu fico indignada, assim, sabe, aí isso gera uma polêmica. É ridículo, mas gera, entendeu?”).

Sobre a sexualidade do casa, Vânia comentou “*é curioso porque, quando tu namora ou, tipo, é noivo ou no início, né, do casamento, não é que tudo é festa, mas, qualquer coisinha, tu já quer transar, tu já quer beijar, sabe. É bom, só que, assim, ó, depois aquela coisa vai passando. Não é que o entusiasmo... Eu tenho entusiasmo por ele, de estar com ele, sentir ele, tenho saudade de sentir o cheirinho dele, aquela coisa toda. Só que, assim, é muito mais, assim, às vezes, a gente prefere muito mais estar junto. Está tranqüila a nossa vida sexual, mas, tipo, quantitativamente, ela diminuiu, entendeu? Eu acredito que isso seja normal, porque a vida sexual, muitas vezes, ela sai de cena e entram em cena outros sentimentos, entendeu?”.*

As atividades que eles faziam juntos, como casal, eram: “*Ah, final de semana a gente tá sempre junto. A gente não fica em uma atividade, mas tá sempre junto, sabe? A gente se inclui um nos planos do outro, assim, no final de semana, sabe? A gente acha muito importante isso. Então, tipo, se ele vai lavar o carro na mãe dele, ‘Ah, vamos lá na mãe? Sei lá, tu me ajuda a aspirar o carro e eu lavo por fora’, entendeu? (...) E assim a gente vai, então o final de semana é sempre junto”.* Separados, eles fazem atividades relacionadas aos trabalhos

profissionais e ela continuava freqüentando um centro espírita semanalmente (*“Então aquilo ali, pra mim, me faz muito bem. Eu não deixo de ir por nada desse mundo, assim, entendeu? E ele não vai, por opção dele. Eu respeito e tudo, tal, até porque isso é uma característica, né, da doutrina, né, tu não obriga ninguém a nada e nem fazer nada que não queira, né, então tranquilo. Então, assim, eu vou lá, faço o que eu tenho que fazer, ajudo, me sinto super bem e ele respeita isso aí, entende? E aí ele vai fazer as coisas dele, né, nesse intervalo, ou ele fica em casa curtindo a gataiada ou ele vai em algum lugar, entendeu? E assim a gente vai. Tipo, assim, não é uma receita de bolo, assim, sabe, “ah, agora tu faz isso, eu faço aquilo”*).

Sobre a administrando das finanças, Vânia contou: *“a gente tá tomando várias decisões, assim, sabe, muito importantes, assim. A gente traçou um plano, assim, porque, tipo, a gente tá patinando e não tá saindo do chão, sabe. E aí a gente, ontem ou anteontem, que a gente conversou, assim. Sentamos, conversamos, fomos pro micro, fizemos um levantamento, entendeu, planos ‘vamos fazer assim, vamos fazer assado’, porque é a única maneira de a gente conseguir se equilibrar de novo, entendeu? Então a gente já se articulou, assim, pra tentar vencer as dificuldades”*. Sobre as decisões a respeito das finanças, ela falou que são tomadas *“juntos, sempre juntos, até porque eu não me sinto segura pra tomar sozinha, né, porque, pó, é uma casa, não é só minha, entendeu? Não é só eu que trago dinheiro pra dentro de casa. Ele também traz. Então, quer dizer, o troço é junto. Isso aí sem sombra de dúvida”*.

A organização da casa estava sendo feita, em sua maioria, por Vânia (*“na verdade, assim, voltou pra mim praticamente, né, porque agora eu não to mais em casa, então, tipo, agora, volta pra mim à noite. A gente sai pra trabalhar e, de noite, eu volto antes dele, porque eu não estudo, né, por enquanto e aí eu faço o que tem que fazer. Só que, assim, o que acontece: a gente, no final de semana, a gente divide, entendeu? A gente divide as tarefas. No final de semana, é batata, sabe? Agora, dia de semana, é comigo o negócio”*).

Sobre a relação com a família de Lúcio, ela falou: *“são minha família mesmo, mesmo, mesmo. O pai dele e a mãe dele são meus pais, sabe. Bah, Deus o*

*livre. Ela é minha melhor amiga, assim, minha sogra. Eu amo a minha sogra, entendeu (...) Do fundo do meu coração”.*

Sobre sua relação com a própria família de origem Vânia referiu que não havia tido nenhuma mudança na qualidade, mas que havia se afastado um pouco fisicamente (“*continua a mesma coisa, assim, sabe? Eles são tudo pra mim, mas, assim, a gente meio que deu uma afastada. Uma afastada que eu digo, assim, porque a gente era muito grudado, sabe, e aí agora a gente tá meio que... Agente tá vivendo a nossa vida, assim, e tal e um pouco, assim, deixando de lado. Porque eu sentia essa necessidade também. Não foi nada imposto. O pessoal tá sempre ligando ‘e aí quando é que vocês vão aparecer? Sumiu!’.* Aí, eles xingam, aquela coisa toda, básica, né, e tal. Mas, assim, eu, na maioria das vezes, procuro estar junto com ele e tal e também na família dele também”).

Neste momento, ela descreveu um bom casamento da seguinte forma: “*Eu acredito muito, tipo, primeiro lugar, bah, pra ti conviver com outra pessoa, tem que amar, sabe, tem que gostar mesmo, tu tem que querer estar junto, porque, senão, o troço não vai. É a única coisa que eu acho, assim, que realmente tem que ter, assim, que é básico, entendeu? É realmente tu amar aquela pessoa, tu gostar, entendeu, de verdade, assim. Gostar acho que até nem basta, entendeu? Porque gostar tu gosta ali do cachorrinho da esquina, aquela coisa toda, mas acho, assim, tu tem que amar mesmo, porque, senão, na primeira, vão os dois pra cada lado, lados opostos, e não adianta, assim. E o resto eu to descobrindo ainda diariamente...”*

Sobre um mau casamento, ela falou: “*Eu acho que justamente o contrário. Um mau casamento, eu tenho presenciado certas coisas em certos casamentos, em que eu acho que é justamente é falta do amor e a falta de respeito, assim. Aí não tem o que segure. Não tem paciência, não tem diálogo, não tem nada. Se tu não tem amor por aquela pessoa e tu não respeita ela, não adianta. Aí nem com banda de música, nem espírito santo baixando”.*

### 3.3.3.3 - O futuro

Antes do casamento:

No momento anterior ao casamento, Vânia falou: “Ah, o futuro, tu sabe que, depois que eu levei essa marretada da minha mãe [a morte repentina da mãe], que eu não esperava, que ninguém da minha família esperava, eu procuro, assim, ser bastante pessimista, assim, embora, às vezes, eu não consiga, sabe”. Apesar do referido medo do futuro, ela mencionou ainda: “eu não sei, a certeza que eu tenho, eu tenho uma certeza muito grande, assim, eu tenho uma certeza que a gente vai ser muito feliz. A gente já é feliz, sabe, mas eu tenho a certeza que a gente vai se realizar muito mais como família, assim, sabe (...) o futuro eu tenho certeza que vai ser muito próspero, porque eu aposto muito nele [Lúcio], sabe, eu aposto muito nele. Como eu te disse, é um cara muito inteligente. Eu sei que eu não casei com um cabecinha oca, sabe”.

Além destas expectativas, Vânia mencionou o desejo de ter filhos dentro de quatro ou cinco anos. Mencionou também o projeto de Lúcio terminar a faculdade.

Sobre as mudanças que imaginava que ocorreriam depois do casamento, Vânia falou: “Eu tenho muito medo, porque eu tenho ouvido tanta coisa assim. Ontem mesmo tinha um colega meu de serviço falando assim ‘Ah, eu tenho um casal de amigos meus que moravam juntos há seis anos, aí a mulher resolveu casar. Casaram no civil, no religioso e, demorou seis meses, eles se separaram’ aí eu fiquei pensando ‘Ai, meu Deus do céu’, sabe. O que que tu vai pensar, né, eu não sei, eu acho, o que que vai mudar? Eu acho que é ridículo o que eu vou te falar, mas eu acho que eu vou me sentir mais segura. É ridículo, porque é um papel, sabe, mas, sei lá, parece que vai me afirmar mais (...) É uma questão de me afirmar como esposa, senhora Silva, entendeu. É ridículo, mas é o que eu sinto (...) segurança eu digo assim de poder sair na rua e dizer que eu sou a Vânia Silva, entendeu, esposa do Lúcio Silva, posteriormente mãe do fulano e da fulana, entendeu, de ter um compromisso perante a sociedade (...) as pessoas cobram muito, assim, sabe, e, sei lá, todo ser humano quer estar dentro de um contexto, ninguém quer estar à margem, entendeu, todo mundo quer estar inserido no contexto, então, assim, me causava um certo desconforto, porque eu gaguejava,

*eu não sabia, porque ele morava comigo, mas ele também não era meu marido, entendeu, então eu não sabia o que responder, sabe, e as pessoas levavam na brincadeira 'ah, é um namorado', pra mim a gente é noivo...".*

Sobre como pretendiam administrar as finanças depois do casamento, Vânia falou um pouco sobre como já estavam fazendo esta administração: *"É bem complicado. Como eu te disse, é complicado, não porque ele não me ajude, não é isso. É complicado, porque justamente, como eu te disse, ele é meio avoadão, assim, sabe, então eu tenho, de vez em quando, que pegar e puxar ele pra terra (...) porque eu quero que ele sente, eu quero que ele participe, então esse é um estresse, assim, que a gente tem".* Vânia ainda contou que ambos trabalhavam, mas que Lúcio gastava uma parte de seu dinheiro com o carro e com seus estudos e ela era responsável pelas contas da casa (*"... então basicamente as contas da casa elas ficam comigo. Ele paga alguma coisa da casa, só que o dinheiro dele vai muito pro carro, pra cartão de crédito, pras apostilas dele, entende, que a gente... Eu dou uma segurada, justamente porque ele tem que terminar os estudos dele. A gente tá focado em terminar os estudos dele. O foco hoje nosso..."*).

Sobre a organização da casa, Vânia falou que costumava ser ela quem se responsabilizava, uma vez que ela é muito exigente com limpeza e organização (*"É comigo e eu sou uma mala sem alça e sem rodinha"*).

As atividades que Vânia pretendia que fizessem juntos no futuro eram ligadas a algum movimento religioso. Separados, ela mencionou que *"como tá no começo o relacionamento, tu não consegue enxergar uma coisa pra fazer longe dele assim, sabe, tu só pensa que tu quer estar junto, entendeu. É difícil, eu tô entendendo o que tu quer dizer, porque, na verdade, assim, é o nós, ele e eu, entendeu, então, assim, eu tenho consciência que eu tenho que fazer alguma coisa sozinha, tenho que ter meus momentos e ele tem que ter os momentos dele, mas o nós tá muito forte agora, sabe. Eu não consigo te dizer, assim, ah, não sei, vou fazer tal coisa..."*.

No 1º mês de casamento:

No primeiro mês de casamento, Vânia descreveu suas expectativas para a relação no futuro: *“Eu vejo ela bem sólida, assim, sabe, ela bem forte, eu vejo a minha união com ele, assim, porque eu sou muito emocional e ele é bem racional, sabe, então eu acho que um pouco das duas coisas é ótimo, nem tanto uma nem tanto a outra, acho que as duas, o equilíbrio entre as duas coisas. Eu vejo uma união bem sólida, uma família bem estruturada, com bastante carinho, bastante amor, respeito, sabe. É claro, a gente vai ter brigas e tal, mas uma vida, assim, como é que eu posso dizer, assim, uma vida séria, mas não no sentido, assim, de não se divertir, uma vida séria, realmente, uma união”*. Os projetos para o futuro mencionados por ela foram: *“o primeiro projeto é ele se formar. O segundo projeto é a gente terminar de pagar esse apartamento e o terceiro projeto é os filhos”*.

Sobre o que imaginava que mudaria em sua relação no futuro ela descreveu: *“eu acho que vai mudar os motivos, assim, da gente discutir assim, acho que já vão ser outros”*.

As atividades que Vânia pretendia que ela e Lúcio façam juntos no futuro eram fazer parte de algum movimento religioso. Separados, ela mencionou: *“Eu pretendo iniciar de novo a minha faculdade, né, retornar, ponto pacífico isso aí também, sabe, pretendo continuar minha faculdade assim. Ele eu não sei te dizer ainda, né. A gente acho que não parou pra pensar nisso ainda, assim, a longo prazo individualmente”*.

No 6º mês de casamento:

No sexto mês de casamento, Vânia relatou suas expectativas de que a relação no futuro fosse *“cada vez mais forte”* e mencionou que gostaria que ela e Lúcio tivessem um desenvolvimento espiritual e religioso (*“que a gente tá curioso. Eu to aprendendo e tal. E alguma coisa que ele me pergunta que eu sei responder, eu respondo, entendeu? E a gente tá começando a trilhar esse caminho da religião, assim, que é importante...”*).

Os projetos para o futuro, neste momento, eram de Lúcio se formar na faculdade, melhorar seu emprego e, posteriormente, terem filhos. Vânia comentou

que desejava ter filhos imediatamente, mas que, em função de seu problema de saúde, precisaria esperar mais algum tempo.

Sobre o que ela imaginava que mudaria na relação de casal no futuro, ela falou: *“Eu imagino que eu vou estar com um emprego (risos), eu imagino que, eu, a partir disso, eu vou melhorar muito, assim, a... Eu acredito que a gente vá estar melhor devido a essa mudança financeira, né, que isso aí sempre abala o casamento. Eu acredito que vai ter mudado, porque espiritualmente a gente já vai ter estudado bastante, já vai ter aprendido muita coisa que a gente não conhece. E eu acho que isso, do lado espiritual, também sempre melhora o relacionamento. Eu acredito que a gente vai estar cada vez melhor, né, porque hoje eu não vejo grandes problemas, assim, pra nós. O que a gente tinha que passar a gente já passou, então, quer dizer, de ruim, né, eu acredito, então agora eu acho que só vem coisa boa pra gente”*.

Sobre as atividades que esperava que fizessem juntos no futuro ela falou: *“quando tu fala em futuro, eu me lembro, o lado racional lembra de se formar, né, de ter um estudo, de ter uma boa estabilidade, assim, tranqüila, financeira, mas quando tu fala em futuro, meu coração já fala em filho assim, sabe”*. Ela teve alguma dificuldade de pensar em atividades que fariam separados no futuro: *“é muito difícil, assim, pensar em estando separados, assim, Sei lá, eu penso que eu vou ter que ter alguma atividade. Ele também vai ter (...) eu sempre penso assim ‘não, vou querer que ele faça sempre atividade física’. Eu também vou querer fazer. Eu quero muito ser saudável por esse problema que eu tive, entendeu? Então eu penso, assim, vamos fazer alguma atividade física separados, né, ainda que juntos, mas separados, né (...) e estudar”*.

#### No 12º mês de casamento:

No primeiro ano de casamento, Vânia falou sobre suas expectativas acerca do futuro: *“pro futuro, eu espero estar bem melhor do que eu to hoje, assim. Não to falando, assim, em dinheiro. Claro a gente pensa em ter, assim, uma tranqüilidade. Eu não quero ter dinheiro, sabe? Eu quero conseguir pagar minhas contas, só isso. E quero, assim, ó, estar com a minha saúde em dia e de*



*todas as pessoas que eu conheço, que eu amo, entendeu? E deu. É isso que eu quero pro futuro, sabe? Mais nada”. Sobre o futuro da relação ela contou: “Ah, eu espero aquela coisa básica, né, de ter os meus filhotes, entendeu? Por enquanto, eu tenho filhos gatos, mas eu espero ter os meus filhos amados, que eu já amo eles antes de ter assim, sabe. É, assim, o meu maior sonho. É a coisa mais ridícula, assim. Pode ser. O pessoal ‘é louca, doente’. Mas o meu maior sonho é ter meus filhos. Hoje é ter meus filhos (...) Ah, eu só espero que ele continue me amando, assim, da mesma maneira que ele me ama hoje (...) e continue me respeitando e continue estando do meu lado e me entendendo. É só isso que eu quero”.*

Os projetos do casal, além de terem filhos, eram “conseguir terminar de pagar este apartamento”, “conseguir voltar a estudar de novo[ela]”, “ele terminar essa faculdade, que, graças a Deus, tomara que termine ano que vem, sabe”.

Ao fim desta entrevista, ela fez um levantamento deste primeiro ano de casamento e referiu: “a única coisa que eu fico, assim, agradecida mesmo, agradeço, é que a gente não mudou um com o outro depois de casar, sabe. Isso aí, acho que, a primeira entrevista, eu falei isso ‘eu tenho muito medo que, depois que a gente assine aquele papel, que a gente leva a benção lá do padre, que a gente ah, mas agora eu não quero mais, porque tá uma droga, porque não, porque tu manda em mim’, é isso que eu tinha medo. Por enquanto, graças e Deus, minha tese tá totalmente errada e é só isso que eu espero, que eu esteja errada até o fim, sabe, que isso não aconteça. Só isso”.

Vânia também mencionou as atividades que pretendia que eles fizessem juntos no futuro: “Eu quero muito fazer parte desse tipo de grupo [religioso], porque eu acho muito importante, sabe? O trabalho do pessoal é muito legal, assim, então eu disse pra ele que, a hora que a gente der uma respirada, a gente vai e eu quero fazer parte disso. É muito positivo”. Sobre as atividades que pretendia que fizessem separados, ela falou: “eu não sei quanto a ele, assim, que ele é meio fechadão. Ele não fala muito, assim, do futuro. Ele é meio presentão, assim. Ele gosta de viver o presente. Mas eu, assim, pro futuro, a única coisa que eu quero mesmo, gurias, é conseguir terminar minha faculdade. Isso aí é o que eu

*quero mesmo, sabe? Porque o resto, assim, é o resto. Eu quero, esse é o meu plano individual, conseguir terminar minha faculdade”.*

### **3.3.4. - Síntese geral do casal Vânia e Lúcio**

#### *A individualidade e a conjugalidade*

A partir das entrevistas com Lúcio, fica claro que ele dá bastante ênfase à conjugalidade, desde antes de oficializarem o casamento até o ultimo momento considerado nesta pesquisa. Para ele, inclusive, foi o fato de seus pais terem dedicado menos tempo à própria conjugalidade que fez com que estes se afastassem e pensassem em separação. Em todas as entrevistas, Lúcio falou que costumava ficar com Vânia e fazer atividades conjuntas com ela em todo o tempo livre que tinha. Suas atividades separadas eram apenas referentes a trabalho, estudo e atividades físicas e religiosas de Vânia.

Vânia, da mesma forma, dá muita ênfase a conjugalidade do casal. Ela destacou, inclusive, com uma das características de um mau casamento o fato de as pessoas serem muito individualistas e não empregarem energia em sua relação conjugal (“*ao nós*”). Vânia explicitou saber que a individualidade era importante e deveria se mantida, mas referiu que ela e Lúcio estavam em uma fase em que estavam vivendo muito intensamente o “*nós*” da relação e não estavam investindo muito no “*eu*” e no “*tu*” aos seis meses de casamento.

#### *A avaliação sobre a própria relação de casal*

É interessante, nas entrevistas com Lúcio, o fato de que ele avaliou, em todos os momentos considerados, sua relação como positiva e como satisfazendo suas expectativas. Ele, inclusive, mencionou que esperava que, no futuro, sua relação não se modificasse, pois não imaginava uma relação melhor do que a sua. Nas entrevistas de Vânia, chama a atenção que ela também avalia positivamente sua relação em todos os momentos considerados. Assim como Lúcio, Vânia mencionou que esperava que sua relação não se modificasse no futuro, pois considerava que estava ótima desta forma.

Os pontos fortes mencionados por Lúcio em sua relação se mantiveram os mesmos durante todos os momentos da transição para o casamento e são “*amizade e diálogo*”. Os pontos fortes mencionados por Vânia, antes do casamento, eram diálogo, respeito e flexibilidade, sendo que ela considerava que “*sempre um dos dois dá o braço a torcer*”. Percebe-se que sua visão não é coerente com a de Lúcio no sentido da flexibilidade, pois, justamente no momento anterior ao casamento, ele mencionou que um dos pontos fracos era o fato de Vânia ser muito impositiva com suas idéias e de que ele acaba tendo que ceder sempre. Esta característica de flexibilidade não foi mais mencionada por Vânia nas demais entrevistas. Nestas, ela enfatizou como ponto forte de sua relação a capacidade de diálogo entre ela e Lúcio.

Quanto aos pontos fracos, Lúcio mencionou, em todos os momentos, características de Vânia, tais como ser muito impositiva em suas idéias (antes do casamento e no primeiro mês de casamento) e ser muito ansiosa em pagar as contas, o que é muito diferente do seu jeito de encarar as dívidas (isso foi citado em todas as entrevistas). Sobre a relação, em si, ele não mencionou nenhum ponto fraco, apenas a falta de tempo para estarem juntos, na entrevista de um ano, sendo o único momento em que ele acrescenta um elemento que não seja uma característica dela nessa categoria. Vânia, assim como Lúcio, aponta características do outro como um dos pontos fracos da relação no momento anterior ao casamento. Para Vânia, o jeito “*mais travado*” de Lúcio foi apontado como um ponto fraco. De forma semelhante, no primeiro mês de casamento, ela mencionou a diferença entre os dois no jeito de ser (“*ele é muito travado*”) como ponto fraco, o que gerava, inclusive, conflitos entre eles. Pareceu interessante que, nos demais meses, houve uma modificação no que Vânia considerou ponto fraco de sua relação. Assim, no sexto mês de casamento, ela mencionou características do casal como ponto fraco da relação, enfatizando que eram ambos muito ansiosos para adquirir as coisas. Por fim, na última entrevista, aos doze meses de casamento, ela mencionou como ponto fraco características suas, como ser “*afobada*” e “*teimosa*”.

Mostrando-se satisfeito com sua relação de casal em todas as entrevistas, Lúcio também se mostrou otimista com relação ao futuro, enfatizando, em todas as entrevistas, que esperava que a relação permanecesse como estava, pois não imaginava algo melhor do que viviam. Também Vânia mostrou-se otimista sobre o futuro de sua relação, pois considerava que esta estava satisfazendo suas expectativas. É interessante, entretanto, que Vânia manifestou uma certa preocupação e apreensão de que o casamento formal modificasse sua relação. Outro aspecto interessante das expectativas de Vânia é que elas pareceram sempre muito realistas. Assim como Lúcio, ela esperava que sua relação permanecesse como estava, pois já se sentia satisfeita com a mesma, e previa, inclusive, algumas discussões e alguns desentendimentos entre ela e o esposo, que não gerariam conflitos importantes.

Ainda com relação às expectativas deste casal, é interessante ressaltar os acontecimentos inesperados que surgiram em sua vida. A doença de Vânia, embora tenha sido um evento bastante estressante em si, foi percebida por ela sob uma ótica positiva, pois lhe deu a certeza de que havia acertado ao escolher Lúcio, que esteve sempre ao seu lado, assumindo as responsabilidades pela casa, o que tornou a relação mais segura. Por outro lado, a sua perda de emprego foi considerada como negativa, visto que gerou uma diminuição na renda do casal e fez com que ela ficasse “*muito sozinha em casa*”, de forma que o casal passou a ter ritmos diferentes. Assim, a confirmação ou não das expectativas e a satisfação com a relação estiveram relacionados à forma como eles encararam os acontecimentos e não aos fatos em si. O mesmo aconteceu com ele, pois embora o casal tenha passado por momentos de dificuldade durante os primeiros seis meses, foi bastante enfático ao dizer que estavam vivendo um bom casamento e que estavam fazendo as coisas certas. Assim, Lúcio apresentou expectativas construídas de acordo com o que eles vivenciavam em seu casamento e que, portanto, mostraram-se coerentes com a realidade.

Os conceitos de Lúcio a respeito de um bom e de um mau casamento se mantiveram semelhantes em todas as entrevistas. Chamou a atenção que ele mencionou, em todos os momentos, características de seu relacionamento com

Vânia como fazendo parte da descrição de um bom casamento (“*diálogo, amizade e convivência conjunta intensa*”). Vânia, por sua vez, descreveu um bom casamento como sendo composto por amor em todas as entrevistas. Parece que o amor ocupa um papel cada vez maior naquilo que ela considera como um bom casamento, sendo que, na última entrevista, é o único elemento considerado fundamental em um bom casamento por ela. Ela também mencionou, nos momentos anteriores, o diálogo, assim como Lúcio, mas acrescentou mais algumas características como respeito, carinho, sexo e flexibilidade. É interessante que estes elementos são justamente os que ela destaca como pontos positivos de sua própria relação. Esse elemento novamente aponta para a relação existente entre a forma que a relação é percebida e os ideais de relacionamento. No momento anterior ao casamento, é interessante que Vânia menciona que um mau casamento seria aquele em que o casal não tem uma religião e em que ambos não estão em “*sincronia*”. Esse conceito de um mau casamento se modificou ao longo do tempo e no primeiro mês de casamento ela considerou que este seria uma relação em que não há amor, no sexto mês uma relação em que as pessoas não se cuidam e são muito individualistas. No décimo segundo mês de casamento, ela voltou a mencionar a falta de amor como compondo um mau casamento.

Outra questão interessante é que Vânia destaca, antes do casamento, que Lúcio é “*um pouco travado*” e que isso é um dos pontos fracos da sua relação, o que se confirma pelo fato de ser ela quem tomou todas as iniciativas com relação ao casal (namorar, morar juntos, casar, ...) e de ser ela quem administra as finanças. Em contrapartida, Lúcio, antes do casamento, refere como motivo de conflito o fato de Vânia se preocupar “*de véspera*” e ele ser mais de “*esperar acontecer, se acontecer, eu arrumo uma solução*”. Desta forma, esse casal parece estar funcionando de forma complementar: ela ansiosa e preocupada e ele, calmo e despreocupado. Neste sentido, é interessante que Vânia mencionou, aos doze meses de casamento, que estava mais calma e que isso se devia a acontecimentos inesperados em sua vida e à convivência e aprendizado com Lúcio.

### *O casamento*

No momento anterior ao casamento, Lúcio mencionou que acreditava que o casamento formal seria uma consequência de sua boa relação de casal e que a decisão de se casarem surgiu em função de seu estado ser “indefinido” perante a sociedade e de ambas as famílias de origem não encararem bem o fato de apenas coabitarem sem oficializar a união religiosamente, o que também foi destacado por Vânia como motivadores para seu casamento. Apesar disso, Lúcio mencionou que acreditava que já viviam uma vida de casados e que não imaginava que a relação se modificaria, sendo que o casamento seria apenas “uma passagem”. Vânia, como Lúcio, mencionou, antes do casamento, que este ocorreria em função de ambos terem sentido necessidade de poder definir para os outros qual seria sua relação (“pela sociedade, porque tu é muito cobrada”). Além disso, diferentemente de Lúcio, ela mencionou o seu desejo de oficializar a união. Para ela, o casamento faria diferença na forma como ela se sentiria perante a sociedade, mas ela desejava que não modificasse sua relação, que estava “ótima”.

É interessante que, no primeiro mês depois do casamento, Lúcio realmente confirmou sua expectativa e avaliou que a relação de casal não havia se modificado em função do casamento. Mencionou, entretanto, que percebia um aumento da responsabilidade e da afetividade entre ele e Vânia depois do casamento. Sua percepção de que a relação não se modificara muito com a oficialização do casamento permaneceu igual aos seis e aos doze meses de casamento. Vânia, por sua vez, percebeu mudanças positivas em função do casamento, confirmando sua expectativa de que se sentiria mais importante e segura depois de casar. Mas ela também mencionou que confirmou suas expectativas de que a relação, em si, não se modificaria e que continuariam tendo uma ótima relação de casal como antes.

Segundo Lúcio, as motivações para a escolha de Vânia como sua namorada foram algumas características da personalidade dela (“*o jeito dela(...) ela fala o que pensa (...) uma pessoa alegre*”). Mas, no início do namoro, quem teve a iniciativa de oficializar o mesmo foi Vânia. A iniciativa de morarem juntos também foi de Vânia, que, segundo ele, o convidou para morar consigo pois não

gostava de ficar sozinha. A decisão de se casarem, de outra forma, foi tomada por ambos, uma vez que sentiam que seu estado civil era “*indefinido*” e que não sabiam como se referir um ao outro socialmente (“*tu não sabe se tu ta casado, se tu ta junto, se é companheiro...*”), porém a proposta, efetivamente, foi feita por Vânia. Para Lúcio, eles já estavam casados e a diferença seria que legalizariam a relação. Um dos motivos que o levou a casar com Vânia foi o fato de coabitarem antes de casar. Para ele, o “*test drive*” que fizeram permitiu que constatassem que “*davam certo*” como casal.

No relato de Vânia, também é explicitado que foi ela quem teve a iniciativa de oficializar o namoro, de convidar Lúcio para morar junto e de oficializar o casamento. Quando ela falou sobre as motivações para namorar Lúcio, mencionou sua capacidade de conversar, de dar atenção, sua inteligência e também citou a sua própria carência em função de que tinha recém terminado um relacionamento muito longo. O motivo principal de Vânia ter convidado Lúcio para morar consigo foi o fato de que não gosta de ficar sozinha. Sobre a decisão de se casar, ela falou que esta foi tomada em conjunto e que estavam, ambos, sentindo necessidade de oficializar a união. Vânia tinha muitas expectativas de que o casamento a faria sentir mais segura com relação a Lúcio e de que poderiam dar uma satisfação à sociedade, além de promover uma família para os futuros filhos, o que também foi um dos motivos pelos quais decidiram oficializar sua união. Mas, ao mesmo tempo, ela mencionava que, em termos de relacionamento, não houvesse muitas modificações, pois estava satisfeita com o mesmo.

#### *A relação com as famílias de origem*

A partir dos relatos de Lúcio e de Vânia fica clara a importância dada, por ambos, às famílias de origem e a efetiva participação destas na vida do casal. Assim, a família foi influente inclusive na decisão de se casarem. Tanto a mãe de Lúcio, quanto a avó materna de Vânia, muito presente em suas vidas, não aprovavam o fato de eles apenas terem “*se juntado*” e não terem feito nenhuma oficialização da união. A mãe dele, inclusive, teve influência na decisão de fazerem uma cerimônia religiosa, pois eles estavam pensando em casar apenas no

civil, mas, segundo Lúcio, “a Vânia foi conversar com a minha mãe lá e a minha mãe já convenceu ela de que tinha que casar na igreja, essas coisas”. Apesar de ambas as famílias de origem não aprovarem o fato de eles apenas coabitarem, as duas haviam aprovado suas escolhas mútuas e aceitado os dois como membros da família.

Segundo o relato de Lúcio e o de Vânia, depois do casamento, assim como no momento anterior ao mesmo, os dois costumavam visitar juntos, com bastante frequência, as duas famílias. É interessante o discurso de Vânia de que se sentia com membro da família de Lúcio e de que sentia amor pelos sogros, mencionando inclusive que a sogra era sua melhor amiga. Apesar disto, percebe-se, pelo discurso de Vânia, que ela, com o passar do tempo, sentiu a necessidade de se afastar um pouco de sua família de origem, o que efetivamente fez.

Para Lúcio, ainda, seus próprios pais eram um modelo de casal até dois anos atrás. Até então, eram pessoas que se amavam e que gostavam de ficar sempre juntos. Os problemas em sua relação começaram, segundo Lúcio, quando eles começaram a ter atividades separadas e se afastaram muito. Para Vânia, seus pais também seriam um modelo de casal, mesmo tendo se separado quando ela tinha um ano e meio de idade. Ela pontuou que, apesar da separação, percebia que eles se amavam e que se respeitavam muito. O amor e o respeito são justamente características que ela considera como integrantes de um bom casamento e que ela valoriza em seu relacionamento.

### **3.4 – Casal 4 - Paula e César**

#### **3.4.1 - Apresentação do caso**

No momento da primeira entrevista, Paula tinha trinta e dois anos de idade e estava formada em direito. Sua religião é a católica e morava com César há um ano e meio. Antes de convidar César para morar consigo, Paula morava com os pais, casados até o presente, e a irmã caçula, que é portadora de uma deficiência mental leve. O pai de Paula já havia sido casado anteriormente e tivera dois filhos (o mais velho um homem e a segunda, uma mulher), que haviam sido criados



inicialmente pela avó paterna e posteriormente, pela mãe de Paula, quando esta conheceu e casou-se com o pai de Paula. A primeira esposa do pai de Paula havia abandonado o marido e os dois filhos e “sumido”, sem deixar notícias. No momento da primeira entrevista, Paula contou que trabalhava como advogada havia dez anos. Neste mesmo período, César estava com vinte e nove anos de idade e estava cursando o nível superior na área de administração. Sua religião é a católica e morava com Paula, desde que esta convidara para morar consigo, quando completavam alguns meses de namoro. Antes de morar com Paula, César havia morado sozinho em porto Alegre, pois sua mãe, por quem fora criado unicamente, residia no interior do estado. César nunca havia tido contado com seu pai, o qual “*fugira*” quando ele ainda era um bebe, sendo criado e educado apenas pela mãe. No momento da primeira entrevista, César trabalhava havia treze anos como auxiliar administrativo e há um ano como administrador do mesmo escritório de advocacia onde Paula advogava. Sua união com Paula seria formalizada através de casamento civil e religioso.

### **3.4.2 - Sentimentos e impressões do noivo**

#### *3.4.2.1 - A história da relação*

César contou que conheceu Paula porque trabalhavam no mesmo local. Conheciam-se, inicialmente, de vista e, quando Paula foi a uma das confraternizações do trabalho, saíram para “*tomar cerveja num barzinho e tal*”. César contou que “*naquele dia, a gente ficou junto, né, e começamos a sair. Aí, eu já comecei a vê-la, além do trabalho, todos os dias, a vir pra casa dela também e estamos indo até hoje*”. César contou que “*tudo*” o atraiu em Paula (“*tudo, tudo assim. Completa assim, né. Como é que eu vou te dizer? Tinha alguma coisa nela que me chamava a atenção, não sei te explicar assim bem o que que era*”).

No momento da primeira entrevista, César mencionou que já se considerava casado com Paula e moravam juntos há um ano e meio. Ele falou: “*a gente se considera casado, vamos dizer assim, porque, na realidade, aconteceu*

*tudo muito rápido, então a gente em vez de ficar, namorar, conhecer família, morar junto, isso foi muito rápido, noivar, foi muito rápido mesmo, mas ta super bom*". Ele contou ainda que costumavam fazer *"tudo junto, tudo, tudo junto"* e que isso era *"super bom, é super bom, ainda mais com essas duas ferinhas (cachorros do casal) e a gente curte bastante. A gente é muito grudado, muito ligado um no outro"*.

A decisão de se casarem, segundo ele, não ocorreu: *"a gente não decidiu, as coisas foram acontecendo naturalmente, né. E, quando a gente viu, a gente já tava morando junto, que nem eu digo, eu já tava trazendo as roupas pra lavar aqui na casa dela. E a gente foi acontecendo, acontecendo, quando tu viu, uma dia ela chegou 'Por que tu já não traz tudo?'. Foi muito natural, muito natural. A gente começou, né, a conhecer a família dela, ela conheceu a minha mãe, a minha família e aí, aos poucos, eu já fui também me entrosando, né, aqui e foi muito natural. E daí a gente namorou, não sei te dizer exatamente quantos meses, resolvemos noivar e estamos aí até hoje. E o casamento foi, o quê, um tempo depois. A gente noivou em março..."*. César contou que a iniciativa de se casarem oficialmente foi sua (*"minha, foi minha. E ela também, parece que ela tava esperando eu falar, né, mas depois que eu disse 'Ah, por que que a gente, né? Vamos casar', a gente já noivou planejando também, né, o casamento pra uma data e depois foi só organizar aí, agora, o casamento"*).

César contou que se considera uma pessoa *"muito difícil"* e mencionou que a paciência de Paula foi um dos fatores que o levou a escolhê-la para casar. Além disso, mencionou: *"ela é muito especial, muito especial. A humildade dela, a força de vontade, né. Já aconteceram coisas ruins na vida dela e ela tá até hoje batalhando, né. Mas o ponto forte é a humildade e a simplicidade dela. E essa ligação que a gente tem, assim, né. Ela me compreende, ela é muito carinhosa, ela é completa, assim, completa"*. A decisão de casar também foi motivada pela idade de Paula (*"em função também da idade. A gente quer construir as coisas juntos, né, a gente tem muitos planos, a gente quer ter um filho logo, até em questão de idade da Paula, ela tem 32 anos, né. Tu sabe bem, né, que mulher, pra ter uma gravidez segura, né, tem uma certa idade. E a gente quer construir coisas"*

*juntos. A gente tem planos de morar em casa, né, e a gente resolveu já logo assim. Eu acho que a gente se conhece o suficiente, já curtiu bastante, né, teve o consentimento dos pais, isso foi bem legal, né, e a gente se curte e foi, assim, foi bem natural mesmo a nossa decisão”).*

As atividades que costumavam fazer juntos eram “*ir a parques, tomar um chimarrão, jogar cartas com amigos, viajar*”. Separados, costumavam estudar (ela estivera estudando para um concurso e ele fazia faculdade à noite) e ele costumava “*sair com os amigos, um futebolzinho no final de semana, no meio da semana, às vezes*”. César acrescentou: “*A vida social a gente preservou sempre, desde o início até agora, né, e respeitando cada um com seus amigos, né, sair com liberdade, né, a gente confia o suficiente pra outra pessoa poder curtir também com amigos e eu também da mesma forma*”.

Os preparativos para o casamento estavam sendo organizados por uma cerimonialista e por Paula e sua mãe. Ele falou que ele também tem participado, dentro das suas possibilidades, da organização do casamento.

Sobre as opiniões das famílias de origem sobre suas escolhas mútuas, César falou: “*Eles aceitaram numa boa, né. A gente marcou o noivado e, antes de a gente trocar alianças, eu falei, né, pedi a benção, pedi a autorização deles, mas foi super bom. Minha mãe também. Eu sou filho único. Pra ela então, ela deve estar já emocionada aí, imagina no dia. Mas foi super tranquilo, super bom. Eles tão curtindo conosco*”.

### 3.4.2.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

No momento anterior ao casamento, César mencionou que sua relação de casal estava “*cada vez mais forte. Agora, com a questão do casamento, a gente...*”. Ele ainda contou que os preparativos estavam sendo administrados por Paula, mas falou também que estava aproveitando este momento (“*a maioria das coisas foi ela que organizou, né, mas, no que eu pude organizar, eu ajudei e a gente ta curtindo muito, então isso ta, cada vez mais, ligando a gente, né, porque*

*não tem como não falar em casamento todo dia, né*). Ele ainda acrescentou sobre as repercussões dos preparativos em sua relação: *“tá super bom, ta cada vez mais consistente assim, só..., tem algumas discussõezinhas, né, mas isso é, numa rotina, é normal, é normal, é tudo superável”*.

César também mencionou a influência de fatores externos à relação, como profissionais: *“E aconteceram muitas coisas na nossa vida, muitas mudanças aí, né, essa questão de trabalho, de ascensão no trabalho, com mais responsabilidade, né, a quantidade de trabalho, a gente tá trabalhando bastante, né, e a gente tá mutuamente ajudando um ao outro pra superar essas dificuldades aí, mas tá cada dia mais firme, assim, vamos dizer, a nossa relação”*.

A relação de casal estava satisfazendo suas expectativas *“muito, muito”*, mas ele mencionou também: *“tem aquelas criticazinhas que a gente faz, mas é normal, né, é recíproco também (...) defeitinhos, ‘ah, tu fala alto’, ‘ah, tu só pega no meu pé’, essa coisa normal que todo casal passa”*.

Neste período, os pontos fortes referidos por César em sua relação de casal foram os seguintes: *“ah, é uma ligação muito forte que a gente tem um com o outro, né, preocupação um com o outro, preocupação (...) Ah, eu acho que o ponto é esse, assim, a preocupação e o carinho, assim, que a gente tem, né, um com o outro, assim, eu acho que é a nossa base, assim. E a gente já se conhece, apesar de ser pouco tempo, né”*.

Os pontos fracos da relação foram: *“eu acho que umas implicâncias. É imaturidade, vamos dizer assim. Tanto dela quanto minha. Eu acho que é um pouquinho de imaturidade”*.

Sobre os pontos que mais geravam conflitos, ele mencionou: *“Da minha parte, até com questões com a família dela, né, que eu acho que não precisa ser, né, eu acho que tá errado e eu já implico com ela, né. E ela de não querer aceitar e de dizer justamente que eu tô implicando com ela, criticando por algum fato que ocorre com família, vamos dizer assim. É isso aí. Mas é pura imaturidade, vamos dizer, isso a gente trabalha, a gente vai ter que trabalhar mais light (...) tem coisas que eu acho que a mãe dela fala demais que eu não gosto de ouvir, né,*

*indiretamente. Mas é... É muito pequeno pra chegar a abalar a nossa relação. Eu acho que é isso”.*

Sobre as atividades que costumavam fazer juntos, ele falou que eram as mesmas que anteriormente e disse “*As mesmas. A nossa vida social tá bem ativa, né. Jantar com amigos, churrasquinho, parque, chimarrão, esse tipo de coisa. Passear com os cachorrinhos. É isso”.* Separados, ele falou que Paula sai com as suas amigas e ele com os seus amigos, e que eles buscam manter este espaço para os amigos, pois consideram que “*isso é muito saudável, muito sadio na [sua] relação”.*

Neste período ele descreveu o funcionamento de um bom casamento da seguinte forma: “*Eu acho que tem que ser tudo, como é que eu vou te dizer, tem que ser transparente, né. A gente tem que falar o que tá pensando, se tem alguma coisa errada, expor pra outra pessoa, né. Eu acho que a conversa é fundamental, fundamental. (Silêncio) Eu acho que é isso”.*

Um mau casamento, por outro lado, foi assim caracterizado: “*Um mau casamento eu acho que é a mentira, né, não ser fiel, né. O respeito é muito forte. Eu acho que o sexo também. O sexo é muito importante. É isso. Eu acho que o respeito, né, respeito, cama e fidelidade. Se não tiver isso, não funciona bem”.*

Sobre seus pais como casal, César falou: “*Não [são um modelo de casal], porque meu pai é uma história bem complicada. Eu vi ele duas vezes na minha vida. Ele já é falecido. Ele é falecido. E eu não tive essa oportunidade, vamos dizer assim, de vê-los, né, de ter uma família completa, apesar de ser filho único, então muita coisa eu tive que descobrir ou perguntar pra amigos mais velhos, pra tios, né, pra pais de amigos meus, né, mas não é exemplo. A minha mãe é um exemplo de mulher, de mãe, de tudo, né, mas meu pai não... Prefiro nem tocar no assunto”.*

Quando indagado sobre um casal modelo, ele disse: “*Eu tenho uns tios que é bem legal a relação deles (...) Eu nunca os vi brigar, nunca, né. Eles têm uma preocupação um com o outro também bem grande, que é o que a gente tem. Tentar ajudar, assim, sempre em tudo. Eu acho que é isso assim. Eu vejo, como é*

*que eu vou te dizer, eles são 100%, a gente é 80% do que eles são, assim da relação. É isso”.*

*No 1º mês de casamento:*

No primeiro mês de casamento, César avaliou sua relação de casal como *“tá normal, assim...”*. Mas, em seguida, falou: *“tá mais consistente, porque, embora a gente já morava junto antes, né, agora a gente oficializou, que a gente oficializou, tem aquela coisa, apesar de a gente já ter uma vida de casado antes, né, mas tem aquela coisa a mais, assim, que é, né, marido e mulher (...) a gente se trata na rua como esposa, né, como marido”*. Apesar de perceber um aumento na *“consistência”* de sua relação, ele referiu que *“no geral, a rotina e tal, não mudou nada”*.

A relação de casal estava satisfazendo as expectativas de César, como já ocorria quando não eram casados e moravam juntos (*“Sim. Já satisfazia antes, né, quando a gente morava junto”*).

Os pontos fortes da relação destacados por ele foram: *“Cumplicidade, amizade, parceria, né, simplicidade, né, minha e dela. Eu acho que o companheirismo, assim, e a amizade, acima de tudo, são os pontos mais fortes”*.

Os pontos fracos da relação foram: *“algumas manias minhas e dela, né, que a gente se corrige né, quando um faz, né, acontece (...) como ela fala muito alto, que eu pego no pé dela. Esse tipo de coisa. Coisa muito pequena que não chega nem...”*.

Sobre quais temas mais geravam conflitos, ele mencionou: *“É, é, quando ela fala muito alto ou tá assistindo televisão, eu falo alguma coisa, ela não presta atenção no que eu tô falando, mas é isso, assim, não tem nada que vire...”*.

A vida sexual do casal, segundo César, não havia mudado muito depois do casamento. Mas ele falou: *“Não [mudou]. Tá até melhor, assim, né, com o casamento”*.

As atividades que costumam fazer juntos como casal eram: *“a praia, o parque, sair com os cachorros. O que mais? Barzinho, churrasco com os amigos.*

*A gente preserva bastante essa vida social, assim, né, com os amigos. Já se preservava antes, quando era namorado, noivo e agora mais ainda”.*

Sobre as atividades que faziam separados, ele falou: *“Eu saio com os meus amigos, jogo meu futebol semanal. Que mais? Eu acho que é isso (...) Ela sai com as amigas também. Geralmente no sábado pra almoçar. É isso assim. Mas, durante a semana, a gente tá sempre junto, nada de... Até porque trabalha até tarde, né”.*

A administração das finanças estava sendo *“a mesma coisa de antes, né (...) tudo bem planejado, né, não tem aquela, como é que eu vou te dizer, aquele negócio de antigamente que o homem é que bancava, vamos dizer, assim, né. A gente divide. Quando eu posso, eu assumo mais. Quando ela pode, ela assume mais. É tudo bem conversado (...) Sempre foi, quando noivo, desde que a gente começou a morar junto. Tudo bem aberto”.*

Sobre a organização da casa, ele falou: *“Eu ajudo. Ela faz o grosso, vamos dizer assim, né, mas eu to sempre ajudando, não tem, comigo não tem essa, até porque eu morei sozinho, né, um tempão”.*

Sobre sua relação com a própria família de origem, César mencionou: *“Muito boa, bah, bem melhor, assim, bem melhor... Muito boa. É que nem a nossa relação, ficou mais forte, né, assim [depois do casamento]porque tem esse vínculo, vamos dizer assim, depois que a gente oficializou. Bem melhor”.*

A relação com a família de Paula também, foi considerada melhor (*“Também. A mesma coisa de antes, assim, porém um pouco mais daquela coisa, assim, né, de genro oficial, vamos dizer assim, oficializado”*).

O dois, como casal, costumavam visitar mais a família de Paula, uma vez que a de César morava no interior do estado (*“Eu não dá muito, né, porque... Eu tento ir uma vez por mês no mínimo [visitar a mãe]. Agora, aqui é quase todos os dias a gente se vê, porque a gente almoça junto ali [na casa dos pais de Paula]”*). Apesar disso, ele falou que estavam com a intenção de unir as duas famílias no próximo evento festivo (*“mais a dela, né, porque minha mãe é do interior. Até agora, no Natal, nós vamos pra lá todo mundo. (...) todo mundo, o pai, a mãe e a irmã dela”*).

Neste momento, César descreveu um bom casamento: *“Eu acho que a abertura, assim, é fundamental, falar tudo, se alguma coisa incomoda, falar na hora já, né, ou no momento que der pra fluir, pra não ficar guardando rancor, ressentimento, alguma mágoa e tal, alguma coisa que te deixe chateado. Eu acho que a conversa é principal, né, e, de preferência, não dormir brigado, vamos dizer assim, né resolver, não deixar pra depois, resolver no momento que é oportuno”*.

Para ele, o funcionamento de um mau casamento incluiria *“a infidelidade, a mentira. Eu acho que é isso. A mentira, né, a falsidade, assim, a falta de respeito. Eu acho que o respeito acima de tudo. Eu acho que a falta de respeito com a outra pessoa”*.

No 6º mês de casamento:

No sexto mês de casamento, César avaliou sua relação de casal como *“super boa, tá como estava antes, né, quando a gente iniciou, ficou noivo, então tá super bom. Tá mais consistente, assim, vamos dizer (...) parece que depois, assim, que a gente casou, caiu a ficha, vamos dizer assim, né, e a gente tá super bem”*. A relação estava satisfazendo as expectativas dele neste momento.

Os pontos fortes da relação de casal mencionados por ele foram: *“o companheirismo, amizade. A gente é cúmplice, assim, que eu acho que é companheirismo, assim, compreender um o outro”*. Sobre os pontos fracos, ele falou: *“Fracos? O que que eu vou te dizer... Mais, assim, da minha parte, assim, né, às vezes, eu sou meio, como é que eu vou dizer, pavio-curto. Às vezes, eu não penso, não dou aquela respirada, contagem até dez assim, mas é normal, é rotineiro e logo passa. Mas mais que isso não tem ponto negativo não”*.

O tema que mais estava gerando conflitos no casal era referente à participação excessiva da mãe de Paula da vida do casal: *“Eu acho que mais é com a mãe dela, assim, que a gente tem, às vezes, uns atritos, mas é tudo coisa banal, assim, né, só que eu fico meio estressado às vezes, mas não é nada que... (...) ela [Paula] entende, né, ela me dá razão na maioria das coisas e fica tudo normal (...) às vezes, eu me estresso, porque são coisas que a gente não precisa*



*estar ouvindo às vezes, né, e tu incomoda, mas nada mais, assim, além disso. Eu supero tranqüilo. Eu sei lidar com a situação”.*

A vida sexual do casal foi descrita como “*tranqüila*” e não tendo mudado.

As atividades que costumavam fazer juntos eram “*ir a parque passear com os cachorros, viajar, né, e é isso, quando dá. Viajar é quando dá, né. Mas mais é ir em parque, passear, caminhar, esse tipo de coisa*”. Separados, por sua vez, ele mencionou que faziam o seguinte: “*eu jogo meu futebol, né, de vez em quando. Agora não é tão freqüente, por causa do trabalho, né, mas eu só, assim. Eu sou bem caseiro. Gosto de ficar em casa. Ela sai com as amigas pra almoçar, final de semana, no sábado, né. É isso*”.

A administração das finanças, nesse período, estava sendo “*tudo bem conversado, né, bem controlado*” e estavam administrando “*juntos, quando aperta um lado, eu ajudo, quando aperta o outro, ela ajuda. Assim, na medida que um pode, um ajuda o outro. Tranqüilo. Não tem muito mistério*”.

Já a organização da casa estava sendo feita por Paula (“*Ah, é ela que administra (...) eu ajudo no que eu posso sempre, né, dou uma mão em alguma coisa, mas mais é a Paula que organiza e tal, que faz as faxinas dela, arruma empregada e tal*”).

A sua relação com a família de origem estava “*super boa, normal, como sempre foi, não mudou nada. Eles adoram a Paula. Sem problemas, tudo normal*”. A relação de César com a família de Paula também foi descrita como “*super boa*”, mas ele acrescentou: “*fora essas briguinhas, briguinhas, essas coisas que eu não gosto [referindo-se à participação da sogra em suas vidas], né, com as outras pessoas, assim, tudo normal, tudo tranqüilo (...) algumas coisas com a mãe dela, a sogrinha. Mas, não, gosto muito dela, mas tem algumas coisas que não precisa. Não precisa acontecer assim, né, a Paula fica chateada, mas é pouca coisa, nada que chegue a abalar, né, a nossa estrutura, né, tudo tranqüilo*”. A relação dos dois, com as duas famílias, estava “*tranqüila, super bem*”.

Nos seis meses de casamento, ele descreveu um bom casamento: “*Eu acho que tem que ser um relacionamento bem aberto, né, expor todas as coisas que te*

*deixam em desconforto, conversar, tentar resolver sempre, né, não, vamos dizer assim, não dormir de mal com o outro, né, colocar as coisas pra pessoa, o jogo aberto, limpo, né, honestidade eu acho que é a palavra fundamental, né. Pra mim, é isso e o respeito. Respeito eu acho que é o maior de todos, que entra a questão de fidelidade, essas coisas eu acho que tudo engloba no respeito pela outra pessoa. Eu acho que é isso: respeito e jogo aberto”.*

E um mau casamento foi assim descrito: *“Ah, eu acho que de um mau casamento tem infidelidade, desrespeito, acho que é o contrário, né, disso que eu falei. Não respeitar a outra pessoa, não ajudar numa simples tarefa de casa, por exemplo, né, sobrecarregar. Acho que, nos dias que a gente vive hoje, essa correria, eu acho que tem que ser bem sólido isso, né, pra não dar problema depois. Eu acho que é basicamente isso, o desrespeito, né. Assim como eu acho que, num bom é o respeito, no mau, eu acho que é o desrespeito”.*

#### No 12º mês de casamento:

No primeiro ano de casamento, César avaliou sua relação de casal como estando *“da mesma maneira que das vezes anteriores que a gente conversou, né, tá cada vez mais sólida, cada vez a cumplicidade é maior, que a gente tá aprendendo cada dia mais um com o outro”*. Ele ainda acrescentou: *“Não é nada muito diferente do que a gente já tava vivendo”*. Quando questionado sobre as mudanças que ele percebeu durante este primeiro ano de casamento, ele falou: *“Não, assim, mais a cumplicidade, né, a parceria. Isso tá mais intenso”*. A relação estava satisfazendo suas expectativas neste momento.

Os pontos fortes destacados por ele na sua relação foram: *“Parceria, cumplicidade, o entendimento”*. Sobre os pontos fracos, ele falou: *“Os fracos, às vezes, eu me irrita por pouca coisa. Acho que é em função do estresse que eu tô, né, e ela também, mas não tem nenhum ponto fraco mais que isso. Isso é uma coisa que dá um desconforto, mas não tem mais nada além disso”*.

Os conflitos entre ele e Paula se davam por *“coisas pequenas, bobas”*. Ele deu um exemplo: *“eu pego no pé dela, critico por coisas, assim, banais, às vezes, né, e a gente começa a discutir. Não sei te dizer, assim, um exemplo agora”*.

Sobre a vida sexual do casal, César mencionou que estava “*normal, tá tudo dentro da normalidade, com um pouquinho de cansaço, às vezes*”. Ele também falou sobre o fato de Paula não ter muito desejo sexual: “*Só a Paula, às vezes, não tem aquele apetite sempre, né, em função da correria, mas é tudo administrado (...) às vezes, a gente fica chateado, mas pensa em outras coisas, né, o que tá envolvendo, o todo, e é tranqüilo. Bem administrado*”.

As atividades que costumavam fazer juntos eram “*caminhadas, corridas, cinema, viajar final de semana quando a gente pode*”. Sobre as atividades que faziam separados, ele falou: “*Ah, ela faz os happy hours com as amigas, janta, chás. E eu, meu futebol, né, minha cervejinha com os amigos, né, sempre*”.

Sobre a administração das finanças, César referiu: “*O meu e o dela é uma coisa só, né, então a gente não tem essa divisão, tudo é pra nós, o meu é dela e o dela é meu. É bem administrado*”.

Sobre a organização da casa, ele contou que a maior parte das tarefas estava sendo feita por Paula, mas que ele ajudava às vezes (“*Ajudo na medida do possível. Ela pega mais junto, porque é mais detalhista pra algumas coisas, mas eu ajudo com louça, limpeza, isso tudo*”).

A sua relação com a própria família de origem estava “*bem, super bem (...) se mudou, mudou pra melhor, né, com certeza, com a vinda da Paula, vamos dizer assim, pra nossa família. Todo mundo adora ela. Com certeza, aumentou a felicidade deles. Isso é claro*”.

A relação com a família de Paula estava tranqüila também, segundo o relato de César, que contou: “*Às vezes, tem alguma coisinha que a gente não gosta, mas tudo normal do dia-a-dia*”. Sobre os desentendimentos com a sogra, ele falou: “*tá bem menor*”.

A relação dos dois, como casal, com as famílias de origem estava “*Normal*”, pois “*visitamos, somos visitados. É normal. Bem dentro da..., até porque a gente almoça junto ali com os pais dela todo dia, né, então a gente vê seguido (...) Com a minha mãe não é freqüente porque ela mora no interior, né, mas, quando a gente pode, a gente sempre vai e ela também da mesma forma*”.

Neste momento, ele definiu um bom casamento da seguinte forma: “A fidelidade, né, a clareza, a transparência. Isso é fundamental: transparência e clareza, não deixar nada pra mais tarde, resolver tudo de uma vez”. Um mau casamento, por sua vez, foi assim definido: “Acho que a infidelidade, falta de respeito e é isso”.

#### 3.4.2.4 - O futuro

##### Antes do casamento:

Antes do casamento, César mostrou-se otimista e mencionou alguns planos do casal (“A gente tá planejando muitas coisas que a gente, se Deus quiser, vai realizar, né, em todos os aspectos, financeiro, filhos, né. A gente, como eu te falei, quer morar numa casa, né. E a gente tá bem otimista. Eu quero terminar minha faculdade aí pra (...) as coisas acontecerem mais rapidamente, né, profissionalmente. Mas a gente tem muitos planos e vamos tocar”). Ele ainda contou que estavam organizando o futuro e que sabia que ano seguinte seria “um ano bem puxado pra gente, porque a gente vai realizar bastante coisa aí, se Deus quiser”.

Sobre como imaginava que seria a vida de casado, ele falou: “Eu acho que a gente já vive a vida de casado (...) Como eu te falei, a gente é muito ligado. Eu gosto de ficar em casa com ela. Quando eu não tô, eu gosto de chegar rápido em casa pra vê-los, né, tanto ela quanto os cachorrinhos. Eles fazem parte da nossa vida. A nossa ligação ficou muito forte depois deles, né. Dele [cachorro] que veio primeiro. Depois dela [cachorra], então, né (...) Eu não imagino muita diferença não. A gente já tá vivendo casado. A gente já é casado”.

Apesar de já se sentir casado e de achar que não haveria muitas mudanças em sua relação, César falou também: “Ah, eu acho que vai, vai, vai [mudar a relação]... O amadurecimento, né. Eu acho que um respeito. É um compromisso bem forte, né, isso a gente vai ter que... Vai ter que não. Eu acho que vai acontecer, eu acho que a gente vai ficar bem mais unido, com certeza. Bem mais não. A gente vai ficar mais, vai aumentar cada vez mais a nossa ligação”.

*Sobre como pretendia administrar as finanças depois do casamento, ele referiu: “Ah, finanças é outra coisa que a gente não tem problema nenhum, né, tudo bem esclarecido. Quando um precisa, o outro ajuda, né, e a gente vai tocando assim, né. A gente tem total liberdade, né, de... Finanças, olha, não tem problema nenhum. Ah, o teu é teu, não, né, não, nunca. Claro, tudo dentro do bom senso, né. Ninguém... O que é meu é dela, o que é dela é meu. Questão, assim, financeira, né, de dinheiro mesmo, né. Isso é bem tranquilo também (...) A gente divide, né, a gente programa ‘tal mês tu paga isso, tal mês, eu pago’, ‘Ah, esse mês, eu seguro a bronca; esse mês tu segura’. É bem... (...) E a gente pretende também guardar, fazer uma reserva aí pro futuro”.*

*Sobre a organização da casa depois do casamento, ele falou que pretendia administrar “da mesma forma como a gente tá administrando hoje, né. Tem uma mulher que nos ajuda a cada quinze dias. Às vezes, a Paula limpa, então não precisa, ela vem uma vez por mês. Mas é tranquilo. Eu ajudo, né. Agora eu ando meio preguiçoso, mas é. Eu ajudo, porque eu morei sozinho onze anos, né, então tá tranquilo”.*

*As atividades que pretendia que fizessem juntos no futuro eram “viajar”, “ter um tempo, final de semana, pra nós dois, né, de descanso, a nossa privacidade, sair um pouco desse mundo, desse caos”. Separados, ele falou que não sabiam como seria no futuro em função da perspectiva de Paula passar em algum concurso e ter que se mudar para o interior (“porque a gente não sabe o que vai acontecer, né. Como eu te falei antes, a Paula ainda quer fazer concurso pra magistratura, ela quer ser juíza, né. E, dependendo do que acontecer, ela vai ter que morar no interior provavelmente e eu vou morar aqui, então a gente tá trabalhando já isso, a gente tá conversando bastante sobre isso e já planejando muitas outras coisas, como filhos, né, e tal, porque provavelmente ela vá morar no interior e eu permaneça aqui, né. Não sei, num primeiro momento, é isso”).*

No 1º mês de casamento:

No primeiro mês após seu casamento, César falou das expectativas sobre o futuro da relação de casal: *“Ah, a gente já tá planejando muita coisa, né, desde coisas de casa, material, né, como filho também, até pela questão da idade da Paula, né, a gente já tá planejando final do ano que vem. E procurando\*, agora 2005 vai ser da gente crescer profissionalmente, né, mais ainda. E a gente tá planejando mesmo, o ponto forte, é filho”*.

Ele imaginava que no futuro estariam *“amadurecendo mais a idéia de casado, né, porque, de repente, a gente tá meio moldando, assim, estamos ainda no descobrimento do que é casar e tal, mas eu acho que não vai mudar muita coisa, assim, não. Se mudar, vai ser pra melhor, com certeza. Fora isso, eu acho que a nossa rotina é a mesma”*.

As atividades, no futuro, que ele gostaria que tivessem o hábito de fazer juntos como casal eram: *“sempre estar com os amigos. Não deixar essa vida social morrer apesar da vida de casado, né, porque a gente preserva bastante. Continuar sempre tendo contato, né, com amigos e tal”*. Separados, ele falou: *“Também. A mesma coisa. Ela com as coisas dela, né, sair com amigos e tal, não deixar de fazer isso nunca, porque isso é super importante”*.

No 6º mês de casamento:

No sexto mês de casamento, César falou sobre suas expectativas para o futuro da relação: *“Eu vejo aquilo que a gente sempre conversa, né, quase todos os dias: a gente crescer cada vez mais profissionalmente, né, a gente tá pensando em filhos pro ano que vem, pra criar uma estrutura maior, né, pra ter uma condição mais, né, como é que eu vou dizer, mais sólida também, né, pra poder sustentar filho e tal e pra amadurecer também. Eu acho que a gente cresce junto depois disso, né. É isso que a gente tem na cabeça: construir as coisas que a gente tá querendo, terminar algumas coisas aqui na nossa casa, né, e os filhos, né, se dedicar também aos filhos e ao trabalho. Crescer cada vez mais”*. Além disso, mencionou alguns projetos profissionais (*“tem [outros projetos] que podem envolver profissionalmente, né, a gente tá dando um tempo aí no que a gente tá fazendo. A Paula tem pensado em ir mais pra área que ela sempre quis, que é a*

*magistratura, que ser juíza e eu também mais na minha área, né, da administração. Mas, por enquanto, e gente tá bem, não tem nada de mal”).*

Sobre o que imaginava que mudaria na relação de casal no futuro, ele referiu: *“Ah, eu acho que a gente pode fazer uma retrospectiva, vamos dizer assim, e ver, comparar, né, como era. Eu acho que a gente vai estar bem mais maduro, né, mais sólidos, se Deus quiser, na relação. Eu imagino assim. E feliz, né, por estar fazendo um ano de muitos que a gente vai fazer juntos”.*

As atividades que esperava que fizessem juntos no futuro eram *“as mesmas que a gente faz, porém com os filhos juntos, né, viajar, passear, levar pra parque, viajar pras nossas famílias no interior, né. É isso assim. Ter uma estrutura pra isso, pra poder fazer, vamos dizer assim, a hora que quiser, a hora que der também, né. É isso”.* Separados, o que pretendia que fizessem era: *“as mesmas coisas que a gente faz: manter a vida social. Nossa vida social é muito importante. Pra mim, é uma das coisas mais importantes também, né. Quando a gente deixa a vida social de lado, a gente perde muitas coisas, né, muitos valores, porque, às vezes, a vida a dois é ótima, mas pode ir desgastando, ainda mais quando, como a gente, que a gente trabalha junto, né. Além de dormir junto, morar junto, a gente trabalha, então tem que cuidar muito bem disso, tanto a minha vida social quanto a vida social dela e a nossa vida social”.*

No 12º mês de casamento:

Ao primeiro ano de casamento, César falou sobre suas expectativas para o futuro e mencionou a perspectiva de terem filhos (*“Ah, a gente já tá amadurecendo mais a idéia de ter filhos, né, de repente, agora pra 2006, vamos ver como é que a gente vai... Programar eu digo outras coisas, não o filho, né, mas coisas que englobam o ter filho. Esse é o plano mais direto, né. Terminar algumas coisas em casa, que tá pendente, e filho”).* Sobre a relação de casal, referiu as expectativas de que esta fosse *“cada vez mais sólida. Inclusive, se vier o filho, aí sim. Que a gente quer, a Paula também tá querendo, tá bem ansiosa com isso, a gente já se organizar pra poder ter”.* César também falou que imaginava que estariam *“mais maduros, mais responsáveis”* no futuro. Ele ainda falou:

*“quer dizer, uma mudança pra melhor, com certeza. E profissionalmente também, a gente almeja crescer cada vez mais, né, no lugar em que a gente trabalha. Eu acho que essas mudanças, assim, são cruciais, são fundamentais. Eu acho que é isso que vai acontecer”.*

As atividades que ele pretendia que fizessem juntos no futuro eram: *“viajar mais, né, conhecer lugares diferentes, levar filho junto, aquela coisa assim”.* Separados, ele mencionou que pretendia que fizessem *“as mesmas coisas”* que já faziam: *“[atividades] com os amigos. Isso é super importante, ter uma vida social bem boa, né, pras coisas funcionarem. A gente tem que ter essa vida social”.*

### **3.4.3 - Sentimentos e impressões da noiva**

#### *3.4.3.1 - A história da relação*

Paula contou que ela e César se conheceram no ambiente de trabalho, onde exerciam cargos de áreas diferentes. Começaram a *“trocar olhares”* e, como tinham um casal de amigos em comum, estes fizeram o *“meio de campo, aquela coisa de cupido”* para que se conhecessem oficialmente. Paula foi convidada por esta amiga, que sabia do interesse mútuo dos dois, para ver um jogo de futebol, no qual César estava jogando. Segundo sua descrição, a relação começou *“super desinteressada, assim, uma coisa assim, ah, a gente ficou, daí ficou de novo, daqui uma semana, ficou de novo e, quando a gente viu, tava se envolvendo”.* O início da relação ocorreu em 2002, havia dois anos e meio do momento da primeira entrevista.

Paula contou que *“foi tudo muito... foi gradativo, mas acabou acontecendo rapidamente assim”.* Alguns meses após se conhecerem, decidiram morar juntos no apartamento de Paula, uma vez que cada um vivia sozinho (*“Ele foi trazendo uma camisa e deixando pendurada, foi trazendo outra e deixando pendurada, então, assim, vamos dizer que a partir de três, quatro meses de namoro, a gente já tava morando junto”*). No momento da primeira entrevista, estavam morando



juntos há dois anos. Ambos haviam trocado de emprego e estavam trabalhando em uma outra empresa, na qual exerciam novamente funções em áreas diferentes.

Quando indagada sobre o que mais havia chamado sua atenção em César, Paula contou que, em primeiro lugar, havia sido a aparência física (*“Bom, em primeiro lugar, assim, como eu te disse, foi uma relação desinteressada, assim, em termos de vamos namorar ou nada, né, então, em primeiro lugar, me atraiu a beleza física dele, até porque ele era mais magrinho, mas eu continuo achando ele lindo e maravilhoso”*). Ela ainda relatou que depois de algum tempo, *“de forma gradativa”*, começaram a conviver e ela foi descobrindo algumas características dele que a encantaram e que o distinguiram dos relacionamentos anteriores dela (*“depois, assim, a gente começou a conviver, o que que eu vou te dizer, assim, ó, o tratamento dele comigo, o respeito, em primeiro lugar, né. Eu tive muitos relacionamentos anteriores, assim, que me fizeram mal. Então, assim, carinho, muito carinhoso, respeito, uma pessoa super educada. É de família humilde, mas teve uma criação, assim, tanto quanto a minha, porque meu pai é de família humilde também. A mãe já não é tanto, mas... A criação muito parecida, sabe. Então, de modo geral, foi isso assim. Companheirismo, companheirismo e lealdade. Tudo isso”*).

Paula também mencionou que, na época anterior à primeira entrevista, costumavam fazer juntos atividades como *“ir pra barzinhos, fazer happy hour.(...) é janta na casa dos amigos, aqui em casa, a gente fez muita janta, né. Às vezes, a gente ficava até madrugada conversando com os amigos, às vezes, jogando...”*. Neste mesmo período, cada um costumava fazer, separadamente, as mesmas atividades que estavam fazendo no momento da entrevista. (*“Coisas que a gente continua fazendo até hoje. Ele jogar futebol com os amigos. De vez em quando, churrasco também, seja de noite, seja fim de semana. De noite que eu digo, assim, durante a semana. E eu, da mesma forma, assim, eventualmente saio com as minhas amigas. Fim de semana, não vou dizer que todo fim de semana, mas, pelo menos uma vez por mês, a gente sai, fica a tarde fora conversando, passeando, trocando idéias”*).

Paula contou que a decisão de casarem, assim como a de morarem juntos, “aconteceu naturalmente” e disse: “a gente, assim, como tudo no nosso relacionamento aconteceu naturalmente (...) daqui a pouco, a gente viu, tava junto. Ele começou a deixar a trouxinha de roupa aqui’ (...) E depois, assim, com o tempo, a gente falando... Eu te confesso, assim, que eu realmente não lembro uma data específica, mas a gente conversando de, ah, casar ou não casar, de..., né, e tal, ‘ah, vamos noivar?’, ‘vamos, vamos noivar’. Assim, eu me lembro que as conversas mais aprofundadas que a gente teve foi na piscina aqui embaixo, tomando sol, provavelmente porque era um momento de relaxamento, né, e aí, assim, eu me lembro, eu tenho a nossa imagem conversando ali”.

Após terem algumas conversas sobre o assunto, decidiram noivar, “sem previsão de casamento, né”. Foi, então, que começaram a pensar realmente em casamento e, finalmente, decidiram casar em uma conversa com o casal de amigos que os havia apresentado (“E depois a gente começou a falar no assunto também naturalmente e, um dia, a gente tava com um casal de amigos, que foi o nosso casal cupido, né, tava aqui brincando, tomando cerveja e não sei o quê e falamos no assunto e ‘vamos escolher a data então’, assim. Aí eles escolheram com a gente, ‘porque nós somos padrinhos, porque não sei o quê”). Segundo ela, depois que haviam decidido casar, escolheram a data a ser comemorado o casamento e começaram a se organizar e a preparar a festa (“há um ano eu to preparando o casamento já. Porque a gente começou a falar... É claro que, depois dessa noite, eu e ele conversamos, ‘Ah, é isso mesmo que a gente quer?’, ‘Sim, é isso mesmo que a gente quer’, ‘Então vamos começar a ver as coisas”). Decidiram, então, comunicar as famílias (“Aí falamos com os meus pais, com a mãe dele também, aquela coisa, assim, não necessariamente pra pedir consentimento, mas pra haver uma...”).

Sobre o que a havia levado a escolher César para ser seu esposo, ela falou: “As nossas idéias de crescimento profissional, de intenção de ter filhos, né (...) esses nossos projetos e, justamente, assim, o fato de a gente ser muito companheiro, sabe, desde o começo. Isso me atraiu muito. Isso me fez, né... Às vezes, eu fico pensando nisso, né, o que mais me atraiu e tal. É um conjunto de

*coisas, né. De modo geral, isso, assim. Às vezes, eu olho na rua, assim, os casais e ontem, por exemplo, eu vi um pai buscando o filho numa creche e eu achei a coisa mais querida e eu imaginei ele fazendo isso. Coisas que, talvez por imaturidade ou porque não tenha dado certo nos outros namoros, não tinha acontecido, sabe. Que eu sempre fui uma pessoa que quis casar e tudo, né, mas realmente, como tu disseste, uma coisa é tu namorar, tu curtir e tal outra coisa é essa transformação, vamos dizer assim, da tua vida, né, escolher pra casar”.*

Paula contou ainda que seus pais estavam arcando financeiramente com a maior parte dos custos com os preparativos para o casamento (*“porque eles nos ajudam bastante. Assim, principalmente o casamento é praticamente o pai que tá pagando. Bem coisa de antigamente, assim, o pai da noiva e tal, né. Então a gente, não que fosse necessário, mas a gente gostaria, e assim aconteceu, da aprovação deles, né, para o casamento, porque a aprovação de morar junto já tinha mesmo”*). Além de ajudarem a pagar o casamento, a mãe de Paula estava se envolvendo bastante com os preparativos para a festa, o que, segundo Paula, estava sendo tranquilo (*“tá ótimo. Eu pensei que fosse ser bem mais difícil (...) como eu comecei a organizar há um ano já, ela me dava as dicas, me mostrava as coisas e tal, mas eu fui organizando também, né, como eu te disse, sempre com a participação de escolha e tudo com eles, mas, assim, eu me virei mais durante esse um ano, até porque ela tem uma vida social ativa com o meu pai. Eles viajam muito e, enfim, tem os compromissos sociais deles, profissionais também, então (...) E aí eu pensei que ela se, não se intrometendo, mas começando a participar mais, a gente fosse divergir muito, brigar e tal, mas não, até que não, até que tá sendo, assim, bem tranquilo dentro do possível, né”*). Segundo Paula, a notícia do casamento *“foi uma alegria”* para ambas as famílias de origem.

### 3.4.3.2 - A relação no presente

#### Antes do casamento

No momento anterior ao casamento, Paula descreveu sua relação de casal como sendo *“uma relação, assim, super saudável (...) carinhosa, respeitosa,*

*leal*". Ela mencionou que ela e César tinham algumas "divergências", mas que brigas entre eles ocorriam com "pouca frequência". Sobre as discussões, Paula disse "uma coisa que é maravilhoso na gente, assim, é que mesmo que a gente discuta e brigue e, vamos dizer assim, que a gente vá dormir brigado, já aconteceu umas duas, três vezes, no dia seguinte a gente acorda, olha um pra cara do outro, dá risada".

A relação de casal estava satisfazendo as suas expectativas "completamente".

Os pontos fortes da relação na opinião de Paula eram: "Fidelidade, respeito, ahn, carinho, muito carinho, companheirismo. Eu acho que eu definiria assim... (...) Claro, eu defino tudo isso, eu nunca falo a palavra amor, porque eu defino o amor como tudo isso, né. Não defino o amor como uma paixão, que logo passa, né. Então, pra mim, a definição de amor é isso. A gente se ama em função de haver tudo isso".

Sobre os pontos fracos da relação, ela mencionou: "Talvez seja o maior ponto fraco da relação, não é bem especificamente da relação, é da característica de cada um, que eu sou uma pessoa que não aceita muita crítica, né, e ele é uma pessoa que critica bastante, então, assim, o que mais gera discussão é isso".

O tema que mais estava gerando conflitos entre eles era referente à mãe de Paula ("A minha mãe (risos)! É que a minha mãe é uma pessoa de personalidade muito forte, assim como eu sou, assim como o César é. Só que eu convivo com ela há trinta e tantos anos, desde que nasci. Fiz terapia durante dois anos (...) eu fiz terapia e aprendi com a terapia a lidar com a minha mãe, né, que ela não vai mudar mesmo e nem eu vou mudar. A gente tem muita divergência, teve muita divergência toda vida em vários aspectos, mas especialmente no sexual, né. Então a gente já brigou muito, eu e ela. Depois da terapia, eu aprendi a lidar com ela, então tudo o que ela diz não me incomoda mais ou, se me incomoda, eu tento entrar por aqui e sair por aqui, tento relevar e tal. E ele não aceita muito isso (...) Ele se incomoda com algumas coisas que ela diz e eu não revido. Mas eu não revido, porque eu sei que não vai adiantar e eu sei que eu não vou fazer aquilo que ela tá dizendo, vamos dizer assim, que eu não vou acatar aquilo, só que ele se

*irrita, porque eu não me imponho mais. Eu acho que o nosso maior ponto de divergência é esse”).*

As atividades que Paula e César costumavam fazer juntos eram as mesmas da época em que namoravam, que eram sair com casais amigos (“*a gente tá fazendo isso sim, mais encontros com a turma de todo mundo, assim, dos casais*”) e visitar a família de Paula uma vez que a mãe de César morava no interior do estado (“*...então uma coisa, assim, que a gente faz muito é ir na casa da mãe, da minha mãe, né, que, vamos dizer, assim, é a segunda família dele. Ele tem mesmo como segunda família, né. Até isso, assim, o relacionamento com a minha mãe é bem coisa, assim, de..., como se ele já fosse da família (...)* E com o meu pai também”).

Sobre as atividades que faziam separados, ela falou que “*ele não deixou de fazer as coisas dele com os amigos e eu também não, mas foi uma coisa natural também de todo mundo começar a ter o seu outro lado, né, a sua cara-metade, vamos dizer assim*”.

Neste momento anterior ao seu casamento, Paula descreveu um bom casamento da seguinte forma: “*graças a Deus, eu acho que quase tudo a gente já tem, senão tudo, né. A gente nunca pode dizer que já tem tudo, mas é continuar com esse respeito, com esse companheirismo, com fidelidade, lealdade, de um modo geral, né... Ambas as partes, vamos dizer assim, cederem, faz parte do respeito eu acho, né. Continuar sendo assim*”. Um mau casamento, de outra maneira, foi descrito assim: “*eu acho que uma coisa que não dá, assim, é casal que se desentende todo dia, sabe. Quando um dos dois, pelo menos, assim, desrespeita demais, quando uma das pessoas não está comprometida com isso de modo geral, que não tá nem aí, tipo, dar satisfação, que, queira ou não, não o casamento em si, mas um relacionamento qualquer, né, de namoro, por exemplo, se tu tá a fim, né, daquela relação, tu dá uma certa satisfação de onde tu tá, de onde tu vai, embora a gente tenha essas nossas, mantém as amizades, os nossos relacionamentos também, às vezes, individuais com os nossos amigos, né, mas sempre com o conhecimento da outra pessoa, sempre, né, com a concordância até, né*”.

Ao descrever seus pais como casal, Paula mencionou que os via como um modelo de casal (*“Pois é, eu tenho eles como um exemplo, assim, como eu quero que aconteça com a gente, assim, né, que eu sempre quis que acontecesse comigo e, agora, então, que seja comigo e com o César. Assim, com as divergências normais de um casal, já tiveram brigas homéricas, mas tão há 33 anos juntos, então, assim, eu tenho como exemplo. Cada um com a sua personalidade, cada um com os seus defeitos, cada um com as suas qualidades e sempre superando, né. Esse tipo de coisa, assim, superação, eu acho que é o que eu desejo, assim, mais”*).

Além dos próprios pais, Paula mencionou um casal de amigos como um modelo de casal (*“um casal amigo, que é o que mais a gente convive, o Alexandre e a Dani, que são nossos amigos mais próximos agora (...) Eles são super companheiros, né, tanto que a gente sai bastante junto, a gente se dá muito bem, né (...) São super alegres, assim, são bem legais mesmo”*).

No 1º mês de casamento:

No primeiro mês de casamento, Paula avaliou sua relação de casal da seguinte forma: *“Na realidade, não mudou muita coisa, né, porque a gente já morava há dois anos e meio juntos e tal, então te confesso, assim, que, embora eu achasse que psicologicamente ia mudar alguma coisa, não mudou nada”*. Mas ela acrescentou ainda: *“A diferença é que, claro, é mais, assim, em termos de... Mais no sentido, assim, ó, antes disso, a gente já falava no assunto, mas agora a gente fala com mais frequência de planejar o bebê, essas coisas assim. Aí, pra planejar o bebê, tem que fazer essas coisas, que a gente tem, mas não tem, esses troços médicos, o convênio médico. A gente tem, mas ainda não tem específico pra isso. Mas mais nesse sentido, assim. De resto, não mudou nada, comportamento, psicológico, como eu te disse, não mudou nada, nada”*. Ela avaliou sua relação como estando *“ótima, tá beleza, graças a Deus”* e como satisfazendo as suas expectativas.

Sobre os pontos fortes da relação, Paula mencionou: *“como eu tinha dito a outra vez, assim, companheirismo, né, nosso, de ambas as partes, né, o carinho, o*

*respeito, principalmente, assim, claro, o amor, né, mas, acima de tudo, assim, o respeito e o companheirismo que a gente tem é o ponto forte, né, que isso torna o amor mais firme, o relacionamento mais firme também, enfim”.*

Sobre os pontos fracos, Paula falou: *“os pontos fracos, na real, assim, não tem, porque a personalidade do César, que é forte, assim, eu já há muito tempo me adaptei com ela, né, então, assim, ponto fraco não é bem da relação, que ainda é, não mudou em um mês, vai mudar a médio prazo, é o lado financeiro que a gente quer melhorar, né. Eu diria que seria isso só, materialmente falando”.*

Os temas que mais estavam gerando conflitos entre eles eram: a mãe de Paula e a excessiva quantidade de atividades que realizavam junto com os pais dela (*“a minha mãe (risos). Não é especificamente a minha mãe. É a minha mãe e é também, assim, ah, é muita programação com o pai e com a mãe. Eles têm e a gente ta sempre junto e tal, mas também é uma coisa, assim, tolerável”*) e a sexualidade do casal (*“um pouquinho, na realidade, um pouquinho, em relação ao sexo, porque ele, até como homem, é mais, assim, né, quer mais do que eu. Às vezes, eu to cansada, eu ‘Ah, to cansada’, então, às vezes, a gente entra em conflito por causa disso, mas também nada de muito apavorante”*).

Ainda falando sobre a vida sexual do casal, Paula mencionou que esta não havia mudado com o casamento (*“Ah, também não mudou. Tem vezes, assim, que é super ativa, todos os dias, e tem vezes, até pelo cansaço de trabalho e tal, é só no fim de semana, vamos dizer assim. Mas não mudou também. Não intensificou e não (...) Mas ta normal. É ativa, não é aquela coisa, assim, todo dia, né”*).

As atividades que costumavam fazer juntos, como casal, eram *“as que a gente vinha fazendo”*. Ela explicou: *“são, assim, a gente tem vários casais amigos (...) são as programações, como eu te disse, assim, um monte de festas de final de ano, agora tanto as nossas de empresa, de amigo como as da minha família, né. Mas, de modo geral, é isso assim. A gente gosta muito de jantar fora. A gente, às vezes, se dá ao gostinho, assim, né, de ou fazer uma jantinha em casa ou jantar fora, que a gente gosta muito. E, de modo geral, sempre com os amigos. A gente procura, fim de semana principalmente, assim, às vezes, a gente quer ficar em casa, né, mas principalmente agora no verão, assim, dá mais vontade de*

*sair, então a gente procura os amigos, né, e inventa um churrasquinho, inventa alguma coisa assim”.*

*Sobre as atividades que costumavam fazer separadamente, ela disse: “Ele, esta semana, foi jogar futebol. Ele tem a atividade dele. Não é fixa, mas, quando tem futebol, vai, quando tem churrasco, alguma coisa assim. Às vezes, é aniversário dos amigos solteiros, ele vai quando é só homem, né. Quando vai a mulherada, vai a mulherada junto. E eu, com as minhas amigas, saio, né, principalmente fim de semana ou uma noite na semana, assim, a gente marca de vez em quando, porque também, como todas são casadas, não é todo mundo que tem a disponibilidade, assim como eu também não tenho disponibilidade sempre. Mas continuamos, né. Embora só tenha passado um mês, nesse mês, né, ele já foi jogar futebol, eu já saí com amiga minha também, então essas coisinhas assim”.*

*Sobre a administração das finanças, Paula referiu que esta estava sendo “meio a meio, né, como vinha sendo”. A organização da casa estava sendo feita mais por Paula (“É comigo. Quando tá muito bagunçada como hoje, por exemplo, a gente já combinou que amanhã ele vai me ajudar. Ele disse ‘eu te ajudo amanhã, tá’. Mas normalmente, assim, é comigo”).*

*A relação com a família de César, segundo ela, continuava “a mesma coisa. Não mudou nada”. Mas, em seguida, Paula mencionou que “na realidade mudou um pouco, sim, para melhor”, pois percebeu uma aproximação dos seus pais com a mãe de César (“O que eu vi, assim, no dia do casamento, é que o meu pai e a mãe dele, assim, se abraçavam muito ‘ah, agora a gente faz parte da mesma família (...) agora a gente faz todo mundo parte de uma família, o natal, por exemplo, este ano, nós vamos passar pela primeira vez com a família que não é a minha de origem, né, é com o meu pai, com a minha mãe, mas nós, eu, a minha família de origem vai pra família dele, entendeu, coisa que nunca aconteceu, assim, quando era com namorado, alguma coisa assim, e mesmo agora esses dois anos e meio, três anos, de convivência antes de casar, sempre a mãe dele vinha passar com a gente e nós passávamos com a minha família, com*



*as irmãs da minha mãe, essa coisa toda, né. Este ano não, este ano a gente vai pra lá. Vai ser bem legal, eu acho”).*

A sua relação com a própria família de origem estava “boa. Continua mais ou menos a mesma coisa”. Paula ainda comentou que percebera que a mãe estava tentando não interferir tanto na vida do casal (“... eu notei, assim, que, tipo, a minha mãe meio que ‘ah, eu vou deixar eles, porque eles tão casados agora’, sabe, porque ela ligava todo dia duas, três vezes por dia, porque o normal dela, tanto ela quanto o meu pai, como eu, a gente fala uma vez ao dia pelo menos, né, sempre falou, mas, no final, tava, assim, três, quatro vezes, por causa do casamento e fala disso, fala daquilo e repete o assunto (...) como eu te disse, a gente já morava junto e tal, mas eu vi, assim, que, pra eles [seus pais] mudou um pouquinho”).

A relação dos dois, como casal, com as famílias de origem continuava “a mesma coisa”.

No primeiro mês de casamento, Paula descreveu um bom casamento assim: “É, as pessoas, né, ambas as partes, terem respeito, né, uma pela outra, carinho é essencial, respeito é essencial. Sempre eu digo, assim, acima do amor, claro, né, acima não, além do amor, né. A parte sexual tem que ser..., né. A parte sentimental e a parte sexual equilibrada. O casamento é uma troca, né, mesmo de experiências, né, no dia-a-dia, no trabalho, no relacionamento com as pessoas e tal. É um aprendizado. A gente vai sempre aprendendo a lidar melhor com a pessoa amada, né, conforme a personalidade dela e tal, porque eu acredito, assim, que as pessoas não mudem, né, nem eu vou mudar, nem ele vai mudar, mas a gente se adapta, a gente se adequa, né, a personalidade de cada um e, quanto mais se conhece, então eu acho que melhor fica, né. A tendência eu espero que seja essa”.

Um mau casamento, por outro lado, foi descrito da seguinte forma: “quando as pessoas brigam muito, porque isso é uma coisa, que, graças a Deus, assim, a gente não tem. A gente não briga muito. A gente não discute muito, né, bem pelo contrário. Às vezes, a gente até tá começando uma discussão e olha um pra cara do outro, fala uma besteira e acaba a discussão aí e a gente se acerta,

*né, então, assim, ó, quando tu briga, não necessariamente parte do desrespeito de uma das partes, né, mas, onde tiver muita discussão, que as pessoas não se entendem, eu acho que é por aí, né. E a falta de respeito de um modo geral, a deslealdade, a infidelidade principalmente...”*

No 6º mês de casamento:

Quando questionada a respeito de sua relação, aos seis meses de casamento, Paula falou: *“Ah, perfeita (risos). Não, perfeita não, né, absolutamente nada é perfeito, mas, assim, tranqüila. A mesma coisa desde o começo, assim, não mudou nada. Muito carinho, muita cumplicidade. Tranqüilíssima”*. Ela comentou ainda que não havia percebido nenhuma mudança na relação, pois já moravam juntos há algum tempo (*“Não, nada, nada, nada. É, aquela história, né, a gente já morava há dois anos e meio juntos, então não mudou”*).

A relação de casal estava satisfazendo as expectativas de Paula *“bastante”*. Ela acrescentou: *“Inclusive a gente tem amigos casando, e é engraçado, – dois amigos: um amigo do César, né, e uma amiga dele também – e pra ambos eu disse a mesma coisa, eu digo ‘ah, tomara que vocês sejam tão felizes quanto nós”, né, porque a gente é feliz, graças a Deus”*.

Neste momento, ela referiu que os pontos fortes de sua relação eram os mesmos que percebia anteriormente (*“Ah, eu acho que a mesma coisa das outras vezes, assim, é carinho, é cumplicidade, companheirismo, amizade (...) Ah, amor, mas é que, pra mim, amor é tudo isso junto, né, então é isso aí”*).

Sobre os pontos fracos da relação, Paula disse: *“Os pontos fracos da relação... discussões sobre a minha mãe. Resumindo, é isso (...) Cada vez pior. É que a minha mãe é muito difícil, muito difícil. Eu fiz terapia dois anos. O que ela fala entra por aqui e sai por aqui. Ele recém, vamos dizer assim, tá entrando na família, né, então pra ele é bem difícil de aceitar certas coisas, assim, e ela é terrível mesmo. Ela é uma pessoa bem difícil de lidar. Mas não chega a abalar a relação, mas, vamos dizer assim, é motivo de discussão. O maior motivo de discussão ou o único (...) E eu, como eu te disse, eu convivi a vida inteira com*

isso, também não aceitava, eu tinha a mesma reação que ele antes de fazer terapia. Uma reação até bem agressiva, não contra ela, porque ele não responde pra ela, mas aí pesa em mim, vamos dizer assim, porque ele reclama, ele se queixa e não sei o quê ‘porque a tua mãe, porque eu vou brigar com ela. Na hora que eu estourar, eu vou estourar, porque não sei o quê’. E fica aquela coisa xarope”. Paula ainda mencionou a respeito: “E eu dou razão pra ele [César], porque ele tem plena razão, né, só não queria que chegasse a um ponto de, tipo assim, deixar de conviver com eles pra não...”. Ela comentou que o tema da intromissão de sua mãe gera algumas discussões, mas que não diminuem a convivência com a mesma em função de ser prático e cômodo almoçar diariamente na casa da mesma (“A gente conversa muito, né, no calor da discussão, quer dizer, no calor que a gente sai lá de casa, né, que a gente vem e fala, não sei o quê, eu ouço muito ele, né, deixo falar, ele desabafa e sempre acaba a conversa assim ‘Não vamos mais lá. Vamos diminuir as idas lá’, né. Só que é a tal história, é prático pra nós irmos lá, né, porque a gente não come fora, que é uma coisa chata, né, ter que fazer isso todo dia, e eu não preciso fazer coisa em casa, que daí é só trabalhando o dia inteiro, né, então, pra nós, é muito prático ir lá e talvez essa convivência diária, todos os dias, é que faça que ela se sinta no direito, vamos dizer assim, de interferir, entendeu?”).

Outro tema que Paula mencionou que gerava conflitos entre ela e César referia-se às finanças, o que havia se modificado em função do casamento, mas que ela mencionou que estava sendo resolvido (“Olha, dava conflito inicialmente, deu alguns conflitos, o setor financeiro, vamos dizer assim, porque antes de casar, mesmo morando junto, eu fazia tudo e não dava satisfação pra ele e ele fazia tudo e não dava satisfação pra mim, embora a gente pagasse, né, as contas de casa e tal, né (...) Só que, depois de casada, isso mudou um pouco, né, porque, na realidade, porque ele já vinha fazendo um pouco antes de casar e ele continuou fazendo meio que me, não prestar contas, mas, tipo, dizendo ‘olha, eu gastei tanto aqui, tanto lá, vai faltar tanto ou tem tanto dinheiro sobrando’, né, e eu não fiz, não tive isso (...) Não tinha esse hábito. Então aí um dia ele falou pra mim, que tava chateado, que ele queria que eu dissesse (...) Sem querer tirar

*satisfação, mas ‘ah, pô, eu te digo sempre e tu nunca me diz’. Aí, eu comecei a mudar nesse aspecto, assim, mais de mulher casada, de dar satisfação (...) bom, já que a gente tem gastos, né, e a gente tá passando por um período, assim, vamos dizer, que não tá sobrando, né, então é melhor, né, ‘bom, vamos gastar aqui, vamos gastar ali’, fazer um planejamento juntos”).*

Paula mencionou que a vida sexual do casal não havia se modificado, mas que a frequência das relações sexuais havia diminuído, “*em função do cansaço*”. Ela comentou ainda que César sempre queria mais sexo que ela, mas que atualmente ele também andava cansado e mais acomodado (“*Até é surpreendente, porque ele mesmo está me, vamos dizer, porque ele sempre procurou mais que eu, né, eu sou mais acomodadona, assim, mas ele tá muito acomodado, né (...) os dois muito cansados. Eu acho que não é pelo tempo de casamento, mas pela quantidade de trabalho, que tem cada vez mais na empresa*”).

As atividades que costumavam fazer juntos eram: “*passar com os cachorros, jantar fora, muito a gente tem assistido filme em casa (...) A gente tem ficado, assim, bastante em casa e visto os amigos com menos frequência também, porque todo mundo corre e todo mundo vai e mesmo, chega fim de semana, cada um tem compromisso aqui e ali, mas, de modo geral, é isso*”. Sobre as atividades que costumavam fazer separados, ela falou: “*A mesma coisa que já vínhamos fazendo, né, eu continuo me encontrando com as minhas amigas, almoço ou janto com elas dependendo do dia, né, com as mesmas amigas. Inclusive a gente mantém uma amizade forte faz tempo. E ele reduziu o futebol dele, mas ainda joga. É porque ele tá fazendo faculdade de noite, né, aí normalmente é de noite o jogo e tal, né, então... E, volta e meia, ele vai na casa de um amigo ou de outro, né, com menos frequência que eu, mas faz também*”.

A administrando das finanças, conforme Paula, havia se modificado com o casamento, em função de planejarem os gastos juntos, mas continuavam “*dividindo tudo, assim, mais até do que antes, né*”.

A organização da casa, segundo Paula, estava sendo feita mais por ela. Ela comentou que, no início da relação, César participava mais e que atualmente apenas participava quando percebia que ela estava muito cansada.

A relação com a família de César estava “ótima, Ótima. A mãe dele é, bah, uma santa criatura (...) Às vezes, a única coisa que me incomoda nela, assim agora, assim, o período que eu tô mais cansada, a gente fica mais impaciente, né, vamos dizer assim, como ela é uma pessoa do interior, ela é uma pessoa muito pacata, assim, ela é uma pessoa bem tranqüila, então, se tu quer sair, tu tem que dizer pra ela se preparar, assim, umas duas horas antes, tem que sair correndo. Isso eu tô um pouquinho impaciente em relação a ela, assim, mas é normal de mim. Mas é ótimo o relacionamento com ela, bah, tranquilíssimo”.

Sua relação com a própria família de origem estava “perfeita, quer dizer, tá como sempre esteve, assim, boa, né. Eu sempre tive um bom relacionamento com eles. Sempre tive as minhas divergências com a minha mãe e tal, né, mas tá (...) O relacionamento com a minha família continua ótimo, só realmente tem umas coisas, tipo assim, diferentes na minha mãe, como eu te disse, embora não me incomode tanto quanto me incomodava antes de eu fazer terapia e tal, mas eu queria que fosse diferente, sei lá, mais, assim, desligada, sabe, mais..., não tanto protetiva, não tanto impositiva nessas coisas assim, né, mas, no lado geral, tranqüilo”.

A relação dos dois, como casal, com as famílias se caracterizava por uma “convivência diária”, pois freqüentavam a casa da família de Paula todos os dias para almoçar juntos. Ela ainda disse “é como se a gente fosse..., morasse com eles [seus pais], vamos dizer assim, não faz muita diferença de não morar”.

Aos seis meses de casamento, Paula referiu que um bom casamento, em seu entendimento, seria: “o que acontece com a gente, assim, é a lealdade, né, cumplicidade, companheirismo, amizade. Mas um bom casamento é isso aí. Eu falei, né, cumplicidade, companheirismo, lealdade, é o que, graças a Deus, a gente tem assim, né. Bastante convivência, que eu acho (...) Então por isso que eu te digo, pra nós, esse contato faz com que a gente tenha um ótimo casamento”.

Um mau casamento, para Paula, seria: “infidelidade. Desrespeito de modo geral assim, né, até eventualmente, numa discussão, a gente sempre procura não ofender, né, e aí eu acho que, quando parte pra ofensa, já é um mau sinal de casamento, né, o casamento não tá indo bem e tal. De modo geral, eu acho que é

isso. *Quando discutem demais, assim, por nada também eu acho isso muito ruim. Graças a Deus, é uma coisa que a gente não tem assim*".

No 12º mês de casamento:

No primeiro ano de casamento, Paula avaliou sua relação de casal: *"continua maravilhosa, graças a Deus. Embora nossa vida esteja super agitada, mas, assim, tá bem gostosa mesmo. Fim de semana, assim, a gente tem se curtido bastante"*. Ela falou sobre o que havia se modificado em relação à entrevista anterior: *"Nada. Nada, até pelo contrário, quer dizer, mudou pra melhor, né, não pra pior (...) Ah, assim, os laços, assim, vão se tornando mais fortes, assim, né, da gente e planos, então, assim, a união cada vez maior, assim, que eu sinto, né. A gente sempre foi bem apegado, assim, estamos cada vez mais. Tá bem gostoso"*. Ela ainda contou que estavam pensando mais em ter filhos: *"Talvez a gente esteja falando mais em filho, porque os nossos amigos todos, deve ter umas três grávidas agora por último, fora os que já tiveram, né, e, na realidade, da minha turma de amigas, só faltava eu e mais uma, assim, da turma mais próxima, né, e ela acabou de ficar grávida, então agora só falta eu na realidade e um amigo dele ficou grávido também, quer dizer, a mulher dele, né, então a gente não deixa nunca de entrar nesse assunto, assim"*.

Sobre as mudanças que ela percebia na sua relação de casal neste primeiro ano de casamento, Paula falou: *"Olha, maior a cumplicidade, como eu te disse, né, maior, vamos dizer, assim, sentimentalmente, as coisas vão crescendo, vão aumentando, vão crescendo, vão se fortalecendo, né, amor, carinho e tal. O lado prático da vida caseira, vamos dizer assim, está entrando na realidade, eu acho que é de todo casal, tipo, assim, antes, ele arrumava as roupas, hoje, quase nada. Ele continua me ajudando, quando ele vê, assim, que tá muito apertada a coisa, mas esse aspecto, assim, do homem não ajudar muito em casa, tá normal, dentro do esperado, pelo menos por mim. Tem gente que se decepciona... mas eu tava esperando por isso mesmo, então... Eu me surpreendi quando ele fazia"*.

A relação, neste momento, estava satisfazendo as expectativas de Paula.

Os pontos fortes de sua relação citados por ela foram: *“Proteção, assim, nós, né. Claro, se eu entrar no aspecto, assim, amor, carinho, cumplicidade, sempre, né. Como eu disse, tá crescendo cada vez mais, graças a Deus. Assim, não sofreu, ainda, nenhum arranhãozinho, graças a Deus. Mas eu vejo, assim, não sei se isso seria ponto forte ou fraco, mas ele tá cada vez mais protetivo em relação a mim, especialmente por coisas, assim, que a gente fica sabendo na rua que acontecem de assalto, de não sei o quê, então cada vez ele fica mais cuidadoso, vamos dizer assim, né. Ele sempre foi, mas tá mais, assim (...) pra mim, é interessante, porque não é um cuidadoso, assim, tu não pode fazer nada, sabe, é um negócio, assim, ‘eu te levo ao invés de tu ir de carro sozinha’ (...) De cuidados mesmo. Eu gosto, né. Eu sempre tive em casa isso, então me sinto segura, né”*.

Sobre os pontos fracos, ela falou: *“Era fraco, agora nem tanto, porque cada vez a gente vai acostumando mais, a irritabilidade dele, vamos dizer assim, porque me deixa irritada também, né. E como o agito agora de final de ano, a corrida e tal, ele fica, tem dias, assim, que ele fica bem irritado... Mas também não é nada que... Eu acho que eu sou muito boazinha, né. (risos) Outro, não deixa de ser um ponto fraco, vamos dizer, assim, eu até poderia ter falado antes e não falei, na realidade, a nossa relação sexual ter reduzido um pouco agora é mais por minha causa, porque eu me sinto muito cansada, porque, por ele, a gente faria todo dia, então seria um ponto fraco. A gente, às vezes, discute não chega a discutir, mas ele se queixa, né. Vamos dizer que seria um ponto fraco, mas é um negócio bem de momento, assim, né, realmente que eu tô bem cansada...”*

Sobre os temas que mais geravam conflitos entre ela e César, Paula mencionou que o tema de sua mãe não estava mais sendo um problema (*“Ó, da minha mãe, a gente nunca mais falou, que era o tema de conflito, né, graças a Deus, vão muito bem obrigada (...) Eu acho que a minha mãe mudou um pouco e também acho que ele se adaptou. Eu digo ele, porque eu já não dou bola, né, mas ele se adaptou, realmente, né”*). Sobre os conflitos no presente, ela falou que geralmente eram sobre *“pequenas coisas”* e que resolviam conversando.

Sobre a vida sexual, Paula falou que era um dos temas que costumavam gerar algum conflito entre ela e César. Além disso, falou: *“[a vida sexual] está menos intensa em função da correria de trabalho, né. Se vocês fizessem essa pergunta depois dos meus vinte dias de férias, provavelmente fosse estar já maravilhosa. Não, mas está, assim, dentro do, vamos dizer assim, sei lá, do que seria normal, quantidade não viria ao caso, mas está, como eu disse, só menos intensa em função do trabalho corrido, assim, que a gente chega em casa, às vezes, muito cansado, mais cansado do que o normal, e, depois de um ano, assim, sem sair, sem tirar férias. Sem feriado, sem nada, então diminuiu a frequência, mas plenamente, assim, satisfatório, bem bom”*.

As atividades que eles costumavam fazer juntos eram: *“Além de sair com os amigos, correndo todo fim de semana, porque eu só consigo correr fins de semana, ele corre durante toda a semana ou duas, três vezes, né. E, de modo geral, isso. Mais é sair com os amigos e tal”*. Separados, continuavam fazendo o que faziam antes (*“Eu continuo saindo com as minhas amigas quando dá também, né, porque cada uma tem suas atividades, né. E ele também, tanto que ontem ele foi num churrasco inclusive com a turma aqui do escritório que era só dos homens e tal, a mesma coisa. A gente nunca se questionou isso ‘Ah, tu vai sair eu não’”*).

Sobre a administração das finanças, Paula falou que estava *“Boa, melhor que antes, graças a Deus (...) Não, é que a gente teve um certo reajuste, pequeno, mas teve, e nós conseguimos, assim, colocar em dia coisas que não estavam em dia. Ainda tem coisas pra colocar em dia, mas tá um pouquinho melhor nesse sentido, assim, né. Fora isso, a organização é praticamente meio a meio. Um pouco menos de meio a meio, porque ele tem a faculdade pra pagar, então eu pago um pouco a mais nas despesas do apartamento, assim, mas tranqüilo”*.

A organização da casa estava sendo feita mais por ela (*“Ah, pois é (risos). Quando a coisa aperta muito, ele me ajuda, né, ou quando eu não tô em casa, assim. Na realidade, eu não quero ser injusta, porque, por exemplo, assim, esses dias, porque eu tenho ficado trabalhando, né, eu chego em casa, ele arrumou o que tem que arrumar e limpou o xixi dos cachorros lá, né. O que eu digo mais,*



*assim, que eu me queixo dele, às vezes, me queixo pra ele, é das roupas que ele deixa em cima do sofá, porque a gente tem um sofazinho no quarto e ambos têm tendência de jogar, né, só que depois quem junta sou eu, não é ele, então essa é a queixa, só. De resto, tranqüilo”).*

Sobre a sua relação com a família dele, Paula disse: *“Ótima também. É maravilhosa. Nós vamos passar o Natal juntos, a minha família com a dele, então tá ótima”*. Sobre as mudanças, ela mencionou: *“Talvez mais união até em relação à mãe dele, né, em relação a minha família também... É que são situações bem diferentes, né. A mãe dele a gente tem muita saudade, porque ela fica longe. A nossa a gente vê todo dia, até por isso que pode, às vezes, gerar um pouco de conflito, né, que, graças a Deus, como eu disse, não gerou mais, mas pode, em relação a minha família e, na família dele, porque a mãe dele nunca tá aqui, né, então..., mas tudo ótimo”*.

A sua relação com a própria família estava *“bem boa. Continua, né, ótima. A gente tem se visto menos por questão de, vamos dizer assim... Se visto menos na realidade não, porque a gente almoça com a minha mãe todo dia, né, mas o meu pai é que a gente vê menos, porque ele viaja bastante ainda e nós também estamos bastante... A gente ia mais antes lá de noite, jantar com eles, agora tá indo menos tudo isso em função desse ritmo que eu espero que diminua um pouco, né, a partir do ano que vem. Mas é ótima a relação, graças a Deus”*.

Sobre a relação dos dois, como casal, com as famílias, Paula contou que estava *“tranqüila”* e contou *“A gente, com a minha família, a gente tá sempre ali e, com a família dele, a gente viu pouco a mãe dele este ano, porque a gente não pôde ir muitas vezes nem ela vir, mas, ah, a gente fala no telefone todo dia e tal. E mesmo a família..., que conta também, a família dele, os tios dele, que ajudaram a criar, essa coisa toda, né, porque ele não teve pai e tal, né, então a tia dele andou doente, a gente teve muito próximo deles e tal...”*. Ela contou que costumam visitar as famílias juntos: *“Ah, sempre, sempre, ahã. Olha, na real, assim, ó, fora nos momentos que a gente tá ele com os amigos dele e eu com os meus amigos, que são os momentos, assim, de ele sair de vez em quando, de eu sair de vez em quando, fora isso, a gente tá sempre junto, né. Por isso que as pessoas acham ‘ah,*

*vocês trabalham juntos ...'. Não, é que a gente não trabalha junto. A gente nem se vê, a gente nem se fala, né”.*

Sua descrição de um bom casamento, neste momento, foi a seguinte: *“Eu acho que é como o nosso tá andando, assim, né, com respeito, com cumplicidade, com companheirismo, com discussões, às vezes, mas, assim, né, ambas as pessoas se respeitando em primeiro lugar, assim. E acho que, do jeito que a gente tá indo, melhor estraga. Em termos de casamento, eu acho que é isso. Claro, com complementações, como a gente quer ter filhos e tal, mas, em termos de casamento, de união entre homem e mulher, eu acho que a gente tá num caminho bem bom, assim, bem legal”.*

Um mau casamento, por sua vez, foi assim definido: *“Ah, a partir do momento que as pessoas se desrespeitam, né, em qualquer situação, assim, seja pessoal, se ofendendo, seja, sei lá, se utilizando de palavras que não viriam ao caso, né. Acho que o desrespeito é o pior de tudo. Desrespeito, deslealdade, infidelidade, isso tudo engloba, né. Desrespeito, pra mim, engloba tudo isso, né, tanto pela pessoa mesmo diretamente, a maneira de tu tratar a pessoa ou maneira que tu trata a pessoa quando tá longe dela, né, agindo com infidelidade, deslealdade e coisas assim”.*

#### 3.4.3.3 - O futuro

##### Antes do casamento:

No período anterior ao seu casamento, Paula relatou expectativas otimistas sobre sua relação no futuro (*“Seremos cada vez mais unidos, companheiros, cúmplices, leais, nos respeitar, né. Eu digo, assim, tudo manter ou, se é possível ainda ter mais, ter mais, né. Melhorar profissionalmente, financeiramente. Financeiramente, né, isso é uma coisa que a gente quer, que também não tem a ver com o relacionamento em si, né, na realidade não... Enfim... Ter filhos”*).

Sobre como imaginava que seria a vida de casado, ela falou: *“Como eu te disse, né, embora vá haver e eu acho que vai haver essa transformação, eu acho que mais no espírito da gente, mais, né... Mas eu não acredito que vá mudar*

*muita coisa do que a gente já tem, acho que não. Na relação em si, acho que não”.*

Suas expectativas sobre a organização financeira eram de que continuassem dividindo as despesas, proporcionalmente aos seus salários, como vinham fazendo até então (*“Assim como a gente já faz hoje, provavelmente vá continuar e tudo depende também do lado financeiro, porque, por eu ter curso superior e ele ainda não ter terminado a faculdade, eu já tenho um emprego, vamos dizer assim, um cargo que financeiramente é melhor. Então, na realidade é assim, eu assumo algumas coisas a mais e ele algumas coisas a menos, né, vamos dizer assim, mas... É proporcional ao nosso... A gente vai querer, eu acho, continuar fazendo isso, né. Despesa de casa e tal e cada um tem suas despesas, assim, com roupa, né, com... Cada um tem sua conta, não tem conta conjunta, isso aí é uma coisa que é nossa, faz parte da liberdade da gente”*).

A organização da casa, Paula esperava que ficasse mais sob sua responsabilidade (*“Sempre a mulher faz mais, né. No começo, ele até fazia bastante, passava as roupas dele e tal, aquela coisa toda, né, mas não dá pra eu me queixar assim, sabe, ele é uma pessoa organizada (...) Ele me ajuda, especialmente, assim, quando ele vê que eu to mais cansada, ele me ajuda mais ainda”*).

As atividades que ela pretendia que fizessem juntos eram *“viajar. Viajar é uma coisa que a gente quer bastante né”, “aperfeiçoamento profissional. A gente quer fazer curso de inglês juntos, né, que eu já tenho inglês, mas tá péssimo, ele ainda não tem”* e *“planos mais assim pro lado material, como eu te disse, assim, a gente quer comprar uma casa um dia, né, e mais ou menos isso”*. Separados, pretendia que continuassem saindo com seus amigos individuais.

#### No 1º mês de casamento

No primeiro mês de relação, Paula mencionou suas expectativas otimistas sobre a relação no futuro (*“Bom, como eu disse, né, a tendência, se Deus quiser, é melhorar cada vez mais, é continuar com respeito, com amor, com carinho, cumplicidade, tudo isso, lealdade, fidelidade, né. E eu nos imagino uma família*

*com filhos, né, financeiramente melhor também, profissionalmente melhor”). Os projetos para o futuro incluíam filhos (“objetivamente, neném, né, a gente, tanto eu como ele, quer dois, né, o primeiro a gente tá planejando pro final de 2005”) e melhoria profissional (“E, profissionalmente, eu quero passar num concurso, né, e ele quer se formar e quer buscar uma coisa melhor, né, como eu disse, mesmo dentro da empresa ou fora dela, né”).*

Ela imaginava que o que mudaria em sua relação no futuro seria devido às questões de crescimento profissional, que envolveriam um maior envolvimento seu com os estudos e uma possível mudança para uma cidade do interior do estado (*“é o lado profissional. Daqui meio ano, se tiver aberto concurso, eu vou estar fazendo, né, vou estar estudando, então... A gente tava muito preocupado. Eu tava muito insegura nesse sentido, assim, porque, ah, eu não vou ser tão companheira este ano, né, então eu tava insegura (...) Então eu acho que não vai mudar nada em relação a gente, mas a gente vai passar por esse período e, daqui a meio ano, talvez esteja passando por ele. Eu menos companheira, eu aqui estudando e ele levando a vida um pouquinho mais sozinho vamos dizer assim, embora casados”).*

As atividades que Paula pretendia que ela e César fizessem juntos no futuro eram referentes à *“viajar bastante”* e a *“cuidar dos filhos juntos”*. Separados, ela mencionou: *“fora o trabalho... é essas normais, assim, que continue sendo: encontro com os amigos, esporte talvez, né, ela faça um, eu faça outro, que é uma coisa que a gente tem pra gente também, né, voltar pra academia, ou voltar..., eu jogava tênis, ou nadar, alguma coisa assim, né, esse tipo de coisa”*.

#### No 6º mês de casamento:

Aos seis meses de casamento, Paula mencionou expectativas otimistas sobre sua relação no futuro (*“eu acho que, se Deus quiser, assim, cada vez melhor, cada vez mais unidos, né”*). Ela falou ainda no projeto de terem filhos (*“Acho que a gente quer ter filhos, assim, né, uma coisa que vai ser bem vinda quando vier. A gente até tá pensando se vai planejar no final do ano ou não*

*assim. Acho que tudo de bom assim, né”)* e na possibilidade de uma mudança sua para o interior em função de um crescimento profissional (*“Uma coisa que me gera bastante expectativa é essa: se eu for pro interior, mas como é uma coisa que ainda está remota, também não tá me preocupando tanto. Então eu acho que vai ser tranqüilo assim. Tomara que sim, né, porque eu não vejo, assim, da maneira como a gente convive e tal e convive tanto diariamente, eu não vejo que a coisa vá, vamos dizer assim, degrading ou piorar ou ir prum lado, assim, de cansativo”*). Ela mencionou ainda o projeto de César se formar na faculdade e de se mudarem para uma casa.

As atividades que pretendia que fizessem juntos no futuro eram *“viajar muito”* e *“atividades extra-curriculares, né, porque curriculares é cuidar dos filhos, dos cachorros, enfim, né, mas viajar. Viajar bastante é um desejo que eu tenho e ele também”*. Separadamente, ela pretendia que ambos mantivessem as amizades (*“manter as amizades, assim, né, manter essa nossa individualidade nesse sentido”*).

No 12º mês de casamento:

No primeiro ano de casamento, Paula falou sobre suas expectativas para o futuro: *“Ah, eu espero que continue assim, né, como a gente veio até aqui. Como eu disse, eu acho que tá uma relação ideal, assim, né, que eu sempre quis ter, uma relação estável, de respeito. E eu espero que continue assim, né. Que se for mudar, que mude ainda pra melhor”*. Sobre os projetos do casal, ela mencionou: *“Financeiramente, vamos dizer assim, é ele acabar a faculdade. Antes de ter o filhote, ainda viajar mais uma vez. E acabar de mobiliar o apartamento. E, num futuro muito distante, quer dizer, talvez nem tanto, mas, assim, é uma coisa que a gente não planeja agora é morar numa casa, me, mas, por enquanto, é... E, pessoal, né, que não é financeiro, é ter o filho, né”*.

Quando indagada sobre o que mudaria na relação do casal no futuro ela falou: *“É que tudo depende do que for acontecer, né. Se eu passar no concurso e for pro interior, pode existir dias possibilidades: ou haver um distanciamento ou de haver uma aproximação maior ainda pela saudade, que eu acho que é a maior*

*tendência conhecendo nós dois, assim, do jeito que a gente é. E, se a gente tiver filho, que eu acho que a gente vai ter, se Deus quiser, pela vontade da gente, né, a gente vai, talvez surjam alguns conflitos (...) Da super-proteção dos filhos, porque eu vejo como ele trata os cachorros hoje (...) Ele fica doente junto com os cachorros e alguém tem que ser forte. E já disse pra ele que ‘nós vamos brigar muito quando criarmos os filhos, porque eu vou querer que eles se rolem na lama e tu não, tu vai querer que eles fiquem em casa protegidos’. Mas já planejamos inclusive que não vamos brigar na frente dos filhos, assim, não em relação aos filhos, né”.*

As atividades que ela esperava que fizessem juntos no futuro eram: *“continuar saindo juntos, continuar viajando bastante, poder viajar, como eu disse, acabar de montar o apartamento, coisas normais, vamos dizer assim, simples até”.* Separados, ela mencionou: *“Bom, separados, eu pretendo fazer meu concurso, né, porque daí isso sim só depende de mim e acho que, assim, o maior objetivo, separado, que a gente tem, assim, estanque um do outro – estanque, que eu digo, é que eu vou ter que fazer isso, é isso só. De resto, eu não tenho, assim...”.*

#### **3.4.4 - Síntese geral do casal Paula e César**

##### *A individualidade e a conjugalidade*

Neste casal, o que mais chamou a atenção em termos de sua conjugalidade e de sua individualidade foi o fato de que ambos preservaram, com muito cuidado, sua individualidade em todas as fases consideradas. Desde o momento anterior ao casamento, César e Paula falaram que reservavam um tempo de suas vidas para estarem com os amigos individuais. Eles, inclusive, mencionaram que a intenção de preservar os amigos individuais era algo que havia sido comum a ambos desde o início de sua relação e que se dava em função de confiarem suficientemente um no outro e de considerarem sadio para a relação. A intenção de preservar o espaço dos amigos esteve presente inclusive nas expectativas que ambos mencionaram

sobre o futuro, quando os dois previram que continuariam mantendo sua individualidade sempre.

Assim, esse casal, diferentemente dos outros, deu um destaque especial aos amigos e à “*convivência social*” em sua vida, tanto antes como depois do casamento. No entanto, no sexto mês depois do casamento, Paula mencionou uma informação que até então não havia sido mencionada: estavam ficando mais os dois em casa e vendo os amigos com menos frequência. Mas ela justificou tal afastamento dos amigos em função das “*correrias*” que todos estavam vivendo e não o relacionou a alguma intenção de dedicarem mais tempo à conjugalidade. Apesar disto, pareceu-nos que Paula e César também conseguiram conservar e construir sua conjugalidade nos momentos da transição para o casamento considerados neste estudo. Desde o momento anterior ao casamento, quando apenas coabitavam, eles descreveram atividades comuns, tanto dos dois, como casal, quanto dos dois com amigos comuns e com os animais de estimação.

#### *Avaliação sobre a própria relação de casal*

Em todas as entrevistas com César, ele mencionou que estava satisfeito com sua relação de casal. Os pontos fortes de sua relação mencionados por ele antes do casamento foram preocupação mútua e carinho. É interessante que, nos demais momentos considerados nesta pesquisa, após o casamento oficial, ele passou a mencionar sempre as mesmas características de sua relação, como cumplicidade, amizade e companheirismo.

Outro aspecto interessante das entrevistas com César refere-se ao que ele apontou como sendo ponto fraco de sua relação nos diversos momentos. Antes do casamento, ele mencionou características de ambos, que ele chamou de “*implicâncias*” mútuas como ponto fraco. Seu entendimento se manteve no primeiro mês após o casamento. No sexto e no décimo segundo meses de casamento, entretanto, ele mencionou apenas sua característica de ser irritadiço como ponto fraco.

Também é interessante que não há uma relação entre o que César aponta como sendo os pontos fracos de sua relação e os principais temas de conflito entre

ele e Paula. Enquanto ele menciona características de seu temperamento com pontos fracos da relação, menciona, como gerador de conflito, a interferência da mãe de Paula em seu relacionamento em duas das etapas consideradas neste estudo (esta não aparece como motivo de conflito apenas na entrevista de um mês e na de um ano de casamento).

Paula, assim como César, avaliou sua relação de forma otimista e satisfatória em todas as entrevistas. Ela destacou, como pontos fortes de sua relação, as mesmas características em todas as entrevistas (fidelidade, respeito, carinho, companheirismo e amor). Mas, na última entrevista, acrescentou o fato de César estar muito protetor consigo como um dos pontos fortes da relação. É interessante que a própria Paula mencionou que esta proteção de César estava sendo boa em sua percepção pois havia sido criada pela família de origem desta forma também.

Paula, assim como César, mencionou como pontos fracos características de seus temperamentos no momento anterior ao casamento. Mas na entrevista de um mês de casamento ela retoma esta questão mencionando que já estava adaptada ao temperamento forte de César. No sexto mês, aparece como ponto fraco da relação um tema que, segundo ela, gerava conflitos desde o momento anterior ao casamento: as discussões sobre a participação de sua mãe na vida do casal. No décimo segundo mês de casamento, Paula mencionou como ponto fraco a redução de relações sexuais de ambos, em função de seu cansaço, o que gerava algumas queixas de César.

É interessante que Paula mencionou sua mãe como um dos principais motivos geradores de conflito entre ela e César desde a entrevista anterior ao casamento. Este tema permaneceu como o principal motivo de conflito até a entrevista de doze meses de casamento, quando ela mencionou que estavam mais adaptados à relação com sua mãe e que os conflitos entre ela e César se davam por motivos pequenos e facilmente resolvidos.

Uma vez que ambos se mostraram satisfeitos com a relação de casal, em todas as entrevistas, suas expectativas sobre a mesma também foram similares e otimistas. Esperavam que a relação se mantivesse como estava ou que melhorasse.



É interessante que as expectativas para o futuro de César e de Paula também foram semelhantes e incluíam, em todas as entrevistas, o plano de ter filhos e de adquirir um maior desenvolvimento profissional.

Outro aspecto interessante nas entrevistas de César refere-se a sua descrição de um bom casamento. No momento anterior ao casamento, ele mencionou características como “*transparência*”, “*falar o que se está pensando*”, respeito e sexo (“*o sexo é muito importante*”) como sendo importantes em um bom casamento. Entretanto, foi o tema da sexualidade que Paula mencionou como gerando alguns conflitos no primeiro mês de casamento, em função de a necessidade de sexo de César ser maior que a sua. É interessante que a percepção dele não correspondeu a dela, pois, neste mesmo momento, ele mencionou que a vida sexual do casal estava “*até melhor, assim, com o casamento*”. Mas o tema da sexualidade do casal voltou a aparecer na entrevista de doze meses de casamento, quando ele mencionou que Paula não tinha o mesmo “*apetite sexual*” que ele, mas que era “*tudo bem administrado*” e não gerava conflitos no casal.

A não ser pelo tema da sexualidade, que ele mencionou como fazendo parte de um bom casamento antes do seu casamento, os demais aspectos que César descreveu como constituindo um bom casamento se mantiveram iguais em todos os momentos considerados nesta pesquisa, sendo que ele mencionou sempre: a capacidade de expor ao outro o que pensa e sente, a fidelidade e o respeito.

Quanto à descrição de Paula de um bom casamento, é interessante que ela também manteve, em todas as entrevistas, uma coerência em suas respostas, apontando sempre características como: respeito, companheirismo, fidelidade, carinho e amizade. Ela mencionou, em todas as entrevistas, que um bom casamento era o que eles viviam e esta afirmação pareceu coerente, pois as características levantadas como constituindo um bom casamento eram muito similares às que ela apontou como pontos fortes de sua relação.

### *O casamento*

Neste casal, são interessantes as expectativas que eles tinham com relação à cerimônia de casamento e o percurso de suas percepções acerca da mesma em sua relação. Na entrevista anterior ao casamento, César mostrou-se ambivalente com relação ao significado do casamento em sua relação. Por um lado, ele deixou explícito que já se considerava casado com Paula (por coabitarem há mais de um ano). Entretanto, ele também mencionou que a iniciativa de casar fora sua, uma vez que ele acreditava que o casamento seria o passo seguinte de sua relação e que haveria um amadurecimento de sua relação após o casamento. Apesar de dizer que já se considerava casado com Paula antes do casamento, César mencionou, nos momentos posteriores ao casamento, que a relação estava mais consistente e madura. Ele falou que a oficialização havia causado algumas mudanças como a da conotação social do status de marido e mulher que agora tinham, a vida sexual que havia melhorado no primeiro mês de casamento e a relação com as famílias de origem que estava “mais forte”. No sexto mês de casamento, César voltou a mencionar algumas diferenças em sua relação em função do casamento, sendo que salientou o fato de “ter caído a ficha”.

Já nas entrevistas de Paula, ficou evidente que ela teve um percurso inverso ao de César com relação ao significado do casamento. Ela mencionou que sempre quis casar e falou, no momento anterior ao casamento, que esperava que houvesse uma “transformação” em termos “psicológicos” e não em aspectos da relação em si, pois já coabitavam há algum tempo. Apesar de esperar que o casamento modificasse seus sentimentos, Paula constatou, já no primeiro mês de casamento, que estes não haviam mudado. Ela apenas mencionou que, depois do casamento, estavam falando mais em planejar o nascimento de um filho. Mas ela mencionou também que a relação com as famílias havia mudado “*um pouco para melhor*”, uma vez que ambas as famílias haviam se aproximado com o casamento de seus filhos. Aos seis meses de casamento, Paula mencionou ainda outra mudança em função do casamento: a administração das finanças. Ela contou que antes, mesmo coabitando, eles não tinham o hábito de comentar sobre seus gastos pessoais, nem de fazer um planejamento de gastos, o que, em função de uma solicitação de César, havia se modificado depois do casamento. Aos doze meses

de casamento, Paula avaliou que, neste período de um ano de casamento, haviam adquirido uma maior cumplicidade e os sentimentos entre os dois haviam crescido e se intensificado.

As motivações de César para escolher Paula como sua esposa se deram em função de ele ser “*uma pessoa difícil*” e ela “*saber lidar com ele*”, pois tem “*muita paciência*”. Além disso, ele mencionou a humildade dela e o fato de ela ser “especial” e de terem uma ligação forte como casal. Mencionou também o fato de já coabitarem como um dos motivos para casar, em função de que já se conheciam bastante e sentiam a necessidade de ter filhos dentro de algum tempo. Paula, por sua vez, mencionou que, com a convivência de ambos, pode perceber algumas características de César que a haviam encantado e que o distinguiam de outros namorados anteriores, tais como o fato de ele ser carinhoso, respeitoso, companheiro, leal, educado e ser de origem humilde (como seu pai) e ter tido uma criação parecida com a sua. Além disso, Paula mencionou que o fato de imaginar que César seria um bom pai no futuro também foi um dos motivos para pensar em casar com ele.

O tema de planejar ter filhos esteve presente em vários momentos das entrevistas tanto com César, quanto com Paula, sendo, inclusive, mencionado por ambos como um fator motivador para o casamento.

Sobre a escolha mutua de César e Paula, uma questão chamou a atenção. Ambos têm, em sua história familiar, origens humildes e questões de abandono.

#### *A relação com as famílias de origem*

Como já foi dito, há algumas semelhanças nas histórias familiares de César e Paula, o que inclusive é mencionado por ela como um dos motivos para a escolha de César como cônjuge. Na família de Paula, há o abandono da primeira esposa de seu pai, que o deixou sozinho cuidando dos dois filhos do casal, então com três e um anos de idade. Esta primeira esposa do pai de Paula nunca mais voltou a fazer contato com a família, sendo que os dois filhos do casal foram criados, inicialmente, pela avó paterna de Paula e, depois que seu pai conheceu e se casou com sua mãe, pelo casal. Quando Paula nasceu, portanto, sua família era

composta pelo pai, pela mãe e por dois meio-irmãos, abandonados pela mãe quando muito pequenos. Na história de César, a questão do abandono precoce também está presente. Ele é fruto da relação de dois jovens conterrâneos, que não eram casados. Quando seu pai soube da gravidez de sua mãe, não quis assumir o filho, nem o relacionamento e fugiu da cidade, abandonando a mãe de César, grávida. César foi, assim como os dois irmãos mais velhos de Paula, abandonado por um dos progenitores e criado pelo outro com o auxílio de familiares. Os avós também exerceram um papel importante na criação de César, assim como na dos irmãos mais velhos de Paula. São histórias semelhantes no que diz respeito ao abandono, porém Paula apenas assistiu e ouviu relatos sobre o abandono dos irmãos, enquanto César o viveu realmente, sendo o personagem principal do abandono em sua família.

Além disso, neste casal outro tema chama a atenção quanto às famílias de origem: a excessiva participação e intromissão da mãe de Paula na vida do casal. Este tema esteve presente em todas as entrevistas consideradas neste estudo, tanto as de Paula quanto as de César. A forma como a mãe de Paula interferia na vida do casal foi apontada por ambos como sendo um dos principais motivos geradores de conflitos entre eles em todos os momentos considerados nesta pesquisa, exceto no primeiro ano de casamento, quando ambos perceberam este tema como sendo melhor administrado. Uma questão que pareceu relevante, entretanto, foi que, mesmo os dois concordando com o fato de que a mãe de Paula se intrometia demasiadamente na vida do casal e que este tema gerava a maior parte dos conflitos entre eles, os dois não conseguiram diminuir a frequência de sua convivência com a mesma. Não se pode deixar de mencionar que Paula referiu, em sua última entrevista, a intenção de diminuir a frequência de visitas à mãe. O que ocorreu durante todos os momentos considerados nesta pesquisa foi que ambos costumavam almoçar e visitar diariamente os pais de Paula, segundo seu relato em função do “*comodismo*” desta situação.

Ainda sobre a família de Paula, ressalta-se o fato de que ela pareceu minimizar as influências que a intromissão da mãe tinha em sua relação de casal, mesmo concordando que esta era um dos principais motivos de conflito entre ela e

o esposo. No primeiro mês de casamento, Paula percebeu a mãe como tentando não interferir tanto na sua relação. No sexto mês, apesar de ela mencionar que as discussões sobre sua mãe estavam cada vez piores, ressaltou que estas não abalavam a sua relação de casal. Por fim, aos doze meses de casamento, Paula relatou seus planos de diminuir a convivência com a sua família no ano seguinte e referiu que a sua mãe não era mais tema de conflito.

Sobre os pais serem ou não um modelo de casal, César comentou que os seus não seriam uma vez que nunca os viu como um casal e que teve uma convivência mínima com o pai, depois de adulto, tendo o visto em apenas duas vezes. Neste sentido, César e Paula parecem complementares, uma vez que ela percebe a relação de seus pais como modelo de casal.

Apesar de César não considerar seus pais um modelo de casal, mencionou um casal de tios, que tiveram participação ativa em sua criação, como um modelo de casal, sendo que salientou a preocupação de um com o outro como a característica central de relação dos mesmos. É interessante que esta é uma das características que César e Paula mencionaram como sendo um dos pontos fortes de sua relação.

A relação com as famílias de origem também foi um dos aspectos que César e Paula mencionaram que havia mudado em função do casamento. No primeiro mês de casamento, ele falou que percebia que a relação tanto com sua mãe, como com os sogros, havia ficado “*mais forte*” em função da oficialização do casamento. Paula mencionou, da mesma forma, também no primeiro mês de casamento, que percebia que a relação com as famílias havia mudado, pois faziam parte, agora, da mesma família e percebia que seus pais estavam mais próximos da mãe de César em função do casamento.

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de transição para o casamento, em quatro casais, sendo dois coabitantes e dois não coabitantes, desde o semestre anterior até o primeiro ano após o casamento formal. A partir da revisão da literatura da área, destacamos três eixos temáticos que são considerados relevantes para a compreensão desta transição: (1) a individualidade e a conjugalidade na transição para o casamento; (2) a avaliação da relação de casal e o casamento e (3) a relação com as famílias de origem. Nesta discussão, os quatro casos são analisados e discutidos, longitudinal e conjuntamente, sob a luz de cada um dos três eixos temáticos levantados e do fato de serem coabitantes ou não coabitantes antes do casamento. Finalmente, apresentamos, nas considerações finais, um resumo dos principais achados deste estudo e algumas reflexões suscitadas a partir dos mesmos.

#### **4.1. A individualidade e a conjugalidade na transição para o casamento**

Com relação à administração da individualidade e da conjugalidade, no período considerado da transição para o casamento, percebemos que os quatro casos tiveram percursos diferentes, dividindo-se em dois grupos semelhantes. Confirmando o entendimento e os apontamentos de Féres-Carneiro (1998) sobre o difícil convívio, nos dias atuais, da individualidade com a conjugalidade, percebemos que dois dos casais considerados (o casal 1 e o casal 4) privilegiaram, em todos os momentos considerados, a individualidade, enquanto os outros dois (o casal 2 e o casal 3) deram maior ênfase à conjugalidade. Os casais que coabitavam ou não antes do casamento não mostraram um padrão específico com relação à forma como cada um administrou a individualidade e a conjugalidade ao longo da transição para o casamento.

No caso 1, em que não houve coabitação anterior ao casamento, percebemos, desde a primeira entrevista, uma valorização da individualidade sobre a conjugalidade. Para Jonas, o casal não costumava realizar muitas

atividades juntos e, para ela, as atividades que realizavam juntos eram apenas de administração e organização da casa. Ambos deixaram muito claro, desde a primeira entrevista, que o tempo dedicado às atividades individuais seria preservado em suas vidas, o que realmente ocorreu durante o período considerado neste estudo.

O privilégio dado à individualidade também ocorreu no casal 4, que já coabitava antes do casamento. Paula e César deram bastante ênfase à individualidade e às amizades particulares de cada um, desde o período anterior ao casamento. Entretanto, percebemos que, apesar de ambos darem uma maior ênfase à individualidade, puderam manter algum espaço para a conjugalidade desde o momento anterior ao casamento. É interessante o fato de que este espaço dedicado à conjugalidade pareceu aumentar com o passar do tempo, ao longo do período considerado da transição para o casamento. Podemos pensar que o casamento possibilitou aos indivíduos do casal 4, tão envolvidos na manutenção da individualidade, uma nova motivação para que investissem alguma energia em sua conjugalidade. Uma outra explicação para o relativo investimento na conjugalidade de Paula e César seria coerente com a literatura que avalia as principais motivações que levam os casais que coabitam a se casar. Segundo Brown (2004), o casamento, em casais que coabitam, ocorreria em função de uma melhoria e de um amadurecimento na relação de casal, como uma consequência dos mesmos. Assim, o fato de Paula e César terem investido, ao longo do tempo, cada vez mais energia em sua conjugalidade, ainda que tenham privilegiado sempre a individualidade, poderia estar relacionado a um amadurecimento da sua relação de casal, o que teria culminado com a decisão de oficializarem a mesma.

McGinnis (2003), ao apontar que a coabitação influencia a tomada de decisão a respeito de casar ou não, também nos fornece uma explicação para o que ocorreu com o casal 4. Eles já haviam coabitado e, desta forma, exercitado as suas capacidades de manter a individualidade preservada. Quando se casaram, puderam experienciar um certo investimento na conjugalidade, sem deixar de lado o que já haviam vivido em termos de individualidade. O funcionamento deste casal não se modificou, pois continuou a privilegiar a individualidade em relação à

conjugalidade, mas eles puderam, progressivamente, construir alguns novos espaços destinados à conjugalidade.

Outra questão que também poderia auxiliar na compreensão do predomínio da individualidade em relação à conjugalidade nos casais 1 e 4 refere-se à valorização das carreiras profissionais de ambos os cônjuges destes casais. Tanto Aline e Jonas, quanto Paula e César, mencionaram frequentemente em suas entrevistas a importância do crescimento profissional em suas vidas. Além disso, se comparados aos casais 2 e 3, os indivíduos dos casais 1 e 4 estavam mais desenvolvidos e envolvidos em suas carreiras profissionais. As mulheres dos casais 1 e 4 tinham carreiras mais promissoras (as duas ultrapassavam, em formação acadêmica, seus maridos, os quais também eram bastante envolvidos com suas próprias carreiras) em comparação com as mulheres dos casais 2 e 3 (tanto Fabiana, do casal 2, quanto Vânia, do casal 3, estiveram insatisfeitas e indecisas com relação às suas carreiras profissionais). A temática da divisão do tempo empregado entre o trabalho (uma dimensão individual) e a família (na transição para o casamento uma dimensão conjugal) tem sido estudada por Olson e cols. (1989) e por Arond e Pauker (1987). O que ocorreu nos casais 1 e 4, em que os homens e as mulheres dedicaram muita energia e muito tempo às suas carreiras profissionais, é coerente com o entendimento de Arond e Pauker (1987) de que a idade de adulto jovem (na qual se enquadram todos os participantes deste estudo) é uma fase em que tanto os papéis profissionais, quanto os conjugais, são novos e demandam, em alguns casos, muita energia vital. Neste sentido, Olson e cols. (1989) apontam inclusive que a divisão entre o tempo empregado no trabalho e no relacionamento conjugal seria um dos motivos que mais gerariam estresse no período de transição para o casamento. O casal 1, assim como o casal 4, manifestou a consciência da necessidade de investir mais energia em sua conjugalidade. Enquanto o casal 4 conseguiu, gradativamente, dedicar mais tempo à mesma, o casal 1 não havia conseguido até o último momento considerado neste estudo.



Nos casais 2 e 3, pudemos constatar um processo relativamente inverso ao dos casais 1 e 4, no que se refere à administração das dimensões da individualidade e da conjugalidade em suas vidas.

No casal 2, que não havia coabitado antes de casar, chamou atenção o fato de que tanto Emerson quanto Fabiana mencionaram a importância da preservação da individualidade, mas não puseram em prática este entendimento. Eles mostraram-se, em todos os momentos considerados, muito envolvidos com a conjugalidade, valorizando constantemente a vontade de “*fazer tudo juntos*” e pouco dedicados à preservação da individualidade em sua rotina. Este casal tem a peculiaridade de ter tido um relacionamento relativamente curto antes do casamento (ao todo, estiveram juntos por um ano até se casar). Talvez este fato explique a prevalência tão acentuada da conjugalidade sobre a individualidade. Apesar de saberem que a individualidade deveria ser mantida, eles não conseguiram efetivamente fazê-lo, pois ainda encontravam-se no estágio denominado por Pittman (1994) de *enamoramento*, o qual se caracteriza pelo desejo mútuo e compartilhado dos indivíduos de se tornarem apenas um. Não há espaço para as diferenças individuais e, assim, estabelece-se um estado de fusão, em que o casal passa a criar um sentido único de percepção do mundo externo. Fabiana e Emerson pareciam estar no momento de formação da identidade do casal, demarcada pela transição do *si mesmo* para o *nós* e percebiam-se muito mais envolvidos com a identidade do casal do que com as identidades individuais. Por outro lado, mesmo após o casamento ter completado um ano, este casal se manteve muito envolvido com sua conjugalidade, o que poderia estar relacionado a outros aspectos peculiares deste casal, como seus níveis de *diferenciação das famílias de origem* (Bowen, 1979), por exemplo.

Nos casais 2 e 3, desde o momento anterior ao casamento, os cônjuges mostraram-se mais envolvidos com sua conjugalidade do que com a individualidade. No casal 3 inclusive chamou a atenção o fato de que Vânia chegou a criticar a grande valorização, por parte da sociedade, do individualismo. Vânia e Lúcio não mencionaram em momento algum a importância da individualidade. Tendo coabitado por dois anos e vivido mais um ano de

casamento, eles continuavam privilegiando a conjugalidade e dando muito pouca atenção para a individualidade. Um aspecto que permeou a transição para o casamento deste casal foi referente aos diferentes eventos estressores pelos quais passaram. No início da relação, houve a morte da mãe de Vânia. Depois de seu casamento, houve o AVC (Acidente Vascular Cerebral) dela e o seu posterior desemprego. Talvez esses eventos estressores tenham repercutido na predominância de energia depositada na conjugalidade, pois eles precisaram unir-se muito para enfrentar tais desafios, os quais não são esperados no início de um casamento.

De forma geral, podemos perceber que não houve um equilíbrio, mesmo que relativo, entre as instâncias da individualidade e da conjugalidade nos casais considerados nesta pesquisa, no período da transição para o casamento. Dois dos casais considerados mantiveram-se mais envolvidos na manutenção da individualidade, enquanto os outros dois, na manutenção da conjugalidade. O entendimento de Bowen (1979) de que estas instâncias estariam nos pólos de um *continuum* e de que todos os casais estariam situados em algum lugar do mesmo parece pertinente. Bowen considera que os relacionamentos estariam em equilíbrio quando os indivíduos investissem uma quantidade igual de energia vital na relação e em suas vidas individuais. Mas, a partir do que podemos perceber nos casais estudados, tal equilíbrio parece ser efêmero e difícil de ser alcançado.

Acreditamos que, em um momento importante como é o da transição para o casamento, as energias investidas na individualidade e na conjugalidade tendem a não estar em equilíbrio. Como um momento de “*crise*”, esta transição se caracterizaria por ser conturbada e instável, levando alguns casais a se posicionarem em um extremo e outros em outro extremo do *continuum* mencionado por Bowen (1979). Talvez, com o passar do tempo, esses casais venham a se acomodar à nova situação de casados e equilibrar, de forma mais eficiente e estável, a individualidade e a conjugalidade em suas vidas.

Enfatizamos, ainda, que não se observou um padrão específico entre os casais coabitantes e os não coabitantes no que se refere a como administravam a individualidade e a conjugalidade. Outros fatores, que provavelmente não foram

abrangidos de forma completa nesta pesquisa, poderiam explicar melhor o fenômeno de administração da individualidade e da conjugalidade.

É interessante mencionar, ainda, que os casais 2 e 3, que enfatizaram mais suas conjugalidades, mantiveram relativamente estável tal ênfase desde o momento anterior até os demais momentos considerados neste estudo. O casal 1, que enfatizou mais a individualidade, também teve esta estabilidade neste sentido. Apenas o casal 4 mostrou-se diferente. Apesar de privilegiar a individualidade sobre a conjugalidade, este casal mostrou uma modificação aos seis e aos doze meses de seu casamento, quando passaram a mencionar algum interesse e atitudes práticas de construção de sua conjugalidade.

#### **4.2. A avaliação da própria relação de casal e a cerimônia de casamento**

A avaliação da relação de casal feita pelos quatro casais teve percursos distintos. Um aspecto interessante e que apareceu no relato dos quatro casais foi a importância atribuída ao romantismo, que também foi levantada por Gottman (1995) e por Holman e Li (1997) em suas pesquisas. No casal 1, este tema apareceu recorrentemente, mas com a peculiaridade de ser uma das queixas do esposo sobre seu relacionamento. Jonas, em várias ocasiões, questionou-se a respeito da falta de romantismo em sua relação, ora apontando que isso seria um dos pontos fracos, ora apontando como uma característica positiva da mesma. Na realidade, o que se percebeu foi uma ambivalência, em ambos, Jonas e Aline, mas mais evidente em Jonas, sobre a necessidade de haver romantismo em uma relação de casal ou não. Este casal, que não se mostrou muito romântico, viveu a necessidade deste romantismo nos momentos iniciais de seu casamento, romantismo que, segundo Gottman (1995) e Holman e Li (1997), seria o ingrediente mais importante na relação de casais recém-casados e só poderia ser mantido através de freqüentes interações e vivências em conjunto. Cabe mencionar que as interações e as vivências conjuntas do casal 1, especificamente, eram muito escassas, sendo que eles enfatizaram, em todos os momentos, mais a individualidade do que a conjugalidade em sua relação.

O casal 2 (não coabitante também) e o casal 3 (coabitante) enfatizaram diversas vezes, em seu discurso, a importância da manutenção do romantismo na relação. Corroborando o entendimento de Gottman (1995) e de Holman e Li (1997), o casal 2 citou como um dos pontos fortes de sua relação a vontade constante de estar juntos e o casal 3 mencionou como importante em sua relação os sentimentos de amor e de cumplicidade, característicos de uma relação romântica. Também foi apontada por Gottman e por Holman e Li, como importante na manutenção do romantismo, a capacidade de os casais conversarem sobre pensamentos e sentimentos. Foi justamente a capacidade de dialogar que foi destacada pelo casal 3, em diversos momentos, como um dos pontos fortes da sua relação.

A manutenção do romantismo nos casais 2 e 3 parece estar relacionada com o fato de serem justamente estes os casais que deram mais ênfase à conjugalidade na transição para o casamento. Desta forma, podemos pensar que eles foram os dois casais que tiveram maior oportunidade de desenvolver e manter o romantismo, pois apresentaram freqüentes interações, vivências conjuntas e diálogos acerca de pensamentos e sentimentos (Gottman, 1995; Holman e Li, 1997).

Também no que concerne ao romantismo, cabe destacar que o casal 4 mencionou questões como cumplicidade, companheirismo, carinho e amor como características de sua relação. Este casal, apesar de não dar muita ênfase à conjugalidade nas duas entrevistas iniciais (no período anterior e no primeiro mês depois do casamento), pareceu dar importância ao romantismo em diversos momentos de seu discurso. Talvez tenha sido a presença do romantismo, considerada por Gottman (1995) e por Holman e Li (1997) como ingrediente fundamental na relação de casais recém-casados, que possibilitou que eles, aos seis e aos doze meses de casamento, pudessem dar, gradativamente, mais ênfase à conjugalidade.

Ainda com relação à avaliação dos casais sobre sua relação, um tema que esteve presente no casal 1 foi referente à desconfirmação das expectativas que cada um dos cônjuges tinha sobre seu parceiro, que influenciou sua satisfação

com a própria relação de casal. No casal 1, conforme apontado por Ruvolo e Veroff (1997) e por Kurdek (2003), a discrepância entre o que Aline e Jonas idealizavam um sobre o outro e a realidade afetou o bem-estar e a percepção sobre o relacionamento de casal, sendo que eles foram os membros do único casal, dentre os quatro considerados, que mencionou não estar satisfeito com a relação.

Uma peculiaridade dos casais 3 e 4 (que coabitavam antes de casar) refere-se ao fato de que, para ambos, a coabitação auxiliou na preparação para o casamento, sendo que eles mencionaram que já se sentiam vivendo como casados e tendo que administrar a convivência a dois antes do casamento formal. A hipótese de que a coabitação auxiliaria alguns casais a se prepararem para o casamento foi levantada por Newcomb (1987) e DeMaris e Leslie (1984), que acreditavam que a coabitação representaria uma possibilidade de testar a compatibilidade (o que foi mencionado, por exemplo, por Lúcio, do casal 3: “*a gente fez um test-drive*”) e de preparar os casais para a realidade do casamento, auxiliando-os a pensar e a investir na conjugalidade e na individualidade. Assim, ocorreu também nestes casais o que McGinnis (2003) apontou a respeito da repercussão que a coabitação tem na intenção dos casais de se casar, sendo que, nos casais 3 e 4, esta repercussão foi positiva. Acreditamos, como McGinnis (2003), que a coabitação afetou a percepção dos custos e dos benefícios do casamento e influenciou a tomada de decisão sobre casar nos casais 3 e 4.

Nos casais 3 e 4 percebemos, ainda, a confirmação do entendimento de Brown (2003) de que o casamento, em indivíduos que coabitam, geralmente é associado positivamente com a qualidade da relação de casal. No casal 3, apesar de haver uma apreensão acerca de uma eventual modificação negativa na relação, esta foi considerada “*cada vez melhor*” após o casamento. No casal 4, segundo o discurso de César, ficou evidente a percepção de uma melhora na relação (que já era avaliada como satisfatória) em função do casamento (“*[a relação] está até melhor, assim, com o casamento*”). Acreditamos que os casais 3 e 4 enquadravam-se, antes de casar, no perfil denominado por Brown (2004) de “coabitantes com planos de casar”. Desta forma, sua intenção de formalizar a união apenas causou uma melhoria na qualidade de sua relação, que já era

satisfatória anteriormente. O casamento, para estes casais, pareceu ser a etapa seguinte do desenvolvimento de sua relação, que vinha sendo positiva.

É importante destacar que a percepção dos membros dos casais 3 e 4 (coabitantes) de que sua relação havia melhorado após o casamento contradiz os achados de McGinnis (2003). Para esta autora, os casais coabitantes percebem menos mudanças positivas e negativas na transição para o casamento do que os casais não coabitantes. Essa diferença quanto à percepção de mudanças não foi constatada ao se comparar os casais coabitantes e os não coabitantes antes do casamento.

Outro aspecto interessante foi observado no casal 1, tanto com Aline quanto com Jonas, e no casal 2, com Emerson (casais que não coabitavam antes de casar), para os quais a visão sobre um bom e um mau casamento se modificou ao longo dos períodos considerados da transição para o casamento e com o casamento. Percebemos, nestes dois casais, que os conceitos sobre um bom e um mau casamento foram se alterando a partir de suas próprias vivências, o que ficou claro devido à semelhança entre as avaliações que faziam de suas relações e as características mencionadas como fazendo parte de um bom e um mau casamento. Essa alteração na descrição do que seria um bom e um mau casamento ocorreu apenas nos dois casais que não coabitavam antes de casar, o que pode estar relacionado ao fato de que estes não tinham ainda experimentado, realmente, um casamento e, assim, não tinham definido seus conceitos a respeito do mesmo. Nos outros dois casais, que coabitavam antes de casar, o que percebemos foi uma relativa estabilidade nos conceitos sobre um bom e um mau casamento, além do fato de que o casamento, em si, não provocou modificação nestes conceitos, como ocorreu nos casais 1 e 2. Nosso entendimento a esse respeito é coerente com o que apontou McGinnis (2003) sobre o fato de que a coabitação, em alguns casais, serve para que possam avaliar os custos e os benefícios de um casamento e construir, desde antes do casamento, conceitos mais realistas sobre o mesmo. Além disso, também pode auxiliar na compreensão deste fenômeno o entendimento de Newcomb (1987) e DeMaris e Leslie (1984) de que a coabitação permite que os casais aprendam, antes do casamento, a exercitar a capacidade de

negociação e, principalmente, a se prepararem para as realidades do mesmo. No casal 1, as expectativas sobre o casamento eram muito altas, as conseqüentes frustrações foram grandes e houve uma conseqüente insatisfação com a relação de casal e pouco investimento na conjugalidade. No casal 2, por outro lado, apesar de haver uma repercussão do casamento em si na relação, houve também uma adaptação à nova realidade, visto que as expectativas sobre o casamento pareciam mais realistas e flexíveis. Houve, ainda, uma satisfação com a relação de casal e uma priorização da construção da conjugalidade.

Outros temas que foram considerados relevantes a partir da revisão teórica e empírica e da análise dos dados realizada dizem respeito à cerimônia, às motivações e às expectativas acerca do casamento.

Com relação ao significado que a cerimônia formal de casamento teve na vida dos casais estudados, cabe mencionar uma peculiaridade apenas dos casais 3 e 4 (que coabitavam antes de casar). Estes dois casais referiram, em algum momento de suas entrevistas, que o casamento formal representava, entre outros fatores, a potencial transição para a parentalidade. O fato de já coabitarem e estarem atravessando a transição para o casamento esteve relacionado à possibilidade de terem filhos em um espaço de tempo não muito distante, o que não apareceu nos discursos dos casais 1 e 2 em momento algum. A relação entre o casamento e a emergência de uma nova geração já fora apontada por Ponzetti Jr. (2003), que enfatizou que o casamento, em nossa sociedade, tende a demarcar dois eventos vitais: a passagem para a vida adulta e a potencial transição para a parentalidade de quem se casa. Isso poderia ser compreendido a partir das principais motivações que levam casais coabitantes a se casar, levantadas por Brown (2004), sendo que uma delas seria justamente o desejo de legitimar o nascimento de filhos quando estes fazem parte dos planos de um casal.

Essa relação entre casamento e parentalidade foi encontrada por nós, recentemente, em outro estudo que originou um artigo (Lopes, Menezes, Santos & Piccinini, no prelo). Este estudo contou com a participação de quarenta e sete casais que esperavam seu primeiro filho e que foram entrevistados

conjuntamente no último trimestre da gravidez. Através de análise de conteúdo, constatamos que a maior parte dos casais (53%) relatou ter tido ritual de casamento e ter planejado a primeira gravidez, enquanto 25% dos casais não relataram nenhuma das duas situações. Desta maneira, constatamos uma associação estatisticamente significativa entre a presença de cerimônia de casamento e o planejamento da gravidez do primeiro filho.

Outra motivação que levaria os casais coabitantes a casar formalmente, segundo Brown (2004), seria a necessidade de o casal ter a aprovação social de sua relação. Esta questão foi explicitada pelos membros do casal 3 e do casal 4, quando relatavam os fatores que haviam motivado sua decisão de casar. Além de Brown (2004), outros autores como Ferreira (1995) e Zordan e cols. (2005) apontaram o papel importante que a aprovação e legitimação social tem na tomada de decisão de casar na atualidade, principalmente em casais coabitantes.

Com relação às motivações que levaram os membros dos quatro casais a escolher seus companheiros como futuros cônjuges, um aspecto mostrou-se relevante e presente em todas as díades: a busca e a valorização de semelhanças entre os membros dos casais. A ênfase nas semelhanças apareceu nos quatro casais considerados neste estudo, sendo que o fato de coabitarem ou não e de darem mais ênfase à conjugalidade ou à individualidade não pareceu ter um padrão neste sentido.

A valorização das semelhanças entre os membros dos casais, presente nos quatro casais estudados, corrobora a literatura da área existente acerca das motivações da escolha conjugal. Autores como Knox e cols. (1997), Houts e cols. (1996) e Cook e Jones (2002) têm estudado e apontado que os indivíduos buscam se casar com aqueles que são similares a si próprios em vários aspectos, tais como idade, raça, nível cultural, religião e preferências, por exemplo. Botwin e cols. (1997) chegaram a afirmar que a semelhança entre as características de personalidade dos pares seria uma das motivações da escolha conjugal. Nos casais desta pesquisa, as semelhanças mencionadas foram ligadas a diversos aspectos, desde estilos de personalidade (por exemplo, na fala de Jonas, do casal 1: “[*pontos fortes*] são as semelhanças em termos de decisões práticas”), até



aspectos como religião (um exemplo é o casal 3, em que ela mencionou a importância de uma “*sincronia*” na crença religiosa).

Os estudos que enfocam os casamentos baseados nas semelhanças existentes entre os membros da díade têm apontado também similaridades nas estruturas familiares dos cônjuges. Este fato pôde ser observado nas estruturas familiares dos membros do casal 4, que têm histórias de abandono e de filhos sendo criados por apenas um dos cônjuges (a primeira esposa do pai de Paula o abandonou com os dois filhos, quando estes eram muito pequenos ainda, e o pai biológico de César não assumiu a paternidade desde que este nasceu). Wolfinger (2003) foi um dos pesquisadores que se dedicou ao estudo dessa questão, ao investigar os efeitos do divórcio parental sobre a escolha conjugal. Para tanto, ele citou dados do “*National Survey of Families and Households*” de 1988 e enfatizou que filhos de pais divorciados tendiam a escolher como cônjuges pessoas que vivenciaram a mesma experiência. No caso do casal 4, ambos são filhos de famílias que foram monoparentais por algum momento e vivenciaram o tema do abandono precoce.

Com relação às expectativas que os coabitantes têm sobre o casamento, a literatura da área aponta que uma delas é a de que haja um aumento na qualidade da relação conjugal (Brown, 2004). Esta expectativa foi mencionada pelo casal 2 (que não era coabitante) e pelo casal 4 (que era coabitante), sendo que não se observou um padrão particular com relação a esta expectativa de melhora da relação e a coabitação. Na realidade, o casamento, em si, foi visto por estes dois casais como uma possibilidade de aumentar seu vínculo afetivo. Mas é interessante mencionar que os vínculos destes casais já eram bastante fortes antes dos seus casamentos e, assim, os seus membros puderam confirmar suas expectativas, pois estas pareciam realistas e viáveis. O casal 1, de outra forma, não pareceu apresentar um vínculo forte antes do casamento e mencionou a expectativa de aumentar o mesmo, mas não o fez após o casamento. Por fim, com o casal 3 constatamos uma particularidade em relação a esta expectativa: eles mencionaram, e realmente pareceram ter, um vínculo amoroso muito forte desde antes do casamento, uma vez que coabitavam e já se sentiam casados e relataram

uma expectativa contrária à dos casais 1, 2 e 4: esperavam que o casamento não piorasse sua relação, pois a consideravam “*boa demais*” e na realidade excederam sua expectativa, mencionando que a relação estava “*cada vez melhor*” após o casamento.

#### **4.3. A relação com as famílias de origem na transição para o casamento**

A partir da análise dos dados, chamou atenção que, para todos os indivíduos considerados neste estudo, os pais foram um modelo de casal, para alguns positivo e, para outros, negativo. Coerente com o entendimento de Andolfi e Ângelo (1985), os indivíduos aqui investigados, ao tomarem como modelo de relacionamento seus pais, construíram um esquema de “como se relacionar (ou como não se relacionar) com um parceiro”. Este esquema esteve presente nos discursos dos indivíduos em vários aspectos, tanto nos pontos levantados como fortes ou fracos de sua relação, quanto na caracterização de um bom e de um mau casamento.

Um outro tema referente às famílias de origem que apareceu em três dos quatro casais estudados (casal 1, casal 3 e casal 4) refere-se à necessidade percebida, ou apenas vivenciada, por algum dos cônjuges de diferenciação das famílias de origem. No casal 1, esta questão pôde ser constatada quando Aline mencionou ressentir-se com a excessiva participação da família de Jonas em sua vida após o casamento. No casal 3, a necessidade de diferenciação da família de origem também foi apontada pela esposa, sendo que Vânia mencionou a necessidade de se afastar um pouco de seus familiares e investir mais energia e tempo em seu casamento. Também no casal 4 a necessidade de diferenciação foi mencionada. Neste casal, César fez referência ao desejo de que a sogra participasse menos de sua vida de casal e a própria Paula mencionou, na última entrevista, o plano de se afastar um pouco do convívio com sua família de origem para preservar mais a relação conjugal.

Esta necessidade de diferenciação das famílias de origem foi bastante enfatizada por Carter e McGoldrick (1995) e por Whitaker (1990), que consideram que quanto mais as questões de indiferenciação das famílias de

origem forem resolvidas e entendidas pelos indivíduos, mais estes poderão vivenciar relacionamentos verdadeiros e satisfatórios com seus cônjuges. Bowen (1979), Bary (1995) e Mace (1989) vão além e referem que o estabelecimento de fronteiras (reivindicado nestes três casais por algum ou por ambos os cônjuges) entre o casal e suas famílias é uma das tarefas mais difíceis e importantes no período da transição para o casamento. Confirmando a necessidade sentida por estes casais, os autores referem que recém-casados deveriam dar maior ênfase à relação com o cônjuge e se diferenciar de alguns vínculos próximos que possam ter estabelecido com familiares.

De outro modo, é pertinente ressaltar que no casal 2 não houve menção à necessidade de diferenciação das famílias de origem e, inclusive, Fabiana mencionou sua queixa de que a sogra dedicava pouca atenção ao filho. Entretanto, ao contrário do que apontam os autores da área, neste casal, que pareceu pouco diferenciado das famílias de origem, sua relação foi descrita como satisfatória e eles pareceram investir bastante energia na construção e na manutenção de sua conjugalidade. Talvez isso se deva ao fato de que, apesar de aparentemente indiferenciados das famílias de origem, os indivíduos do casal 2 não mencionaram ter conflitos significativos em relação a isso. Segundo Ângelo (1995), quanto menos elementos conflitantes não-resolvidos houver na relação com a família de origem, mais livre fica o indivíduo para escolher seu parceiro e desfrutar de uma relação de casal satisfatória.

De modo geral, pudemos observar em todos os casais a importância que as vivências familiares têm na construção de expectativas e conceitos acerca do que é um bom e um mau casamento. Confirmando os apontamentos de Carter e McGoldrick (1995) e de Sager (1986), constatamos, neste estudo, que as expectativas, os mitos e as atitudes sobre casamento e família são passados de geração para geração. No casal 1, a relação entre a vivência com a família de origem e os conceitos sobre um bom e um mau casamento ficou evidente quando Jonas mencionou, por exemplo, que seus pais não eram um modelo de casal, pois sua mãe dominava muito o marido e enfatizou, em seguida, que um mau casamento seria justamente aquele em que *“há a submissão de um dos dois”*. No

casal 2, percebemos esta relação na fala de Emerson quando ele descreve seus pais como *“cada um na sua”* e, em seguida, menciona que um mau casamento é *“cada um quer ser o seu, viver o seu e não se preocupar com o outro”*. Fabiana (casal 2) também expressa esta relação quando descreve que seus pais não são um modelo de casal, pois o pai sempre trabalhou fora e a mãe tinha que providenciar tudo em casa para que estivesse sempre organizada e menciona que um mau casamento seria justamente aquele em que a mulher estaria *“24 horas à disposição do marido (...) já foi o tempo”*. No casal 3, por exemplo, quando Lúcio descreve seus pais como casal, menciona explicitamente que seus conceitos sobre um bom e um mau casamento haviam se modificado em função de uma crise conjugal dos pais (*“Ah, eles [os pais como casal]..., até toco muito nesses negócios de diálogo[como característica de um bom casamento e ponto forte de sua relação com Vânia] assim até por causa dessa experiência, porque, de um tempo pra cá (...) eu podia ver que faltava muito diálogo entre eles[pais], sabe”*). No casal 4, esta relação pode ser exemplificada através do relato de Paula sobre a relação de seus pais, em que ela explicita que os mesmos são uma referência de um bom casamento (*“Pois é, eu tenho eles[seus pais] como um exemplo, assim, como eu quero que aconteça com a gente, assim, né, que eu sempre quis que acontecesse comigo e, agora, então, que seja comigo e com o César”*). Cabe esclarecer que, no presente trabalho, apenas pudemos abranger a transmissão transgeracional de conceitos e expectativas vinda da geração anterior aos noivos.

Um aspecto apontado pela literatura da área e que apenas ficou evidente no casal 4 refere-se à tendência, mencionada por autores como Falcke (2003) e Wolfinger (2003), de haver semelhanças entre as estruturas familiares dos cônjuges. Não estamos afirmando que tal semelhança não exista nos demais casais, mas apenas que, como este não era um dos temas abordados de forma explícita nas entrevistas, surgiu espontaneamente apenas no casal 4. Assim, podemos associar a semelhança nas histórias familiares dos indivíduos do casal 4, marcadas pelo abandono precoce de filhos, ao entendimento de Wolfinger (2003) de que indivíduos com experiências desagradáveis em suas famílias de origem tendem a se relacionar com indivíduos com experiências semelhantes. Neste

sentido, podemos pensar na coerência verificada nos casais 2 e 3 com relação às percepções dos cônjuges sobre seus pais como modelos de casais. No casal 2, como já mencionado, ele e ela têm seus pais como modelos negativos de casais e no casal 3 ocorreu o oposto. Desta maneira, acreditamos que estes três casais (casal 2, casal 3 e casal 4) estão coerentes com os apontamentos de Wolfinger (2003).

Por fim, os autores que vêm descrevendo e estudando os coabitantes e suas motivações para o casamento mencionam que a pressão familiar ou o desejo de aprovação familiar são alguns dos principais motivos que os levam a oficializar suas uniões (Brown, 2003; Aldous, 1996; Cate & Lloyd, 1992; Holman & cols., 1994). Esta motivação foi mencionada pelos dois casais coabitantes desta pesquisa, sendo que no casal 3 a importância da aprovação das famílias de origem na decisão de casar foi mais explícita. Mas esta importância também pôde ser observada, de forma mais sutil, no casal 4, que mencionou a valorização que as famílias estavam dando ao casamento e a mudança por sentirem-se pertencendo mais às famílias um do outro com o casamento.

#### 4.4. Considerações Finais

Os resultados deste estudo revelaram que a temática da administração da **conjugalidade** e da **individualidade** não mostrou um padrão específico entre casais coabitantes ou não coabitantes antes de casar. Percebemos, isto sim, duas tendências relevantes com relação a este tema. Uma delas diz respeito à tendência de os casais manterem-se polarizados com relação a privilegiar a individualidade ou a conjugalidade, sendo que o almejado equilíbrio entre conjugalidade e individualidade se mostrou difícil de ser atingido durante o período avaliado. Além desta polarização, percebemos uma tendência à estabilidade nos casais quanto a esta polarização na conjugalidade ou na individualidade.

A partir destes achados, questionamo-nos se a polarização e a estabilidade são tendências comuns ao período da transição para o casamento. Como consideram Carter e McGoldrick (1995) e Miermont (1994), este período é um “ponto de transição do ciclo da vida familiar” e um período de “crise”, o qual pode gerar um aumento do estresse e da ansiedade vividos pelos indivíduos. Para os autores que estudam as famílias, toda crise provoca uma ruptura temporária da *homeostase* do sistema familiar e, conseqüentemente, a necessidade de reorganização das relações e de construção de novas regras de funcionamento familiar. Neste sentido, podemos pensar que a tendência à polarização e à estabilidade, na transição para o casamento, seria uma tentativa de evitar a transformação e de manter, tanto quanto possível, a *homeostase* do sistema conjugal. Segundo Nichols e Schwartz (1998), *homeostase* e *transformação* são os processos básicos de manutenção do sistema familiar e podem ocorrer para promover o desenvolvimento funcional ou disfuncional das famílias. Se os membros de um casal, por exemplo, precisam passar por transformações em suas relações, pois estão oficializando socialmente sua união, mas tendem a evitar as mudanças advindas deste novo estágio de suas vidas, *feedbacks* negativos serão utilizados com a função de manter a *homeostase* do sistema.

Ainda a partir do entendimento de que há um ciclo de vida familiar, Carter e McGoldrick (1995) apontam que nos momentos de transição do sistema

familiar, no qual se enquadraria o de transição para o casamento, foco do presente estudo, costuma ocorrer também um aumento do estresse vivido pelos indivíduos. As fontes de estresse podem ser “horizontais” e “verticais”. As influências “horizontais” são as relacionadas ao desenvolvimento do sistema familiar, conforme este avança no tempo e é levado a lidar com as mudanças e transições do seu ciclo de vida. As influências “verticais”, por outro lado, incluem os padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos transgeracionalmente, através das relações estabelecidas com as famílias de origem.

Ainda baseado no conceito de ciclo de vida, uma outra perspectiva que poderia auxiliar a compreensão da tendência à polarização e à estabilidade vivenciada pelos casais desta pesquisa é a apontada por Pittman (1994) quando apresenta sua idéia de que há um ciclo de vida dos casais. Assim como as famílias passam por um ciclo de vida, também os casais teriam um ciclo de vida próprio. Acreditamos que os casais estudados na presente investigação estão vivenciando as questões referentes ou à primeira ou à segunda etapas apontadas pelo autor. A primeira etapa foi denominada por Pittman (1994) de *enamramento* e se caracteriza pelo desejo mútuo e compartilhado dos indivíduos de se tornar apenas um. Nesta etapa se enquadrariam os casais que vivenciaram de forma polarizada e estável a conjugalidade. Neste momento, não há espaço para as diferenças individuais e, freqüentemente, estabelece-se um estado de fusão em que o casal passa a criar um sentido único de percepção do mundo externo. A segunda etapa apresentada por Pittman (1994) é intitulada *estabelecendo diferenças* e se refere ao momento em que os cônjuges começam a pensar de forma distinta e as diferenças individuais tornam-se visíveis. Acreditamos que os casais que tenderam a privilegiar a individualidade de forma polarizada e estável durante a transição para o casamento estariam ou vivenciando a segunda etapa ou se protegendo contra a vivência da primeira, da fusão, que para alguns indivíduos é muito ameaçadora.

No que se refere ao último aspecto, a relação com as **famílias de origem**, também não revelou um padrão específico entre os casais coabitantes e os não

coabitantes, sendo que as principais temáticas levantadas pelos casais mostraram-se estáveis ao longo dos momentos considerados da transição para o casamento. O tema que predominou em todos os casais considerados foi referente ao fato de os pais serem, sempre, uma referência de como se relacionar com alguém, para alguns uma referência de como fazer igual e, para outros, de como fazer o contrário. A importância que os pais assumem na vida dos indivíduos, não apenas por serem os primeiros a estabelecer relações de amor com os mesmos, mas também por serem um modelo de “como ser um casal” nos pareceu muito interessante e pertinente ao enfoque teórico adotado, o familiar sistêmico.

Outro tema que se salientou nos casais estudados, com relação às famílias de origem, foi o da necessidade de *diferenciação* das mesmas. O conceito de *diferenciação do eu* foi desenvolvido por Bowen (1979), que acreditava que o nível de diferenciação da família que os indivíduos adquirem é transmitido pela própria família de origem. Para o autor, ainda, um nível alto de diferenciação do eu da família de origem seria necessário para o desenvolvimento de vínculos afetivos novos e saudáveis. É interessante que os casais deste estudo mencionaram, espontaneamente, tal necessidade no momento em que passavam pela transição para o casamento.

A necessidade de *diferenciação do eu* da família de origem também é relacionada por Bowen (1979) à necessidade do estabelecimento de alguma diferenciação quando os indivíduos propõem-se a construir e a pertencer a novos subsistemas, como é o caso de um casal que passa pela transição para o casamento. A necessidade de estabelecer algumas fronteiras entre o novo casal e as famílias de origem foi também trabalhada por Minuchin (1982). Para este autor, as fronteiras seriam as regras que definem quem participa e como de cada subsistema, com o objetivo de proteger a diferenciação dos mesmos. No momento da transição para o casamento, em que um novo sistema conjugal começa a se constituir, é natural que a necessidade de novas fronteiras e de uma diferenciação das famílias de origem seja reivindicada, como ocorreu nos casos estudados.

No que se refere à **avaliação da própria relação de casal** e à **cerimônia de casamento** observamos que um tema foi comum aos quatro casais: a



importância do romantismo na vida dos mesmos. O destaque dado ao romantismo parece-nos fazer sentido, uma vez que a transição para o casamento é justamente o momento em que a relação de casal pode ser consolidada. Para muitos casais, o romantismo é o ingrediente essencial que os mantém unidos, mesmo sendo confrontados com as necessárias adaptações deste período. A capacidade de manter e cultivar o romantismo ficou mais evidente justamente nos dois casais que mostraram dar maior ênfase à conjugalidade.

Diferentemente do que ocorreu nos demais temas levantados, alguns aspectos referentes à avaliação da própria relação e à cerimônia de casamento mostraram uma tendência a ter um padrão específico entre os casais coabitantes e os não coabitantes. No que diz respeito à diferença observada entre os casais que coabitavam e os que não coabitavam antes de casar, com relação à avaliação do próprio relacionamento, percebemos que os casais coabitantes mencionaram a coabitação como tendo auxiliado na preparação para o casamento. Além disso, nos casais coabitantes, o casamento esteve relacionado a uma avaliação positiva da qualidade da relação, como uma consequência desta.

Nos casais que não coabitavam antes de casar, outra peculiaridade foi evidenciada. Para estes, a visão sobre um bom e um mau casamento se alterou, em função das vivências práticas que estabeleceram em cada momento da transição para o casamento, o que não ocorreu com os casais coabitantes. Estes últimos pareciam já ter estabelecido alguns conceitos mais estáveis sobre o casamento, em função de terem vivenciado o mesmo, de certa forma, através da coabitação anterior.

Parece-nos que as diferenças encontradas entre os casais que coabitavam e os casais que não coabitavam antes de casar, no que se refere à avaliação da própria relação, nos indicam que a coabitação é vista como uma etapa anterior ao casamento e mais avançada que o namoro ou noivado. Este entendimento é coerente com os apontamentos de McGinnis (2003), que acredita que, uma vez que a coabitação tem se tornado uma forma de viver cada vez mais comum, ela deve ser considerada como um estágio da relação conjugal e do ciclo de vida dos casais. Segundo Wu e Hart (2002), muitos casais têm escolhido coabitar como

uma etapa preliminar ao casamento, e algumas evidências mostram que os próprios coabitantes consideram a sua relação como um estágio anterior ao casamento. Assim sendo, acreditamos que a coabitação está se tornando um evento normativo do ciclo de vida dos casais e que, como uma etapa anterior ao casamento, possibilita um preparo e a construção de expectativas menos idealizadas sobre o casamento.

O fato de a coabitação propiciar um maior preparo para os casais com relação às vivências do casamento também pode ser explicado pelo achado deste estudo que revelou que, apenas nos casais que já coabitavam, ficou explícita a relação que era estabelecida entre o casamento e a potencial transição para a parentalidade. A relação entre a formalização do casamento e o planejamento do primeiro filho foi apontada por nós recentemente em um estudo que explicitou a existência de uma associação estatisticamente significativa entre a formalização do casamento e o planejamento da gravidez do primeiro filho (Lopes, Menezes, Santos & Piccinini, no prelo). Assim, tal pesquisa demonstrou que a oficialização do casamento claramente demarca o início de um novo núcleo familiar, a passagem para a adultez e, também, a potencial transição para a parentalidade. É interessante retomar que, embora nesta investigação de doutorado todos os casais tenham passado pela oficialização do casamento, apenas os coabitantes mencionaram a potencial parentalidade. A transição para a parentalidade representaria a etapa seguinte do ciclo de vida de uma família. Acreditamos que, como os casais coabitantes já haviam vivido o que eles mesmos denominam de “um estágio anterior ao casamento” e, desta forma, se preparados para o casamento, mostraram-se mais prontos para começar a pensar no próximo estágio, o da transição para a parentalidade.

Desta forma, acreditamos que este estudo pôde abranger e aprofundar as questões inicialmente propostas. Apesar disto, algumas temáticas que emergiram ao longo da realização do estudo pareceram da mesma forma importantes, mas não puderam ser abordadas no mesmo.

Um tema que não foi por nós aprofundado, mas que merece atenção em futuras investigações, é a sexualidade durante a transição para o casamento. Nos

dias atuais, a vida sexual dos indivíduos é iniciada muito mais precocemente do que no passado. Desta forma, muitos dos casais que casam, atualmente, já vivem sua sexualidade de forma plena. Certamente, o tema da sexualidade mostra-se importante e o casamento pode ter algumas repercussões importantes.

Outra temática que nos parece importante, mas que também não pôde ser abordada com profundidade neste trabalho, refere-se à rede social mais ampla, que vai além das relações familiares consangüíneas. Atualmente, muitos dos jovens que se casam têm um grupo de amigos já estabelecido e como administram tais amizades na transição para o casamento parece ser um tema relevante.

A questão da organização da casa e da administração das finanças também se mostra um tema relevante que não pôde ser abrangido de forma aprofundada neste estudo.

Desta forma, seria interessante e necessário propor novos estudos que pudessem abarcar estas temáticas no período da transição para o casamento. Uma das principais temáticas que acreditamos que deveria ser estudada e aprofundada é a da tendência encontrada à polarização e à estabilidade no que se refere à individualidade e a conjugalidade e às relações com as famílias de origem. Também acreditamos que seria muito enriquecedor seguir acompanhando estes casais ao longo das próximas transições que serão por eles vividas. Este é um projeto ao qual pretendemos dar seguimento e representa a possibilidade de acompanhar os casais, desde sua formação, na vivência das etapas posteriores do seu ciclo de vida familiar. Neste sentido, acreditamos que seria especialmente interessante acompanhar estes casais em sua transição para a parentalidade, etapa seguinte do ciclo de vida familiar, considerando-se sua tendência a dar maior ênfase à individualidade ou à conjugalidade.

Finalmente, destacamos as possíveis contribuições dos achados desta investigação. Através de delineamento longitudinal, pudemos acompanhar os casais estudados ao longo do período de um ano e meio de suas vidas. As eventuais modificações e transformações vividas pelos mesmos puderam ser observadas no momento em que ocorriam e a partir do próprio relato dos indivíduos que a vivenciavam, o que representa um aspecto valioso na construção

de estudos de casos e no desenvolvimento do conhecimento científico. Além disso, o fato de termos entrevistado individualmente cada cônjuge, em cada momento considerado, permitiu que tivéssemos contato com as visões de cada um sobre o casamento e sobre as temáticas abordadas. Abriu-se, assim, espaço para que aparecessem questões polêmicas e de insatisfação, as quais não costumam aparecer com tanta facilidade em entrevistas conjuntas.

Além disso, o tema abordado - a transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não coabitantes - mostrou-se muito relevante e pode ser um fator enriquecedor na compreensão das estruturas familiares. Acreditamos que tanto as pesquisas científicas sobre casais e famílias, quando a clínica de terapia de casais e famílias se beneficiarão dos achados aqui destacados.

Finalmente, destacamos que os achados deste estudo corroboram o entendimento de que há um ciclo de vida da família e do casal, que se coadunam ao entendimento sistêmico de tendência à homeostase e à transformação, sendo importante identificar como cada casal se situa nesta etapa de transição do ciclo de vida. Além disso, cabe considerar a coabitação, cada vez mais freqüente na contemporaneidade, como um possível estágio da relação conjugal e do ciclo de vida dos casais.

## REFERÊNCIAS

- Adler, A. (1978). *Co-operation between the sexes: Writings on women, love and marriage, sexuality and its disorders*. Oxford: Anchor Books.
- Aldous, J. (1996). *Family careers: Rethinking the developmental perspective*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Arond, M. & Pauker, S. L. (1987). *The first year of marriage*. New York: Warner Books.
- Andolfi, M. e Ângelo, C., (1985). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ângelo, C. (1995). A Escolha do Parceiro. Em M. Andolfi, C. Ângelo e C. Sacca (Orgs.), *O casal em crise* (pp.47-57). São Paulo: Summus.
- Anton, I. C., (2000). *A escolha – motivações inconscientes – do cônjuge*. Porto Alegre: Sagra-dc Luzzatto.
- Azevedo, T. O. G., (1987). *Ciclo da vida: ritos e ritmos*. São Paulo: Atica.
- Basi, R. K. (2002). An examination of evolutionary hypotheses regarding mate preferences: Personal and marital advertisements in collectivist and individualist societies. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 63(1-B), 584.
- Bell, R. R., Daly, J. A. & Gonzalez, M. C. (1987). Affinity-maintenance in marriage and its relationship to women's marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 445-454.
- Bennett, N. G., Blanc, A. K., & Bloom, D. E. (1988). Commitment and the modern union: Assessing the link between premarital cohabitation and subsequent marital stability. *American Sociological Review*, 53(1), 127-138.
- Booth, A. & Johnson, D. (1988). Premarital cohabitation and marital success. *Journal of Family Issues*, 9, 255-272.
- Botwin, M. D., Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Personality and mate preferences: Five factors in mate selection and marital satisfaction. *Journal of Personality*, 65(1): 107-136.

- Bowen (1979). *De la familia al individuo: la diferenciación del si mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Bray, J. H. (1995). Family assessment: Current issues in evaluating families. *Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies*, 44(4), 469-477.
- Brown, S. L. (2003). Moving from cohabitation to marriage: effects on relationship quality. *Social Science Research*, 33, 1–19.
- Bumpass, L. L., Sweet, J. A. & Cherlin, A. J. (1991). The role of cohabitation in declining rates of marriage. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 913-027.
- Burden, S.; Fay, L.; Guerin, P. & Kautto, J. (1987). *The evaluation and treatment of marital conflict: a four-stage approach*. New York: Basic Books, Inc.
- Burger, J. M., & Cosby, M. (1999). Do women prefer dominant men? The case of the missing control condition. *Journal of Research in Personality*, 33(3), 358-368.
- Burgess, E. W. (1953). *Engagement and marriage*. Philadelphia: J. B. Lippincott.
- Buss, D. M., Schackelford, T. K., Kirkpatrick, L. A., & Larsen, R. J. (2001). A half century of mate preferences: The cultural evolution of values. *Journal of Marriage and the Family*, 63(2), 491-503.
- Campbell, S. M. (1994). *The couple's journey – intimacy as a path to wholeness*. California: Impact Publishers.
- Carrère, S. & Gottman, J. (1999). Predicting Divorce among Newlyweds from the First Three Minutes of Marital Conflict Discussion. *Family Process*, 38, 293-301.
- Carter, B. e McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (M. A. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caspi, A. & Herbener, E. S. (1990). Continuity and change: assortative marriage and the consistency of personality in adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (2), 250-258.
- Cate, R. M., & Lloyd, S. A. (1992). *Courtship*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Caughlin, J., Houts, R., Huston, T. & Smith, S. (2001). The connubial crucible: newlywed years as predictors of marital delight, distress, and divorce. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 237-252.

- Chadiha, L., Ortega, R., Sutherland, L. & Veroff, J. (1993). Newlyweds tell their stories: a narrative method for assessing marital experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 437-457.
- Chadiha, L., Veroff, J. & Leber, D. (1998). Newlywed's narrative themes: meaning in the first year of marriage for african american and white couples. *Journal of Comparative Family studies*, 29, 115-130.
- Cherlin, A. J. (1992). *Marriage, divorce, remarriage*. Cambridge: Harvard University Press.
- Cohan, C. & Bradbury, T. (1997). Negative life events, marital interaction, and longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 114-128.
- Cook, J. & Jones, R. (2002). Congruency of identity style in married couples. *Journal of Family Issues*, 23(8), 912-926.
- Costa, G. (2000). *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cowan, P. & Hetherington, E. (1991). *Family Transitions*. Hillsdale: LEA.
- DeMaris, A., & Leslie, G. R. (1984). Cohabitation with the future spouse: Its influence upon marital satisfaction and communication. *Journal of Marriage and the Family*, 46(1), 77-84.
- DeMaris, A., & Mac Donald, W. (1993). Premarital cohabitation and marital instability: A test of the unconventionality hypothesis. *Journal of Marriage and the Family*, 55(2), 399-407.
- Eggman, B., Eggman, K., Moxley, V., Schumm, W. & Stucky, F. (1986). Premarital counseling as perceived by newlywed couples: An exploratory study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 12, 221-228.
- Falcke, D.; Diehl, J. A. & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. Em A. Wagner (Org.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.172-188). Petrópolis: Vozes.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da satisfação conjugal*. Tese de doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. Em A. Wagner (Org.), *Como se Perpetua a Família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 67-79). Porto Alegre: Edipucrs.
- Féres-Carneiro, T. (1987). Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 03 (03), 250-261.
- Féres-carneiro, T. (1995). Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e ruptura do casamento. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 44(2), 67-80.
- Féres-Carneiro, T. (1996). Escolha amorosa e relação conjugal na homossexualidade e na heterossexualidade: um estudo sobre namoro, casamento, separação e recasamento. Em T. Feres-Carneiro (Org.), *Coletâneas da ANPEPP: Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*, 01 (01), 71-100.
- Féres-Carneiro, T. (1997) Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 354-368.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2000). Retorno da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros: uma questão para a clínica psicanalítica do casal. Acesso em 26 de janeiro de 2006. Disponível em <http://estadosgerais.org/historia/141.shtml>
- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: Construção da identidade conjugal. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família: Do social à clinica* (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Ferreira, A. B. H. (1995). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fletcher, G. J. O., Tither, J. M., O' Loughlin, C., Friesen, M., & Overall, N. (2004). Warm and homely or cold and beautiful? Sex differences in trading off traits in mate selection. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(6), 659-672.



- Frye, N. & Karney, B. (2002). "But we've been getting better lately": Comparing prospective and retrospective views of relationship development. *Journal of Personal and Social Psychology*, 82(2), 222-238.
- Furman, W., & Flanagan, A. S. (1997). The influence of earlier relationships on marriage: An attachment perspective. Em W. K. Halford & H. J. Markman (orgs.), *Clinical handbook of marriage and couples interventions* (pp. 179-202). Hoboken: John Wiley & Sons, Inc.
- Ganong, L. H., & Coleman, M. (1994). *Remarried family relationships*. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.
- Ganong, L., Coleman, M, & Brown, G. E. (1981). Effect of family structure on marital attitudes of adolescents. *Adolescence*, 16(62), 281-288.
- Gehar, G. (1997). The effects of actual and perceived parental characteristics on partner selection and perception. *Dissertation Abstracts International: Section-B: The-Sciences and Engineering*, 58(4-B), 2178.
- Gil-Burmann, C., Pelaez, F., & Sanchez, S. (2002). Mate choice differences according to sex and age: An analysis of personal advertisements in Spanish newspapers. *Human Nature*, 13(4): 493-508.
- Goldemberg, M. (1991). *Ser homem, ser mulher: Dentro e fora do casamento. Estudos antropológicos*. Rio de Janeiro: Revan.
- Gottman, J. (1995). *Why marriages succeed or fail*. New York: Simon & Schuster.
- Gottman, J. & Levenson, R. (1999). What predicts change in marital interaction over time? A study of alternative models. *Family Process*, 38, 143-157.
- Gottman, J. M. & Notarius, C. (2002). Marital research in the 20<sup>th</sup> century and a research agenda for the 21<sup>st</sup> century. *Family Process*, 41(2), 159-197.
- Grover, K. J., Russel, C. S., Schumm, W. R., & Paff-Bergen, L. A. (1985). Mate selection processes and marital satisfaction. *Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies*, 34(3), 383-386.
- Haws, W. & Mallinckrodt, B. (1998). Separation-individuation from family of origin and marital adjustment of recently married couples. *The American Journal of Family Therapy*, 26, 293-306.

- Hawley, D. & Olson, D. (1995). Enriching newlyweds: An evaluation of three enriching programs. *The American Journal of Family Therapy*, 23, 129-147.
- Holden, J. M. (1991). The most frequent personality priority pairings in marriage and marriage counseling. *Individual Psychology: Journal of Adlerian Theory, Research and Practice*, 47(3), 392-398.
- Holman, T. B., & Li, B. D. (1997). Premarital factors influencing perceived readiness for marriage. *Journal of Family Issues*, 18(2), 124-144.
- Holman, T. B., Larson, J. H. & Harmer, S. L. (1994). The development and predictive validity of a new premarital assessment instrument: the preparation for marriage questionnaire. *Family Relations*, 43, 46-52.
- Houts, R. M., Robins, E., & Huston, T. L. (1996). Compatibility and the development of premarital relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 58(1): 7-20.
- Huston, T. & Vangelisti, A. (1991). Socioemotional behavior and satisfaction in marital relationships: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*. 61, 721-733.
- Karney, B. & Vogel, D. (2002). Demands and withdrawal in newlyweds: Elaborating on the social structure hipótesis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19(5), 685-701.
- Kearns, J. N., & Leonard, K. E. (2004). Social networks, structural interdependence, and marital quality over the transition to marriage: A prospective analysis. *Journal of Family Psychology*, 18(2), 383-395
- Kelley, D. L., & Burgoon, J. K. (1991). Understanding marital satisfaction and couple type as functions of relational expectations. *Human Communication Research*, 18(1), 40-69.
- Kim, A., Martin, D., & Martin, M. (1989). Effects of personality on marital satisfaction: Identification of source traits and their role in marital stability. *Family Therapy*, 16(3), 243-248.
- Klohn, E. C., & Mendelson, G. A. (1998). Partner selection for personality characteristics: A couple-centered approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24(3): 268-278.

- Knox, D., Zusman, M., & Nieves, W. (1997). College student's homogamous preferences for a date and mate. *College Student Journal*, 31(4): 445-448.
- Kurdek, L. A., & Schmitt, J. P. (1987). Partner homogamy in married, heterosexual cohabiting, gay, and lesbian couples. *Journal of Sex Research*, 23(2), 212-232.
- Kurdek, L. (2002). Predicting the timing of separation and marital satisfaction: An eight-year prospective longitudinal study. *Journal of Marriage and the Family*, 64, 163-179.
- Kurdek, L. (2003). Negative representations of the self/spouse and marital distress. *Personal Relationships*, 10, 511-534.
- Larson, J. H. & Colman, T. B. (1994). Premarital prediction of marital quality and stability. *Family Relations*, 43, 228-237.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lemaire, J. (1990) *La pareja humana: Su vida, su muerte, su estructura*. México: Fondo de Cultura.
- Lesnick-Oberstein, M., & Cohen, L. (1984). Cognitive style, sensation seeking, and assortative mating. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(1), 112-117.
- Lopes, R. S., Piccinini, C. A., Menezes, C. C. & Santos, G. (no prelo). Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*.
- Li, N. P. C. (2003). Short-term mate preference priorities: Necessities, luxuries, and comparisons to long-term mates. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 64(3-B), 1551.
- Mace, D. (1989). Three ways of helping married couples. *Journal of Marriage and Family Therapy*, 13, 179-185.
- McCarthy, B. (1998). Sex in the first two years of marriage. *Journal of Family Psychotherapy*, 9, 1-11.
- McGinnis, S. L. (2003). Cohabiting, dating, and perceived costs of marriage: A model of marriage entry. *Journal of Marriage and the Family*, 65(1), 105-116.

- Menezes, C. (2001). A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo ano de vida do bebê. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Morris, M. L. & Carter, S. A. (1999). Transition to marriage: a literature review. *Journal of Family and Consumer Sciences Education*, 17 (1), 1-21.
- Morn, M. T., & Sprecher, S. (2003). A cross-cultural comparison of mate preferences among university students: The United States vs. the People's Republic of China (PRC). *Journal of Comparative Family Studies*, 34(2), 151-170.
- Newcomb, M. D. (1987). Cohabitation and marriage: A quest for independence and relatedness. *Applied Social Psychology Annual*, 7, 128-156.
- Nichols, M. & Schwartz, R. (1998). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Olson, P. N, Ponzetti, J. J., & Olson, G. I. (1989). Time demands on families: Is there a bottom line? *Lifestyles*, 10(4), 311-323.
- Orbuch, T.L., Veroff, J., & Holmberg, D. (1993). Becoming a married couple: The emergence of meaning in the first years of marriage. *Journal of Marriage and the family*, 55(4), 815-826.
- Pines, A. M. (1998). A prospective study of personality and gender differences in romantic attraction. *Personality and Individual Differences*, 25(1): 147-157.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras Privadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ponzetti Jr., J. (2003). Marriage Ceremonies. Em J. Ponzetti Jr. (Org.) *International Encyclopedia of Marriage and Family*. (pp. 1091-1094). Nova York: Thomson Gale.
- Rangel, M. A. (2003). *Marriage, cohabitation, and intrahousehold bargainings: evidence from brazilian couples*. Trabalho apresentado no Northeastern Universities Development Consortium Conference (NEUDOC), em outubro de 2003, New Heaven, Connecticut.
- Regan, P. C., Levin, L. Sprecher, S., Christopher, F. S., & Cate, R. (2000). Partner preferences: What characteristics do men and women desire in their short-term

- sexual and long-term romantic partners? *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 12(3), 1-21.
- Regan, P.C. (1998). What if you can't get what you want? Willingness to compromise ideal mate selection standards as a function of sex, mate value, and relationship context. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24(12): 1294-1303.
- Robinson, L. C., & Blanton, P. W. (1993). Marital strengths in enduring marriages. *Family Relations: Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 42(1), 38-45.
- Ruvolo, A. & Veroff, J. (1997). For better or for worse: Real-ideal discrepancies and the marital well-being of newlyweds. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 223-242.
- Sager, C. J. (1986). *Marriage contracts and couples therapy*. New York: Brunner Mazel.
- Salts, C. J., Seismore, M. D., Lindholm, B. W., & Smith, T. A. (1994). Attitudes toward marriage and premarital sexual activity of college freshmen. *Adolescence*, 29(116), 775-779.
- Sassler, S., & Goldscheider, F. (2004). Revisiting Jane Austen's theory of marriage timing: Changes in union formation among American men in the late 20th century. *Journal of Family Issues*, 25(2), 139-166.
- Seltzer, J. A. (2000). Families formed outside of marriage. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 1247-1268.
- Skinner, K. B., Bahr, S. J., Crane, D. R., & Call, V. R. (2002). Cohabitation, marriage, and remarriage: A comparison of relationship quality over time. *Journal of family Issues*, 23(1), 74-90.
- Smock, P. J. (2000). Cohabitation in the United States: An appraisal of research themes, findings, and implications. *Annual Review of Sociology*, 26, 1-20.
- Sprecher, S., Sullivan, Q., & Hatfield, E. (1994). Mate selection preferences: Gender differences examined in a national sample. *Journal of Personality and Social Psychology*. 66(6): 1074-1080.
- Stake, R. E. (1994). *Handboock of Qualitative Research*. Londres: Sage.

- Stafford, L, Kline, S. L., & Rankin, C. T. (2004). Married individuals, cohabiters, and cohabiters who marry: A longitudinal study of relational and individual well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 231-248.
- Surra, C. A. (1990). Research and Theory on mate selection and premarital relationships in the 1980's. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 844-865.
- Teachman, J. D., & Polonko, K. (1990). Cohabitation and marital stability in the United States. *Social Forces*, 69(1), 207-220.
- Thomson, E., & Colella, U. (1992). Cohabitation and marital stability: Quality or commitment? *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 259-267.
- Toman, W. (1976). *Family constellation*. Oxford: Springer.
- Turkenicz, A., (1995) *A aventura do casal: Uma abordagem teórico-clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Whitaker, A. (1990). *Dançando com a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Willi, J. (1995) A Construção diádica da realidade. Em M. Andolfi, C. Ângelo e C. Saccu (Orgs.), *O Casal em Crise* (pp.38-46). São Paulo: Summus.
- Wolfinger, N. H. (2003). Family structure homogamy: The effects of parental divorce on partner selection and marital stability. *Social Scientific Research*, 32 (1), 80-97.
- Wu, Z., & Hart, R. (2002). The effects of marital and nonmarital union transition on health. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 420-432.
- Zordan, E. P., Falcke, D. & Wagner, A. (2005). Copiar ou (re) criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. Em A. Wagner (Org.), *Como se Perpetua a Família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-65). Porto Alegre: Edipucrs.

## ANEXOS

### ANEXO A

#### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a relação conjugal.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização do material obtido a partir das entrevistas realizadas comigo.

A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é a Psicóloga Clarissa Corrêa Menezes, que poderá ser contatada pelo Tel: 9846-0853.

Porto Alegre,

Data:     /     /

Nome e assinatura do participante: \_\_\_\_\_

## ANEXO B

**Entrevista de Dados Demográficos de cada um dos Futuros Cônjuges**

(Lopes e Menezes, 2003; adaptado de Gidep/1998)

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você:

- Nome:
- Data de Nascimento:
- Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião:.....Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Estado Civil:
- Com quem moras (antes do casamento)?
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada(o). Desde quando?.....
- O ..... que ..... tu ..... fazes(ias)?  
.....Horas/semana:.....
- Grupo étnico:
- É o teu primeiro casamento?
- Estão com o casamento marcado?
- Qual a data do casamento?
- Qual tipo de cerimônia de casamento farão? ( ) civil ( ) religioso ( ) outro.Qual?

Endereço Residencial atual:

Rua:

Número:

Bairro:

Cidade:

Cep:

Fone:

Endereço Residencial após o Casamento:

Rua:

Número:

Bairro:

Cidade:

Cep:

Fone:



## ANEXO C

**Entrevista Individual com cada Futuro Cônjuge no Último Semestre antes do Casamento**

(Lopes e Menezes, 2003)

**1) A história da relação...**

- como conheceu o(a) teu (tua) futuro(a) esposo(a)?
- o que te atraiu nele(a)?
- como tu descreves a história da relação de casal de vocês?
- Quais as atividades que vocês faziam juntos como um casal antes dos preparativos para o casamento?
- Quais as atividades que vocês faziam separados antes dos preparativos para o casamento?

**2) E atualmente...**

- como tu vês a relação do casal atualmente?
- a relação do casal está satisfazendo as tuas expectativas atualmente?
- quais os pontos fortes da relação de vocês?
- quais os pontos fracos da relação de vocês?
- quais as atividades que vocês fazem juntos como um casal?
- Quais as atividades que vocês fazem separados?
- sobre quais temas vocês costumam ter conflitos?

**3) O casamento...**

- como foi a decisão de se casarem?
- o que te levou a escolher esta pessoa para casar?
- porque decidiram casar agora?
- como estão administrando os preparativos para o casamento? E os custos? Quem ajuda?
- como cada uma das famílias reagiu à notícia do casamento?

- os preparativos estão provocando alguma mudança na relação de vocês? Quais?

#### **4) O futuro...**

- como tu vê a relação de vocês no futuro? (expectativas)
- como pretende administrar as finanças depois do casamento?
- como pretende administrar a organização da casa depois do casamento?
- Que tarefas gostaria que cada um assumisse?
- Quais as atividades que vocês pretendem fazer juntos como um casal?
- Quais as atividades que vocês pretendem fazer separados?
- Como imagina que é a vida de casado?
- o que imagina que vai mudar na relação de vocês depois do casamento?
- como é um bom casamento?
- como é um mau casamento?
- como eram os teus pais como casal? Eles são um modelo de casal para ti?
- Tem algum casal como modelo? Como se relacionam?

## ANEXO D

**Entrevista com cada Cônjuge no Primeiro Mês de Casamento**

(Lopes e Menezes, 2003)

**1) Como vê a relação atualmente...**

- como tu vê a relação de casal atualmente?
- mudou algo na relação de casal depois do casamento?
- a relação de casal está satisfazendo as tuas expectativas atualmente?
- Como está a vida sexual de vocês? Mudou alguma coisa?
- quais os pontos fortes da relação de vocês?
- quais os pontos fracos da relação de vocês?
- sobre quais temas vocês costumam ter conflitos?
- quais as atividades que vocês fazem juntos como um casal?
- quais as atividades que vocês fazem separados?
- como estão administrando as finanças?
- como estão administrando a organização da casa depois do casamento?
- que tarefas cada um assume?
- como é o funcionamento de um bom casamento?
- como é o funcionamento de um mau casamento?
- como está a tua relação com a tua família de origem?
- como está a tua relação com a família de origem do teu(tua) esposo(a)?
- como está a relação de vocês, como casal, com as duas famílias de origem?

**2) O casamento...**

- como foi a cerimônia de casamento? Foi como tu esperavas?
- vocês tiveram “Lua de Mel”? Como foi? Foi como tu esperavas?
- como foi a saída da casa dos pais?
- como foi a mudança para a nova moradia do casal?

**3) O futuro...**

- como tu vês a relação de vocês no futuro? (expectativas)
- quais os projetos que vocês têm para o futuro?
- Vocês pretendem ter filhos? Se sim, quando?
- quais as atividades que vocês pretendem fazer juntos como um casal?
- quais as atividades que vocês pretendem fazer separados?
- o que imagina que vai mudar na relação de vocês quando estiverem com quatro meses de casamento?

## ANEXO E

**Entrevista com cada Cônjuge no Sexto Mês de Casamento**

(Lopes e Menezes, 2003)

**1) Como vê a relação atualmente...**

- como tu vê a relação de casal atualmente?
- mudou algo na relação de casal desde a última entrevista?
- a relação de casal está satisfazendo as tuas expectativas atualmente?
- Como está a vida sexual de vocês? Mudou alguma coisa?
- quais os pontos fortes da relação de vocês?
- quais os pontos fracos da relação de vocês?
- sobre quais temas vocês costumam ter conflitos?
- quais as atividades que vocês fazem juntos como um casal?
- quais as atividades que vocês fazem separados?
- como estão administrando as finanças?
- como estão administrando a organização da casa depois do casamento?
- que tarefas cada um assume?
- como é o funcionamento de um bom casamento?
- como é o funcionamento de um mau casamento?
- como está a tua relação com a tua família de origem?
- como está a tua relação com a família de origem do teu(tua) esposo(a)?
- como está a relação de vocês, como casal, com as duas famílias de origem?

**2) O futuro...**

- como tu vê a relação de vocês no futuro? (expectativas)
- quais os projetos que vocês têm para o futuro?
- Vocês pretendem ter filhos? Se sim, quando?
- quais as atividades que vocês pretendem fazer juntos como um casal?
- quais as atividades que vocês pretendem fazer separados?

- o que imagina que vai mudar na relação de vocês quando estiverem com oito meses de casamento?

## ANEXO F

**Entrevista com cada Cônjuge no Décimo Segundo Mês de Casamento**

(Lopes e Menezes, 2003)

**1) Como vê a relação atualmente...**

- como tu vê a relação de casal atualmente?
- mudou algo na relação de casal desde a última entrevista?
- a relação de casal está satisfazendo as tuas expectativas atualmente?
- Como está a vida sexual de vocês? Mudou alguma coisa?
- quais os pontos fortes da relação de vocês?
- quais os pontos fracos da relação de vocês?
- sobre quais temas vocês costumam ter conflitos?
- quais as atividades que vocês fazem juntos como um casal?
- quais as atividades que vocês fazem separados?
- como estão administrando as finanças?
- como estão administrando a organização da casa depois do casamento?
- que tarefas cada um assume?
- como é o funcionamento de um bom casamento?
- como é o funcionamento de um mau casamento?
- como está a tua relação com a tua família de origem?
- como está a tua relação com a família de origem do teu(tua) esposo(a)?
- como está a relação de vocês, como casal, com as duas famílias de origem?

**2) O futuro...**

- como tu vê a relação de vocês no futuro? (expectativas)
- quais os projetos que vocês têm para o futuro?
- vocês pretendem ter filhos? Se sim, quando?
- quais as atividades que vocês pretendem fazer juntos como um casal?
- quais as atividades que vocês pretendem fazer separados?
- o que imagina que vai mudar na relação de vocês no futuro?